



RODRIGO
CONSTANTINO



ESQUERDA
caviar

A hipocrisia dos artistas e intelectuais
progressistas no Brasil e no mundo



RODRIGO
CONSTANTINO



ESQUERDA
caviar

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2013

Constantino, Rodrigo, 1976-

C765e Esquerda caviar [recurso eletrônico]: a hipocrisia dos artistas e intelectuais progressistas no Brasil e no mundo / Rodrigo Constantino. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2013.
recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 9788501100986 (recurso eletrônico)

1. Partidos de esquerda - América Latina. 2. América Latina - Política e governo - Séc. XX. 3. América Latina - Política e governo - Séc. XXI. 4. Direita e esquerda (Ciência política). 5. Sociologia política. 6. Cultura política. 7. Livros eletrônicos. I. Título.

CDD: 320.5

CDU: 321

13-05311

Copyright © Rodrigo Constantino, 2013

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito. Proibida a venda desta edição em Portugal e resto da Europa.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil.

ISBN 9788501100986

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento direto ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



“É fácil amar a humanidade;
difícil é amar o próximo.”

NELSON RODRIGUES

Para minha mãe, Sonia

Sumário

Introdução

PARTE 1 O fenômeno e suas origens

As origens

Duplipensar

O viés da imprensa

PARTE 2 As bandeiras

A obsessão antiamericana

O ódio a Israel

O culto ao multiculturalismo

Os pacifistas

O mito Che Guevara

A ilha dos sonhos

Os melancias

Justiça social

Sem preconceitos

As minorias

Juventude utópica

PARTE 3 Os ícones

Políticos, gurus, legitimadores, hollywoodianos e outros boçais úteis

Epílogo Há luz no fim do túnel

Apêndice Islamofobia

Indicações bibliográficas

Introdução

O mundo dito civilizado vive uma crise moral de grandes proporções. Há uma clara decadência de valores em curso, que ameaça a própria sobrevivência do mundo moderno como o conhecemos. Ideias têm consequências, e um conjunto equivocadamente delas tem minado o progresso e a liberdade individual.

Por trás dessas ideias, encontramos uma parcela vaidosa, oportunista, acovardada e mimada da elite, que parece só pensar no curto prazo e em sua própria imagem. “Vaidade de vaidades, diz o pregador, vaidade de vaidades! Tudo é vaidade.” A mensagem bíblica merece a atenção de todos, especialmente no mundo atual, onde vale tudo pela “autoestima”.

Nunca antes na história da humanidade vivemos uma era das aparências tão evidente. A fama de “legal” possui enorme valor emocional e comercial. E a internet, com suas redes sociais, é uma máquina de vender imagem, que acaba por potencializar esse sintoma — que não é novo. Mais do que a ação em si, o que importa agora é o tal “marketing do comportamento”, o *feel good sensation*.

Isso acabou resultando numa ditadura velada do politicamente correto, cujos adeptos buscam monopolizar as boas intenções e os fins “nobres”, em detrimento do debate sobre os melhores meios para tais metas. Só quem concorda com seus meios — leia-se: sempre mais estado — defende os pobres, os negros, as mulheres, os gays, o meio ambiente, a paz.

É a tirania das (supostas) boas intenções, aos cuidados dessas “almas sensíveis”. Nas redes sociais, essa gente é chamada de *poser*, já que tudo se resume ao objetivo de ficar bem na foto. Somente eles desejam um mundo melhor.

Essa tendência é sedutora, pois basta abraçar um conjunto de crenças para ser visto como — e para se sentir — uma boa pessoa. Não serão as ações, o comportamento efetivo e a conduta cotidiana a lhe fazer alguém mais decente e louvável, mas apenas as frases soltas e o pertencimento a um determinado grupo. Alardear nobres intenções bem alto, eis o principal objetivo. Edmund Burke já havia alertado para isso em suas reflexões sobre a Revolução Francesa:

Porque meia dúzia de gafanhotos sob uma samambaia faz o campo tinir com seu inoportuno zumbido, ao passo que milhares de cabeças de gado repousando à sombra do carvalho inglês ruminam em silêncio, por favor, não vá imaginar que aqueles que fazem barulho são os únicos habitantes do campo; ou que logicamente são maiores em número; ou, ainda, que signifiquem mais do que um pequeno grupo de insetos efêmeros, secos, magros, saltitantes, espalhafatosos e inoportunos.

Ou, como resumiu ainda mais Mark Twain, “Barulho não prova nada: uma galinha bota um ovo e

cacareja como se tivesse botado um asteroide”. Mas fazer barulho é com a esquerda caviar mesmo. O termo tem origem na França (*gauche caviar*), como não poderia deixar de ser. Mas há os análogos na Inglaterra (socialista *champagne*), nos Estados Unidos (*liberal limusine*) ou na Itália (*radical chic*).

Os artistas e os intelectuais se tornaram os grandes ícones desse movimento. Todas as causas vistas como nobres são abraçadas por essa turma, que parece infinitamente mais preocupada com os aplausos da plateia e com a própria sensação de superioridade moral do que com os resultados concretos daquilo que prega.

*

Salvar o planeta, proteger os índios, cuidar das crianças africanas, enfrentar os ricos capitalistas em nome da justiça social, pagar a dívida histórica com os negros, acabar com as guerras, enaltecer as diferenças culturais, idealizar os jovens, estas são algumas das bandeiras dos abnegados artistas e intelectuais. Os grandes defensores dos fracos e oprimidos contra as “elites” — como se não fossem parte da elite.

Há um pequeno detalhe: normalmente, muitos deles são ricos graças ao capitalismo que atacam; vivem no conforto do Ocidente que desprezam; gozam da liberdade de expressão que inexiste na Cuba que tanto proclamam; e desfrutam da paz e da segurança conquistadas pelo poder militar do Tio Sam que abominam. Ninguém melhor que Roberto Campos resumiu o fenômeno:

É divertidíssima a esquizofrenia de nossos artistas e intelectuais de esquerda: admiram o socialismo de Fidel Castro, mas adoram também três coisas que só o capitalismo sabe dar — bons cachês em moeda forte, ausência de censura e consumismo burguês; trata-se de filhos de Marx numa transa adúltera com a Coca-Cola...

Em português mais claro: a velha e conhecida hipocrisia! A marca registrada dessa esquerda caviar, que adora o socialismo do conforto de Paris, que prega uma radical mudança no estilo de vida dos *outros* para mitigar o aquecimento global, é a antiga máxima “faça o que eu digo, não o que eu faço”. La Rochefoucauld disse tudo quando afirmou: “A hipocrisia é a homenagem que o vício presta à virtude.”

Exemplo perfeito disso ocorreu em março de 2013, quando a revista *Caros Amigos*, que vive defendendo as bandeiras de esquerda (com bastante verba estatal), demitiu boa parte da redação por conta de uma greve geral. O motivo da greve fora uma drástica redução nos salários, em alguns casos de até 50%. A revista, então, mandou todos para a rua alegando “quebra de confiança”.

Nada contra a decisão dos proprietários da revista. Afinal, é preciso sobreviver no mercado,

certo? E isso não estava fácil nem com toda a ajuda estatal. Agora, não deixa de ser uma piada pronta a revista, que sempre tomou o partido dos sindicalistas contra a ganância do capital, sentir na própria pele o custo daquilo que ajuda a vender. Viva a CLT? Viva as greves? Só se for para os outros. O jornalista Reinaldo Azevedo escreveu:

Espero que os trabalhadores de *Caros Amigos* recebam ao menos o que lhes pagaria a maioria dos patrões burgueses, que não sonham “com outro mundo possível” porque estão atarefados demais tentando fechar a folha de pagamento do mundo possível.

A esquerda é mestre na arte de pregar uma coisa publicamente e fazer o oposto na esfera privada. Talvez o melhor exemplo seja a postura em relação às escolas públicas, sempre defendidas com fervor ideológico, em detrimento da receita liberal dos *vouchers*, postulada por Milton Friedman e que permitiria o acesso dos mais pobres às melhores escolas privadas.

Mas os típicos esquerdistas não querem saber dessas escolas públicas na prática. Al Gore, Bill Clinton e, sim, até Obama são exemplos de esquerdistas que não pensaram duas vezes: enviaram seus filhos para caras instituições privadas de elite.

O mesmo vale na hora de cuidar da saúde. Hospital público? Nem pensar! Essa nata da esquerda não coloca seus pés delicados em um hospital público nem que a vaca tussa. Eles se tratam nos melhores e mais caros hospitais privados, e logo depois pregam as maravilhas do *Obamacare*, da saúde universal, do SUS, que os pobres precisam enfrentar em um calvário pela sobrevivência.

A elite petista, aqui no Brasil, é clientela VIP do Sírio-Libanês ou do Albert Einstein em São Paulo, os melhores e mais caros hospitais privados do país. Mas o discurso não muda: a esquerda monopoliza as boas intenções para com os pobres, pois prega a solução estatal... sempre para os outros!

Não há nada de errado em querer ganhar mais, em educar a família dentro de certas tradições ou em combater os bandidos, ainda que com a ameaça de uso de violência. A hipocrisia da esquerda, portanto, serve para fazer aquilo que é positivo para o indivíduo, e isso diz muito sobre sua teoria. Se de fato seguissem o que pregam, isso sim, seria terrível. Mas seu intuito é todo voltado para o discurso, para a imagem, e não para as ações concretas.

Para preservar as aparências, apelam constantemente para o uso de “um peso, duas medidas”. Basta se dizer de esquerda para ganhar uma espécie de salvo-conduto para cair em contradições e ficar isento do mesmo critério com que outros são julgados. Pertencer à esquerda é suficiente para ficar blindado contra as críticas: como ousa questionar minhas lindas intenções?

Típico da esquerda caviar é ter a memória bastante seletiva, não recordar das bandeiras e dos ídolos defendidos no passado que se mostraram terríveis com o tempo. A autocrítica é algo simplesmente

raríssimo quando se trata dessa turma. “Esqueçam o que eu disse” costuma ser o mantra da esquerda caviar, para poder pular de galho podre em galho podre como se nada tivesse acontecido.

Alguns podem pensar que não vale a pena pegar no pé dessa gente, que eles são inofensivos. Discordo veementemente. A influência das ideias nos rumos da Humanidade não pode ser subestimada, e esses artistas e intelectuais famosos conferem credibilidade a regimes nefastos. Na era da internet, o efeito é ainda mais poderoso, por ser viral.

Quem dava a devida importância aos artistas como instrumentos de propaganda comunista era o próprio ditador Lênin. Ele chegou a afirmar que, “de todas as artes, para nós a mais importante é o cinema”. Grigori Zinoviev, líder do Comintern, declarou que os filmes podem e devem se tornar uma poderosa arma da propaganda comunista.

De fato, há muita gente que “aprende” história com as “patricinhas de Beverly Hills”, confundindo o proselitismo dos cineastas com fatos históricos. Hollywood foi amplamente aparelhada pelos vermelhos, como prova a farta documentação a respeito. Não deveria ser assim, mas o que os artistas famosos falam sobre política acaba tendo influência nos mais leigos.

A vitória de Barack Obama nas duas eleições contou com um enorme aparato ligado às celebridades, uma verdadeira máquina de propaganda política. Inúmeros atores e cantores famosos foram mobilizados para “vender” o sonho utópico de que tudo seria completamente diferente com a chegada do “messias” à Casa Branca. Por isso mesmo, expor o abismo entre discurso e prática torna-se fundamental para reverter o estrago causado por eles.

Os exemplos de contradições serão tão fartos no decorrer do livro que o leitor ficará surpreso com a cara de pau de muitos ícones dessa esquerda Rolex. Na verdade, a coisa é tão escancarada e impressionante que demanda explicações alternativas. Não é possível reduzir tamanha falta de lógica à pura hipocrisia, ainda que seja uma parte importante da explicação.

Por isso vamos procurar várias outras origens potenciais desse espantoso fenômeno. O sentimento de culpa comum a uma elite mimada que sempre teve tudo fácil demais, o puro tédio de uma vida confortável e segura, a covardia moral que leva a uma busca desesperada por aplausos fáceis do grande público, a sede patológica por poder e pelo controle da vida alheia, a ignorância econômica, esses são alguns dos possíveis fermentos da esquerda festiva.

Começaremos o livro especulando sobre essas origens, e depois mergulharemos nas principais causas abraçadas por nossos colegas. Os grandes representantes da esquerda caviar, no Brasil e no mundo, especialmente em Hollywood, onde pululam figuras dessa espécie, serão retratados em seguida. A máscara dos ídolos mais populares vai cair num piscar de olhos.

Antes, porém, gostaria de fazer um alerta em letras garrafais:

NÃO DEVEMOS CONFUNDIR A ADMIRAÇÃO À OBRA DO ARTISTA COM SUA PRÓPRIA PESSOA OU SUAS IDEIAS POLÍTICAS.

Podemos respeitar ou até idolatrar certo músico, sem que isso signifique que suas ideias políticas

devam ser também aceitas. Podemos ter ojeriza à conduta hipócrita de um famoso arquiteto, e ainda assim reconhecer sua importância em seu campo de trabalho. Podemos aplaudir de pé um excelente ator, e logo depois vomitar com seu discurso boboca.

Ou alguém aprecia a Miss Universo por seu discurso sobre a paz mundial, e não por sua beleza? Quem foi que disse que atores e músicos são especialistas em economia e clima? Constatemos o óbvio: um canalha pode ser um excelente músico, pintor ou ator, assim como uma mulher com a cabeça oca pode ser linda.

Devemos separar uma coisa da outra. O que será atacado neste livro é a visão ideológica dos artistas e intelectuais da esquerda caviar, assim como suas contradições entre discurso e prática. Não vem ao caso nem é do meu interesse criticar suas obras artísticas ou científicas. Como disse Thomas Sowell em *Intellectuals and Society*:

O passo em falso fatal de tais intelectuais é assumir que a capacidade superior dentro de um campo particular pode ser generalizada como sabedoria ou moralidade superiores sobre tudo.

Aldous Huxley, em seu romance *Contraponto*, coloca em um dos personagens um alerta semelhante:

Uma das coisas mais difíceis de ter em mente é que o valor de um homem numa esfera determinada não constitui uma garantia de seu valor em outra esfera. A matemática de Newton não prova nada em favor de sua teologia. [...] Platão escreveu maravilhosamente bem, e esta é a razão pela qual muita gente acredita ainda na sua pernicioso filosofia. Tolstoi foi um excelente romancista; mas não constitui isto razão para que deixemos de considerar detestáveis suas ideias sobre a moral, ou para que sintamos outra coisa que não seja desdém pela sua estética, pela sua sociologia e pela sua religião.

Esse alerta é especialmente importante no Brasil. Por aqui, há com frequência essa mistura. Basta o sujeito ser um músico bom que combateu a ditadura para se tornar um grande pensador político. Basta o arquiteto ser mundialmente famoso para que seu *affair* com ditadores sanguinários seja esquecido. Até mesmo jogador de futebol famoso acaba virando sumidade em temas sociais e políticos.

*

No Brasil, o fenômeno da esquerda limusine foi agravado durante o regime militar, que criou os “filhotes da ditadura”. Qualquer um que tenha sido contra a ditadura, vista como de “direita”, com o tempo ganhou a estima de grande defensor da liberdade e da democracia. Nada mais falso! Boa parte

da esquerda lutava para implantar outra ditadura, como aquela existente em Cuba até hoje.

Mas bastava ter alguma coragem e desafiar a censura do regime militar, que nem era tão forte assim (ao menos se comparada com a de outras ditaduras, especialmente as comunistas), para ganhar *status* de profundo intelectual humanista e defensor da liberdade. Foi assim que artistas viraram intelectuais por aqui, misturando os dois lados da moeda. E todo anticomunista acabou sendo confundido com golpista defensor do regime militar.

Muitos ícones de nossa esquerda caviar vieram da MPB, justamente por causa do regime militar. Músicos como Geraldo Vandré e tantos outros ganharam fama de amigos da liberdade só porque desafiaram o regime, mas eles não simpatizavam com a liberdade de fato. Muito pelo contrário.

Vandré, um dos mais engajados da turma, enxergava a música como um braço da ideologia, e chegou a atacar virulentamente cantores que não aderiram à causa, como foi o caso de Roberto Carlos, perseguido pelos radicais comunistas. O pianista Arnaldo Cohen, em entrevista recente para a revista *Época*, constatou que a MPB foi beneficiada pela ditadura nos anos 1960, pois “ganhou uma importância de protesto maior do que teria numa democracia”.

Saibamos, então, separar o talento artístico da mensagem política. Feita essa ressalva, mãos à obra. Divirtam-se com a gritante hipocrisia dessa turma que luta por um “mundo melhor”, entre uma champanhe importada e outra, muitas vezes do alto de seus jatos particulares ou do conforto de suas gigantescas casas. Diabos! Não é fácil ser um revolucionário de boteco chique e um porco capitalista sedento por mais lucros ao mesmo tempo. Mas nossos colegas da esquerda caviar aceitam o sacrifício...

O fenômeno e suas origens

As origens

O que leva alguém com milhões de dólares de patrimônio a enaltecer um guerrilheiro comunista como Che Guevara? Qual pode ser a causa da defesa apaixonada do socialismo por um filho de banqueiro? O que está por trás do fato de uma madame, em sua BMW blindada a caminho de sua casa de praia, enaltecer o estilo de vida “descolado” dos pobres indianos?

Por que um ator de Hollywood, que possui até jato particular, diria para o restante das pessoas que seu estilo de vida precisa mudar, reduzindo sua “pegada de carbono” para salvar o planeta do aquecimento global? Como um intelectual sob todo o conforto ocidental pode abraçar tiranos assassinos dos países mais pobres?

São questões complexas. Afinal, a contradição entre discurso e estilo de vida salta aos olhos de qualquer um, mas isso não parece motivo suficiente para incomodar os membros da esquerda caviar.

Eles são capazes de proferir uma palestra inteira sobre as “maravilhas” do regime socialista, e logo depois negociar de forma intransigente um valor milionário para o cachê do próximo filme, ou embarcar para passar as férias nos *States*, para voltar com as malas cheias de roupas e objetos eletrônicos mais baratos (de preferência fugindo dos pesados impostos na Alfândega).

Eles torram milhões em “jantares beneficentes”, com toda a pompa e gala, levantando fundos para “causas sociais” como a fome, enquanto degustam os mais caros vinhos e iguarias, apenas para regressar em limusines para seus palacetes com a sensação de que jamais pisaram na Terra seres tão bondosos.

Eles podem escrever que Cuba é quase um paraíso, e minutos depois partir para um luxuoso apartamento em Paris. Ou podem pregar maiores impostos sobre os ricos em nome da igualdade, para em seguida lutar por benefícios fiscais para si próprios. Nenhum abalo aparente. Por quê?

1. Oportunismo hipócrita

A primeira opção que vem à mente é a velha canalhice mesmo. Sem dúvida, ela explica muitos casos. Por saberem que esse tipo de discurso sensacionalista conquista os aplausos da plateia, esses ricos vestem uma máscara sedutora para saírem bem na foto e logo depois ignoram seus próprios conselhos em suas vidas privadas.

Queremos igualdade material, mas não mexam nos meus milhões no banco! Os ricos devem pagar

mais impostos, mas quero algum jeito de reduzir os meus! Todos são iguais, mas uns mais iguais que os outros! Socialismo sim, mas não para mim!

O embaixador José Osvaldo de Meira Penna certa vez disse: “Os marxistas inteligentes são patifes; os marxistas honestos são burros; e os inteligentes e honestos nunca são marxistas.” Por essa ótica, muitos espertos sem caráter abraçariam o marxismo como meio para tirar proveito pessoal disso.

Pregar o socialismo pode ser uma tarefa bastante lucrativa no mercado, assim como vender consolo e autoajuda para perdedores. Thomas Sowell disse: “Quando você quer ajudar as pessoas, você diz a verdade a elas; quando você quer se ajudar, você diz a elas aquilo que querem escutar”. Michael Moore sabe como essa tática funciona bem. Como ele, existem vários outros. Em suma, vender socialismo pode ser rentável no capitalismo.

A simbiose entre artistas e governo representa uma oportunidade de ouro para muitos. Ouro de Moscou! Carlos Heitor Cony, um dos ícones da esquerda caviar nacional, chegou a render homenagens na rádio CBN aos países socialistas pelo aspecto cultural. Os balés soviéticos, os teatros, tudo fantástico... para os artistas engajados, para as elites, para a *intelligentsia* e a *nomenklatura*, com suas dachas e privilégios. Já o povo...

Essa parceria entre estado e artista pode ser um negócio e tanto, na verdade. A Petrobras, por exemplo, gasta rios de dinheiro com patrocínios culturais. A estatal destinou a bagatela de R\$ 652 milhões para este fim entre 2008 e 2011. É uma montanha de dinheiro capaz de testar a integridade do mais liberal dos liberais.

A prefeitura carioca, para dar outro exemplo, gastou quatro vezes mais com eventos e shows em 2012 do que em 2009. Os recursos destinados a tais eventos chegam a quase cem milhões de reais. Entre os beneficiados estavam artistas que tinham apoiado a campanha de reeleição do prefeito Eduardo Paes.

Zezé di Camargo e Luciano foram acusados, por Marcos Valério, de receber pagamentos milionários do PT no exterior. A dupla fez vários “showmícios” para o partido em campanha. Trata-se de mais um exemplo, entre tantos outros, dessa estranha simbiose entre artistas e políticos, benéfica para ambos os lados.

Daniel, o cantor sertanejo, conseguiu autorização do Ministério da Cultura (MinC) para captar R\$ 3 milhões com benefícios fiscais para uma turnê comemorativa de seus 30 anos de carreira. A Lei Rouanet tinha como propósito ajudar artistas desconhecidos em começo de carreira, mas acabou totalmente deturpada, tornando-se uma espécie de “Bolsa Artista”. A cantora Maria Bethania teve autorização para captar mais de R\$ 1 milhão do MinC para fazer um blog!

O Club A, casa noturna paulistana conhecida pelos eventos de elite, recebeu aval do Ministério da Cultura para captar 5,7 milhões de reais pela Lei Rouanet. O motivo é a criação de um “painel artístico de difusão cultural nos segmentos da música, dança e artes cênicas dentro e fora do espaço físico do Club A São Paulo”. A entrada para homens sem nome na lista custa R\$ 160,00. Posso até imaginar o Amaury Jr. entrevistando um ricoço da esquerda caviar paulista, ambos tecendo loas ao maravilhoso governo...

O cantor Carlinhos Brown, genro de Chico Buarque, foi convidado pela presidente Dilma para

expor no Palácio do Planalto suas “telas”. Parece que até o artista ficou surpreso: “Vim aqui ver as obras de Caravaggio e me convidaram. Sou um iniciante de segunda exposição”. Será que após esse empurrão na nova carreira do artista, ele poderá ser um crítico do governo? Será que sua escolha foi totalmente derivada do mérito de sua arte ou teve ligação com a política?

A presidente Dilma, ao lado de uma “empolgada” Marta Suplicy, ministra da Cultura, apresentou ao povo brasileiro a caxirola, um chocalho ridículo criado pelo artista para servir como uma espécie de vuvuzela nacional na Copa do Mundo, a ser realizada no Brasil em 2014. A cena toda já seria um tanto constrangedora, mas contou com um agravante: a bizarrice foi bancada com o nosso dinheiro!

A cantora Ivete Sangalo foi convidada e aceitou, no começo de 2013, realizar um show na inauguração de um hospital público em Sobral, no Ceará. O cachê acertado causou polêmica. O governador Cid Gomes, irmão de Ciro Gomes, combinou pagar nada menos do que R\$ 650 mil pelo show. Para piorar a situação, a marquise do hospital desabou apenas um mês após sua inauguração!

O governador, de partido socialista, já havia causado polêmica ao utilizar mais de R\$ 3 milhões dos contribuintes para um show do tenor espanhol Plácido Domingo na inauguração de um centro de eventos do estado. O colunista Merval Pereira, do jornal *O Globo*, escreveu:

Já soava absurdo o pagamento de R\$ 650 mil para festa de um hospital público, mas, quando se sabe que ele funcionava precariamente após a festança e, ainda por cima, desabou em parte um mês depois de inaugurado, temos retrato de corpo inteiro do que seja uma politicagem que explora a miséria no melhor estilo dos coronéis de antigamente.

Mais adiante, causaria novo escândalo ao contratar, por R\$ 3,4 milhões, serviço de *buffet* para seu governo, incluindo até iguarias russas. Legítima esquerda caviar. Mas “coronéis” muitas vezes recebem o apoio da esquerda interessada em suas verbas. E que verbas! O governo brasileiro aprovou a Lei da TV Paga, que destina cotas para conteúdo nacional nos canais a cabo. Em 2012, o governo autorizou que a Ancine usasse R\$ 400 milhões do Fistel (Fundo de Fiscalização das Telecomunicações) para fomentar as produções brasileiras.

José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, agora já afastado da televisão, rebateu a lei: “Sou inteiramente a favor da produção nacional, mas, em princípio, as coisas devem ser resolvidas pelo mercado.” Toda a cadeia da felicidade que aproveita o privilégio à custa do telespectador pensa ou diz algo bem diferente...

O vale-cultura de cinquenta reais proposto pela ministra Marta Suplicy, ícone da esquerda caviar nacional, também ia nessa mesma linha. Poderia inicialmente ser usado até para TV a cabo. Eis que ver filmes *calientes* no Sex Hot passou agora a ser fomento à cultura nacional. Bem que a ministra sexóloga poderia fazer uma campanha sussurrando no final: relaxa e goza!

A ministra acabou tendo que recuar de sua proposta por pressão de atores liderados por Paulo Betti, também da esquerda caviar. A benesse estatal passou a ser válida somente para teatro, cinema e livros. A previsão é de que injete mais de R\$ 11 bilhões no mercado cultural do país. Algo me diz que Paulo Betti e companhia não fizeram tanto alarde por altruísmo e preocupação genuína com a qualidade cultural absorvida pelos mais pobres...

O Senado aprovou também o projeto de uma “Bolsa Artista”, programa destinado a proporcionar formação e aprimoramento de artistas amadores e profissionais. Uma comissão escolheria os agraciados pelas verbas públicas. Ganha um prêmio quem souber se um artista extremamente crítico ao governo desfruta das mesmas chances que outro, mais amigável ou subserviente.

A TV Globo levou para 25 milhões de brasileiros, em horário nobre, o filme *Lula, filho do Brasil*, decepção de bilheteria nos cinemas. Em um país com tantas leis arbitrárias e gastos expressivos de propaganda do governo, um grande canal de televisão acaba refém do partido no poder. Na Argentina e na Venezuela, os grupos que tentaram se manter independentes, criticando o governo, foram esmagados pela máquina estatal.

Em sua biografia sobre Mozart, Norbert Elias mostra como esse gênio “burguês” foi capaz de romper com a dependência exclusiva da aristocracia da corte, e como isso foi fundamental para sua obra. Elias diz que Mozart “lutou com uma coragem espantosa para se libertar dos aristocratas, seus patronos e senhores”.

A decisão de Mozart de largar o emprego estável em Salzburgo significava o abandono de um patrono, tendo que ganhar a vida como um “artista autônomo”, vendendo sua obra no mercado. Era algo bastante ousado e inusitado na época, cuja estrutura social ainda não oferecia lugar para músicos ilustres e independentes. O risco assumido por Mozart era extraordinário. Mas a independência do artista é um quesito crucial para sua criação. Infelizmente, muitos preferem a mãozinha do mecenas estatal.

Engana-se quem pensa que essa parceria é exclusividade nossa. No pacote de medidas anunciado pelo presidente Obama no começo de 2013, para escapar do “abismo fiscal”, nada menos que US\$ 430 milhões de estímulos foram aprovados em regras especiais para Hollywood, com o intuito de encorajar a produção de TV e filmes nos Estados Unidos.

Em contrapartida, várias celebridades de Hollywood tinham colaborado com os financiamentos de campanha de Obama. O absurdo desse relacionamento promíscuo chegou ao auge na cerimônia do Oscar de 2013. Ninguém menos que Michelle Obama, a primeira-dama, anunciou o vencedor de melhor filme, ao vivo e direto da Casa Branca.

O vencedor foi *Argo*, do diretor e ator Ben Affleck, simplesmente um dos mais próximos do partido Democrata em Hollywood, e até cotado para sair candidato a senador. O filme é uma tentativa de reescrever o episódio da invasão iraniana na embaixada americana, sendo que o ex-presidente Democrata Jimmy Carter acaba transformado em herói, em vez de o responsável por boa parte daqueles acontecimentos.

O anúncio feito pela primeira-dama foi a estatização completa do evento. O jornalista Reinaldo Azevedo resumiu o ridículo da situação:

Deem uma única boa razão para Michelle ter sido a anunciadora do principal prêmio da noite que não seja a espetacularização da política e a politização do espetáculo, duas regressões que as boas democracias do mundo costumam evitar.

Como o cão não morde a mão que o alimenta, quando esses artistas e intelectuais dependem de verbas estatais, eles naturalmente se tornam defensores de mais poder e recursos concentrados no estado. A defesa das bandeiras estatizantes, portanto, acaba sendo apenas um negócio lucrativo para alguns. Basta pensar na Embrafilme, caso notório dessa simbiose. Eis uma das origens do fenômeno esquerda caviar, sem dúvida.

Junto com os artistas, as ONGs acabam se locupletando em esquemas com o governo. Afinal, as transferências para as organizações “não” governamentais são bilionárias. Claro que a maioria delas vai vender a causa estatizante, em troca dessas polpudas verbas. Basta uma rápida visita no site da Abong, a Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais, para constatar que todas as grandes bandeiras esquerdistas estão lá.

Outra categoria que costuma fazer parte da esquerda caviar por interesse financeiro é a dos funcionários públicos. No Brasil, ganham, em média, três vezes mais do que o setor privado, que é quem paga a conta. Não são ricos, mas contam com inúmeros privilégios. E adoram abraçar as bandeiras populistas que depositam no estado a salvação. Roberto Campos percebeu o fenômeno:

Nossas esquerdas não gostam dos pobres. Gostam mesmo é dos funcionários públicos. São estes que, gozando de estabilidade, fazem greves, votam no Lula, pagam contribuição para a CUT. Os pobres não fazem nada disso. São uns chatos...

Talvez o melhor exemplo para esse perfil seja o do senador Lindbergh Farias, do PT. Desde muito jovem, o rapaz de classe média percebeu que bastava pegar o microfone, atacar os ricos e pregar utopias socialistas para subir na vida. Deu certo! Da UNE chegou ao Senado, sempre vendendo promessas esquerdistas. Trabalhar duro para quê, se dá para viver no conforto sempre no palanque?

Lindinho, como é chamado pelas fãs, acabou envolvido em vários escândalos de corrupção. Foi acusado de usar a máquina pública para alavancar o patrimônio de sua família, trajetória comum na política (especialmente na esquerda). É impressionante como esses socialistas adoram dinheiro, especialmente o dos outros. Se as denúncias forem verdadeiras, Lindbergh terá saído de “cara pintada” para um tremendo cara de pau.

Intelectuais que gozam de estabilidade na academia e usam verbas estatais em suas pesquisas também têm interesse no modelo estatizante. Para piorar o quadro, no Brasil vários desses intelectuais se autoexilaram na época do regime militar e hoje conseguiram polpudas verbas

indenizatórias, mais conhecidas como “Bolsa-Ditadura”.

São somas impressionantes em alguns casos. Ziraldo recebeu mais de R\$ 1 milhão, e Carlos Heitor Cony levou R\$ 1,5 milhão e mais quase R\$ 20 mil mensais. Isso tudo mesmo que o intelectual jamais tenha parado de trabalhar e tenha amealhado um belo patrimônio durante esse período. Era aquele movimento um investimento em vez de sonho revolucionário?

Todo socialista simplesmente adora dinheiro. Podem falar o contrário, mas, assim que a oportunidade se apresenta, mostra-se o mais ganancioso. O melhor exemplo? O Parlamento da China comunista possui a maior quantidade de bilionários de todos. São mais de 80 ao todo. Não há nada parecido no capitalista Estados Unidos.

Segundo o *New York Times*, a família de Wen Jiabao, chamado de “premiê do povo”, teria acumulado uma fortuna de US\$ 2,7 bilhões. Vários membros da família são milionários. Tudo em nome da igualdade, do comunismo. Quem foi que disse que socialista não gosta de riqueza? Pode não gostar de *criar* riqueza, mas adora pegar a dos outros!

Outro exemplo? O tesoureiro da campanha do socialista Hollande, presidente francês, envolveu-se em um escândalo de evasão fiscal. Jean-Jacques Augier teria mandado vastos recursos para paraísos fiscais, como Cayman, para fugir dos impostos que seu próprio governo defende e aumentou. Robert Mugabe, o ditador socialista do Zimbábue, que destruiu seu país de vez com as receitas esquerdistas, estava envolvido nesse mesmo escândalo.

Mais um exemplo? Isabel dos Santos foi considerada pela revista *Forbes* a primeira bilionária africana. Algum sucesso empreendedor bem capitalista? Nada disso. Ela é filha do ditador José Eduardo dos Santos, que governa Angola há mais de 30 anos. O pai assumiu o poder com uma revolução comunista e adotou o modelo de “capitalismo” de compadres. A fortuna da filha é estimada em US\$ 2 bilhões. Alguém acha que a cleptocracia envolvida nos esquemas do governo vai defender bandeiras liberais em vez do socialismo?

Ainda não está satisfeito? O candidato mais rico nas últimas eleições brasileiras era Mauro Mendes, com fortuna declarada ao TSE de R\$ 116,8 milhões. Sabem qual é o seu partido? O PSB, de Eduardo Campos, neto do também rico Miguel Arraes, e dos irmãos Cid e Ciro Gomes. E sabem o que a sigla quer dizer? Partido *Socialista* Brasileiro! O que tem de socialista rico ligado à política por aí...

Eis o grande grupo que faz parte da esquerda caviar para defender suas boquinhas estatais ou ficar rico vendendo utopias: artistas, intelectuais, políticos e funcionários públicos que desfrutam de várias mamatas concedidas pelo papai governo. E o povo que pague a conta!

2. Narcisismo

Uma das principais causas do fenômeno esquerda caviar é, sem dúvida, o narcisismo da elite. Em busca da sensação gostosa de superioridade moral, seus membros partem para autocongratulações,

repetem uns aos outros como são incríveis, como colaboram para a construção de um “novo mundo”.

“Espelho, espelho meu: existe alguém mais bela do que eu?” Não são poucos os ícones da esquerda festiva que poderiam acompanhar a rainha de *Branca de Neve* nesse questionamento. Eles seriam capazes de passar o dia inteiro recebendo elogios de seus pares, alimentando a ideia de que são fundamentais para o “progresso” da Humanidade.

A autoestima muitas vezes se confunde com o autoengano dos narcisistas. São como o personagem de animação Johnny Bravo, que, em um dos desenhos, diz para a moça ao lado no bar: “Gata, deve ser muito bom ser você; afinal, você pode ficar olhando o tempo todo para mim.”

Os programas de engenharia social, o intervencionismo estatal na economia, a péssima qualidade do ensino público, tudo isso ajudou a criar uma casta no andar de cima, com baixa mobilidade social. Os membros da elite se distanciaram dos demais, ficando cada vez mais isolados em uma bolha, com poder e recursos concentrados em demasia, e com vidas muito diferentes daquela do “povão”.

Não é um caso apenas brasileiro — país que, na verdade, sempre foi assim. Nos Estados Unidos, isso também ocorreu nas últimas décadas, como demonstra Charles Murray em seu livro *Coming Apart: The State of White America*. Classes com comportamento e valores muito divergentes foram criadas, vivendo em redomas isoladas e ameaçando os pilares que fizeram da América a América.

Atualmente, o sujeito estuda em ótimas e caras escolas particulares, com qualidade bem superior ao ensino público, depois ingressa em Harvard, Princeton ou Yale, troca ideias somente com seus similares e se torna um professor acadêmico, um advogado de um grande escritório, um gestor de recursos ou um político. Ele passa a viver somente entre seus pares e perde o contato com o cidadão comum.

Nas seis décadas desde 1950, o tamanho da mão de obra do setor público americano cresceu três vezes mais rápido do que a população total. O sonho de muita gente passou a ser trabalhar para o governo, em vez de empreender ou se arriscar na iniciativa privada. Sem experiência no setor real da economia, sem viver o dia a dia dos negócios corporativos, muitos assumem papéis poderosos em Washington e decidem o destino de setores inteiros.

No Brasil, a situação é muito pior. Há décadas que vários jovens das classes média e alta sonham com a estabilidade e os bons salários do setor público. Costumam desprezar a meritocracia e o empreendedorismo, ambos responsáveis pelo sustento de suas próprias carreiras estáveis e confortáveis, ainda que muitas vezes maçantes e medíocres.

A burocracia acaba criando inúmeros obstáculos ao próprio progresso. Mas isso não impede o burocrata de se enxergar como um grande altruísta abnegado, como uma peça crucial no mecanismo de justiça social. Em parceria com artistas e intelectuais, todos de origem semelhante e todos desfrutando das benesses estatais, ignoram o homem comum enquanto alegam fazer tudo em seu nome.

O importante é chegar ao final do dia e se olhar no espelho, repetindo como ele é bondoso e generoso, usando os recursos alheios para “salvar o mundo” e retirando um polpudo salário como pedágio para seus incríveis esforços. Recompensa justa, claro!

Ganancioso é o empresário que pretende manter para si seus ganhos. Ele, o funcionário público que só viaja de classe executiva, que fica em bons hotéis, que usa cartão corporativo nos melhores restaurantes, bebe vinho caro, tudo pago pelos impostos dos “contribuintes”, ele é um desprendido dos bens materiais, um soldado da igualdade, praticamente um santo!

É devido a esse narcisismo que muitos odeiam tanto os conservadores e os liberais, que apontam para o rei e gritam que ele está nu. Querem matar o mensageiro para evitar o confronto com a mensagem, e assim persistir no autoengano, na viagem coletiva de que são todos almas maravilhosas e puras, na adulação recíproca que reforça a crença em seu próprio valor.

Esse narcisismo é alimentado pela vaidade. Muitos intelectuais, sem notar a contradição, lutam contra a hierarquia do saber nas universidades, alegando que o professor não deve se colocar como uma autoridade *acima* dos alunos ao passar conhecimento, enquanto eles mesmos se consideram os gurus da juventude, estimulando o comportamento de tiete dos jovens.

O filósofo Luiz Felipe Pondé escreveu em uma coluna da *Folha*: “A razão para existir esses intelectuais ‘para um mundo melhor’ é fazer o mundo servir à vaidade deles e de quem se acha tão ‘ético’ quanto eles.” Para o filósofo, “O caráter de alguém que escreve é medido pela ausência de desejo de agradar a quem o lê.” Justamente o contrário do desejo da esquerda caviar, que busca em toda a oportunidade os elogios fáceis, os aplausos do grande público.

Intelectuais também são estimados e paparicados em regimes autoritários, quando defensores do regime, e isso alimenta o ego deles, seu senso de honra e importância. Muitos se deixam ser usados por ditadores em troca dessas migalhas emocionais, dessa “egotrip”. Era o caso de Sartre. Nelson Rodrigues, certa vez, escreveu:

Acendendo o cigarro, eu me lembrava da visita que nos fez, há tempos, o Jean-Paul Sartre. Fui a uma de suas conferências. Gente escorrendo do lustre, subindo pelas paredes. E os presentes lambiam o Sartre com a vista. Olhei aquilo e concluí que há admirações abjetas.

O narcisismo dessa elite política e intelectual acaba retroalimentando um modelo estatizante, concentrador de renda e de poder, tudo em nome do combate à desigualdade e ao egoísmo dos capitalistas.

3. Elite culpada

Mas não creio ser apenas oportunismo e vaidade. Acredito que um dos fatores tem ligação com o

sentimento de culpa dessa elite. E convenhamos: nada como uma elite culpada tentando expiar seus “pecados”. Com que facilidade adere aos discursos mais demagógicos. Chega a dar dó.

Em um país que culturalmente condena o lucro e enxerga a economia como um jogo de soma zero, onde José, para ficar rico, precisa tirar de João, o sucesso acaba sendo uma “ofensa pessoal”, como disse Tom Jobim. Essa visão é um prato cheio para produzir uma elite culpada e desesperada para pregar aos quatro ventos as “maravilhas” do socialismo.

Por isso vemos cineastas herdeiros de banco fazendo filmes que enaltecem guerrilheiros comunistas. Por isso vemos filhos de grandes escritores lambendo as botas de tiranetes latino-americanos. Imagem é tudo. E estas pobres almas acreditam que, ao louvarem a ideologia que quer destruí-los, conquistarão a fama de abnegados e descolados. Como é fácil falar que o capitalismo não presta quando se é milionário!

Alguns dos mais destacados ícones da esquerda festiva são herdeiros de fortunas. Nos Estados Unidos, Corliss Lamont, por exemplo, foi uma das vozes que reproduziram mentiras sobre a União Soviética na década de 1930. Lamont visitou o país algumas vezes e chegou a escrever um livro, *Russia Day by Day*, enaltecendo o regime e ocultando suas desgraças.

Suas palavras finais no texto diziam que o século XX pertenceria à União Soviética, e que ninguém seriamente interessado no progresso do espírito humano poderia se dar ao luxo de perder a experiência de visitar esse “paraíso”. Lamont era filho de um dos sócios do J.P. Morgan, o mais famoso banco na época.

Outro igualmente empolgado com o comunismo foi Frederick Vanderbilt Field. Como o nome do meio já diz, Fred Field era herdeiro do magnata Cornelius Vanderbilt, e foi um grande financiador de publicações e organizações comunistas. Esses exemplos podem ser multiplicados aos milhares.

Mas o principal exemplo é, sem dúvida, a Fundação Ford. Criada em 1936 por Edsel, filho de Henry Ford, distribui recursos por todas as causas de “justiça social”, “ambientais” e em defesa das “minorias”. Ou seja, as bandeiras esquerdistas. E que recursos!

Possui mais de US\$ 10 bilhões em ativos e desembolsa mais de US\$ 400 milhões por ano. É difícil encontrar uma ONG importante de esquerda que não tenha a impressão digital da fundação, especialmente nos países em desenvolvimento. O antissemitismo, que já estava presente no próprio Ford (a ponto de merecer elogios de Hitler em *Mein Kampf*), também é outra marca da fundação.

Alarmismo climático, vitimização de minorias, aumento de impostos sobre os mais ricos, todas essas campanhas ganharam dimensão maior graças aos vastos recursos da fundação. Se Henry Ford ajudou a criar riqueza e a deslanchar o capitalismo com seu Modelo T, a fundação que leva seu nome faz de tudo para atacar e derrubar o sistema que permitiu sua própria existência bilionária.

A Fundação Rockefeller vem logo atrás. Com um século de existência, também abraçou a cruzada ambientalista com vontade. Quem quiser saber mais sobre o assunto, recomendo (com cautela) o livro *Máfia verde: O ambientalismo a serviço do Governo Mundial*, escrito por uma equipe de investigadores da revista *Executive Intelligence Review*. Descontados os arroubos nacionalistas e excessos conspiratórios, mostra bem esse lado obscuro dessas fundações.

Aquilo que vem fácil não tem tanto valor. “*Easy come, easy go.*” Tantas vezes criados por pais ausentes, ocupados demais na construção de seus impérios, esses herdeiros acabaram repletos de mimos como compensação. Esses pais, no afã de oferecer aos seus rebentos tudo aquilo que não tiveram em suas infâncias sofridas, exageram na dose e não conseguem incutir os limites necessários para que seus filhos possam amadurecer.

No mais, por não terem criado eles mesmos a fortuna, sentem-se culpados por ela, e não valorizam tanto o esforço necessário para chegar lá. Como resultado, passam a execrar o dinheiro, a considerá-lo a fonte de todo mal. A novelista russa Ayn Rand, em *A revolta de Atlas*, dissecou esse lado da esquerda caviar com maestria.

Seus heróis são empreendedores que fazem o mundo girar, que criam as riquezas. Mas um dos herdeiros da grande ferrovia é o exemplar perfeito da esquerda caviar. Abomina o dinheiro em seus discursos, prega o igualitarismo, mas só da boca para fora. Inseguro, busca uma esposa humilde e submissa, para que possa lembrá-la sempre do quão “caridoso” ele é por tomá-la como mulher e tirá-la daquela vida difícil de antes.

Outro ícone perfeito da esquerda caviar na trama é a esposa de outro herói, o industrial Hank Rearden. Ela adora receber intelectuais em festas na sua casa, todos enaltecendo o socialismo e atacando os empresários “gananciosos”, como o seu marido (que banca a farra deles). Um dos mais virulentos contra o capitalismo é o próprio irmão de Hank, um vagabundo que vive de sua mesada.

Em uma das festas, a esposa comenta o presente absurdo que ganhou do marido: um bracelete feito com o metal especial de sua indústria. Ao ver aquela cena, a heroína da novela, Dagny Taggart, simplesmente oferece trocar o bracelete de metal pelo seu de diamantes, constrangendo a anfitriã perante os demais.

Dagny sabe dar valor ao dinheiro e também ao que representa, ao contrário da outra, que culpa o dinheiro pelos males do mundo, mas confunde valor com preço e, de forma hipócrita, sempre quer o mais caro de tudo, para esbanjar na frente de terceiros. Enquanto ostenta luxo e riqueza, segue com o blá-blá-blá de que o dinheiro não presta. Ayn Rand coloca em um discurso de Hank Rearden uma boa perspectiva sobre o assunto:

Então o senhor acha que o dinheiro é a origem de todo o mal? O senhor já se perguntou qual é a origem do dinheiro? O dinheiro é um instrumento de troca, que só pode existir quando há bens produzidos e homens capazes de produzi-los. O dinheiro é a forma material do princípio de que os homens que querem negociar uns com os outros precisam trocar um valor por outro. O dinheiro não é o instrumento dos pidões, que pedem produtos por meio de lágrimas, nem dos saqueadores, que os levam à força. O dinheiro só se torna possível através dos homens que produzem. É isto que o senhor considera mau?

Mas alguns herdeiros não se sensibilizam com essa lógica. Não tiveram de passar por tais esforços em trocas voluntárias para acumular suas fortunas. E querem de qualquer jeito a aceitação popular, livrando-se da pecha de ricos insensíveis (sem se livrar junto da riqueza, naturalmente). Temos aqui outra possível origem da esquerda caviar.

O mesmo pode acontecer com celebridades que ganham muito dinheiro rápido demais. O sujeito

largou a faculdade, tudo que faz é atuar bem, ou seja, ser uma “metamorfose ambulante” e convincente. E um filme de poucos meses faz pingar em sua conta milhões de dólares! Ele se sente mal com isso, culpado, e precisa expiar essa culpa a todo custo.

Tal sentimento de culpa os leva a defender os mais humildes, o “homem do povo”, como se a exploração de seu trabalho fosse a causa da riqueza dos ricos. No afã de garantir seu lugar no céu — ou ao menos na fila dos estimados pelo povão aqui na Terra —, condenam o lucro e enaltecem o trabalho manual. A continuação do discurso de Hank Rearden esclarece o absurdo disso:

Olhe para um gerador de eletricidade e ouse dizer que ele foi criado pelo esforço muscular de criaturas irracionais. Tente plantar um grão de trigo sem os conhecimentos que lhe foram legados pelos homens que foram os primeiros a plantar trigo. Tente obter alimentos usando apenas movimentos físicos, e descobrirá que a mente do homem é a origem de todos os produtos e de toda a riqueza que já houve na terra.

Mas não importa: o herdeiro culpado e o ator rico vão enaltecer o trabalho braçal, vão tentar se identificar com os operários, e vão culpar os empreendedores pela suposta exploração deles. O herdeiro playboy, filantropo, poderá gozar da estima dos demais, enquanto o batalhador, o que tenta administrar os negócios herdados e fazê-los crescer, será visto como egoísta e insensível.

Frederic Bastiat usa a comparação entre dois irmãos, Mondor e Aristo, para mostrar a diferença de postura entre esses dois tipos de herdeiros. Após repartirem a herança do pai, cada um deles parte para um estilo de vida totalmente distinto. Um pratica a filantropia; o outro resolve poupar e investir o dinheiro.

Os felizes recebedores das benesses de Mondor, o filantropo, representam aquilo que se vê. Não é tão fácil, contudo, perceber, do ponto de vista do interesse dos trabalhadores, o que se tornam os rendimentos de Aristo, o poupador. Mas todos esses rendimentos, até o último centavo, servem para dar emprego aos operários tanto quanto certamente os rendimentos de Mondor.

Há uma diferença importante, porém: “Os gastos loucos de Mondor estão condenados a diminuir sempre e a chegar a um fim necessário. A sábia despesa de Aristo vai engordando de ano para ano.” A poupança de Aristo pode ser canalizada para investimentos produtivos. Os gastos de Aristo, feitos em parte por terceiros a distância, representam aquilo que não se vê de imediato.

Ao final de dez anos, é provável que os gastos com filantropia de Mondor estejam se esgotando. Bastiat conclui: “Ao final dos mesmos dez anos, Aristo continua não somente a pôr o seu dinheiro em circulação, mas continua aumentando seus rendimentos de ano para ano. Ele contribui para fazer crescer o capital nacional, ou seja, o fundo que alimenta os salários. E, como a demanda de trabalho depende da extensão desse fundo, concorre para o aumento progressivo da remuneração da classe operária.”

Mas todos sabem quem desfruta dos aplausos da imprensa e dos intelectuais. Sempre será o filantropo, o playboy generoso que distribui sua herança e que gasta com festas luxuosas enquanto ataca o próprio capitalismo que tornou sua fortuna possível.

4. Tédio

Não podemos excluir ainda o puro tédio como ímã para a esquerda caviar. Vivendo vidas seguras e confortáveis, fúteis e vazias, a fina flor da esquerda abraça ideias revolucionárias ou exóticas apenas para afastar de si a angústia de suas existências. A sociedade da abundância ajuda a parir os radicais chiques. São os “senhorezinhos satisfeitos” de que falava Ortega y Gasset.

Normalmente incapazes de se enquadrar ao sistema, por considerarem aquelas pessoas de classe média “felizes” com suas distrações burguesas, tais como novelas e futebol, um bando de alienados, esses membros da elite entediada partem para aventuras mais radicais. Eles precisam “cair fora” (*drop out*) da sociedade, buscar alternativas que ofereçam um novo sentido a suas vidas.

O esoterismo encanta essas pessoas, sempre em busca do último modismo antiocidental. Ioga, *feng shui*, florais de Bach, xamanismo, ervas milagrosas, dieta “detox”, tudo prato cheio para as madames entediadas. São as “socialites socialistas”, muitas vezes esposas ou filhas de ricos, que compram seu passe no mundo intelectual por meio de filantropia às causas esquerdistas ou exóticas.

Um anúncio que vi em uma revista parece feito sob medida para essas senhoras. O título era “Para sua proteção” e divulgava joias a partir de R\$ 480, de ouro ou prata, “benzidas” por uma estudiosa da cabala e banhadas em água salgada. Os colares e pulseiras eram, portanto, “espiritualizados”. O local da loja? Leblon, claro!

G.K. Chesterton tinha um ponto quando disse que o problema não era deixar de acreditar em Deus, mas sim passar a acreditar em qualquer bobagem. A lista é grande, e os embusteiros fazem a festa. “Não tenho religião, mas sou uma pessoa espiritualizada.” Essa frase define a era moderna...

O tédio desperta o encanto pelo desconhecido. É assim que a Índia vira símbolo de “vida espiritual” na imaginação dessas senhoras entediadas com seu conforto ocidental, ignorando que há regime de castas por lá, muita miséria, violência, machismo, sujeira, tudo isso junto com o maior consumo de ouro do planeta.

Mas vamos pular essa parte e ficar apenas com o idealismo do líder espiritual indiano. Afinal, essas senhoras costumam ser “espiritualizadas” ou então abraçar religiões mais novas do que seus filhos. Elas “amam” o desprendimento tibetano, consideram o Dalai Lama uma espécie de guru, acreditam na homeopatia e em tratamentos naturais, mas não abrem mão do conforto urbano, do cinema moderno, de seus carros luxuosos, e correm para a farmácia e para bons médicos ocidentais quando a coisa realmente aperta.

O autor de novelas Walcyr Carrasco, em um artigo chamado “A loucura dos homeopatas”, publicado na revista *Época*, colocou o dedo na ferida de alguns tipos bem caricatos:

Sempre desconfiei da sanidade dos intelectuais. Um amigo médico comentou, em tom de brincadeira, que o índice de vacinação na Universidade de São Paulo provavelmente é menor que numa cidade do interior do Nordeste. Intelectuais gostam de ideias alternativas. Tratamentos homeopáticos, florais ou qualquer loucura que entre na moda sempre os atraem. É a mania de transformar a saúde em questão filosófica ou ideológica e de criar um debate em torno. A vida melhorou após a descoberta da penicilina. Também não conheci nenhum alternativo que recuse anestesia numa remoção de apêndice.

O tédio também pode levar muitos na direção de um líder autoritário e populista, que ajuda no autoengano dos entediados. Suscetíveis a todo tipo de engodo só para adicionar um pouco de adrenalina na vida, aproximam-se de perigosos embusteiros, líderes autoritários que exploram essa carência afetiva. Oscar Wilde colocou nas palavras da personagem Vivian, em *A decadência da mentira*, de 1891, um comentário espirituoso sobre isso:

Cansada da conversa chata e comedida que não têm habilidade para o exagero nem talento para a ficção, fatigada das pessoas inteligentes cujas lembranças se baseiam apenas na memória, cujas declarações são invariavelmente limitadas pelo verossímil e podem ser corroboradas por qualquer filisteu presente, a sociedade retornará mais cedo ou mais tarde ao seu líder perdido: o fascinante e refinado mentiroso.

Claro que nem sempre esse líder será fascinante e refinado, mas invariavelmente será mentiroso e autoritário, vendendo ilusões aos membros entediados da elite. Nelson Rodrigues, escrevendo sobre a Passeata dos Cem Mil na década de 1960, evento organizado pela esquerda caviar, ironizou a situação:

Palavra de honra, eu ficaria radiante se, de repente, aparecesse uma mãe plebeia. Sim, uma santa crioula, que tirasse o seio negro e generoso e desse de mamar ao crioulinho sôfrego. Não tinha a mãe plebeia. Em compensação, vi duas grã-finas que ficaram em pé. Um cineasta que lá estivesse havia de notar o valor plástico da coisa: duas em pé e os Cem Mil, ou “Cinquenta mil”, ou “Vinte e cinco mil” sentados. O leitor há de perguntar por que uma e outra não fizeram como os demais. Explico: uma, porque estava vestida à Saint-Laurent, e a outra porque tinha uma saia tão apertada, que não dava jeito.

Em *A elegância do ouriço*, Muriel Barbery usa uma das narradoras, uma menina muito inteligente de 13 anos, para descrever o desconforto com essa atitude de sua mãe. Moram em um endereço de luxo em Paris, repletas de conforto. Não obstante, sua mãe vive a pregar o socialismo, entre uma conversa e outra com suas plantas. E claro, mesmo depois de dez anos de terapia, ela ainda precisa tomar remédio para dormir...

O autor coloca na outra narradora da história, uma *concierge* humilde, porém extremamente culta, as palavras de desprezo em relação ao grupo de riquinhos mimados que tentam aparentar um estilo artificial de pobreza *cool*:

Se tem uma coisa que abomino é essa perversão dos ricos que se vestem como pobres, com uns trapos que ficam caindo, uns bonés de lã cinza, sapatos de mendigo e camisas floridas debaixo de suéteres surrados. É não só feio mas insultante; nada é mais desprezível que o desprezo dos ricos pelo desejo dos pobres.

No entanto, basta frequentar uma faculdade privada para ver a quantidade de jovens que aderem a esse estilo “riponga”, com suas camisetas do Che Guevara, apenas para entrar depois em seus carros

importados do ano. São os “revolucionários de Facebook”, que escrevem em seus perfis da rede social americana o quanto odeiam o sistema capitalista americano e o lucro que tornou o instrumento viável.

Uma típica “riponga” dessas morre de medo de hormônios no leite vendido pela multinacional capitalista, mas aceita uma “bala” de qualquer estranho em uma festa *rave*. Contradição é sua marca registrada, e o importante é atacar sempre o sistema capitalista, assim como seu maior ícone, os Estados Unidos.

Outro dia mesmo vi à venda uma capa para iPhone (aquele da Apple, empresa americana das mais lucrativas do mundo) que estampava o símbolo comunista. Nem era barata: custava R\$ 90. Nada mais esquerda caviar que isso! Só falta vir com *ring tone* do Bob Marley de fábrica. Maneiro, bicho!

Posso até ver o rebelde, com cabelo despenteado, barba por fazer, camisa do Che, falando: “Mamãe, veja como sou revolucionário; olhe a linda capa com a foice e o martelo que comprei para o telefone que você me deu! Agora passa logo a mesada que quero ir ao cinema com os camaradas ver aquele filme que detona com os Estados Unidos.”

O “minimalismo” também conquista algumas pessoas ansiosas para condenar o estilo de vida “consumista” ocidental. A ideia é viver com a menor quantidade de coisas possível, demonstrando assim que não faz parte do “sistema”. O cronista Janer Cristaldo fez um ácido diagnóstico do fenômeno:

Estes pretensos despojados, que buscam a fama sem a alavanca do dinheiro, são em verdade os órfãos contemporâneos de Henry Thoreau, o utopista americano que se dedicava inclusive a confeccionar sua própria roupa. Não passam de malucos pedantes, que pretendem começar do zero, renegando assim todo labor humano que torna esta vida tão breve pelo menos confortável.

O caderno Amanhã, do jornal *O Globo*, fez uma matéria sobre o assunto, entrevistando alguns desses “minimalistas”. O viés anticapitalista fica evidente em cada declaração, como essa, da fotógrafa Claudia:

Minhas escolhas têm a ver com sustentabilidade e economia. Mas é [sic] também um ato político. Eu economizo, gasto menos recursos do planeta e me posiciono contra uma sociedade consumista.

Para muitos estudantes, o discurso sensacionalista e revolucionário de esquerda pode ser também uma estratégia para conquistar corações, para “pegar” as meninas mostrando seu lado mais “humano”, contra os “mauricinhos” egoístas que só pensam em trabalhar. Nada como uma camiseta do Che e um bagulho no bolso, com a fala meio arrastada, para derreter o coração de uma patricinha entediada. Arnaldo Jabor, que tem feito um *mea culpa* de sua juventude comunista em suas colunas, confessou:

Pouquíssimas moças “davam”, na época anterior à pílula; transar para elas era um ato de coragem política. Nossas cantadas tinham uma base ideológica; famintos de amor, usávamos Marx para convencer as meninas.

Woodstock, Fórum Social Mundial, palcos para “revolucionários” destilarem suas soluções mágicas contra os males do mundo, atacarem todo o “sistema”, posarem de altruístas voltados somente para as vítimas desse sistema perverso, e tudo isso entre um tapa e outro na “pantera”, após fazer sexo com alguma mulher fácil e “progressista” da turma.

Os “revolucionários” de Maio de 68 mostraram como uma turma rica e alienada pode ter necessidade de dar vazão à sua “pulsão de morte” destruindo as coisas em volta, atacando a própria riqueza que usufruem, mas desprezam. Querem ser os heróis dos “oprimidos” e injetar um pouco de adrenalina em suas vidas tediosamente confortáveis, porém vazias e fúteis. E querem apagar o passado de vergonha, como interpretou Nelson Rodrigues:

Eis o que me ocorreu: a França tem todo um potencial de heroísmo inédito, frustrado. Não fez a guerra, e repito: os outros lutaram por ela. Os alemães perfuraram Sedan e deslizaram em solo francês. E todo o povo, com atraso de vários anos, precisa sentir-se herói. Cada carro virado é um tanque alemão. Os franceses estão fazendo a guerra. Essa ferocidade tardia, espetacular, é uma vingança contra a capitulação.

O dramaturgo brasileiro ainda espetou os “revolucionários” daquela época: “Fazer greve na França é muito menos arriscado do que atravessar uma rua na Guanabara.” Os “heróis” da época clamavam por algumas cacetadas da polícia, e aqueles que eram presos temporariamente contavam vantagem sobre os demais. Era motivo de orgulho ostentar uma prisão, mas eles sabiam que, no fundo, não corriam risco real nesse sistema “repressor”.

Maurice Jouyex, revolucionário sindicalista dessa época, deu voz ao sentimento de muitos quando escreveu sobre sua experiência pouco tempo depois:

Para mim, militante revolucionário, era algo incompreensível: era de fato uma brincadeira, uma vontade de fazer qualquer coisa, a vontade de mandar à merda o pai, a mãe, o professor e os políticos.

E o manifestante atual, jogando pedras nos policiais e depredando patrimônio público, pensa que inventou a roda! Trata-se apenas de um farsesco *revival* desse clima revolucionário de outrora, quando vários jovens de classe média canalizavam para os protestos sua fúria da vida. Qualquer semelhança com as manifestações de junho no Brasil não é mera coincidência.

Esse tédio rebelde, alimentado pelo conforto ocidental (há menos ócio quando se luta para

sobreviver com o básico), pode levar a extremos ideológicos ou físicos. Muitos jovens buscam as drogas ou “tentam” se suicidar (quem realmente quer normalmente consegue) em busca de emoção e atenção. É um grito de desespero. Theodore Dalrymple, que trabalhou com centenas dessas pessoas, escreveu em *Life At The Bottom*:

A maioria das vítimas de overdose — não todas, é claro — vive em um vazio existencial. Deles são vozes chamando de um abismo — um abismo criado em grande parte pela ideia, vendida por gerações de intelectuais, de que a segurança material e as relações humanas sem restrições de qualquer tipo de necessidade libertariam a humanidade, para além dos sonhos do passado obscuro ou de eras menos afortunadas.

Essa promessa de que o sexo livre e as garantias materiais do *welfare state* iriam trazer um novo homem liberto e plenamente feliz acabou produzindo uma legião de jovens e adultos frustrados, alienados e incapazes de lidar com a realidade e com a responsabilidade. A overdose como “tentativa” de suicídio pode ser uma fuga disso. A vida de Angelina Jolie é um bom retrato dessa realidade, como veremos mais à frente.

5. Histeria

As pessoas histéricas são aquelas que adotam, como expressão dos conflitos psíquicos, a teatralidade. Não pretendo entrar no aspecto técnico da psicologia, até porque me falta o conhecimento. Portanto, estou tratando do termo mais popular, da histeria convencional que vemos naquelas pessoas que encaram o mundo como um grande palco, e tudo como uma grande encenação.

Elas costumam ser divertidas, cativantes, engraçadas, mais socializáveis do que as obsessivas. Talvez até sofram menos que as neuróticas obsessivas. Mas sua histeria não deixa de ser um sintoma, uma grande fuga para a angústia do real, da castração, da falta de sentido da vida.

Ao lado da realidade material, existe, segundo Freud, a realidade psíquica, que seria igualmente importante em termos da história do sujeito. A pessoa histérica adora criar fantasias, tende a ser muito mais sugestível, influenciável por modismos, pelo coletivo (histeria coletiva).

Portanto, a histérica adota com muito mais frequência e desenvoltura um semblante perante os demais, seja de felicidade, seja de sofrimento. Tudo é mais exagerado, mais teatral. As aparências importam mais do que o conteúdo, pois essa é a forma que encontrou para driblar sua angústia.

Fazer o caminho de Santiago de Compostela, abraçar as árvores e aplaudir o pôr do sol (sempre na presença de plateia), sentir-se íntima de todo mundo com a maior facilidade (aquelas que criam apelidos na hora, e Rodrigo vira Digo imediatamente), afirmar que adoraria todo tipo de nova experiência (por mais “perrengue” que seja a aventura), essas são algumas características da típica histérica.

E por que isso as leva à esquerda caviar? Justamente porque amam tudo e todos, abraçam toda excentricidade mundo afora, “adorariam” viver uns dias nas favelas para conhecer melhor os mais pobres, ou passar uns meses no Tibete com os monges para uma elevação espiritual.

Enfim, são presas mais fáceis da ditadura velada do politicamente correto, pois a vida é um palco, e o show precisa continuar. Liguem os holofotes!

6. Racionalização

O ato de racionalizar nossas emoções, ou seja, encontrar uma forma de explicá-las como se fossem o resultado de muita reflexão, é comum à natureza humana, e todos caem nessa tentação de uma forma ou de outra. Mas poucos abusam tanto desse mecanismo de defesa como os artistas.

Basta uma rápida pesquisa sobre o estilo de vida das celebridades em Hollywood para ter ideia do quanto diverge da média. Normalmente, atores e atrizes, assim como diretores e produtores, costumam vir de famílias pouco estruturadas, ou acabam criando suas próprias famílias desestruturadas. O comportamento bizarro é visto apenas como “rebeldia artística”.

Uma das explicações foi dada pelos autores de *Hollywood, Interrupted*, Andrew Breitbart e Mark Ebner. Celebridades não se tornam celebridades do nada. Geralmente, são pessoas bastante egocêntricas, em torno das quais tudo deve girar. Já a paternidade e a maternidade exigem muito sacrifício e abnegação em prol dos rebentos. A dedicação em nome da família entra em confronto com esse narcisismo exacerbado de muitos famosos, essa busca incessante de atenção e aprovação.

Não é de espantar, portanto, a quantidade enorme de frutos podres que saem da árvore disfuncional familiar dessas celebridades. Alguns até transformam em *reality show* (ou seria *freak show*?) suas excentricidades, como fez a família de Ozzy Osbourne. Qualquer um sabe que o conceito de normalidade costuma passar longe do CEP de Beverly Hills e adjacências.

As próprias celebridades, em alguns (raros) casos de bom senso, procuram se mandar para outras localidades a fim de educar seus filhos em ambientes mais normais. Hollywood acaba sendo como o Hotel Califórnia do grupo Eagles: você pode fazer o *check out* a qualquer momento, mas jamais pode ir embora...

Mesmo que você não queira tanto isso, é o que boa parte do público espera: uma vida sem limites, onde tudo é possível, onde as fantasias mais malucas são concretizadas. O filme *Rock Star* mostrou bem esse lado. Mark Wahlberg faz o papel de um fã de uma banda de metal da qual acaba se tornando o vocalista. Descobre então que deve se adaptar ao estilo de vida idealizado pela garotada que adora o grupo. Deve viver os sonhos desses jovens, viver a *vida loca* na prática.

Mas ele não quer mais isso. Acaba perdendo a namorada, personagem de Jennifer Aniston, pois ela não aguenta mais aquelas loucuras todas. Finalmente, ele resolve largar seu sonho de juventude, por descobrir que, na vida real, não passava de um pesadelo. Escolhe o amor, a vida mais recatada. Quantos, em Hollywood, realmente conseguem largar o vício da fama, do poder e da fantasia

ilimitada?

As famílias de Hollywood costumam ser bem complicadas. Marlon Brando, com seus nove filhos de quatro mulheres diferentes, muitos viciados, que se odeiam e se agredem entre si; River Phoenix e sua mãe “riponga”, que achava o máximo dar drogas para o filho ou estimular sua sexualidade precoce, tratando-o como um amigo; os exemplos são infindáveis, mas o leitor já pegou o jeito da coisa.

Imagine ser criado em um ambiente desses, com pais famosos e drogados, com comportamentos bizarros o tempo todo, e você sendo paparicado por todos, com as maiores loucuras sendo parte do cotidiano. Ou surta, ou você tenta racionalizar suas emoções em relação a toda essa maluquice.

E por que isso fermenta a esquerda caviar? Justamente porque esses artistas passam a vender como normalidade as coisas mais anormais do mundo. É uma forma de conviver melhor com seu próprio entorno, uma maneira de se considerar mais normal, parte do restante do mundo. Drogas, promiscuidade, abortos frequentes, formações familiares *sui generis*, cientologia, tudo isso precisa ser encarado como a coisa mais natural do mundo.

Os autores de *Hollywood, Interrupted* definem assim o politicamente correto das celebridades: uma aflição de Hollywood, em que as almas perturbadas, embora se apresentem como artistas, usam a mídia de entretenimento como um meio para promover uma agenda moral e política disfuncional.

As celebridades pensam que o restante de nós somos caretas e sofremos lavagem cerebral (pense em *Matrix*), e que somente elas possuem a mente aberta para sentir todo o escopo possível de experiências humanas (pense em *Hair*). Nós, reles mortais, só poderemos avançar se abirmos nossas mentes e aceitarmos suas heterodoxias como convencionais e nos juntarmos ao circo.

Quem acha que a Samantha Jones de *Sex and the City* não é um exemplo de comportamento decente, e que dificilmente uma mulher solteira que faz sexo com qualquer um (ou uma) aos 40 anos será genuinamente feliz, ainda não entendeu o mundo moderno tal como Hollywood o concebeu. É um reacionário preconceituoso!

As celebridades se veem como seres ungidos, mas, como todos os mortais, estão em busca de sentido para a vida. De preferência, a partir de algum modismo embalado por um guru oriental e bem exótico que as exima de pensar por conta própria ou de assumir a responsabilidade por seus atos.

A insegurança do estrelato, o receio de ser esquecido ou já ter vivido o auge da carreira, a concorrência acirrada para se manter sob os holofotes, o tédio da opulência, tudo isso acaba alimentando vários tipos de fuga naqueles emocionalmente carentes, que abundam em Hollywood. É assim que todo tipo de charlatão prospera na Califórnia.

Podemos pensar em Deepak Chopra, que chegou a vender um combo que misturava saúde, riqueza e espiritualidade, conquistando pesos-pesados como Demi Moore, Cindy Crawford, Michael Jackson, Steven Seagal e Madonna. Quem pode levar a sério um sujeito que tem um livro chamado *As 7 leis espirituais dos super-heróis* e outro intitulado *Supercérebro: como expandir o poder transformador da sua mente?*

Podemos pensar ainda nos malucos da cientologia, liderados pela fama do afetado Tom Cruise. Ei, não seja careta a ponto de pensar que comer a placenta do próprio filho é algo asqueroso!

Enquanto as celebridades são tratadas com várias regalias e tapete vermelho por esses gurus ou seitas, os cidadãos comuns acabam entrando como os trouxas desses movimentos estranhos e quase sempre embusteiros.

A esquerda caviar hollywoodiana (nos Estados Unidos) ou global (no Brasil) abraça essas bandeiras “progressistas”, ataca o núcleo familiar tradicional, distorce os valores caros à classe média e transforma em normal toda bizarrice em boa parte para suportar melhor suas próprias vidas esquisitas e desestruturadas. Os outros é que são caretas e chatos. Racionalização pura.

7. Preguiça mental

A preguiça também atrai muitos para a esquerda festiva. Não é preciso estudar a fundo, pesquisar, refletir e pensar sobre como resolver de verdade os problemas. Basta aderir a um grupo, repetir meia dúzia de slogans bonitos e usar palavras mágicas como “justiça social”, “tolerância”, “diversidade”, “sustentabilidade” e “paz” que você automaticamente ganha o respeito de muitos bobalhões e posa como alguém cheio de opiniões sobre os mais variados assuntos.

O ex-comunista Arnaldo Jabor assumiu, sobre sua luta de juventude: “Era uma vingança contra traumas familiares, humilhações, pequenos fracassos. Era também uma mão na roda para justificar a nossa ignorância — pois não precisávamos estudar nada profundamente, por sermos a ‘favor’ do bem e da justiça.”

A esquerda caviar está repleta de filósofos de botequim, que fazem aquelas leituras rápidas de como aprender sobre um pensador profundo em trinta minutos. São também devoradores de orelhas de livros. Depois, com o típico ar professoral da turma, ligam a metralhadora giratória de verborragia, de citações vazias, mas embaladas em mantos de sabedoria, e pronto: assunto encerrado; podem bancar os superiores na roda do grupo.

O filme *Para Roma com amor*, de Woody Allen, satirizou esse tipo na personagem de Ellen Page, uma jovem sedutora meio maluquinha e rebelde, que adora repetir algumas frases de poetas e escritores para impressionar os outros. Profundidade que é bom, nada! Se essas frases forem citadas em francês então, é a garantia da boa imagem de intelectual culto e humanista. “Reparem como o sujeito que fala em francês e pensa em francês toma ares de gênio e de infalibilidade”, alfinetou o sempre atento Nelson Rodrigues.

O que você acha sobre o impacto dos gastos públicos na taxa de juros de longo prazo? “Sou pela justiça social, meu amigo.” E o que você faria em relação ao problema da imigração e do subemprego dos imigrantes em uma sociedade de bem-estar social com impostos cada vez maiores? “Sou pela diversidade, meu chapa.” Como você acha que a ameaça terrorista deveria ser enfrentada? “Paz e amor, *brother*.”

Não existe maneira mais rápida e fácil de comprar um pacote pronto e completo de “soluções” para todos os males do mundo do que ingressar na esquerda caviar. Os artistas serão seus aliados, os intelectuais vão defender bandeiras iguais, e a grande imprensa vai acompanhar seus gritos nobres por justiça e paz. Qualquer um pode repetir esses chavões, até mesmo o mais idiota dos idiotas.

Muitos jovens usam camisetas com a foto de Che Guevara estampada. Isso, na cabeça deles, basta para colocá-los como “críticos do sistema”. Mal sabem que Che pensava que o jovem, em particular, devia aprender a “pensar e agir não por si, mas como parte da massa”. Os que escolhiam o próprio caminho, de forma independente, eram apontados como párias e delinquentes sem valor.

Em um discurso famoso, Che prometia “fazer sumir da nação a praga do individualismo!”. Para ele, era criminoso pensar como indivíduo (como se existisse algum pensamento que não o individual). Melhor coletar alguns slogans em panfletos comunistas. Receita perfeita para quem tem preguiça de pensar.

Pensar dá muito trabalho. Estudar, mais ainda. Aprender sobre a realidade exige esforço e tempo, coisas cada vez mais raras no mundo moderno. Aquele que deseja seguir com sua vida, focando em seus verdadeiros interesses, e ao mesmo tempo sair bem na foto, como uma alma engajada e socialmente preocupada, encontra no esquerdismo um atalho fascinante e tentador.

O sujeito pega sua viola, acende seu cigarro de maconha, canta músicas românticas de Lennon e Bob Dylan, e jura para si mesmo que fez mais pela humanidade do que os empreendedores capitalistas que arriscam suas economias em empreitadas que produzem riqueza e empregos para a sociedade. Garçom, mais uma cerveja!

8. Ópio dos intelectuais

Nem todos os membros dessa esquerda caviar são ricos canalhas, herdeiros culpados, madames e jovens entediados, ou preguiçosos, claro. Há uma categoria relevante formada por intelectuais que vivem bem, mas que não são necessariamente abastados. Esses precisam de alguma explicação também. E Raymond Aron forneceu uma boa dica em seu magistral *O ópio dos intelectuais*.

Para o pensador francês, o marxismo ou o comunismo viraram uma espécie de “religião secular”, prometendo o paraíso terrestre em vez de aquele pós-morte pregado pelo cristianismo. O título já é uma clara provocação ao ditado famoso repetido por Marx, de que a religião é o ópio do povo. Para esses intelectuais, o comunismo era o ópio, a droga capaz de fornecer a fuga para a falta de sentido em suas vidas.

Para o típico intelectual, a reforma é uma coisa chata, enquanto a revolução é emocionante. Uma é

prosaica, a outra poética. A revolução fornece ao intelectual uma pausa bem-vinda ao curso diário dos eventos rotineiros e incentiva a crença de que todas as coisas são possíveis. Por que pensar em como melhorar algumas questões do cotidiano, sempre imperfeito, quando se pode abraçar a utopia revolucionária de que todos os males que assolam a humanidade terão finalmente uma solução?

A democracia republicana vive de contemporizações, de reformas graduais, de concessões. Tudo isso é muito lento, arrastado. O intelectual quer a pedra filosofal, a cura, uma panaceia que resolva os males da sociedade de uma só vez. O jornalista Reinaldo Azevedo fez uma boa análise da coisa:

O bom da democracia é ser um regime desinteressante, sem surpresas, sem solavancos, medíocre mesmo! O bom da democracia é que, dada essa mediocridade, permite que a gente encontre motivos mais atraentes do que a política para tornar a vida interessante. Ou alguém consegue ter algum pensamento elevado quando lembra de José Dirceu ou de Delúbio Soares?

Outro que explicou bem essa distinção entre revolucionários e reformadores foi David Horowitz, mostrando por que intelectuais de esquerda tendem a abraçar movimentos radicais e violentos:

Um planeta salvo, um mundo sem pobreza, desigualdade, racismo, ou guerra — que meios não seriam justificados para atingir tais fins milenares? A título de contraste, movimentos menos ambiciosos de reforma são capazes de pesar ganhos contra prováveis custos e evitar o tipo de excessos e atrocidades endêmicas a causas radicais.

Mas para o intelectual revolucionário, a política é tudo! É o que dá sentido para sua vida. Ele respira política. Não tem tempo a perder com mudanças graduais e democráticas. Afinal, *sabe* o que é certo, qual o caminho desejado. Precisa apenas do poder para executar suas fantasias. E ele jamais escuta o alerta feito por Hölderlin: “O que sempre fez do Estado um verdadeiro inferno foram justamente as tentativas de torná-lo um paraíso.”

Quer um entorpecimento mais poderoso do que a sensação de que você pertence a uma classe de escolhidos, que sua missão na vida é colaborar para a construção de um mundo novo, e que nada menos do que a perfeição será o resultado de suas ações? O escritor mexicano Octavio Paz, autor de *O ogro filantrópico*, descreveu o marxismo como um “vício intelectual”, uma “superstição do século XX”. Infelizmente, do século XXI também.

Joshua Muravchik demonstra sem rodeios, em *Heaven on Earth*, como o socialismo foi a história mais ambiciosa dos homens na tentativa de suplantiar a religião com uma doutrina sobre como a vida deve ser vivida com base na ciência, não na revelação. Após tanta esperança e luta, milhões de vidas sacrificadas no caminho, eis o epitáfio da seita: se você construir esse “paraíso”, os outros vão abandoná-lo sempre que possível.

Paulo Francis foi outro observador arguto que percebeu essa característica religiosa no comunismo:

Milhões de pessoas, no entanto, se sacrificaram por Stalin, idealistas, muitas das quais morreram fuziladas nos campos de extermínio da URSS, bradando triunfalmente o nome do carrasco, no momento em que este as executava, o que prova que o comunismo é a religião secular do nosso tempo.

O sentimento de nobreza proveniente de se enxergar como um desses “ungidos”, para usar o termo de Thomas Sowell, coloca qualquer outra droga no chinelo. Se os ricos artistas da esquerda caviar costumam curtir cocaína ou maconha, seus pares intelectuais vão de marxismo mesmo, droga das mais pesadas.

Sowell, em seu magistral *Intellectuals and Society*, alerta que provavelmente nunca houve uma época em que intelectuais gozaram de maior influência na sociedade. Para piorar, a ocupação dos intelectuais — aqueles que “produzem” e vivem das ideias, ao contrário de outras profissões, digamos, “concretas”, como a engenharia ou a física — não está tão sujeita ao “teste do pudim”. Um prédio que cai por erro de cálculo é evidente demais, prova do fracasso do engenheiro, e até uma bem elaborada teoria, como a da relatividade, de Einstein, só ganha credibilidade após verificação prática.

Já os intelectuais podem desfrutar de respeito ou fama mesmo com a defesa de ideias que se mostraram, na prática, catastróficas. Eles estiveram, nos últimos anos, blindados contra as consequências materiais de suas ideias, e abusaram dessa imunidade. Sartre era idolatrado mesmo depois de apoiar regimes nefastos. Paul Ehrlich disse, em 1968, que centenas de milhões de seres humanos morreriam de fome na década de 1970, previsão que se mostrou totalmente errada. E por aí vai.

Sem essa ligação entre causa e efeito, entre ideias e consequências, sem o crivo do método científico para validar ou refutar suas teorias, os intelectuais tiveram o campo livre para tratar seu produto como algo infalível, isento da refutabilidade científica, i.e., como uma revelação religiosa.

Vários foram os pensadores que perceberam esse fervor religioso no comunismo. Keynes afirmou que a juventude idealista gostava do comunismo porque era o único com apelo espiritual que passava a sensação de contemporaneidade. Edmund Wilson alegou que, na União Soviética, a pessoa se sentia no topo moral do mundo, onde a luz nunca se apaga. Beatrice Webb, mesmo mais pragmática, reconheceu que a Rússia, apesar de professar o materialismo científico, fez mais pela alma que pelo corpo.

Havia um senso de propósito coletivo, de comunhão, de construção de uma Nova Era igualitária e justa na cabeça de muitos intelectuais. Os males da humanidade seriam extintos. Os intelectuais

finalmente contavam com uma religião adaptada para os tempos modernos. E isso não morreu junto com o comunismo soviético...

Em uma época secular, o comunismo veio oferecer uma alternativa de “vida eterna” para seus adeptos. Arnaldo Jabor, remexendo em seu passado, explicou como a coisa funcionava:

Um “camarada” me disse: “O marxismo supera a morte!” Como? — disse eu, espantado. “Claro” — me responde ele, iluminado de certeza — “uma vez dissolvido no social, o mito do indivíduo se desfaz, e a ilusão de que ele existe como pessoa. Ele só existe como espécie. E não morre. O marxista não morre!” E eu, fascinado, sonhei com a vida eterna...

Os tiranetes abusam desta fé religiosa, naturalmente. Quando Hugo Chávez estava hospitalizado em Cuba e não teve como assumir seu novo mandato, o então vice-presidente Nicolás Maduro deu uma declaração que ruborizaria o mais carola dos crentes. Disse:

Temos com Cuba a irmandade mais profunda que possa existir. Foi este exército de barbudos que, quase como anjos, começou aos poucos e foi conquistando sua independência, mesmo com o bloqueio ianque. Quando Chávez e Fidel se encontram, nós, seus filhos, nos vemos como irmãos, unidos para lutar pela independência de nossos povos.

Maduro, apesar do nome, demonstrou não passar de um adolescente boboca. Ou, na verdade, um explorador de adolescentes bobocas, capazes de cair nesse tipo de conversa fiada. E não faltam intelectuais dispostos a agir como adolescentes.

Quando Chávez finalmente bateu as botas de militar golpista, a histeria foi incrível, e Ahmadinejad chegou a compará-lo a Jesus Cristo! Seus fãs deixaram transparecer o quanto sua ideologia é uma substituta para a religião. Em um dos bairros mais pobres de Caracas, criaram a capela para o Santo Hugo Chávez, que foi visitada por milhares de fanáticos. São todos ateus em busca de um messias. Mario Vargas Llosa, em artigo no *Estadão*, escreveu:

Cruzamento de super-homem e bufão, o caudilho faz e desfaz a seu bel-prazer, inspirado por Deus ou por uma ideologia na qual, quase sempre, se confundem o socialismo e o fascismo — duas formas de estatismo e coletivismo — e se comunica diretamente com seu povo mediante a demagogia, a retórica e espetáculos multitudinários e passionais de cunho mágico-religioso.

A suposta superioridade moral desses marxistas religiosos depende apenas da retórica, das boas intenções, do pertencimento ao grupo, e não dos resultados concretos daquilo que é defendido enquanto meio. Trata-se da “tirania da visão”, para pegar emprestada outra expressão de Sowell.

Esses intelectuais monopolizam as virtudes, e não precisam mais debater focando em argumentos. Seus opositores são rotulados com base na intenção. Eles são insensíveis, racistas, lacaios da indústria bélica, fascistas, preconceituosos, homofóbicos, reacionários e tantas outras coisas feias.

Como disse Ayn Rand, “o argumento pela intimidação é uma confissão de impotência intelectual”.

Em *Bullies: How the Left's Culture of Fear and Intimidation Silences Americans*, Ben Shapiro dissecou justamente essa estratégia da esquerda, de rotular aqueles que discordam, fazendo uma espécie de *bullying* intelectual. Em uma das maiores inversões da história, ainda conseguiu fazer com que a direita ficasse com a fama de *bullying*, assim como os Estados Unidos ganharam a fama de *bullies* mundiais, logo eles que *enfrentaram* os mais perigosos regimes opressores.

Como a esquerda é organizada e ainda conta com o aparato estatal, enquanto a direita costuma pensar de forma mais individualista, aquela leva vantagem sobre esta quando se trata de intimidação moral. A esquerda usa todas as instituições possíveis para perseguir e pressionar. Ainda conseguiu convencer muita gente de que liberdade é sinônimo de mais controle estatal, e acusa de *bullying* justamente aqueles que enfrentam essa escalada de poder do estado. Shapiro resume a situação:

A esquerda forçou os americanos a aceitar a redefinição radical da liberdade econômica para abranger o controle do governo sobre como dar a descarga em seu banheiro; maternidade solteira como igual em qualidade moral e nos resultados à estrutura familiar tradicional, a remoção completa da religião da vida pública, e sua substituição pela vulgaridade; rejeição de uma sociedade daltônica em favor do racismo reverso; a criação de uma grande rede de proteção social que oferece proteção para o preguiçoso e uma rede para o setor produtivo. E por aí vai.

E aí de quem discordar da esquerda! Só pode ser um inimigo da liberdade. Lênin ensinou-lhes: acuse seu inimigo daquilo que você é. Muitos ligam a metralhadora giratória em frente a um espelho, projetando nos outros os *seus* defeitos. O conservador Bill Whittle marcou um golaço quando disse:

Não adianta chamar um racista de racista, um membro da KKK se orgulhava de ser racista, um nazista não considera ser acusado de nazista uma ofensa, é óbvio! A esquerda e as celebridades de Hollywood nos fazem essas acusações repetidamente, há 40 anos, todas as vezes que abrimos a boca para discutir um assunto sério porque sabem que é mentira! Eles perceberam que isso ofende profundamente quem não é racista, misógino, homofóbico, fascista, que isso nos enoja, que nos faz parar de falar abertamente sobre o que tem que ser falado para não ouvirmos esses absurdos. É uma estratégia desenhada para calar você e têm sido muito bem-sucedida.

Um bom exemplo disso é a postura de boa parte da esquerda quando morre algum ícone de um dos lados ideológicos. Se algum conservador celebrar a doença ou a morte de alguém, ainda que seja a de um tirano comunista que matou milhões de inocentes, a esquerda logo se mostra “chocada” com tanto ódio, pois é formada por pessoas humanitárias, bondosas e tolerantes.

Mas a mesma esquerda, quando morre algum herói dos liberais ou conservadores, vem logo destilar todo o seu ódio, gritar que já foi tarde, celebrar publicamente o fato. Foi assim quando Thatcher morreu, ou quando Roberto Civita, o então presidente do Grupo Abril, dono da revista *Veja*, odiada pela esquerda, pois não se vendera ao PT, faleceu, em maio de 2013. O duplo padrão moral, a hipocrisia e a canalhice saltam aos olhos.

Eles apelam para a falácia do espantalho (*straw man*) com frequência também. Em vez de ter de

debater com o liberal ou conservador em si, rebatendo os argumentos que apresentam, os intelectuais de esquerda preferem criar um conservador imaginário, um liberal hipotético, um espantalho enfim, colocando em sua boca inúmeras palavras jamais ditas. Isso torna o ato de “debater” mais fácil, e o esquerdista pode posar de nobre diante da multidão, tendo detonado alguém que simplesmente não existe!

Como se dá no fanatismo religioso, aquele que não comunga da mesma fé só pode ser um herege, um pecador que vai arder no mármore do inferno. Tal ideologia, uma nova religião laica, possui seus profetas, seus santos, seus demônios, seu povo escolhido (no caso, a classe), os excomungados, tudo de forma muito similar às demais religiões que condenam.

Mas, para dar maior credibilidade ao seu credo no mundo moderno, eles o pintaram com um verniz pseudocientífico. Falam em nome da Razão (com R maiúsculo), ignorando todos os contrapontos racionais. Alexis de Tocqueville foi um dos observadores que perceberam isso. Para ele, a crença excessiva na razão e na racionalidade quase inexoravelmente leva ao seu oposto: irracionalidade e falta de realismo. Se os fatos não ajudam a teoria, pior para os fatos!

Sigmund Freud, o “pai da psicanálise”, é conhecido por seus ataques à religião, que considerava uma espécie de neurose obsessiva universal da humanidade. O que menos gente sabe é que viu no marxismo o mesmo fenômeno, uma *Weltanschauung*, uma visão de mundo que tenta explicar tudo para aplacar a angústia dos crentes. Freud explica:

O marxismo teórico, tal como foi concebido no bolchevismo russo, adquiriu a energia e o caráter autossuficiente de uma *Weltanschauung*; contudo, adquiriu, ao mesmo tempo, uma sinistra semelhança com aquilo contra o que está lutando. Embora sendo originalmente uma parcela da ciência, e construído, em sua implementação, sobre a ciência e a tecnologia, criou uma proibição para o pensamento que é exatamente tão intolerante como o era a religião, no passado. Qualquer exame crítico do marxismo está proibido, dúvidas referentes à sua correção são punidas, do mesmo modo que uma heresia, em outras épocas, era punida pela Igreja Católica. Os escritos de Marx assumiram o lugar da Bíblia e do Alcorão, como fonte de revelação, embora não parecessem estar mais isentos de contradições e obscuridades do que esses antigos livros sagrados.

É assim que a esquerda caviar consegue continuar pregando o socialismo mesmo depois de todas as várias experiências catastróficas dessa utopia. Os 100 milhões de mortos sacrificados no altar de sua ideologia não foram suficientes para derrubar sua fé. Aquilo não era o comunismo, mas o “socialismo real”, alegam. Ao defender um ponto de chegada impossível e inatingível, protegem-se de qualquer crítica no mundo real. O reino dos céus prometido para o aqui e agora ainda vai chegar...

Dessa maneira, esses intelectuais podem insistir na mesma ladainha sem constrangimento. Basta repetir que nenhuma dessas tragédias cometidas em nome de sua ideologia representa de fato o que defendem. Blindados contra a realidade, estão prontos para o próximo experimento utópico. Insanidade, dizia Einstein, é repetir tudo da mesma forma e esperar resultados diferentes. “Chequem

as premissas!””, diria Ayn Rand.

Eles passam a espalhar o mito de que o comunismo é uma ideia boa que não deu certo, em vez de reconhecer que a própria ideia é terrível, simpática somente àqueles que gostariam de ser como abelhas ou cupins, e não seres humanos singulares. Ignoram que os meios pregados pelo comunismo, abolindo a propriedade privada e coletivizando nossas vidas, inexoravelmente levam ao mesmo resultado em todo lugar: miséria, escravidão, terror.

O intelectual comunista Vladimir Safatle, em sua coluna da *Folha*, elogiou a insistência na revolução, alegando que o importante é sonhar, e que Marx estava enganado quando disse que a história se repete como farsa; ela se repete como redenção. Nas “entrelinhas”, eis a mensagem: a revolução comunista deu errado porque os povos “erraram” e agiram de forma “irreconhecível”, mas esses não precisam ser os capítulos finais.

A revolução que o intelectual defende, a comunista, merece uma “segunda chance”. Não aprendeu nada com o retumbante fracasso daquela iniciada por seu guru Lênin, inclusive parecido fisicamente com ele (seria só coincidência?). Safatle afirma que “povos fiéis a seu desejo nunca fracassam”. Isso é o triunfo da vontade sobre a realidade! Essa gente precisa de quantos cadáveres a mais para desistir do sonho? Outros 100 milhões?

Talvez o maior ícone desse tipo de esquerda caviar seja o falecido historiador Eric Hobsbawm. Ele respondeu “sim” ao canadense Michael Ignatieff, quando este perguntou se 20 milhões de mortes seriam justificáveis caso a utopia comunista tivesse sido criada. Em sua autobiografia, Hobsbawm descreveu a experiência soviética com ternura, ignorando as barbaridades que já eram amplamente conhecidas.

O futuro imaginário é muito mais importante que o presente, e o projeto revolucionário, mesmo adaptado, é o que fornece a esses radicais algum sentido de vida. Como disse David Horowitz, a hostilidade sem fundamento para com o presente é a inspiração prática da fé radical. Esses intelectuais *precisam* da utopia como um poeta precisa da dor. Como disse Roger Kimball em *The Long March*:

Movimentos utópicos obtêm sucesso porque dizem às pessoas algo que elas desejam desesperadamente ouvir. Se a mensagem é ou não verdadeira não vem ao caso. Ela fala a uma necessidade profundamente sentida, e isso é suficiente. [...] Na medida em que alguém endossa a apoteose da possibilidade, ele tende a tratar o mundo real e os seus ocupantes com desprezo arrogante. Por isso o elemento utópico em todos os movimentos políticos totalitários.

Na segurança da vida acadêmica, com estabilidade no emprego e mergulhados no mundo platônico das ideias, esses intelectuais habitam torres de marfim, e do conforto de seus escritórios desenham castelos nas nuvens. A definição do historiador Paul Johnson para intelectual vem bem a calhar aqui:

aquele que gosta mais das ideias do que dos homens. É como o alerta feito por Nelson Rodrigues e destacado na epígrafe deste livro: “Amar a Humanidade é fácil; difícil é amar o próximo.”

Vítimas de profundo autoengano, esses intelectuais *desejam* acreditar em sua utopia acima de tudo. Esse desejo cria um viés absurdo, que rejeita contrapontos para evitar a dor da dissonância cognitiva. Foi assim que inúmeros acadêmicos visitaram regimes comunistas e foram feitos de idiotas úteis por seus líderes. Lênin mesmo os via dessa forma.

Em seu livro *Dupes: How America's Adversaries Have Manipulated Progressives for a Century*, Paul Kengor mostra, com minuciosa pesquisa em fontes primárias, como esse tipo de engano se deu. Ele cunhou a expressão “progressistas Potemkin” para designar esses inocentes úteis.

Grigori Potemkin foi um oficial russo que construiu falsas fachadas para impressionar Catarina II durante uma visita à Crimeia. Os soviéticos e demais comunistas usaram a mesma estratégia para encantar os progressistas ocidentais, loucos de vontade de enxergar apenas coisas maravilhosas para alimentar sua utopia.

Em uma dessas visitas, vários intelectuais americanos foram conversar com Stalin para escutar sobre os avanços fantásticos do regime. Segundo relata Amity Shlaes em *The Forgotten Man*, a reunião contou com queijos, salsichas e até sanduíches de caviar. Enquanto degustavam a fartura e se deliciavam com as mentiras de Stalin, os proletários famintos buscavam desesperadamente batatas escassas do lado de fora. Literalmente, uma esquerda caviar!

9. Alienação

Análogo ao caso anterior está o fenômeno da alienação, não aquela associada às massas, vidradas em novelas e futebol, mas aquela típica dos intelectuais. Quem defendeu a tese de que a identificação da sociedade como alienada levou muitos intelectuais a pregar utopias e regimes tirânicos mundo afora foi Paul Hollander, em seu excelente livro *Political Pilgrims*.

Intelectuais, normalmente mais sensíveis e atentos aos valores decadentes da sociedade, acabam desenvolvendo um profundo sentimento de indignação moral. Eles olham em volta e abominam a hipocrisia burguesa, a vulgaridade dos gostos, a corrupção dos valores, a impessoalidade do capitalismo, o dinheiro como ícone sagrado.

Essa revolta cria a predisposição para que deem o benefício da dúvida a qualquer alternativa distante, e para que repudiem seu próprio sistema. Todo aquele regime que pregar o oposto do modelo ocidental será visto com boa vontade, enquanto cada mínimo defeito de seu quintal será apontado com virulência. Como diz o ditado, especial para crianças que só reclamam dos pais: “A grama do vizinho é sempre mais verde.”

Há uma falta do senso de comunidade, de sentido coletivo, de harmonia nas sociedades capitalistas ocidentais. Os intelectuais gostariam de criar um mundo diferente, idealizado, onde nada disso precisasse acontecer. Sentem-se incomodados demais com a realidade como ela é, mesmo que

seja hoje muito melhor do que no passado, e ali em seu quintal muito melhor do que nos demais países. Segundo Hollander:

[...] na União Soviética os intelectuais ocidentais buscaram — e por algum tempo, encontraram — não apenas novas manifestações de justiça social, mas uma ordem social em que o indivíduo estava livre da falta de rumo, confusão e incerteza tais como os intelectuais experimentavam em suas próprias sociedades e que são endêmicas às sociedades contemporâneas seculares e pluralistas.

Essa alienação faz com que esses intelectuais e artistas se tornem “turistas políticos”, em busca de um El Dorado em algum lugar do planeta. O Guardian Tours of New York, associado ao jornal de esquerda *The Guardian*, chegou a organizar várias viagens para Cuba, Vietnã, Granada e Nicarágua. Cada nova revolução violenta que *alega* boas intenções e a busca pela justiça social encanta essa legião de intelectuais. Partem então em viagens para verificar *in loco* a construção desses paraísos terrestres.

E partem nessa jornada com um profundo desejo de ser enganados, de acreditar em tudo aquilo que as autoridades revolucionárias lhes contam, entre um passeio falso e outro. As manipulações e as técnicas de hospitalidade servem para encantar os turistas. Ser recebidos como figuras altamente importantes pelos líderes revolucionários alimenta sua vaidade, e toda a atenção e a gentileza que recebem servem para melhorar a impressão geral do lugar.

É por isso que muitos intelectuais que visitaram esses regimes comunistas saíram com uma impressão ainda melhor da que já tinham antes. Seus povos são desconhecidos, os lugares também, mas nada disso importa. Afinal, estão em busca de sentido, de fé, de uma utopia realizável, e isso basta. Desejam atacar suas próprias sociedades, e para tanto precisam dessa boia de salvação em algum outro lugar.

Seus relatos de viagens são muitas vezes chocantes. Os povos sob tais regimes ditatoriais são extremamente felizes, diferentes em tudo. Crianças praticamente não choram, os trabalhadores sorriem o tempo todo, o sentido de comunhão é total. Até mesmo o trabalho infantil recebe outro enfoque, como prova de que o futuro é tão radiante a ponto de convocá-las para o projeto. São vários relatos tão absurdos e ingênuos que não podem ser explicados apenas pela falta de caráter.

Tudo é lindo porque tudo *tem* de ser lindo! O mundo não pode se resumir ao capitalismo corrupto americano e ao individualismo materialista. Há que existir uma opção gloriosa a esta sociedade falha. E, para concluir isso, esses intelectuais suspendem a característica que define a intelectualidade em primeiro lugar: a capacidade de análise crítica.

As emoções tomam conta deles, e um duplo padrão de julgamento serve para condenar tudo aquilo no Ocidente e elogiar tudo aquilo nas alternativas revolucionárias. A raiva, o desespero, a hostilidade com seu próprio povo fazem com que o intelectual crie em sua imaginação um povo diferente, uma página em branco onde ele, o intelectual, possa escrever as mais belas palavras.

A crença da esquerda caviar na perfectibilidade ilimitada e universal da natureza humana faz com que os seres humanos atuais possam ser tratados como matéria-prima de seus experimentos, argila

que pode ser radicalmente moldada ao seu bel-prazer.

Muito sangue inocente seria poupado se esses intelectuais canalizassem sua frustração com a realidade de sua sociedade imperfeita para outras esferas além da política. Como alertou Michael Oakeshott em seu ensaio *Ser conservador*, “a união entre sonhos e governo gera tirania”. Esses sonhadores políticos deveriam anotar as palavras do escritor Mario Vargas Llosa e colocá-las no espelho do banheiro, para lembrar do alerta diariamente:

Devemos buscar a perfeição na criação, na vocação, no amor, no prazer. Mas tudo isso no campo individual. No coletivo, não devemos tentar trazer a felicidade para toda a sociedade. O paraíso não é igual para todos.

10. Insegurança e covardia

Poucos são aqueles com a coragem de remar contra a maré, de ousar questionar o rebanho. A covardia moral que leva ao fenômeno “Maria vai com as outras” pode explicar a atração de muitos artistas e intelectuais pela esquerda caviar.

Ainda mais no Brasil, onde falar em praça pública que pratica orgias é bem menos ofensivo do que defender, por exemplo, a privatização da Petrobras! Como disse Nelson Rodrigues, “Por medo das esquerdas, grã-finas e milionários fazem poses socialistas”. Já era assim em seu tempo, e isso apenas piorou.

Na era do politicamente correto, esse tipo de covardia é retroalimentada diariamente pela imprensa e pelas redes sociais. Quase ninguém suporta os olhares inquisidores e a pressão popular, o que acaba moldando um padrão único e totalitário de comportamento. Na época em que os idiotas se descobriram em maior número e sentiram a embriaguez desse poder, muitos “líderes”, inseguros, aprenderam a se adaptar. Como disse Nelson Rodrigues:

Em nossa época, ninguém faz nada, ninguém é nada, sem o apoio dos cretinos de ambos os sexos. Sem esse apoio, o sujeito não existe, simplesmente não existe. E, para sobreviver, o intelectual, o santo ou o herói precisa fingir-se idiota. O próprio líder deixou de ser uma seleção. Hoje, os cretinos exigem a liderança de outro cretino.

O Prêmio Nobel de Literatura, o escritor polonês Czeslaw Milosz, mostrou em *Mente cativa* esse poder avassalador de doutrinação. Os pensadores nos países socialistas sucumbiram um a um diante da pressão do pensamento único. Claro que o próprio risco físico de questionar o regime, nesses países, também os enquadrou. Uma questão de segurança.

Como diz o autor: “Cabe lembrar que nas democracias populares a doutrinação é reforçada por todo o poder do Estado.” Mas nem sempre é preciso o aparato de coerção: “Pertencer às massas é a grande força motriz do intelectual ‘alienado’.” É sedutor demais, especialmente para os mais

inseguros, encontrar respaldo na aprovação do grande número. É o *argumentum ad populum*, que “vence” pelo peso numérico, não por sua qualidade intrínseca. Pessoas com baixa autoestima necessitam da aprovação de quase todo mundo, querem agradar a todos.

José Ortega y Gasset, em *A rebelião das massas*, define bem tal fenômeno. O “homem-massa” é aquele homem médio, o “homem enquanto não diferenciado dos outros homens, mas que representa um tipo genérico”. Ele é como uma boia à deriva, levado pela correnteza. Tem apetites, normalmente forjados por terceiros, e pensa ter muitos direitos, mas nenhum dever. O filósofo completa:

Massa é todo aquele que não atribui a si mesmo um valor — bom ou mau — por razões especiais, mas que se sente “como todo mundo” e, certamente, não se angustia com isso, sente-se bem por ser idêntico aos demais.

No afã dessa busca por aceitação, essas pessoas criam uma casca superficial e, como o Zelig de Woody Allen, adaptam-se feito camaleões a cada ambiente e modismo. São os escravos do “marketing do comportamento”, de que Luiz Felipe Pondé nos fala em seu livro *Contra um mundo melhor*.

Segundo o filósofo, “tudo é farsa na pretensa vida superbem resolvida dessa gente superlegal envolvida em jantares inteligentes”. Tudo pelas aparências, eis a máxima de vida desse pessoal. Seus filhos já se preocupam com as crianças africanas desde a mais tenra idade, tudo é reciclado em suas casas, eles não possuem preconceito algum, enfim, representam com perfeição o ideal do politicamente correto. Eis como Pondé resume os tipos:

No fundo leem pouco, assistem à novela (mas escondem isso indo a festivais de cinema que passam filmes chatos) e fazem contas escondidos todo mês. Julgam-se herdeiros da fúria jovem dos anos de 1960, mas eles são, na realidade, a nova casta hipócrita do mundo.

Normalmente, a procura por afeto é a grande meta, e não as ações efetivas para mitigar os males que apontam. São como a personagem Grace de Nicole Kidman em *Dogville*, de Lars von Trier. Ela perdoa tudo e todos, está disposta até ao sacrifício do estupro, pois, filha de pai mafioso, sente-se culpada e um lixo humano. Parte em busca de salvação. Precisa se colocar como a melhor de todas, e estar acima de tudo, acima até mesmo das agressões chulas do pai.

Claro que ele, em um discurso fantástico na cena final, explica por que ela é a mais arrogante de todos ao se colocar nessa posição. Naquele momento de choque com a realidade, Grace acorda e decide se vingar, eliminar todos naquela vila imunda, deixando somente o cachorro vivo. O cão era o único inocente.

Esse tipo de esquerda caviar curte causas nobres no Facebook e pensa que assim se torna uma boa pessoa. A capa da bondade, da generosidade, serve para ocultar sua própria fraqueza. Basta um clique no “curtir” que a alma está lavada. Ainda mais fácil e barato do que dar esmola ao mendigo na rua, que ao menos exige um contato físico.

A covardia moral também se mostra pela inação. O agir produz o risco de erro, de falha, de encontro com suas próprias imperfeições e limites. Abraçar utopias e “salvar o planeta” do boteco chique é uma maneira de se preservar, de evitar os riscos e se manter “puro”. Típico dos seres pusilânimes. O discurso messiânico e politicamente correto pode ser uma forma de fugir da ação e conquistar aplausos fáceis, como sabia Nelson Rodrigues:

Cuidar do Vietnã, de Cuba, da África, é a melhor maneira de não fazer nada, de não sair do Antonio's, de não deixar a praia. Há todo um Brasil por fazer. E o ópio ideológico justifica e absolve a nossa deslavada ociosidade. Vamos dar vivas a Cuba e ninguém precisa mover uma palha, tirar uma cadeira do lugar.

Os covardes clamam também por um “pai” autoritário que assuma a responsabilidade por seus atos. Em *Entre dívidas e culpas: sacrifícios*, Marta Gerez-Ambertin usa Freud para avaliar a atração que líderes tirânicos exercem sobre as massas, e aqui não há necessariamente distinção de classe por renda. O fascismo, o nazismo e o comunismo atraíram pessoas de classe média ou mesmo alta. A autora diz:

Há um gradiente na relação entre insegurança subjetiva e autoritarismo. Quanto maior a insegurança subjetiva — seja por razões internas como timidez, temor, inferioridade, culpa etc., ou por razões externas como crises socioeconômicas, hiperinflação, ameaça bélica, catástrofes — maior é a tentação de se entregar nas mãos de alguém que se apresenta como salvador ou dirigente, o que incrementa o vínculo com o autoritarismo.

Ou seja, por essa ótica psicanalista, “O autoritarismo é uma posição que prevalece em alguns sujeitos que se colocam em situações de dominação ou submissão em consequência de uma subjetividade frágil”. Essa fraqueza, como alerta Francisco Razzo em seu artigo “Eu sou o tolerante e você o preconceituoso”, publicado no site *Ad Hominem*, serve para criar bodes expiatórios e monopolizar as virtudes:

A estratégia dos fracos é dar um jeito de se valer da sua condição de fracos a fim de justificar os seus piores fantasmas. Em vista disso, o objetivo ideológico principal é mostrar que os fracos são os únicos efetivamente capazes de propor um mundo melhor; mundo que só não se realiza efetivamente porque os outros não permitem.

Em suma, abraçar as bandeiras da esquerda caviar pode ser uma muleta para aqueles que não conseguem suportar a solidão e andar com as próprias pernas, ainda por cima contra a correnteza. Eles não suportam seus próprios sentimentos e preconceitos. Não suportam a responsabilidade de viver e fazer escolhas individuais. Tudo culpa dos outros!

Ao se identificarem com as “frágeis” minorias, essas pessoas partem em busca de autocomiseração, querem ser vítimas também. Como resumiu Karl Kraus, com seu incrível poder de

síntese: “A força mais energética não chega perto da energia com que alguns defendem suas fraquezas.”

11. Medo

Além da covardia moral, há a covardia física, o medo do inimigo poderoso. Após duas guerras mundiais, a segunda delas já atômica no final, muitos foram levados à esquerda caviar pelo pânico de confrontar abertamente a ameaça comunista. Temendo que a Guerra Fria se tornasse uma Terceira Guerra Mundial entre potências atômicas, vários intelectuais e artistas preferiram suavizar e relativizar o que a União Soviética realmente queria.

O grande ícone dessa postura foi Jimmy Carter, possivelmente o presidente mais medíocre que os Estados Unidos já tiveram (até chegar Obama). Sua conduta durante a Guerra Fria foi ingênua na melhor das hipóteses, e quase criminosa na pior delas. Sua covardia e seu desejo de criar um ambiente de “conversa pacífica” entre Estados Unidos e União Soviética, como se o lado de lá defendesse os mesmos ideais e nutrisse os mesmos valores, permitiu que o campo ficasse livre para o avanço do império soviético.

Carter queria ser “amigo” dos soviéticos e “trabalhar em conjunto” pela construção da paz. Restava apenas combinar com o outro lado. Como veremos mais à frente, essa postura “pacifista” é infantil e perigosa. Mas Carter tinha o apoio irrestrito da esquerda caviar, alguns sem dúvida movidos pelo medo de uma escalada da violência.

Quando Ronald Reagan foi eleito, derrotando Carter com ampla margem, a imprensa esquerdista, logo nos primeiros dias de mandato, partiu para o ataque. Reagan representava o oposto da esquerda caviar. Não era um intelectual, não tinha um discurso relativista. Ao contrário: usava uma linguagem bastante direta, colocando os pingos nos “is” sem medo de “ofender” os seus inimigos. Quando chamou a URSS de “império do mal”, a esquerda caviar surtou!

De família pobre e com pai alcoólatra, Reagan teve uma infância difícil. Mas ainda assim aprendeu valores básicos, como a crença nos direitos individuais, a desconfiança da autoridade estabelecida, a capacidade de manter uma postura positiva mesmo diante de más notícias e uma autoconfiança derivada da noção de que o conhecimento mais importante está em distinguir o certo do errado. Ele não usou sua infância difícil como justificativa para posar de vítima, e sim para aprender lições e superar os obstáculos na vida.

Um traço importante de sua personalidade, que veio a ser muito útil depois, era não se importar muito com quem fica com os créditos de uma boa ação, e sim com a ação em si. Reagan fazia analogias simples, mas que passavam bem sua mensagem. Certa vez comparou o governo a um bebê, com um canal de alimentação com apetite enorme de um lado, e nenhum senso de responsabilidade do outro.

Mas, se por um lado Reagan parecia simplista, por outro conhecia o comunismo desde os tempos

de ator em Hollywood, e sabia do que os comunistas eram capazes. Ele estava sendo fiel aos fatos. Simplesmente reproduzia as alegadas intenções dos próprios soviéticos, o que chocou os jornalistas.

O intuito da União Soviética não era a paz, e sim um governo mundial sob o domínio do marxismo, a qualquer custo. Até o terror poderia ser usado para esta finalidade. Tal era a meta *declarada* dos líderes soviéticos. Mas a esquerda caviar não queria saber disso, não queria escutar a verdade. Em parte, por medo. A última coisa que desejava era um novo confronto em escala mundial com um inimigo tão poderoso.

Coragem não é ausência de medo. Quem não tem medo pode ser apenas irresponsável ou maluco. É bom ter medo das coisas perigosas. Desde que não o paralise. O medo deve ser dominado. *Isso* é coragem. E, movidos pelo medo, esses esquerdistas resolveram poupar seus inimigos das merecidas críticas. Resolveram fechar seus olhos para a realidade.

Desta forma, conseguiram apenas fortalecê-los, incentivar um avanço ainda maior dos comunistas. A esquerda caviar, covarde, acabou servindo aos interesses dos inimigos da liberdade. Assim como hoje muitos usam os discursos relativistas sobre a ameaça islâmica pelo mesmo motivo: medo.

Foi esse mesmo sentimento que fez com que os franceses, sob a ocupação nazista, adaptassem suas vidas rapidamente, com raras e honrosas exceções (como a do general Charles De Gaulle, odiado pela esquerda caviar). Como diz Alan Riding em *Paris: a festa continuou*, “a vida cultural da França havia voltado praticamente ao normal com uma velocidade quase indecorosa”.

Não é trivial julgar os franceses dessa época difícil, incluindo inúmeros intelectuais esquerdistas. É preciso muita coragem para desafiar um regime opressor. Ainda assim, a adaptação talvez tenha sido acelerada demais. Como diz o autor: “Os visitantes que chegavam da zona não ocupada geralmente se sentiam chocados com a aparente normalidade que reinava em Paris.”

“Durante a ocupação”, comentou Sartre, trinta anos depois, “tínhamos duas escolhas: colaborar ou resistir”. Ao que parece, a resistência efetiva é sempre para poucos. O próprio Sartre, que depois acabou visto como um dos heróis da resistência, quase nada fez de concreto para merecer tanto reconhecimento. Ao contrário, ele mesmo lembrou com carinho as festas que fazia nessa época:

Por causa do toque de recolher, que durava até seis ou sete da manhã, em geral a festa ia até esse horário, para evitar flagrarem alguém entrando em casa às escondidas, no meio da noite. Começamos a fazer essas festas, como as chamavam, só de farra, sem ligação com reuniões editoriais ilegais ou algo assim.

Sob o domínio do medo, muitas pessoas encontram na distração uma fuga. Os cabarés logo voltaram ao serviço, assim como os cinemas e teatros. Desistir dessa rota de fuga e partir para o confronto exige um grau de heroísmo bastante raro. A esquerda caviar prefere jogar o jogo do poder, contemporizar com o inimigo, flexibilizar os princípios. Afinal, o show precisa continuar...

12. Niilismo

O grande escritor russo Fiodor Dostoievski retratou em *Os demônios* a essência do niilismo como força motora de alguns revolucionários. Escrito em 1872, o livro foi inspirado em um episódio verídico: o assassinato de um estudante por um grupo niilista liderado por Nietcháiev, em 1869. Muitos esquerdistas acabam atraídos por ideologias que, no fundo, representam apenas um profundo desejo de destruição ou autodestruição.

Nietcháiev era o resultado prático das teorias de Bakunin, um dos mais famosos anarquistas. Excêntrico, rebelde ao extremo, esse aristocrata desafiava todas as convenções burguesas. Como tantos outros anarquistas e socialistas, Bakunin era, por nascimento, um senhor rural, que teve educação refinada. Estudou em Paris e obteve seu grau de doutor em Pádua. Sua mulher também era de importante família.

Em suma, Bakunin veio da elite, e resolveu combater tudo o que ela representava, o que lhe permitiu chegar onde chegou. Ele tinha na família tradicional uma grande inimiga, objetivando destruir os laços de transferência de valores de geração para geração. Em tom de fanatismo religioso, exalta o futuro promissor:

Haverá uma transformação qualitativa, uma nova maneira de viver, uma revelação que será como dádiva de vida, um novo paraíso e uma nova Terra, um mundo jovem e poderoso no qual todas as nossas atuais dissonâncias serão resolvidas, transformando-se num todo harmonioso.

Que glorioso futuro! Um mundo sem conflitos, sem dissonâncias, onde cada um forma um todo perfeito. Mas, para criar tal “paraíso”, naturalmente seria necessário *destruir* o mundo que temos hoje, *implodir* os pilares dessa sociedade carcomida, em estado de putrefação. E foi assim que Bakunin, como alguns antes e muitos depois, apresentou a receita do sucesso:

Confiemos no eterno espírito que destrói e aniquila apenas porque é a inexplorada e eternamente criativa origem de toda a vida. A ânsia de destruir é também uma ânsia criativa.

Não sei quanto ao leitor, mas, quando leio essas passagens, não posso evitar o pensamento de que seria muito melhor para o mundo se gente com tamanho descontentamento com a vida e tanta sede por destruição simplesmente procurasse um bom psicanalista, ou quem sabe pegasse um pedaço de pau e destruísse o *seu* quartinho confortável arrumado pela empregada. Mas que deixasse os outros em paz!

Theodore Dalrymple, falando sobre Bakunin, reconhece que o ato de destruir é, em si, divertido para muitos. Quando encontram uma suposta causa que justifica a destruição, aí é uma festa! Essa combinação atrai muita gente para a esquerda caviar raivosa, que alimenta um constante desejo de destruição. Fernando Pessoa foi outro que percebeu o teor destrutivo do comunismo. Ele escreveu:

O comunismo não é um sistema: é um dogmatismo sem sistema — o dogmatismo informe da brutalidade e da dissolução. Se o que há de lixo moral e mental em todos os cérebros pudesse ser varrido e reunido, e com ele se formar uma figura gigantesca, tal seria a figura do comunismo, inimigo supremo da liberdade e da humanidade, como o é tudo quanto dorme nos baixos instintos que se escondem em cada um de nós. O comunismo não é uma doutrina porque é uma antidoutrina, ou uma contradoutrina. Tudo quanto o homem tem conquistado, até hoje, de espiritualidade moral e mental — isto é de civilização e de cultura —, tudo isso ele inverte para formar a doutrina que não tem.

Em *United in Hate*, Jamie Glazov tenta explicar a paixão dos intelectuais de esquerda por tiranos. O assunto é bastante pessoal para ele, que foi ainda criança levado, pelos pais, da União Soviética para os Estados Unidos, fugindo de uma tirania. Qual não foi a surpresa da família ao descobrir que muitos intelectuais americanos defendiam justamente aquele regime totalitário, e ainda tentavam silenciar as verdades que eles, tendo sofrido na própria pele, revelavam!

Para Glazov, esse crente esquerdista começa sua jornada totalitária com um agudo senso de alienação em sua própria sociedade — alienação que ele é totalmente cego para enxergar. Em negação com suas próprias falhas, que o impedem de criar um elo com seu povo, o crente se convence de que há algo profundamente errado com sua sociedade. Sem conseguir se encaixar direito nela, deseja ardentemente colocar um fim nessa angústia — e na sua própria sociedade.

Em uma linha parecida foi Eric Hoffer, em seu clássico *The True Believer*, escrito em 1951. Para Hoffer, um dos principais motivos de adesão a tais seitas revolucionárias é a angústia que a autonomia traz para o indivíduo. Temos uma tendência de culpar forças exógenas pelos nossos fracassos, e as pessoas frustradas com suas vidas acabam desenvolvendo um fervor por mudanças radicais.

Os movimentos de massa oferecem a sensação de um poder irresistível do grupo monolítico. As angústias individuais poderão ser diluídas nos atos conjuntos, isentos de responsabilidade. A psicologia das massas, como sabia Gustave Le Bon, atua para dar vazão ao ódio e ao desejo de destruição de cada membro do grupo. Ele escreve em seu famoso livro *The Crowd: A Study of the Popular Mind*:

Uma massa é como um selvagem; não está preparada para admitir que algo possa ficar entre seu desejo e a realização deste desejo. Ela forma um único ser e fica sujeita à lei de unidade mental das massas. Como tudo pertence ao campo dos sentimentos, o mais eminente dos homens dificilmente supera o padrão dos indivíduos mais ordinários. Eles não podem nunca realizar atos que demandem elevado grau de inteligência. Em massas, é a estupidez, não a inteligência que é acumulada. O sentimento de responsabilidade que sempre controla os indivíduos desaparece completamente. Todo sentimento e ato são contagiosos. O homem desce diversos degraus na escada da civilização. Isoladamente, ele pode ser um indivíduo; na massa, ele é um bárbaro, isto é, uma criatura agindo por instinto.

Os indivíduos, fazendo parte de um grupo com certas características coletivistas, adquirem um

sentimento de invencibilidade que os permite seguir instintos os quais seriam barrados caso estivessem sozinhos. Um caso típico é o linchamento público, ou a agressividade das torcidas organizadas. Ann Coulter, em seu livro *Demonic: How the Liberal Mob Is Endangering America*, usa Le Bon para mostrar como a esquerda atual é um movimento de massas. Ela descreve o fenômeno:

A multidão é um organismo infantil, irracional, muitas vezes violento, que deriva sua energia do grupo. Intoxicado por objetivos messiânicos, a promessa de gratificação instantânea, e exortações que injetam adrenalina, as multidões criam desordem, caos e destruição, deixando uma pilha de destroços fumegantes para seus líderes subirem ao poder.

Movidas por paixão, demonizando seus oponentes, idolatrando seus ícones, contando com frases prontas e simples, além de imagens em vez de argumentos, as multidões são levadas a atos violentos, intimidadores, agressivos. A repetição incessante desses mesmos slogans cria o efeito de contágio, em que a lógica dos argumentos não tem mais vez. Líderes populistas abusam disso, como sabia Karl Kraus: “O segredo do agitador consiste em parecer tão idiota quanto seus ouvintes, de modo que eles acreditem ser tão inteligentes quanto ele.”

O grau de idolatria que Obama despertou mostra claramente isso. Coulter especula que, talvez pelo fato de os esquerdistas modernos não acreditarem em Deus, eles precisem de deuses de carne e osso. Pode ser. Mas o fato é que é constrangedor ver tanta reverência a um líder, beirando o fanatismo religioso. Não há nada análogo do lado dos liberais e conservadores, que costumam apontar, eles próprios, as várias falhas de seus líderes.

Essa realidade não é exclusividade americana. Quando Obama foi discursar em Berlim, na Alemanha, o repórter Brian Williams, da NBC, comentou que foi espantoso o fervor da multidão que atraiu. Pessoas subiam umas nas outras para tentar chegar mais perto dele. Era difícil imaginar algum outro líder político capaz de mobilizar tanta gente assim, como se fosse um *popstar*. Qual foi mesmo o último que conseguiu tal façanha em Berlim?

A pessoa pode ser rica, inteligente e bem articulada, mas ainda assim sofrer desse sentimento anti-indivíduo, buscando refúgio em algum ente coletivo. Precisa de uma válvula de escape coletivista, de algum grupo com o qual se identifique, podendo assim anular suas falhas como indivíduo. A destruição do “eu” é o objetivo final. Por trás dessa fuga, muitas vezes está um grande complexo de inferioridade.

O sentimento de angústia por falta de contato verdadeiro com sua sociedade, uma espécie de ódio a si próprio, isso pode levar o intelectual e o artista à defesa de ideologias e regimes coletivistas totalitários que pregam a destruição de sua própria sociedade. O coletivismo serve como escudo para suas inseguranças individuais.

Se ele se dissolver nessa massa amorfa, sua dor poderá ser dissipada, sua culpa por viver melhor poderá ser reduzida, caso se identifique com as vítimas do “sistema”. Uma pulsão de morte alimenta seu niilismo e, quanto mais violento for o líder, melhor. Ele roga por destruição, que colocará fim em suas angústias insuportáveis.

Essa visão escatológica sempre seduziu muita gente. O apocalipse, as profecias de Nostradamus, as projeções de Malthus, o alarmismo com a vingança de Gaia, o Dia do Juízo Final, em que todos enfrentarão a ira “divina”, e *eles*, aqueles que parecem tão mais felizes e em sintonia com a vida, serão destruídos, enquanto *nós*, os escolhidos, seremos finalmente recompensados pelo sacrifício. A ideia do fim do mundo, ou ao menos *desse* mundo, sempre foi fácil de ser vendida para uma legião de insatisfeitos.

Os niilistas usam tais ideologias para dar vazão à sua revolta, ao seu desejo de destruir. Che Guevara, curiosamente retratado por alguns como um pacifista, deixou registrado em seu diário sua euforia com o odor de sangue, explicitando sua vontade de matar. Veremos em mais detalhes o perfil desse facínora depois, que curiosamente é tido por muitos como um idealista romântico que buscava a justiça social.

Seu discípulo brasileiro mais fiel, o guerrilheiro Carlos Marighella, que já foi até homenageado em música de Caetano Veloso, também tinha clara inclinação à violência. O historiador Marco Antonio Villa, analisando a recente biografia sobre o comunista em um artigo na *Folha*, resumiu bem: “O que não se vê é qualquer ato de busca de apoio popular, de organização, de traçar algum objetivo no campo democrático. Tudo se resume à ação terrorista, à violência.”

A guerrilheira holandesa Tanja Nijmeijer, das Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), afirmou que não imagina a sua vida fora do grupo terrorista, ao qual aderiu há uma década: “Não posso voltar atrás nem quero voltar atrás.” Filóloga de 34 anos, disse isso em entrevista exclusiva à AFP na Praça da Revolução, em Havana, diante da imagem do guerrilheiro Che Guevara, a quem “todos os membros das Farc adoram”.

“Sinto-me realizada como guerrilheira das Farc e não sei o que teria sido de mim. De repente seria dona de casa, teria três filhos, estaria divorciada, mas isso não teria me realizado da forma que me realiza ser guerrilheira”, acrescentou. A imagem de esposa e mãe lhe dá calafrios, e sua “realização” só é possível pela violência, pela luta armada, pela revolução.

Um niilista se torna uma máquina de matar mais eficiente quando encontra uma desculpa ideológica para tanto. E acaba virando ídolo da esquerda caviar, que simpatiza com seus fins, mas raramente tem coragem para adotar os mesmos meios. A esquerda caviar acaba, então, aplaudindo o guerrilheiro do conforto de seu ar-condicionado, eventualmente financiando os instrumentos de sua violência, como a compra de armas, ou enaltecendo seus atos em filmes e livros. Como resumiu David Horowitz em um debate recente, os liberais e conservadores são construtores, enquanto boa parte da esquerda é formada por destruidores.

O melhor exemplo desse niilismo foi o suicídio coletivo liderado por Jim Jones em “Jonestown” (quão egocêntrico!), na Guiana. Marxista fanático, fã de Mao Tsé-Tung e de Fidel Castro, Jones queria criar sua comunidade utópica a todo custo. Até no Brasil veio parar em busca de um local para seu “templo” comunista, de onde ninguém podia sair.

Sua empedernida luta pela “justiça social” acabaria com a morte de novecentas pessoas, incluindo dezenas de crianças que tomaram cianeto. Comunismo é veneno. Jim Jones deixou uma mensagem gravada, onde diz que seu grupo não cometeu suicídio, e sim um ato de “suicídio revolucionário” para protestar contra o mundo desumano. Desumano, como fica claro, é o niilismo que alimenta

maluquices coletivistas e ideologias assassinas.

13. Síndrome de Estocolmo

No dia 23 de agosto de 1973, três mulheres e um homem foram usados como reféns em um assalto a banco em Estocolmo, na Suécia. O assalto estendeu-se por seis dias, e, para surpresa geral, os reféns acabaram protegendo seus raptadores. De fato, meses depois, duas das reféns chegaram a casar com seus algozes. Desde então, chama-se “síndrome de Estocolmo” esse fenômeno psicológico, quando o refém demonstra afeição por seu raptor. Uma parte da esquerda caviar sofre dessa patologia.

Quanto mais o sujeito bate na riqueza, no capitalismo, na burguesia, no estilo de vida ocidental, mais o rico capitalista burguês do Ocidente parece se encantar com ele. Um ditador ameaça destruir toda Nova York com uma bomba atômica? Ele é defendido pelo rico que vive em Nova York. Um tirano chama de porco todo aquele empresário rico? O empresário rico não só o aplaude, como financia o projeto de poder do tirano.

Trata-se de algo muito estranho, mas que ocorre com certa frequência. É a esquerda “mulher de malandro”, que gosta de apanhar, que goza com o seu masoquismo, que treme de prazer diante de um inimigo viril, tal como a mulher que apanha do marido mas é incapaz de abandoná-lo. Fidel Castro representou essa figura para muitos da esquerda caviar, seguido por Hugo Chávez.

Em *The Oslo Syndrome: Delusions of a People under Siege*, Kenneth Levin trata justamente desse assunto, tendo a elite de Israel como foco. Descreve que a síndrome de Estocolmo é uma resposta comum entre populações cronicamente sitiadas, quando minorias são alvo de discriminação, difamação e ataques. O mesmo vale para pequenas nações sob persistente ataque dos vizinhos.

As pessoas que vivem sob tais condições estressantes muitas vezes optam por aceitar, pelo valor de face, os ataques de seus acusadores, na esperança de, assim, escapar dessa situação. Não suportam mais tanta perseguição e acabam desenvolvendo uma visão ilusória sobre seus inimigos, como mecanismo de autodefesa.

A recente “paixão” pelo Islã radical pode ter, em muitos casos, essa origem. Após o atentado de 11 de setembro de 2001, muitos americanos tentaram racionalizar a ameaça terrorista, suavizar o lado de lá, ou mesmo culpar os próprios americanos pelo ocorrido, na ilusão de que, assim, sua nação ficaria livre dos perigos que enfrenta.

“Se eu for bonzinho e concordar com meu inimigo, talvez ele me deixe em paz.” Esse parece ser o pensamento típico dessa ala da esquerda caviar, que nunca aprende com a história. Aliás, aprendemos com a história que poucos aprendem com ela mesmo.

O calcanhar de aquiles de Israel em particular, e do Ocidente em geral, segundo Levin, é justamente a incapacidade psicológica de se defender dos ataques de que são vítimas. Depreciando tudo aquilo que possuem de bom e enaltecendo uma visão romantizada dos inimigos, essas pessoas alimentam fantasias de que sua própria abnegação e suas concessões serão suficientes para garantir a

paz. Algo análogo a uma madame achar que um olhar de carinho será suficiente para convencer o jovem marginal a não assaltá-la.

Ahmadinejad, o ex-ditador iraniano e quase atômico, torna-se assim o queridinho da esquerda caviar, ao mesmo tempo que promete destruir tudo aquilo caro ao Ocidente. Bate mais, que eu gosto!

14. Ressentimento

O mundo é um lugar complexo. Milhões de indivíduos interagem a cada segundo, com interesses distintos, habilidades diferentes, objetivos díspares. O acaso faz parte de nossas vidas. Não é possível apreender tudo que se passa, tampouco é viável controlar os eventos. Devemos respeitar o imprevisto, o imponderável. Mas isso incomoda muita gente, que adoraria simplificar sobremaneira os acontecimentos da história.

É muito mais fácil explicar o mundo com base em teorias conspiratórias. Visões maniqueístas servem para reduzir bastante o grau de incerteza, as regiões cinzentas. Tudo é preto ou branco, nós ou eles. Os bodes expiatórios surgem como alvos perfeitos nessa busca por reducionismo. O mundo é um lugar ruim? É culpa *deles*! Eles, aqui, podem ser classe, capital, um povo.

Como escreve Charlie Campbell em seu livro *Scapegoat: A History of Blaming Other People*, no começo havia a culpa: Adão culpou Eva e Eva culpou a serpente, e desde então nós somos mestres na arte de responsabilizar outros por nossos atos. Esse seria o nosso pecado original, essa recusa em aceitar a responsabilidade por nossas ações.

A humanidade sempre buscou imolar bodes expiatórios para se livrar de seus pecados. O Cristianismo tem em seu fundador esse papel de mártir que assume todos os pecados do mundo nas costas. Os incas sacrificavam crianças para os deuses. As “bruxas” eram perseguidas para aplacar a angústia do desconhecido e a misoginia, que fala desse real feminino que nos escapa.

Para o autor, nós ainda ansiamos por explicações simples para acontecimentos complexos, e não podemos nos controlar muito na hora de considerar o outro responsável quando as coisas dão errado. Mas, se antes era culpa dos deuses e era possível apelar para bodes expiatórios místicos, na era do cientificismo moderno isso não é mais viável. Eis que surge o capitalismo, de preferência representado pela figura dos judeus, para atender a esse anseio popular.

O escritor Umberto Eco, em seu romance *O cemitério de Praga*, também trata do tema. Alerta sobre como é perigoso selecionar uma “raça” como bode expiatório para todos os males do mundo, um alerta válido e sempre atual. O mesmo vale para classe. Os homens parecem inclinados a crer em teorias conspiratórias que simplificam um mundo complexo e jogam a responsabilidade de nossos problemas para ombros alheios. Se tais ombros forem de uma classe ou um povo minoritário e facilmente identificável, então o trabalho é mais fácil ainda.

Por trás do encanto pelas teorias conspiratórias jaz o ressentimento. Umberto Eco coloca essas palavras em seu personagem:

A que aspira cada um, tanto quanto mais desventurado for e pouco amado pela sorte? Ao dinheiro e, conquistado esse sem fadiga, ao poder (que volúpia em comandar um semelhante e em humilhá-lo!) e à vingança por todos os agravos sofridos (e todos sofreram na vida ao menos um agravo, por menor que tenha sido). [...] Afinal, pergunta-se cada um, por que fui desfavorecido pela sorte (ou ao menos não tão favorecido quanto gostaria), por que me foram negados benefícios concedidos a outros menos merecedores do que eu? Como ninguém pensa que suas desventuras possam ser atribuídas à sua mediocridade, eis que se deverá identificar um culpado.

Logo, muitos desejam encontrar esse grupo, essa classe, essa raça responsável por seus problemas e suas misérias. O trabalho do criador de complôs fica então bastante facilitado, pois encontra um público ávido por suas invenções e mentiras. “Convém que as revelações sejam extraordinárias, perturbadoras, romanescas. Somente assim tornam-se críveis e suscitam indignação.”

Além disso, “você jamais deve criar um perigo de mil faces, o perigo deve ter uma só, senão as pessoas se distraem”. Os judeus, povo durante muito tempo sem pátria e, portanto, minoritário, relativamente fácil de ser identificado pelo nariz adunco e com muitos casos de sucesso material, eram um alvo evidente para as teorias conspiratórias. Como disse Hermann Rauschning: “Se o judeu não existisse, teria que ser inventado. Precisamos de um inimigo visível e não apenas de um inimigo invisível.”

Foi dessa forma que nasceu *Protocolos dos sábios de Sião*, um conjunto de textos mentirosos que imputavam aos judeus um complô para dominar o mundo. Forjado pela polícia secreta do czar Nicolau II, ganhou inúmeras traduções pelo mundo todo, ajudando a disseminar o antissemitismo.

Quando a peste negra atacou a Europa no século XIV, vários acusaram os judeus. De 1348 a 1351, mais de duzentas comunidades judaicas foram exterminadas na Alemanha. O “Caso Dreyfus”, já no século XIX, na França, foi outro exemplo dessa busca implacável por um bode expiatório envolvendo judeus.

O oficial Alfred Dreyfus foi acusado injustamente, sem provas, pois era preciso encontrar um culpado para as derrotas francesas. A conivência foi ampla. Émile Zola, justiça seja feita, escreveu seu famoso artigo *J'accuse*, em forma de carta ao presidente da República Francesa, acusando os generais e os oficiais responsáveis pelo erro judicial. Mas muita gente da esquerda não acompanhou a revolta, pois associava os judeus aos ricos capitalistas.

Era já um prenúncio do que viria no futuro, mais precisamente na Segunda Guerra, um sinal do caminho aberto para o governo fantoche de Vichy, controlado pelos nazistas sob espantosa vista grossa, ou mesmo com o apoio, de muitos franceses de esquerda. Como mostra Alan Riding em *Paris: a festa continuou*:

Uma das características mais surpreendentes da extrema direita é que incluía um grande número de figuras importantes vindas do Partido Comunista e que, a despeito de sua posição de direita, continuavam a se considerar socialistas.

Nada mais reconfortante para os medíocres do que crer que seus infortúnios são obra de uma cúpula pequena reunida em locais secretos para construir complôs e dominar a humanidade. É tudo culpa *deles*. E assim os fracassados alimentam o ódio que aquece suas almas pequenas. E todos temos nossa cota de fracassos.

O autor relata que, antes do fim de 1942, a França já deportara quase 37 mil judeus, incluindo mais de 6 mil crianças. Ao todo, cerca de 80 mil judeus foram enviados aos campos de extermínio, e só 2 mil sobreviveram. Os oficiais de Vichy tentaram se defender. Pensavam, segundo afirmaram, que os judeus fossem mandados para trabalhar na Alemanha.

“É necessário algum desenvolvimento intelectual para se acreditar no acaso; o primitivo, o ignorante e também uma criança já sabem atribuir uma razão para tudo o que acontece”, disse Sigmund Freud. A angústia de viver sabendo que desgraças simplesmente acontecem, sem necessariamente uma causa específica, leva muitos à busca de bodes expiatórios — vivos ou mortos. Há os vilões espirituais também, como o *karma* de vidas passadas, os espíritos malignos, a “energia” negativa dos inimigos etc.

Além disso, a liberdade demanda responsabilidade, e muitos fogem daquela por medo desta. Ao aceitar o livre-arbítrio, ao reconhecer que podemos não ter o controle de tudo em nossa volta, mas que temos ao menos *algum* controle sobre como reagir aos estímulos de fora, o sujeito precisa se implicar, precisa carregar o fardo de suas escolhas, para o bem ou para o mal. Se o sucesso tem boa dose de mérito, então o fracasso tem sua parcela de responsabilidade. Não é fácil tolerar isso.

É muito comum ver as pessoas se esquivando o tempo todo da responsabilidade por seus atos. Elas não têm escolha; são vítimas. Mas aqui também a vitimização é seletiva e, portanto, hipócrita. A psicóloga que acaba de sair da entrevista em que defendeu a tese de que os criminosos são vítimas sociais, de que os viciados em crack não tiveram escolhas, perde a estribeira se descobrir que seu marido estava no motel com uma amante.

Ora, ele não é também uma vítima dos traumas de infância? Ou passou repentinamente a ter liberdade de escolha para ser julgado por seus atos? Agora é um “cachorro”, um “salafrário”, um “canalha”? Mas o que dizer, então, do outro, que roubou, que estuprou uma inocente? Esse não precisa responder por seus atos monstruosos? Esse é vítima? Karl Kraus tinha um aforismo bom para isso:

Quando alguém se comportou como um animal, ele diz: “Ora, eu sou só um ser humano!” Mas quando é tratado como animal, ele diz: “Ora, eu também sou um ser humano!”

A esquerda caviar demonstra essa tendência dos ressentidos, a de buscar um bode expiatório para seus problemas, erros e angústias, e por isso gosta tanto de uma teoria conspiratória. Os capitalistas,

os neoliberais, os banqueiros, os judeus, esses são os responsáveis pela miséria do mundo, pelos infortúnios das pessoas, pela pobreza dos pobres, por minhas angústias e erros. Eles, não eu, têm as rédeas de minha vida. Se ao menos fossem eliminados...

O cantor e escritor Lobão, em seu livro *Manifesto do nada na terra do nunca*, pescou com exatidão esse ressentimento típico da nossa esquerda *intelectualoide*, que tenta calar o oponente para não escutar certas verdades. De maneira irreverente, como de praxe, diz:

Aliás, o intelectual de esquerda é o campeão mundial da punheta de pau mole, não é verdade? Sempre deprimido, paranoico, ressentido, sempre vitimizado por complôs cósmicos, sempre pronto para eliminar suas contradições na base do grito.

Para o roqueiro, a esquerda, que o cativou em determinada fase da vida, era formada por “um bando de frouxos, opacos, desprovidos de qualquer estilo que não fosse o arquétipo do desgrenhado barbudo de sandália de couro, se vitimizando de tudo e de todos, recalcado com o brilhantismo alheio”. É ou não um bom resumo da coisa?

15. Infantilidade

Amadurecer significa reconhecer restrições, limites, contemporizações necessárias na vida em sociedade. Abrir mão de uma “liberdade plena” em troca das vantagens infinitamente maiores na vida social.

Aristóteles já percebera que o homem é um “animal social”. Quem não é impelido a estar com outros homens, dizia, “ou é um Deus ou um bruto”. Como nenhum ser humano é perfeito, então aquele que se mostra totalmente indiferente aos homens, mesmo aos piores, só pode ser um bruto.

No fundo, todos nós necessitamos do convívio social, ainda que a sociedade seja vista como uma espécie de “baile de máscaras”, com seus ritos hipócritas e regras bobas de civilidade. Para Freud, estamos fadados a experimentar o “mal-estar na cultura”, a recalcar certos impulsos em nome da civilização.

As possibilidades de satisfação individual são reduzidas nesse convívio, mas a alternativa é ainda pior. Renunciar a certos impulsos, ou sublimá-los, passa a ser questão de sobrevivência do próprio indivíduo na cultura. O recalque de alguns desejos ou impulsos é estrutural do homem maduro, ainda que neurótico. Por outro lado, “as exigências de amor da criança são ilimitadas, demandam exclusividade e não admitem compartilhar nada”, sabia Freud.

Alguns não aceitam tais limites e restrições, e anseiam pela liberdade “total”. Pensam que, entre os desejos e os atos, nada deve ficar no caminho. São os que não aderem ao pensamento de Viktor Frankl, judeu preso em campo de concentração nazista, que ainda assim sabia que, “entre o estímulo

e a resposta, o homem tem a liberdade de escolha”.

Mário Vargas Llosa, escrevendo sobre o livro *O estrangeiro*, de Albert Camus, constata que o personagem principal, Meursault, não aceita “jogar o jogo” da sociedade, repleta de hipocrisias e máscaras. Ele se recusa a ser um ator no teatro da vida. Mas, conforme lembra Vargas Llosa, “não existe sociedade, quer dizer, convivência, sem um consenso dos seres que a integram, de respeito a certos ritos ou formas que devem ser respeitadas por todos”.

Sem isso, haveria apenas uma “selva de bípedes libérrimos onde somente sobrevivem os mais fortes”. Meursault pode não saber, mas também interpreta um papel: o de “ser livre ao extremo, indiferente às formas entronizadas da sociabilidade”. Vargas Llosa acredita que “no fundo de todos nós existe um escravo nostálgico, um prisioneiro que queria ser tão espontâneo, franco e antissocial” como o personagem de Camus.

Mas mesmo os espíritos mais livres reconhecem que há um preço a se pagar pela cultura, qual seja, o de renúncia à soberania absoluta, aos impulsos que poderiam colocar em risco a vida em sociedade. Se todos fossem puro “instinto”, até a instituição da família estaria em perigo, e com ela os próprios indivíduos.

O parecer de Vargas Llosa não é favorável ao tipo “libertário” representado por Meursault. Em sua opinião, o estrangeiro de Camus vive num mundo desumanizado, e mostra a “imagem deprimente de um homem a quem a liberdade não engrandece moral ou culturalmente; talvez, destrua sua espiritualidade e o prive de solidariedade, de entusiasmo, de ambição, e o torne passivo, rotineiro e instintivo, num grau pouco menos que animal”. Um bruto no sentido aristotélico.

Essa postura infantilizada pode explicar a adesão de muita gente à esquerda caviar. Em *A sociedade que não quer crescer*, Sergio Sinay dissecou essa era moderna onde adultos mais parecem “crianças infladas”, ou “adulescentes”. Simone de Beauvoir pensava que um adulto era justamente isso: uma criança inflada. Mas Sinay considera isso uma ladainha. E está certo.

Maturidade exige renúncia, sacrifício, responsabilidade, compromisso. Tudo aquilo de que muitos adultos modernos fogem como o diabo da cruz. Talvez para aplacar sua angústia existencial, esses adultos desejam permanecer jovens para sempre, e agem como tal. Como disse João Pereira Coutinho: “No fundo, no fundo, quem deseja que a vida seja uma adolescência permanente nunca deixou verdadeiramente a adolescência.”

São colegas de seus filhos, e delegam a responsabilidade de educá-los a terceiros. O mundo deve ser um grande parque de diversões, e só o “aqui e agora” tem importância. Não há mais tempo ou paciência para se construir vínculos ou obras duradouras. A satisfação instantânea dos caprichos passa a ser o único objetivo. Nas palavras de Sinay:

Uma sociedade empenhada em permanecer adolescente vive no imediatismo, na fugacidade, nas rebeliões arbitrarias que a nada conduzem, na confrontação com as regras — com qualquer regra, pelo simples fato de existirem —, no risco

absurdo e inconsciente, na fuga das responsabilidades, na ilusão de ideais tão imprevistos como insustentáveis, na absurda luta contra as leis da realidade que obstruem seus desejos volúveis e ilusórios, na rejeição ao compromisso e ao esforço fecundo, na busca do prazer imediato, ainda que se tenha que chegar a ele através de atalhos, na confusão intelectual, na criação e adoração de ídolos vaidosos colocados sobre pedestais sem alicerces.

Uma pessoa madura aceita ser criticada e aproveita as críticas para crescer. Não se entrega à autocompaixão, não espera ser tratada como especial pelos outros. Enfrenta as emergências com serenidade, aceita a responsabilidade de seus atos sem usar desculpas como escudo, supera a visão de que é “tudo ou nada” na vida, aprende que não é o árbitro do universo e que terá de ajustar a sua vontade à conveniência dos outros muitas vezes. Sabe perder, e não se preocupa indevidamente com coisas que não pode remediar.

Essas características são destacadas no livro *Valores morais e espirituais da educação*, que faz parte do programa das escolas de Los Angeles, na Califórnia. Essa lista mostra com exatidão características ausentes na típica esquerda caviar infantilizada. Pelo visto, porém, também os alunos californianos andam ignorando tais lições, pois o estado representa o ícone da esquerda caviar americana, que age como um adolescente imaturo.

É um traço da época moderna, desde os anos 1960, confundir os desejos com os direitos; pensar que devemos ser livres para fazer tudo aquilo que temos vontade. Edmund Burke discordava totalmente e pensava que os homens só estão qualificados para a liberdade civil na exata proporção em que capazes de controlar seus apetites, de colocar correntes morais segurando seus caprichos. Como escreveu Pondé em um artigo:

A maioria das pessoas quer apenas comprar, divertir-se, ter uma autoestima alta, gozar livremente, não sentir culpa alguma; enfim, ter uma vida moral de criança de dez anos de idade.

Crianças não costumam ser ponderadas, não possuem muitos freios internos para suas vontades. Cada vez mais adultos agem da mesma forma. Esse fenômeno de infantilização tem sido notado por muita gente. Mark Steyn, em *After America*, constata uma realidade infeliz, mas cada vez mais comum no Ocidente:

O politicamente correto é o fim autoritário de uma ampla infantilização. [...] O mundo ocidental vive em um estado cada vez maior de vida adulta postergada. Nós entramos na adolescência cada vez mais cedo e a deixamos cada vez mais tarde, se realmente a deixamos.

Essa tendência ganhou força principalmente a partir da década de 1960, com todo aquele discurso de sexo livre, de abolição de todas as amarras sociais, que prometia um mundo novo sem barreiras para a felicidade. Seu lema era: “É proibido proibir.” Ou então: “Faça amor, não guerra.” Um canto da sereia para os mais jovens, principalmente.

Herbert Marcuse, Wilhelm Reich, Alfred Kinsey e outros intelectuais convenceram o Ocidente de que a sexualidade irrestrita (e precoce) era o caminho para a felicidade “plena”, e que a repressão sexual e a família burguesa eram nada mais do que máquinas de patologias. Fizeram misturas bizarras entre Freud e Marx, distorcendo o primeiro, que sabia da importância do recalque para sustentar a civilização. Em vez de usar o nome do psicanalista, esses libertinos revolucionários deveriam *ler* Freud:

Assim, talvez tenhamos de ser forçados a nos reconciliar com a ideia de que é absolutamente impossível harmonizar os clamores de nossa pulsão sexual com as exigências da civilização: de que, em consequência de seu desenvolvimento cultural, a renúncia e o sofrimento, bem como o perigo de extinção no futuro mais remoto, não podem ser evitados pela humanidade.

Mas se Freud, por um lado, reconhece os limites e freios necessários à pulsão sexual para a própria sobrevivência da humanidade, também enxerga, por outro, o que há de positivo nisso, para além da simples sobrevivência de nossa espécie, uma vez que seres humanos não são meros primatas:

A própria incapacidade da pulsão sexual de produzir satisfação completa, tão logo se submete as primeiras exigências da civilização, torna-se a fonte, no entanto, das mais nobres realizações culturais que são determinadas pela sublimação. [...] Parece, portanto, que a diferença irreconciliável entre as exigências das duas pulsões — a sexual e a egoísta — tornou os homens capazes de realizações cada vez melhores, conquanto sujeitos, é verdade, a um perigo constante, ao qual, sob a forma de neurose, sucumbem hoje os mais fracos.

Engajar-se em causas revolucionárias pode ser um ótimo pretexto para fugir dos controles morais ou legais da sociedade, para consumir drogas, praticar orgias, para cair em aventuras como se não houvesse amanhã. *Carpe Diem!* Aqueles famosos hedonistas que vivem tais vidas se tornam ídolos de uma legião de seguidores infantis. Quanto mais depravados forem, mais sucesso farão. Alguns ainda usam, de forma absurdamente injusta, o nome de Epicuro para tanto.

O filósofo grego nada tem a ver com essa mentalidade hedonista superficial. Na carta a Meneceu, afirma que “nem todo o prazer é digno de ser desejado”, da mesma forma que nem toda dor deve ser evitada incondicionalmente. A deturpação do conceito de prazer usado por Epicuro foi algo que ocorreu durante a sua vida, e ele teve, portanto, a oportunidade de rebater:

Quando dizemos, então, que o prazer é a finalidade da nossa vida, não queremos referir-nos aos prazeres dos gozadores dissolutos, para os quais o alvo é o gozo em si. É isso que creem os ignorantes ou aqueles que não compreendem a nossa doutrina ou querem, maldosamente, não entender a sua verdade. Para nós, prazer significa: não ter dores no âmbito físico e não sentir falta de serenidade no âmbito da alma.

Em outras palavras, ataraxia. John Stuart Mill também veio em defesa de Epicuro contra tais

hedonistas: “Quando assim atacados, os epicuristas sempre responderam que não são eles, mas seus acusadores, que representam a natureza humana sob uma luz degradante, já que a acusação supõe os seres humanos como incapazes de sentir um prazer distinto do que sentem os suínos.” Epicuro, por exemplo, valorizava muito a amizade e as conversas elaboradas.

Mas o hedonista moderno, filhote dos anos 60 e do “sexo livre”, não quer saber dessas coisas. E sequer aceita o conceito de uma moralidade minimamente objetiva. É como um adolescente com apetite insaciável. O exemplo que Sergio Sinay usa é o do maior ícone da esquerda caviar de seu país:

Uma sociedade é adolescente quando carece de critérios para distinguir entre as habilidades futebolísticas de seu maior ídolo esportivo, Diego Maradona, e suas condutas irresponsáveis, sua ética duvidosa, seus valores acomodaticios; quando acredita que aquelas habilidades justificam tais “desvalores” e quando, assim como um adolescente, os vê como um tributo invejável.

Drogas, sexo, e socialismo! A revolução sexual capitaneada pela esquerda caviar iria libertar homens e mulheres de suas correntes burguesas e hipócritas. Claro que o resultado prático, como sempre, foi o oposto daquele prometido, especialmente nas classes mais baixas, que costumam pagar o preço dos experimentos sociais paridos nos escritórios da *intelligentsia*.

No auge dessa revolução, mudanças profundas ocorriam na maior máquina de propaganda existente: Hollywood. Peter Biskind, em *Easy Riders, Raging Bulls*, mostra como a década de 1970 foi fascinante para a indústria cinematográfica, subvertendo todos os pilares tradicionais. Diretores e atores antenados na contracultura, revoltados com o “sistema”, especialmente com a Guerra do Vietnã, chegaram ao poder nos estúdios e divulgaram seus ideais libertinos.

Filmes como *Easy Rider* fizeram enorme sucesso, colocando em pauta, para o choque dos produtores tradicionais e de muitos espectadores, o consumo desenfreado de drogas e o “sexo livre”. O próprio Dennis Hopper afirmou que foi fundamental para a popularização do consumo de cocaína. Enquanto os tradicionais bandidos eram retratados com glamour, os instrumentos de ordem do sistema, como a polícia e os juízes, transformavam-se nos novos vilões.

Mas, enquanto a garotada gritava por “paz e amor”, em meio ao consumo de drogas e orgias, a realidade desses mesmos gurus da contracultura era oposta. Hopper, um completo desequilibrado, espancava sua mulher, que temia ser morta por ele. E o caso mais chocante, sem dúvida, foi o de Charles Manson, que teria planejado o assassinato da esposa de Roman Polanski, entre outras pessoas. A nova Hollywood navegava em profunda rebeldia e glamourizava tudo que era excêntrico. Nem tudo na vida real, porém, era divertido como nas telas dos cinemas.

Não quero cair na tentação comum de idealizar o passado, como fazem os saudosistas. O alerta de David Hume, tão bem retratado no filme *Meia-noite em Paris*, de Woody Allen, merece ser sempre

frisado: “O hábito de culpar o presente e admirar o passado está profundamente arraigado na natureza humana.” Essa sensação de que os tempos dourados ficaram para trás parece bastante comum. Basta ver o que Baltasar Gracián escreveu em *A arte da prudência*:

Muitos valores vieram a parecer antiquados: falar a verdade, manter a palavra. Os bons parecem pertencer aos velhos tempos, embora sejam sempre queridos. Se é que ainda há alguns, são raros, e nunca são imitados. Que triste época esta, quando a virtude é rara e a maldade está no cotidiano.

Isso foi escrito no século XVI! Portanto, saibamos calibrar o pessimismo com o presente e descontar a empolgação com o passado, quase sempre idealizado. Havia muita coisa errada antes, que merecia duras críticas. É até compreensível a revolta contra a sociedade puritana, machista e moralista de tempos mais remotos.

O excesso de repressão, inclusive, é uma das causas do excesso de rebeldia. Logo na orelha da biografia sobre Cheryl Cohen, a “terapeuta do sexo” que inspirou o filme *As sessões*, as possíveis causas de sua transformação são expostas:

Ela, como muitas moças da década de 1950 que foram criadas em um lar rígido e religioso, foi educada para pensar que fazer sexo antes do casamento era errado, que ter desejos sexuais não era natural e que a masturbação era um dos piores pecados cometidos contra Deus. Foi somente com o surgimento da contracultura e da revolução sexual dos anos 1960 que ela pôde superar a ignorância e os diversos tabus ligados ao assunto para, por fim, obter uma carreira rica e recompensadora.

Carreira rica e recompensadora? Receber dinheiro em troca de sexo embalado de terapia psicológica? Não fica tão evidente assim que ocorreu uma grande evolução, uma “liberalização” muito realizadora. Não mesmo. Talvez o pêndulo tenha ido longe demais para o outro lado.

Por exemplo, quando uma senhora bem idosa como a canadense Sue Johanson se torna apresentadora de um programa sobre sexo, explicando aos mais jovens como usar devidamente todos os apetrechos e brinquedinhos eróticos nos mínimos detalhes. Podem me chamar de careta, mas a ideia de uma vovó mais discreta e com mais pudor, talvez tricotando, parece-me infinitamente mais encantadora...

Querem um exemplo ainda melhor? O jornal britânico de esquerda *The Guardian* publicou um artigo no começo de 2013 chamado *Paedophilia: bringing dark desires to light*, em que até mesmo a pedofilia é tratada como algo quase normal. O jornal deu espaço para Sarah Goode, da Universidade de Winchester, expor sua opinião de que um em cada cinco adultos é capaz, em certo grau, de ser sexualmente despertado por crianças.

Não satisfeita, Goode pensa que a compreensão é o caminho para lidar com a questão, e que permitir que pedófilos sejam tratados como cidadãos ordinários, com os mesmos padrões morais dos demais, respeitando e valorizando aqueles que conseguem escolher a restrição autoimposta, só traria

ganhos à sociedade.

Os resultados dessa propaganda esquerdista começam a aparecer. Um rapaz foi preso no interior de São Paulo no começo de 2013 por abusar de seus próprios sobrinhos. No depoimento, apelou para a vitimização: era “vesgo e feio”, e era muita “tentação” trabalhar com aquelas crianças. No mais, ele mesmo fora abusado na infância, segundo alegava. Logo, queria “tratamento”, em vez de prisão.

Os intelectuais de esquerda infantilizaram tanto a humanidade, com a crença de que ninguém mais é responsável pelos seus atos, que chegaram ao limite de tolerar ou mesmo até respeitar os pedófilos! São infantis “inocentes” defendendo os infantis monstruosos. Será que a revolução cultural marxista não tem mesmo limites? Até onde vai na confusão entre liberdade e libertinagem?

A crescente islamização do mundo ocidental tende a agravar o problema. Afinal, apesar do tabu e de poucos falarem disso, consta que o próprio profeta Maomé gostava de crianças, e inclusive se casou com uma. Alá o teria autorizado a casar com a filha de seis anos de seu amigo Abu Bakr e a consumir o matrimônio quando a menina Aisha tivesse apenas nove anos. A esquerda caviar ocidental pretende tratar isso como algo normal?

Quando me deparo com essa agenda cultural esquerdista, onde “vale tudo”, onde o único ser bizarro é o heterossexual fiel e cavalheiro, educado e atencioso, confesso que sinto vontade de ser um carola, moralista, puritano, conservador e reacionário, algo que, definitivamente, não sou. Nelson Rodrigues até aceitava o rótulo de reacionário, pois dizia que, de fato, reagia contra tudo aquilo que não prestasse. Nesse aspecto, sim, sou um “reacionário” também.

Curiosamente, essa “liberdade” toda pregada pela esquerda caviar é bem seletiva. O sujeito deve ser livre para escolher fazer aborto, fumar maconha ou participar de orgias em praça pública, mas não deve ser livre para comer o que quiser, fumar cigarro, ver o que bem entender na televisão, ou gastar seu dinheiro como lhe aprouver. Nesses casos, o governo deve intervir em nome do “bem-estar geral”. Um peso, duas medidas.

É o caso de Willie Nelson, que conta, em sua biografia, que fumava e bebia desde os seis anos de idade (que bela educação), mas que perdeu o pai vítima do tabaco. Relata sua reação: “Joguei fora todos os cigarros do maço, enrolei vinte baseados e os coloquei no lugar. Ia fumando um por dia...”

Hoje, talvez pela sequela da erva, o cantor é um feroz militante antitabagista, mas defende, ao mesmo tempo, a liberação da maconha. Lançou, em resposta ao movimento Tea Party, o TeaPot, algo como “chá de maconha”. Fumar cigarro é pecado para a esquerda caviar; mas fumar maconha (quem sabe a partir dos seis anos?) é coisa de progressista moderninho.

Famílias destruídas, filhos ilegítimos, mães solteiras incapazes de dar conta do recado, mulheres apanhando cada vez mais de seus maridos nos guetos, consumo de droga em alta, e nem por isso menos angústia, menos tristeza, menos infelicidade. A esquerda caviar, tal como as crianças, costuma ignorar os custos de suas escolhas, principalmente no longo prazo. Mas o preço um dia chega. Sempre chega. E cobra sua fatura com juros e correção monetária.

16. Romantismo

Desiludidos com o presente, muitos pensadores partem para uma fuga romântica. Idealizam algum passado mítico e sonham com um regresso a esse Éden imaginado. O paraíso “perdido” precisa ser reencontrado.

Em vez do realismo retratado por Eça de Queiroz em seu conto sobre Adão e Eva, especulando sobre como deveria ser bárbara a sobrevivência nos primórdios da humanidade, esses intelectuais preferem sonhar com um mundo perfeito, onde nada faltava e tudo era possível. Cito Milosz novamente: “Os homens se agarram a ilusões quando não há mais nada a se segurar.”

Jean-Jacques Rousseau foi o grande precursor da postura romântica que tanto influenciou o século XX. Alguns o consideram o pai do totalitarismo moderno. Arrogante a ponto de despertar o desprezo de muitos colegas filósofos, como Voltaire, que o considerava “um poço de vileza”, colocava-se acima de todos os outros em termos morais. Não foi por acaso que Edmund Burke o chamou de “filósofo da vaidade”. Rousseau e a esquerda caviar têm tudo a ver.

As emoções que levaram Rousseau a seu pensamento político misturam diferentes origens da esquerda caviar. Há muitas interseções entre uma e outra, sem clara distinção em alguns casos. Rousseau foi romântico e ressentido ao mesmo tempo. Idealizou o “bom selvagem” contra a civilização e condenou a propriedade privada como fonte de todos os males, alimentando a inveja das massas.

O evangelho *rousseauiano* tem como efeito inevitável, segundo Irving Babbitt, em *Democracia & liderança*, “fazer orgulhoso o homem pobre e, ao mesmo tempo, fazer com que ele se sinta vítima de uma conspiração”. O pobre, de acordo com Rousseau, era menos corrompido que o rico. Ouve-se, através das palavras de Rousseau, “a voz do plebeu irado e invejoso que, em nome do amor, está fomentando o ódio e a luta de classes”.

Em *Emile* há uma confissão: “O que era mais difícil de ser destruído dentro de mim era uma misantropia orgulhosa, uma certa acrimônia contra os ricos e os felizes do mundo, como se eles estivessem nessa situação à minha custa, como se sua alegada felicidade tivesse sido usurpada de mim.” Movido por tal sentimento, Rousseau passaria a incorporar de forma megalomaniaca a voz da “vontade geral”, e estava disposto até mesmo a forçar o homem a ser “livre”.

Isaiah Berlin tenta colocar Rousseau em um divã imaginário para extrair possíveis traços psicológicos de sua personalidade. Não era um proletário, mas sim um membro característico da respeitável classe média baixa da Suíça, que “se afastou de seu meio e tornou-se um aventureiro boêmio sem ocupação fixa em revolta contra a sociedade, mas ainda com o temperamento e as crenças de um *petit bourgeois* provinciano”.

Rousseau condenava a aristocracia, a sociedade como um todo, e se considerava uma pessoa pura, com sentimentos nobres. Amava o povo simples. E, no entanto, abandonou todos os seus cinco filhos no orfanato e conseguiu o desprezo de muitos que foram seus amigos ou amantes. Como escreveu o português João Pereira Coutinho em sua coluna da *Folha*: “Só canalhas amam a Humanidade (com maiúscula). E só grandes homens são capazes de exercer a sua humanidade (com

minúscula).”

Marx também vem à mente após lermos essa frase. Ele “amava” o proletariado enquanto abstração, mas não gostava de frequentar fábricas, e, quando fez um filho com uma empregada, despachou o moleque para adoção. Graças a gente como Rousseau e Marx, tenho calafrios sempre que vejo alguém proferindo seu imenso amor à humanidade, aos pobres, a todos!

Rousseau foi a maior inspiração para outro “abnegado” que se sentia muito puro: Robespierre. Como foi a colocação em prática de tanta pureza? Durante os últimos cinco meses de vida, quando concentrou um poder praticamente tirânico sobre a França, mais de duas mil pessoas foram guilhotinadas em Paris, uma quantidade cinco vezes superior àquela dos mortos nos onze meses que precederam o reinado do terror pessoal de Robespierre. Na biografia de Ruth Scurr sobre essa importante figura da Revolução Francesa, o próprio título já resume de forma sucinta a imagem do perigo: *Pureza fatal*.

Não teria sido a hipocrisia ou mesmo as ambições materiais que tornaram Robespierre uma ameaça tão grande à liberdade, mas, sim, sua total convicção de que ele e o povo eram uma só coisa. O Incorruptível, como era conhecido, seria a mão sangrenta executando com fanatismo as ideias de Rousseau. Robespierre, vestido com a capa da pureza moral, seria o instrumento da “vontade geral”. A visão de uma sociedade ideal, livre dos “pecados” da aristocracia e da miséria, faria com que ele acreditasse, de forma insana, ser o veículo da Providência que levaria a França a um futuro perfeito.

Nada poderia abalar a crença de que sua vida era realmente dedicada ao melhor para o povo, nem mesmo o banho de sangue em Paris e a miséria espalhada por toda França. Mais cansado e desiludido, Robespierre constatou que “existem poucos homens generosos que amam a virtude por si só e desejam ardentemente a felicidade do povo”, naturalmente se incluindo nesse grupo seletivo. O fracasso da revolução não poderia ser fruto dos meios adotados por ele; tinha de ser culpa dos próprios homens, os quais não eram tão virtuosos como ele próprio.

Poucos representam maior ameaça às liberdades do que aqueles imbuídos de uma crença fanática em sua própria pureza e missão. Muito sangue inocente já foi derramado em nome dos ideais pregados por esse tipo de gente, e devemos estar sempre alertas para seu perigo. É o que explica Marie-Laure Susini em *Elogio da corrupção*, livro em que figuras como Robespierre e Paulo de Tarso vão parar no divã da autora, que é psicanalista.

Susini aceita o papel de advogada do diabo:

Afirmo que os incorruptíveis é que são perigosos. Os íntegros inquisidores e rigorosos purificadores, os virtuosos líderes de loucuras coletivas, os apóstolos da salubridade, os organizadores de campanhas de saneamento e massacres, os erradicadores do mal, os assassinos por dever.

A ideologia da pureza, enfim, deixou um rastro de destruição na história, e mais estrago foi causado por aqueles que lutavam em nome desse ideal do que por qualquer corrupto. Como o universo dos incorruptíveis é imaginário e, portanto, nulo, conclui-se que o universo dos corruptos abrange a totalidade dos homens. Exceto, naturalmente, os Incorruptíveis, ou aqueles que nisso acreditam. Esses são as verdadeiras ameaças!

Após Rousseau e seu discípulo Robespierre, o caminho estava liberado para essa dicotomia entre discurso e prática. Outros pensadores buscaram a imagem de pureza, vivendo vidas diametralmente opostas ao que pregavam. Os homens de ação, imbuídos dessa missão romântica redentora, transformaram aquilo que tocaram em um verdadeiro inferno. Mas eles se autoproclamavam os salvadores da humanidade. São os herdeiros dos jacobinos, revolucionários de esquerda, redentores que destroem tudo em volta em nome da utopia.

A Revolução Francesa, com seu slogan bonito de “liberdade, igualdade e fraternidade”, e com sua selvageria insana na prática, seria a inspiração de vários outros revolucionários, sempre defendidos pela esquerda caviar. Os resultados concretos dessas revoluções não importavam. A *vibe* que sua defesa produzia nos seus adeptos era o fundamental. “Ó, liberdade, liberdade, quantos crimes cometidos em teu nome!”, teria dito Madame Roland prestes a ser guilhotinada. Como resumiu Ann Coulter em *Demonic*:

Os detalhes dos regimes totalitários podem variar, mas a inspiração é sempre a mesma fantasia rousseauiana: um seletivo grupo de elite com absolutamente nenhuma compreensão da natureza humana vai descobrir o programa, inflexivelmente impô-lo sobre as pessoas e, assim, regenerar a humanidade.

Esses intelectuais e revolucionários estão tão seguros de sua importância para reformar o mundo que acabam se esquecendo dos homens de carne e osso à sua volta. Eles vão construir o “novo homem”, mesmo que para fazer essa linda omelete seja preciso quebrar “alguns” ovos. Os nobres fins justificam os mais nefastos meios. Para alimentar tal entorpecimento, esses intelectuais precisam dos miseráveis como os abutres necessitam da carniça.

17. Desprezo popular

Joãozinho Trinta foi no alvo quando disse que os intelectuais é que gostam de miséria, pois os pobres gostam de luxo. Nada mais natural do que desejar melhorar as condições de vida. E nada melhor para isso do que o trabalho honesto em um ambiente de livre mercado. Lucro e trabalho são sócios nessa empreitada. O grande obstáculo é justamente o estado inchado, obeso, que cria burocracia asfixiante e arrecada quase 40% do que é produzido em nome da “justiça social”.

Quem trabalha duro para criar riqueza e subir na vida não tem tempo para “salvar o planeta” ou

construir “um mundo melhor”. Essas são as bandeiras da esquerda festiva, dos artistas que, do conforto de suas mansões, adoram detonar o capitalismo enquanto desfrutam de tudo de bom que só ele pode oferecer.

Uma vez na elite, essa gente se torna esnobe e afetada, para simular uma aristocracia distante dos interesses mesquinhos dos pequeno-burgueses, sempre obcecados por dinheiro e bens materiais — quase sempre bregas. Ou então seguem o caminho oposto e fingem ser parte do “povão”, abraçando um estilo do gueto, para também rejeitar as escolhas aburguesadas da classe média. O importante é se sentir diferente, superior, separar a sociedade entre “nós” e “eles”.

É o caso de muitos intelectuais que se colocam como profetas da Nova Era. Se o mercado valoriza mais, financeiramente falando, um craque de futebol do que um filósofo, então a vingança virá pelo ataque ideológico ao mercado. “Não preciso do shopping center para nada, sou melhor do que isso.”

A representante da esquerda caviar “intelectual” brasileira, a filósofa da USP Marilena Chauí, chegou a atacar, com sua típica verbosidade, a classe média, deixando o ex-presidente Lula, que estava presente no evento de lançamento de livro sobre seu governo, bastante sem graça. Ela disse sem rodeios: “A classe média é um atraso de vida. A classe média é estupidez, é o que tem de reacionário, conservador, ignorante, petulante, arrogante, terrorista.”

Ao declarar ódio a uma abstração classista, a filósofa, malandramente, foge da necessidade de dar nome aos bois. Ao repudiar a classe média perante a própria, esta se sente acuada e encontra, como mecanismo de defesa, a sensação de que não faz parte dessa mesma classe, pois, apesar da renda similar, é mais esclarecida, mais “consciente”, mais engajada. Em outras palavras, é uma classe média que rejeitou o estilo de vida pequeno-burguês e se alinhou aos operários revolucionários e marxistas.

Você que é assalariado, que mora em um apartamento alugado de dois ou três quartos, que assiste à novela e ao jogo de futebol nas quartas e domingos, que precisa enfrentar o caótico trânsito para trabalhar, que vive com medo de bandidos defendidos por esquerdistas, que não conta com esmolas ou privilégios estatais, que quer apenas, enfim, melhorar de vida, ter mais conforto material e segurança, você é odiado por gente como Marilena Chauí, que recebe um polpudo salário da USP pago por pessoas como você, da classe média!

Claro que as preferências da classe média tendem a ser... medíocres. O nome vem justamente daí. Em *O homem medíocre*, José Ingenieros descreve as características presentes numa “mediocracia”, que contrapõe à visão de um ideal de perfeição por parte de alguns poucos indivíduos de destaque. Seria a meritocracia dos indivíduos realmente mais nobres.

Ingenieros sustenta que é fundamental manter acesa esta chama de um ideal, uma meta visionária que não sucumba às contingências da vida prática imediata. É claro que ele tinha um ponto. Não podemos negar o risco da massificação cultural que oprime o mais nobre, o melhor. “O nível dos governantes baixa até o ponto zero; a mediocracia é uma confabulação dos zeros contra as unidades”, fuzila o autor, que escreve:

Quando colocamos a proa visionária na direção de uma estrela qualquer e nos voltamos às magnitudes inalcançáveis, no afã de perfeição e rebeldes à mediocridade, levamos dentro de nós, nesta viagem, a força misteriosa de um ideal. É um fogo sagrado, capaz de nos levar às grandes ações. É necessário, todavia, que o tenhamos sempre sob nossa custódia. Pois, se o deixarmos apagar, não se acende jamais. Se tal força morrer dentro de nós, ficaremos simplesmente inertes; não passamos, neste caso, da mais gelada bazófia humana.

O problema não está nesse tipo de crítica à mediocridade, justificável e legítima. Mas, sim, na transformação dela em movimento político coletivista e utópico, que passa não só a desprezar a média como um bloco monolítico, esquecendo os indivíduos de carne e osso, como pretende moldá-la a ferro e fogo para criar inúmeras réplicas de Shakespeare — como se possível.

Esses intelectuais desprezam as escolhas populares da classe média. Todo aquele que parece se divertir com futebol, novelas ou filmes é retratado como um alienado sob o domínio do capital. A classe média burguesa é atacada de forma caricatural como idiotizada, pura massa de manobra das elites. Mas é o trabalho dessa classe média que permite o sustento dos próprios intelectuais, que muitas vezes assistem às mesmas novelas, aos mesmos jogos e filmes.

No livro *O intelectual e o mercado*, George Stigler lembra que os “professores devem muito mais a Henry Ford do que à fundação que lhe leva o nome e lhe gasta o patrimônio”. Os êxitos do mercado permitem que uma classe intelectual bem mais numerosa seja sustentada sem a necessidade de escravos, como na Antiga Grécia. Mas esses intelectuais acabam cuspidos no prato que comeram. João Pereira Coutinho conseguiu captar o espírito da coisa em uma coluna na *Folha*, em que diz:

Os artistas “boêmios”, ou pretensamente “boêmios”, só marcham contra a civilização burguesa precisamente porque existe uma. Sem uma civilização burguesa, o lugar deles era a irrelevância, o anonimato ou coisa pior.

Para esses artistas, que pretendem posar de rebeldes como se garantia da genialidade de suas obras, eis o recado de Coutinho:

Vive como um burguês para que possas reservar toda a radicalidade para a tua arte. Que o mesmo é dizer: abandona a tua pose no latão de lixo. Não simules conhecimento que não tens. Aprende com quem sabe. Não queiras ser “transgressivo” na tua vida. Aprende primeiro a usar os talheres. E quando quiseres ser “transgressivo”, vai lavar os pratos (e os talheres). Isso passa.

Muitos acusam a sociedade moderna, especialmente a americana, de materialista, apontando as preferências vulgares do povo. Stigler enxerga nisso certa hipocrisia, já que muitos dos próprios intelectuais costumam desfrutar dos mesmos bens vulgares que criticam. Além disso, lembra que a

economia norte-americana não produz somente bens desse tipo, mas inúmeros artigos refinados. A comparação é injusta também quando se colocam, de um lado, as seletas aristocracias antigas e, do outro, todo o povo de uma nação.

Stigler diz: “O mercado reage aos gostos dos consumidores com bens e serviços vendáveis, sejam os gostos refinados ou grosseiros.” Trata-se de uma constatação bastante óbvia, mas curiosamente ignorada pelos críticos do mercado. “Não é porque existem destilarias que as pessoas bebem uísque; é porque as pessoas bebem uísque que existem destilarias”, escreveu Ludwig von Mises.

Não faz sentido condenar o termômetro pela febre, assim como é injusto condenar o garçom pela obesidade do cliente. Os “defeitos”, portanto, não se encontram no mercado em si, mas nos próprios gostos populares, se for o caso.

Esses nunca foram refinados. O povo romano queria ir ao Coliseu ver sangue. A ideia do “pão & circo” sempre seduziu muita gente. Mas o intelectual de esquerda pensa que pode parir, sob forte coerção, o novo homem popular, que será um Goethe, como sonhava Trotski. Um pescador de dia, um operário de tarde e um filósofo de noite, como queria Marx.

Há um claro ressentimento dos intelectuais com o mercado, pois eles acabam pouco valorizados pelos consumidores, e são obrigados a ver outros infinitamente menos inteligentes prosperando por meio de trocas voluntárias. Michel Teló, Neymar, Lady Gaga, esses acabam ricos e famosos, venerados pelas massas, enquanto o professor de ciências humanas, que leu centenas de livros e estudou Marx a fundo (ou nem tanto...), vai dar aula em seu velho carro popular.

Os marxistas não suportam o vulgo como ele é, e sonham com um povo diferente e engajado, que aprecie mais a intelectualidade. Mas sonham isso entre uma novela e outra. Stigler ainda provoca: “Quando um bom comediante e uma produção de *Hamlet* estão sendo passadas em canais rivais, eu gostaria de acreditar que menos de metade dos professores estão rindo.” Será?

Além desse desprezo dos intelectuais pelo povo, há um fator de elitismo proveniente da concentração dessa classe alta em bairros comuns e isolados do restante, como mostra Charles Murray no livro já citado, *Coming Apart*. Os ricos e inteligentes, vivendo em bolhas e longe da realidade do povão, simplesmente não compreendem mais os desejos e anseios dessas pessoas, e tomam a sua realidade distorcida como a média nacional.

Essa elite cultural e financeira toma as decisões em nome dos demais, acreditando muitas vezes agir no melhor de seus interesses. A realidade, contudo, é tão diferente, que não há mais conexão entre ambos. Os estilos de vida são distintos demais. Murray chama de “síndrome do esnobismo elitista” este fenômeno, que pode explicar parte da adesão à esquerda caviar.

18. Arrogância fatal

Hayek, quando escreveu sobre a tendência de os intelectuais defenderem o socialismo, concluiu que o sucesso dos socialistas estava em sua postura utópica, que captura o apoio dos intelectuais e

influencia a opinião pública. Isso vai ao encontro do que Stigler diz, quando afirma que as pessoas são românticas e preferem muito mais soluções fáceis e diretas para seus problemas.

Além disso, Hayek pensava que pessoas inteligentes tendem a supervalorizar a inteligência no curso da história, e supor que todas as vantagens de nossa civilização se devem a algum tipo de *design* deliberado. Há pouco espaço deixado para o imprevisto, para os acidentes frutos de um processo evolutivo de tentativa e erro, para a “ordem espontânea”. Ao colocar a razão em um pedestal, esses intelectuais acabam cometendo o que Hayek chamou de “arrogância fatal”, de que o melhor exemplo foi, sem dúvida, a Revolução Francesa.

Os jacobinos, uma turba ensandecida impulsionada por paixões violentas, pensavam agir somente movidos pela razão. Iniciaram uma perseguição assassina aos religiosos e chegaram a mudar o nome da catedral de Notre Dame para “Templo da Razão”. Até o calendário seria totalmente alterado, começando do zero para ser mais “racional” (mas sobravam dias no ano). Nunca antes se viu um contraste tão grande entre crença na razão e atos tão irracionais e vingativos.

Os arrogantes desejam parir um mundo totalmente novo, zerado. Pensam ser possível ignorar tradições, experiências e o mercado. O mercado, aliás, é a instituição mais complexa que existe, e trata-se de uma formação lenta, por tentativa e erro, que envolveu e envolve milhões de agentes autônomos. O conhecimento é disperso, pulverizado, e, se um intelectual isolado pode ser muito mais sábio do que a média, isso não quer dizer que terá melhor conhecimento do que o *todo*. Assim, é temerário substituir o mecanismo de mercado pelo controle centralizado.

No livro *The Wisdom of Crowds*, James Surowiecki defende a tese de que as multidões desfrutam de mais sabedoria do que se imagina. Para isso, entretanto, um grupo de indivíduos precisa preencher quatro condições: diversidade de opiniões, independência de julgamento, descentralização e agregação. É uma ideia contraintuitiva a princípio, mas a suposta sabedoria das multidões tem lógica, além de mostrar evidências empíricas a seu favor.

O segredo é que os erros das estimativas individuais, quando se satisfazem as condições apontadas, acabam se anulando em um grande número de opiniões. Caso tais requisitos não sejam preenchidos, não há erros aleatórios, mas sim um viés, onde as opiniões não são realmente independentes e individuais; estaríamos diante de um grupo monolítico, com pura emoção e nenhuma razão, adquirindo um senso de invencibilidade e irresponsabilidade incontroláveis — como dizia Gustave Le Bon, ao se referir à “psicologia das massas”.

Um processo de livre escolha individual, em um ambiente de regras básicas e bem definidas, pode apresentar, portanto, resultados infinitamente melhores que aqueles oriundos de poucos “sábios”. Até mesmo na natureza, observando animais irracionais, vemos certa ordem espontânea surgir sem a figura do líder “iluminado”. Seria fazer muito pouco-caso do homem, animal racional, supor que cada indivíduo é um completo mentecapto que necessita da direção traçada por um ser “clarividente”.

Os intelectuais, normalmente inteligentes e egocêntricos, não aceitam bem esse funcionamento imprevisível e “caótico” do mercado. Preferem dar uma importância maior ao papel dos próprios intelectuais nesse processo. Hayek diz:

A maior parte das vantagens da vida social, especialmente em suas formas mais avançadas que chamamos “civilização”, depende do fato de que o indivíduo se beneficia de maior conhecimento do que ele está ciente.

Mas os intelectuais não costumam aceitar isso. O próprio Hayek alertou que é muito perigoso delegar poder a especialistas que conhecem somente uma ínfima parcela do problema que pretendem resolver. Mas a soberba da *intelligentsia* costuma jogá-la contra a defesa do livre mercado. O intelectual, mais culto que seus vizinhos, acredita que poderia direcionar melhor o resultado desse processo se tivesse os instrumentos para tanto. São os donos da Razão!

O melhor exemplo disso talvez seja o esperanto. Um gênio tentou criar a língua perfeita do ponto de vista racional, a ser usada por todos. Um idioma universal. No entanto, ignorou-se essa formação evolutiva das línguas, por tentativa e erro, uma instituição viva, sem controle deliberado. O resultado é que, à exceção de seus seguidores ideológicos, ninguém mais fala o esperanto. Entre uma cerveja e outra no botequim chique, os membros da esquerda caviar apelam para toda a verborragia de como pretendem construir um paraíso igualitário a partir do zero, somente com base em sua razão, ignorando toda a tradição dos antepassados e toda a complexidade dos mercados. Esses ungidos querem imaginar o mundo como uma folha de papel em branco, onde poderão escrever as mais belas linhas. Normalmente, quando partem para o ato, a tinta que usam é o sangue dos inocentes.

O socialismo não foi parido por proletários, por trabalhadores humildes no chão das fábricas, mas por intelectuais burgueses. Marx, que se casou com uma aristocrata alemã, era sustentado por Engels, rico herdeiro de indústria. Lênin era filho de pais abastados. Mao Tsé-Tung era filho de um rico agricultor. O pai de Fidel Castro era latifundiário. Salvador Allende era filho de advogado, neto de médico e sempre morou nos melhores bairros de Santiago. E por aí vai...

Intelectual arrogante e elite culpada, uma combinação explosiva! O messianismo narcísico de um acaba financiado pela culpa endinheirada do outro, e quem paga o pato são os próprios trabalhadores em nome de quem a utopia foi criada. Perverso demais, eu sei. Mas verdadeiro.

19. Sede pelo poder

Não esgotamos as possíveis origens do fenômeno ainda. O intelectual não precisa ser movido apenas pela fé messiânica, pela sensação de superioridade moral. Ele pode ter profunda sede de poder também.

O autoritarismo leva muita gente para a esquerda. O desejo de controlar vidas alheias, de decidir

como os outros devem viver, isso pode explicar o fato de muitos intelectuais aderirem ao socialismo. “A ânsia de salvar a humanidade é quase sempre uma desculpa para a ânsia de governá-la”, diagnosticou com precisão H. L. Mencken.

“O poder corrompe, e o poder absoluto corrompe absolutamente”, alertou Lord Acton. É como o anel que vemos no *Senhor dos anéis*, que destruiu completamente o Gollum. Definhando, repete insistentemente “meu precioso”, em busca daquele poder todo uma vez mais. Encontramos a mesma ideia na *República* de Platão, com o anel de Gyges, que tornaria seu dono invisível e, portanto, impune a qualquer tipo de ato. Quem poderia resistir a tamanha tentação sem se transformar por completo?

Esse tipo de preocupação com o poder excessivo foi abordado por diversos pensadores da humanidade. H.G. Wells, em *O Homem invisível*, trata do mesmo tema. O livro inspirou dois filmes, um em 1933 e outro em 2000, com Kevin Bacon. Quem não gostaria de bancar o Deus de vez em quando?

Ayn Rand, cuja maior habilidade talvez fosse dissecar a essência da esquerda coletivista, criou no vilão de *A nascente* o típico intelectual em busca de poder. Ellsworth Toohey não quer fama, não quer dinheiro, não é movido por interesses materiais ou realização pessoal. Ele busca somente o poder. Quer destruir o indivíduo, e para tanto precisa de poder. Em certo momento da trama, confessa:

Eu não quero nada para mim. Uso as pessoas por causa do que posso fazer com elas. É minha única função e satisfação. Não tenho um objetivo particular. Quero o poder. Quero o meu mundo do futuro. [...] Escravidão para a escravidão. Um grande ciclo... e uma total igualdade. O mundo do futuro.

Dividir para conquistar. A esquerda caviar adora esse estratagema, sempre segregando o mundo entre nós e eles, entre negros e brancos, pobres e ricos, mulheres e homens, trabalhador e patrão, gays e heterossexuais. Assim fica mais fácil criar um ambiente propício para a tomada do poder. A elite “progressista” é a única capaz de apaziguar os conflitos, tantas vezes criados por ela mesma.

O intelectual acaba tentado com a ideia platônica de rei-filósofo. Somente ele tem capacidade para governar os demais. Em uma entrevista para a revista alemã *Spiegel*, publicada em 1967, no auge da agitação política dos jovens e intelectuais, Herbert Marcuse deixou transparecer essa postura quando disse que era uma “oportunidade perigosa” pertencer ao tal grêmio de intelectuais no poder. Falando sobre a censura para filtrar o que é “bom” do que é lixo, eis o que Marcuse disse:

Primeiramente eu não decido a coisa sozinho, mesmo a ditadura platônica não é uma ditadura de uns poucos. E então diremos: o senhor nos deixa examinar seu trabalho, se nos convencer, então o artigo deve aparecer.

Ao contrário da esquerda caviar, prefiro um mundo em que a publicação de artigos *não* dependa da avaliação sábia de figuras como Marcuse. Essa sede de controle travestida de benevolência é uma

das maiores ameaças à liberdade. George Bernard Shaw, visitando os Estados Unidos em 1933, disse de forma bastante direta:

Vocês americanos são tão temerosos de ditadores. Ditadura é a única maneira em que o governo pode realizar qualquer coisa. Vejam a confusão a que a democracia levou. Por que vocês têm medo da ditadura?

Shaw também teceu elogios a Stalin e se declarou tranquilo ante o pacto deste com Hitler, uma semana antes de a Polônia ser invadida e a Segunda Guerra começar. Mas o relevante na postura de Shaw, como na de tantos outros intelectuais, é esse apreço descarado por regimes autoritários, que controlam totalmente as vidas de cada cidadão.

Keynes, no prefácio da edição alemã de *Teoria geral*, reconheceu que suas ideias seriam mais facilmente aplicáveis em um regime autoritário. Intelectuais seguros de suas “verdades” não querem perder tempo com regimes democráticos; preferem se aliar ao poder absoluto e controlar todos os demais.

O poder é uma droga que vicia, e acaba tomando conta do indivíduo, deformando-o. Ditar regras de cima para baixo é o sonho de muita gente. Os esquerdistas costumam levar tal impulso mais à frente. São os “engenheiros sociais” que pretendem remodelar a sociedade a partir de sua visão de mundo. Tal como Skinner, olham os indivíduos como cães de Pavlov a serem domesticados e condicionados. Raymond Aron fez a melhor distinção entre essa postura e a liberal:

O liberal é humilde. Reconhece que o mundo e a vida são complicados. A única coisa de que tem certeza é que a incerteza requer a liberdade, para que a verdade seja descoberta por um processo de concorrência e debate que não tem fim. O socialista, por sua vez, acha que a vida e o mundo são facilmente compreensíveis; sabe de tudo e quer impor a estreiteza de sua experiência — ou seja, sua ignorância e arrogância — aos seus concidadãos.

A arrogância aliada à sede de poder pode afastar muita gente do liberalismo mais cético e humilde. É um prato cheio para a esquerda caviar. O sujeito quer viver a vida à sua maneira, mas quer impor seu *modus vivendi* aos demais. Fala em diversidade o tempo todo, mas, no fundo, deseja criar um mundo à sua imagem e semelhança. Não tolera as diferenças. Narciso acha feio o que não é espelho.

Esse pensamento autoritário pode ser identificado em típicas conversas de bar, quando as pessoas condenam alguma coisa e logo em seguida demandam a intervenção estatal para solucionar o “problema”. “Deveria ter uma lei contra isso”, eis o nascimento da mente autoritária. Não gosto de fumantes ao meu lado no bar: deveria ter uma lei proibindo isso, e dane-se a liberdade do proprietário do estabelecimento para escolher. E assim vai.

Ninguém insiste tanto na conformidade como aqueles que advogam “diversidade” o tempo todo. Será que os hippies eram realmente tolerantes com aqueles que não comungavam com seu estilo de vida? Alguém realmente acha que um típico hippie está livre de preconceitos e que tolera numa boa um capitalista ganancioso? Sob o manto de um discurso progressista jaz muitas vezes um

autoritarismo típico de pessoas que gostariam, no fundo, de um mundo uniforme, onde todos rezassem o mesmo credo.

A *Utopia* de Thomas More, a *Cidade do sol* de Campanella, a *República* platônica, enfim, “um mundo melhor é possível”. Se ao menos todos abandonassem o individualismo, o egoísmo, a ganância, e se tornassem almas conscientes e engajadas na luta pelo bem geral... assim como eu!

No filme *FormiguinhaZ*, o personagem principal, na voz de Woody Allen, luta por seu individualismo contra o coletivismo da colônia. O personagem desabafa: “Que diabo, esperam que eu faça tudo pela colônia... e quanto às minhas necessidades?” Em outro momento, diz: “Quando a gente é filho do meio numa família de cinco milhões, não recebe muita atenção.” Já o vilão deixa transparecer no final o verdadeiro motivo de sua postura ditatorial, afirmando: “*Eu sou a colônia!*”

Esse tipo de autoritário rejeita o dogmatismo na teoria, mas é o mais dogmático de todos na prática. O mundo é um tabuleiro de xadrez, e os homens são os peões que serão mexidos a seu bel-prazer. Chegamos à era do conformismo: ninguém pode desviar do padrão definido, pois as diferenças incomodam muito. Todos devem adotar a mesma cartilha “livre de preconceitos”. E tome preconceito contra quem ousa discordar!

Os outros são tratados não como adultos responsáveis com livre-arbítrio, mas como crianças indefesas, como mentecaptos que precisam da tutela dos especialistas. E ele, da esquerda caviar, é um desses especialistas, claro. Essa agenda, como mostra Lyle H. Rossiter em *The Liberal Mind*, denota uma forma de sociopatia. É uma patologia, uma obsessão por controle.

Quando falta empatia com o próximo, ele deixa de ser tratado como um agente autônomo e passa a ser visto como simples meio para fins coletivistas abstratos. A grande sociedade, o povo e o bem geral são formas de mascarar um profundo sentimento de desprezo para com o próximo. Ocorre então a despersonalização do indivíduo, e sua subjetividade perde importância. O esquerdista deseja moldar os outros, controlá-los, guiá-los, sem se importar com sua singularidade e sua autonomia.

O paternalismo estatal é filhote dessa mentalidade. A obsessão pela saúde e pela felicidade assim como a ditadura do politicamente correto são claramente sintomas dos novos tempos. Vivemos na era da covardia, em que poucos têm coragem de se levantar contra o rebanho. Todos são “especiais”, o mesmo que dizer que ninguém o é. E o papai estado vai cuidar de todos, sob a sapiência dos intelectuais.

Desde março de 2013, restaurantes e lanchonetes nova-iorquinas ficaram proibidas de vender refrigerantes e outras bebidas adoçadas em vasilhames maiores do que dezesseis onças — o equivalente a 473 ml, sob pena de multa de US\$ 200. A proibição foi proposta pelo prefeito Michael Bloomberg, a babá das babás, e aprovada, por unanimidade, pelo Conselho de Saúde da cidade. Um juiz depois invalidou a medida, acusando-a de autoritária, mas os paternalistas não desistiriam ainda.

Debbie Squires, diretora da Michigan Elementary and Middle School Principals Association, disse abertamente, em um comitê sobre educação em seu estado, que os pedagogos sabem o que é

melhor para as crianças, não seus próprios pais. Muitos pensam como ela, mas nem todos têm a coragem de declarar sem rodeios sua crença arrogante e sua sede pelo controle de vidas alheias.

No Brasil, o paternalismo chegou a patamares assustadores graças a essa mentalidade. O governo se mete até na venda do McLanche Feliz, alegando que isso influencia negativamente as crianças. O Kinder Ovo também foi vítima dessa turma pelo mesmo motivo. Os “fascistas do bem” agem como se soubessem cuidar da vida alheia, e desejam impor suas preferências aos demais.

A Anvisa representa o órgão estatal mais próximo dessa “tirania do bem”. A revista *Veja* chegou a fazer uma matéria de capa no começo de 2011 sobre os riscos desse excesso regulatório, em cujo editorial o alerta de C.S. Lewis era resgatado:

De todas as tiranias, aquela exercida sinceramente em prol do bem de suas vítimas talvez seja a mais opressiva. É melhor viver sob exploradores ladrões do que sob a onipotência moral dos intrometidos. A crueldade dos exploradores às vezes adormece, sua cobiça pode ser saciada em algum momento; mas aqueles que nos atormentam em nome do nosso próprio bem nos atormentarão para sempre, porque eles o fazem com a aprovação de suas próprias consciências.

O Instituto Alana, nessa linha, tentou proibir a propaganda de refrigerante, para “proteger” nossas crianças. A ONG tem, entre seus comandantes, Ana Lucia de Mattos Barretto Villela e Alfredo Egydio Arruda Villela, irmãos e membros da família que é simplesmente a maior acionista individual do grupo Itaú. Sim, aquele enorme banco que faz propaganda fofa usando bebês que rasgam papel. Mas refrigerante não pode! As crianças seriam vítimas indefesas do “consumismo”, e os herdeiros de uma das maiores fortunas brasileiras estão aqui para nos salvar.

A apresentadora do canal esquerdista MSNBC, Melissa Harris-Perry, falou abertamente que lamentava o fato de cada um encarar o filho como seu, e não de uma forma coletiva, como “propriedade pública”, de “todos”. São os “filhotes de Rousseau”, querem estatizar até as crianças, pois talvez não saibam ou não desejem educar direito os *seus* próprios filhos.

Pensar na possibilidade de que os próprios pais devam educar seus filhos, impondo limites e dizendo “não”, parece algo estranho demais aos engenheiros sociais da atualidade. As “crianças mimadas”, os adultos modernos, preferem delegar a função ao governo, que será responsável pela “pureza” das propagandas, pelo consumo saudável, por uma vida melhor. Quem precisa de liberdade de escolha quando se tem o governo e as elites dos ungidos para controlar nossas vidas?

Até mesmo o Papai Noel foi vítima dessa mentalidade obtusa. A obesidade é um problema de saúde preocupante no mundo. Um dos culpados? Sim, o Papai Noel. O médico Nathan Grills, da universidade australiana Monash, acredita que a imagem atual do “bom velhinho”, promove a obesidade e um estilo de vida pouco saudável. Para o médico, Papai Noel é um “pária da saúde pública”, e seria melhor se fosse retratado sem aquele barrigão, sua marca registrada.

Grills afirma que “uma figura tão conhecida em todo o mundo quanto a de Papai Noel tem o

potencial de influenciar pessoas, especialmente as crianças, e transmitir a mensagem de que ser obeso é bom”. O mundo da revista *Caras* precisa de um Papai Noel sarado!

Qualquer um com mais de trinta anos deve se recordar daqueles cigarros de chocolate que as crianças adoravam no passado. Isso seria impensável hoje em dia. Chocolate, um inimigo público, e ainda por cima em forma de cigarro? Seria demais para o mundo moderno, e logo se diria que aquilo estimularia as crianças, tão vulneráveis, a se tornarem todas fumantes compulsivas.

A campanha antitabagista é enorme, consome bilhões, ajuda na venda de remédios (a indústria farmacêutica agradece), e transformou em pária social todo fumante. Em Hollywood a histeria é total (talvez porque as grandes empresas de tabaco sejam tradicionais financiadoras dos republicanos). Até mesmo filmes antigos precisam ser adaptados para cortar cenas com cigarro. Como disse James Hirsen em *Tales From the Left Coast*:

Agora um exército de soldados antitabagistas invadiu Hollywood e convenceu alguns dos principais tomadores de decisão da cidade a eliminar cenas “ofensivas” de fumo dos filmes. Profanação? Sem problemas. Sangue e tripas por toda a tela? Uma necessidade artística. Crianças fazendo sexo com múltiplos parceiros no refeitório da escola? Inofensivo. Mas fumar? Isso sim é muito fora dos limites!

O *bullying* é outra histeria do politicamente correto. Claro que existem casos sérios, que envolvem agressões físicas e que devem ser contidos. Mas a esquerda caviar transformou *tudo* em *bullying*. As coisas mais naturais do mundo entre crianças, como dar apelidos ofensivos, chamar de “quatro-olhos”, de “gorducho” etc., passaram a ser vistas como análogas ao espancamento.

Um processo normal de amadurecimento, em que crianças precisam aprender que o convívio em sociedade não é um parque de diversões, e com isso se fortalecer e saber se defender, acabou transformado em crime pela esquerda caviar. Que tipo de adultos essa postura protetora vai gerar? Gente corajosa que enfrenta os desafios da vida, ou um bando de covardes que grita “papai” na primeira ofensa ou dificuldade que surge?

O “estado babá” ocorre quando “o governo assume um hiperinteresse em microadministrar o bem-estar dos cidadãos”, como escreve David Harsanyi em seu livro sobre o assunto. O jornalista acrescenta:

Para esses intrometidos, a utopia é um mundo sem fumantes, sem gordura, onde o álcool é bebido apenas com moderação, o McDonald’s vende McNuggets de tofu com molho de baixa caloria e os seios nus de uma estrela pop são dignos de uma sessão no Congresso e de histeria em massa.

O dogma compartilhado pelos babás é que se meter na vida alheia por meio das leis é a forma mais rápida de criar uma sociedade superior. O bom senso para determinar a fronteira legítima dessa intervenção se perdeu faz tempo. Os “guardiões do estômago”, por exemplo, criaram uma verdadeira “milícia alimentar” para tentar barrar do cardápio os itens prejudiciais à saúde.

Parte importante da liberdade é o direito de cada um ir para o “inferno” à sua maneira. O alimento de um pode ser o veneno do outro. Essa variabilidade humana nos impõe a necessidade da liberdade individual e da tolerância. Ninguém sabe qual o desejo do outro. Infelizmente, estamos vivendo cada vez mais sob a ditadura da maioria, manipulada por uma minoria sedenta por poder.

Como disse Reagan, o governo existe para nos proteger de terceiros; e vai além de sua função quando tenta nos proteger de nós mesmos. Se aceitarmos a premissa contrária, de que deve sim cuidar de seus “filhos” em nome da saúde pública, qual o limite? Exercício obrigatório para todos, pois o ócio é prejudicial à saúde? Ou quem sabe uma dieta alimentar imposta pelos “nutricionistas do estado”, com cardápio obrigatório para cada um? Fiscais do sal, para verificar se estamos ingerindo a quantidade “correta” dessa substância perigosa? Um Dráuzio Varela por esquina para nos ensinar como manter aquela incrível aparência saudável?

O filme *Uma família em apuros*, com Billy Crystal e Bette Midler, ironizou a paranoia politicamente correta na criação dos filhos atualmente. Eles comiam apenas tofu e soja, eram estimulados a “se expressar” sem correção quando errados, e os jogos tinham de terminar empatados para não ferir a “autoestima” dos perdedores. Claro que eram crianças altamente comprometidas.

O avô, personagem de Crystal, resolve desabafar contra tal método de “educação”. Então, pega o neto no meio de um concerto de Tchaikovsky e solta esta, quando prestes a dar uma boa palmada no moleque na frente de todos:

Desculpe-me. Eu não aguento mais isso. Toda essa coisa de “momentos especiais de fala” e proteger a “autoestima”, e ninguém mais ser punido! E os jogos todos terem que acabar empatados! Tudo que eu escuto é: “Use suas palavras, use suas palavras.” Mas a palavra que eles nunca usam com essas crianças é “não”!

Todos aplaudem. Muitas pessoas estão cansadas da ditadura do politicamente correto chegando à educação dos filhos! É o reino da mediocridade sem limites, da paranoia, do excesso de frescura com a alimentação. Até quando?

A paranoia com a saúde perfeita criou o “admirável mundo novo” de Huxley, onde qualquer sofrimento é visto como anormal e precisa de cura. O novo manual de diagnósticos de doenças mentais dos Estados Unidos (DSM), por exemplo, gerou controvérsias ao classificar como transtorno comportamentos absolutamente normais. Se você perdeu um amigo e está triste, então é “depressivo”. Se está na fase turbulenta hormonal da adolescência e muda muito de humor, é “bipolar”. E tome remédio, tome consulta ao psiquiatra.

É a ditadura da “felicidade”, depositando imenso controle e poder nesses “especialistas”. Como disse Karl Kraus, “Uma das doenças mais disseminadas é a diagnose”. O mesmo, com sua fina ironia, escreveu o seguinte aforismo: “O psiquiatra sempre reconhece os loucos pelo fato de

exibirem um comportamento agitado após a internação.”

Hoje, a felicidade não é mais um direito que cada um tenta buscar à sua maneira, mas praticamente um dever. É preciso aparentar felicidade, ainda que de uma forma bovina, o tempo todo, pois ninguém mais suporta a dor alheia. Para usar o termo de Pascal Bruckner, vivemos na era da “euforia perpétua”, e temos nossos tutores para garantir isso.

O mais curioso é que os paternalistas da esquerda caviar querem proibir alimentos, refrigerantes e cigarro em nome da “saúde pública”, mas logo depois pregam o aborto em nome da “liberdade de escolha” da mulher para fazer com o seu corpo o que bem entender. Postulam a legalização das drogas com o mesmo argumento. Eliminar um “parasita” incômodo aos cinco meses de gravidez enquanto injeta heroína, tudo bem; mas comer um chocolate e depois fumar um cigarro acompanhado de uma Coca-Cola? Pecadora do inferno!

O paraíso idealizado pelos “progressistas” seria um mundo com tudo reciclado, pessoas comendo apenas alimentos orgânicos, aplaudindo o pôr do sol, abraçando árvores e andando de bicicleta para cima e para baixo. Tudo regado a muito Prozac, para evitar qualquer tipo de sofrimento. Paradoxalmente, os “progressistas” odeiam o progresso. E sua sede pelo poder fará da vida de todos nós um verdadeiro inferno.

20. Ignorância

Por fim, não podemos deixar de lado a falta de conhecimento como fonte da esquerda caviar. Uma empatia natural, uma sensibilidade mal calibrada, que coloca as emoções acima da razão, com pouca lógica econômica, isso pode realmente levar pessoas bem-intencionadas para a esquerda. Especialmente após tanta lavagem cerebral nas escolas, na imprensa, nas faculdades. Como diz o ditado, o inferno está cheio de boas intenções.

É a atração que a história bíblica de Davi contra Golias costuma despertar em muitos. Sem maior conhecimento dos fatos, tendemos a tomar o partido do lado mais fraco, esquecendo que isso nem sempre é o mais justo. O passo natural é encarar o mais forte como responsável pelas mazelas dos mais fracos, que se tornam vítimas indefesas.

O esquerdista costuma ser aquele que usa mais o “sistema 1” abordado por Daniel Kahneman em *Thinking Fast and Slow*. Esse é o método mais “instintivo” ou intuitivo de formar opiniões e crenças, que muitas vezes ocorre por um processo mental silencioso e de menor esforço, que demanda menos foco e atenção em relação ao “sistema 2”.

Imagine que nosso cérebro é dividido em duas partes, sendo uma delas (sistema 1) mais intuitiva e automática, enquanto a outra (sistema 2) costuma ser mais racional e esforçada. Ocorre que o uso do sistema 2 demanda foco e energia, enquanto nossa tendência natural é adotar o caminho de menor esforço. O resultado desta postura “preguiçosa” é que tomamos inúmeras decisões erradas.

Quem, ao assistir o canal *National Geographic*, torce para o leão alcançar o antílope? A grande

maioria acaba tomando partido da presa, torcendo contra o predador. Transporte-se essa mentalidade para a economia, sem maiores conhecimentos sobre o tema, e teremos um prato cheio para bandeiras demagógicas típicas da esquerda caviar.

O sujeito vive bem, tem um carro novo, mora em uma casa legal, percebe a futilidade exacerbada de sua mãe rica, preocupada com a nova bolsa da Louis Vitton de US\$ 3 mil que sujou um pouco, e vê nas ruas miséria, crianças abandonadas, desgraça atrás de desgraça. Sem compreender muito bem as teorias econômicas, as causas da riqueza, ele desenvolve certa raiva do capitalismo e logo abraça slogans populistas, receitas mágicas, pedindo a intervenção desse ente abstrato que parece um messias salvador: o Estado.

A existência do mal incomoda qualquer pessoa minimamente decente. A miséria, o sofrimento, o desemprego, a fome, tudo isso produz nessas pessoas um legítimo desejo de ajudar de alguma forma. O problema é quando o remédio proposto gera ainda mais do mal que pretende combater. Sem compreender como ocorre a riqueza das nações, essas pessoas pensam que o estado natural da humanidade é a opulência, não a miséria.

A desilusão com a realidade do sistema capitalista joga muita gente para a esquerda caviar. Mario Sabino, em seu livro *O vício do amor*, coloca em seu personagem um raciocínio bem pragmático para resistir à tentação:

É fácil virar comunista quando se ouve um grande empresário discorrendo sobre o único assunto que os [sic] interessa: produtividade e lucros. Mas resisti e continuei capitalista. A conta é simples: em que sistema o blow job era pior e matou mais gente? O socialismo ganha de longe, e entre os socialistas eu incluo Mussolini e Herr Hitler, visto que fascismo e nazismo nasceram como variantes da ideologia esquerdista. Cada vez que sinto raiva de um capitalista, começo a ler uma dessas biografias de seiscentas páginas de um monstro totalitário que sonhou com o “novo homem” e cretinices da gauche.

O problema é que há uma predisposição ao autoengano para resguardar ilusões. Como disse Paulo Francis: “A incapacidade do ser humano de admitir a realidade não pode ser exagerada.” Diante das imperfeições da vida, a tendência natural é sonhar. O problema é quando esse sonho sai do âmbito individual e passa ao coletivo, transfigurando-se em ideologia política.

Em seu livro sobre o mal, o pensador francês Michel Lacroix tem um capítulo justamente sobre “os fracassos da vontade do bem”. Ele faz uma pergunta angustiante, mas que todos deveriam se fazer: “Mesmo que queiramos o bem, teremos nós a possibilidade de o concretizar?” Lacroix vai além e questiona: “Será possível que, por uma espécie de maldição, a vontade do bem gere o próprio mal?”

Muitos sociólogos de esquerda, por exemplo, acham que é possível “consertar” todo tipo de bandido. Com seu viés marxista, sempre encontram uma justificativa *fora* do sujeito para seus atos

bárbaros. Essas pessoas ignoram a “banalidade do mal”. Como justificar, com base na pobreza, alguém que queima a vítima de um assalto por esta ter pouco dinheiro? A barbárie não é resultado direto da conta bancária, e a esquerda precisa entender que nem todos podem ser “salvos”. Como escreveu Gustavo Nogy em um artigo no site *Ad Hominem*:

As ciências sociais podem eventualmente identificar os motivos dos males que têm motivos. Mas para as manifestações do mal que prescindem de motivos, elas nada têm a dizer. Que nosso querido Michel Foucault descanse em paz. E, sobretudo, que não nos esqueçamos: Caim, o primeiro assassino, não foi “reintegrado à sociedade”. Teve marcado na testa o fratricídio e foi punido com o degredo.

O que essas pessoas não levam em conta no momento de aderir às utopias talvez sejam justamente as tais consequências indesejadas. O livro *As boas intenções*, do escritor espanhol Max Aub, ilustra de forma sarcástica como medidas repletas de bons sentimentos podem acarretar efeitos catastróficos, inclusive na vida daqueles que tais ações mais visavam ajudar.

Trata-se da história de Agustín Alfaro, “o que normalmente se chama *um bom rapaz*”, nas palavras do autor. O livro retrata uma série de acontecimentos trágicos que vão ocorrendo à medida que Agustín tenta proteger sua mãe do sofrimento. Tudo começa quando surge na casa da família uma moça chamada Remedios, que alega ser mãe de um filho de Agustín. O problema é que o rebento não era de Agustín, e sim de seu pai, que usara o nome do filho com a amante.

No afã de poupar sua querida mãe de tamanho sofrimento, uma vez que considerava o marido um homem exemplar, Agustín acaba aceitando a farsa. O que se segue é uma verdadeira comédia de enganos que, naturalmente, acaba por desgraçar ainda mais a vida de sua mãe, sem falar das demais pessoas envolvidas, começando pelo próprio Agustín.

Pessoas repletas de boas intenções, mas desfalcadas na razão, podem se proteger das desgraças do mundo criando a ilusão de que basta a boa vontade para acabar com o mal. O “coitadismo” decorre dessa mania de transferir responsabilidades. A culpa jamais é do indivíduo, mas sempre do “sistema”, da “sociedade”. O assaltante é quase a vítima no assalto, pois quem mandou o rico ser rico em um país com pobreza? E basta meter a mão no bolso dos bem-sucedidos para resolver os problemas dos que ficaram para trás. Basta “vontade política” para resolver tudo.

Trata-se de uma visão míope, que ignora “aquilo que não se vê”, como alertava Bastiat. Uma empresa demite alguns funcionários por conta da maior competição chinesa, e o esquerdista culpa a ganância e o lucro pela tragédia dos desempregados, em vez de compreender que sem tal medida drástica *todos* os funcionários correriam perigo. Ninguém terá emprego se a empresa for à bancarrota.

Um laboratório fatura bilhões enquanto os mais pobres não têm dinheiro suficiente para comprar todos os remédios necessários. O esquerdista, revoltado, uma vez mais condena o capitalismo, o

lucro, alegando que uma vida não tem preço. Sensacionalismo, evidentemente, pois sem o foco no lucro, o laboratório simplesmente não teria verba para investir bilhões em pesquisa e desenvolvimento, e assim produzir novos medicamentos.

Uma empresa cria alguma importante inovação tecnológica que, por sua vez, torna obsoleto um produto anterior. Um grupo ficará sem emprego no curto prazo. Terá de se adaptar e se recolocar no mercado de trabalho. Mas o esquerdista foca no sofrimento de curto prazo dessas pessoas, ignorando as vantagens que a nova tecnologia traz para inúmeras outras, assim como os novos empregos que serão criados.

O trabalhador ganha um salário baixo, e o empresário está rico. Então, o esquerdista pensa que basta subir o salário mínimo, como se isso não tivesse efeito econômico prejudicial justamente sobre os trabalhadores mais pobres. Como o salário depende de oferta e demanda e de produtividade, o aumento do piso por decreto apenas dificulta a vida dos menos qualificados, normalmente os mais jovens.

Ou então o rapaz defende uma lei que praticamente inviabiliza a contratação de empregadas domésticas, tornando seu custo proibitivo, como se assim fosse possível melhorar a qualidade de vida da categoria. O resultado prático é mais desemprego ou informalidade, mas o esquerdista não consegue ver isso e fica no apelo sensacionalista do primeiro passo, como se fosse possível obter prosperidade com uma canetada do governo.

A mesma lógica — ou falta dela — aplica-se nos casos de condições tidas como “desumanas” em países que, pela ótica ocidental, são pobres. O esquerdista destina toda a sua revolta contra a multinacional que emprega gente pobre em tais condições, ignorando que essa empresa costuma pagar *mais* do que as locais, e que não faria o menor sentido dar empregos, em países cuja produtividade do trabalho é muito menor, pagando o mesmo salário que no Ocidente.

O trabalho infantil desperta a mesma reação nessas pessoas. Não é algo novo, que vem se agravando. Pelo contrário: é uma realidade que acompanha a humanidade desde sempre, e que vem, somente num período mais recente, reduzindo-se. Entender *como* isso foi possível é crucial. A revolução industrial, ao contrário de inimiga das crianças, foi seu grande aliado. Até 1400, cerca de metade das crianças morria antes de completar cinco anos. O professor da University of Columbia, Jagdish Bhagwati, escreveu no livro *Em defesa da globalização*:

A verdade é que a globalização — onde quer que se traduza em maior prosperidade coletiva e em redução da pobreza — tão somente acelera a redução do trabalho infantil e estimula a matrícula no ensino elementar, gerando instrução, e, como defendo a partir da minha análise do milagre do Leste Asiático, a instrução, por sua vez, permite o crescimento rápido. Temos aqui, assim, um círculo virtuoso.

Como explica Bhagwati, “a simples proibição do uso de mão de obra infantil dificilmente erradicará o trabalho infantil, fazendo apenas com que os pais pobres mandem clandestinamente seus filhos trabalharem e os façam assumir ‘ocupações’ como a prostituição”.

Quem ainda duvida disso, basta ver o que ocorre em Cuba. O “paraíso socialista”, mesmo com a

ditadura repressora, é uma fábrica de prostituição infantil. Já os países mais capitalistas e liberais, com toda a ganância na busca pelo lucro, praticamente erradicaram o trabalho infantil pesado.

Enfim, há um tipo de esquerdista caviar que, por visão limitada sobre o funcionamento econômico, apela para clichês sensacionalistas para aliviar sua revolta contra os supostos vilões dos problemas que lhe afligem. Ele acredita que o Estado tem um poder miraculoso, e que pode simplesmente decretar o progresso. Como lamentou Guilherme Fiúza em um artigo no jornal *O Globo*:

É típico das sociedades culturalmente débeis acharem que legislar sobre tudo é passaporte civilizatório. É um país que não acredita nos seus acordos, no que é instituído a partir da responsabilidade individual, do bom senso e dos bons costumes.

Esse tipo de esquerdista parece ter fugido da primeira aula básica de economia, que ensina o conceito dos recursos limitados. Pensa, no caso americano, que realmente existe um tal de Tio Sam com recursos infundáveis produzidos *ex nihilo, ab ovo*, do nada! No caso brasileiro, enxerga Brasília como fonte inesgotável de recursos. Como disse Roberto Campos: “Segundo Marx, para acabar com os males do mundo, bastava distribuir; foi fatal; os socialistas nunca mais entenderam a escassez”.

A demanda passa a ser sempre por redistribuição, nunca pela criação de riqueza. Eles são pela “cooperação” e contra a “competição”, ignorando que o mecanismo de mercado conta com uma complexa rede cooperativa (basta entrar em um supermercado para verificar isso) e que a competição também é fundamental para a constante busca por excelência e satisfação do próprio consumidor.

Não vamos esquecer que as competições nos diferentes tipos de esporte atraem uma multidão de público e giram bilhões de dólares. As pessoas gostam de ver uma boa e justa disputa, onde o mérito sobressai e o melhor tende a vencer. É isso que faz com que os atletas precisem superar constantes desafios. Ninguém escutou falar de campeonato de frescobol reunindo milhares de espectadores. Por que será?

Mas a esquerda caviar, ela mesma já vencedora de alguma forma, pois é elite financeira, adota um discurso hipócrita que desmerece a competição e valoriza o altruísmo. Já pensaram em uma corrida olímpica onde todos dessem as mãos e atravessassem a linha de chegada em conjunto, cantando um hino em homenagem à igualdade? Acredito que essa seria a última vez que o evento teria algum público.

O que vale para os esportes vale para a vida, para o trabalho, para tudo. Competir, se feito de forma honesta, é fundamental para os homens. Só que a esquerda caviar não gosta de constatar essa obviedade. Prefere o discurso fácil de “todos juntos por um mundo melhor”. Acostumados ao desfrute do que há de melhor, essas pessoas pensam que os recursos caem do céu e que todos podem

simplesmente dividir melhor o bolo existente.

Abbie Hoffman, líder de um grupo de hippies que parou o pregão em Wall Street, em 1967, ao jogar notas de dólares pela grade, deixou clara essa mentalidade em uma entrevista posterior sobre seus motivadores:

Você poderia dizer que nós éramos anticapitalistas, e nós éramos, mas nós não tínhamos um “ismo”. Nós tínhamos a ideia de liberdade. Nós persistíamos na ideia que tudo deveria ser de graça, já que nossa sociedade era tão rica. Nós tínhamos lojas gratuitas, você poderia entrar e pegar todas as roupas que quisesse. Comida de graça no parque. Poemas e concertos de graça. A ideia era que estávamos vivendo em “pós-escassez”.

O esquerdista é aquele que jamais leva em conta o custo de oportunidade das medidas que prega. Ele não precisa de evidências empíricas de que suas receitas funcionam, tampouco deseja confrontar suas propostas com alternativas. Sem uma boa noção de economia, acaba defendendo políticas que parecem bonitas no apelo emocional, mas que nunca ajudam de fato os mais carentes.

Todos os outros casos parecem devidamente imunes aos argumentos. Entraram para a esquerda caviar ou por oportunismo imoral, ou por fê religiosa, ou por autoestima nula, ou por sede patológica de poder, ou um pouco de cada. Como disse Jonathan Swift: “É inútil tentar fazer um homem abandonar pelo raciocínio uma coisa que não adquiriu pela razão”. Mas o último caso tem salvação. E representa parcela significativa da esquerda festiva.

Esse livro foi escrito para essas pessoas. São os inocentes úteis dos oportunistas de plantão. São aqueles que levam a sério Michael Moore e companhia, que saem dos filmes de Hollywood achando que aprenderam história, que acreditam na capacidade do governo de curar males com leis milagrosas. Ao expor toda a hipocrisia e contradição dos principais ícones da esquerda caviar, espero despertá-los da sonolência. Nunca é tarde para se endireitar e deixar a fase sinistra para trás.

Duplipensar

Antes de mergulhar nas bandeiras politicamente corretas da esquerda caviar e em seus ícones, faz-se necessário explicar um pouco melhor a estratégia de obliteração da linguagem de que se vale. Não há socialismo moderno sem uma “novilíngua” *orwelliana*.

Confúcio teria feito um alerta importante: “Quando as palavras perdem seu significado, as pessoas perdem sua liberdade.” O uso adequado das palavras é essencial para a compreensão da realidade. Sem isso, entramos em um pântano perigoso. Se o que é dito não tem sentido claro, então o cinismo acaba corroendo tudo.

A linguagem “serve para que os homens se entendam e se aproximem”, escreveu Mário Vargas Llosa. Por isso mesmo, aqueles que desejam inviabilizar o pensamento límpido costumam escolher como principal alvo os conceitos das palavras. Os manipuladores deturpam a linguagem para lançar uma nuvem de poeira no raciocínio de suas vítimas.

Em sua clássica distopia *1984*, George Orwell chamou de *duplipensar* a “capacidade de guardar simultaneamente na cabeça duas crenças contraditórias e aceitá-las ambas”. O objetivo das autoridades seria a destruição do pensamento independente: “O poder está em se despedaçar os cérebros humanos e tornar a juntá-los da forma que se entender.” Guerra é paz, liberdade é escravidão, ignorância é força.

Para Orwell, uma linguagem com regras aceitas e mutuamente compreendidas era condição indispensável a uma democracia aberta. Karl Popper era outro que defendia como um dever de todo intelectual “o cultivo de uma linguagem simples e despretensiosa”. E foi além: “Quem não pode falar de modo simples e claro deve calar-se e continuar tabalhando até que possa fazê-lo.”

Para Isaiah Berlin, a meta da filosofia é sempre “ajudar os homens na compreensão de si mesmos e assim operar na claridade, e não loucamente, no escuro”. Em seu livro *A força das ideias*, Berlin resume:

Uma retórica pretensiosa, uma obscuridade ou imprecisão deliberada ou compulsiva, uma arenga metafísica recheada de alusões irrelevantes ou desorientadoras a teorias científicas ou filosóficas (na melhor das hipóteses) mal compreendidas ou a nomes famosos, é um expediente antigo, mas no presente particularmente predominante, para ocultar a pobreza de pensamento ou a confusão, e às vezes perigosamente próximo da vigarice.

Muitos intelectuais da esquerda caviar tentam criar a impressão de profundidade, mesmo quando dizem algo mais raso que um pires. A Escola de Frankfurt ora vem à mente. Karl Popper, em *O mito do contexto*, chega a analisar trechos desses pensadores obscuros, e conclui sobre um deles:

É por razões deste teor que acho tão difícil discutir qualquer problema sério com o professor Habermas. Tenho certeza de que é perfeitamente sincero. Mas penso que não sabe como colocar as coisas de modo simples, claro e modesto, em vez de um modo impressionante. A maior parte do que diz parece-me trivial. O resto parece-me errado.

Outro Karl, o Kraus, também atacou esse tipo de postura: “Uma aparência de profundidade surge com frequência pelo fato de uma cabeça rasa ser ao mesmo tempo uma cabeça confusa.” Alguém aí pensou em Gilberto Gil? Roger Scruton, em *The Uses of Pessimism*, bate no mesmo ponto, mostrando como isso pode ser também uma tática deliberada:

Professores de ciências humanas aprenderam com seus mentores franceses que há uma forma de escrever que sempre será considerada “profunda”, contanto que ela seja (a) subversiva e (b) ininteligível. Enquanto um texto puder ser lido, de alguma forma, contra o status quo da cultura e da sociedade ocidentais, minando a sua pretensão de autoridade ou verdade, não importa que ele seja sem sentido. Pelo contrário, isso é apenas uma prova de que o seu argumento opera em um nível de profundidade que faz com que ele seja imune às críticas.

Alan Sokal adotou uma estratégia para desmascarar vários desses intelectuais. Mandou para uma famosa revista um artigo com título complexo, e trechos bem obscuros. Seu texto não só foi aceito, como gerou bastante reação positiva. Qual não foi a surpresa geral quando o autor confessou tratar-se de um emaranhado de frases soltas e sem sentido?

Sokal aprofundou então o tema em seu livro *Imposturas intelectuais*, que, segundo o próprio autor, “trata da mistificação, da linguagem deliberadamente obscura, dos pensamentos confusos e do emprego incorreto dos conceitos científicos”. São desmontadas certas táticas, como o uso de terminologia científica ou pseudocientífica sem dar a atenção ao seu real significado, ou a ostentação de erudição superficial, que recorre a termos técnicos fora de contexto, para impressionar.

A deturpação dos termos também costuma ser uma típica estratégia da esquerda caviar. Várias palavras importantes perderam seu significado com o tempo. Democracia é um bom exemplo. Basta lembrar que as ditaduras socialistas se diziam “repúblicas democráticas”, ou que, para o ex-presidente Lula, havia “excesso de democracia” na Venezuela de Chávez.

O cineasta Cacá Diegues, ilustre membro de nossa esquerda caviar, escreveu em sua coluna do jornal *O Globo*, logo após a morte de Chávez: “Nenhum caudilho populista, apenas inescrupuloso ou demente, se interessaria tanto por seu povo, sobretudo pelos mais pobres. Nem seria tão amado por ele, como Chávez foi.”

Ora bolas, com tantos bilhões de petrodólares usados para comprar as massas, é claro que os mais pobres iriam retribuir esse “amor”. Na verdade, é uma reverência religiosa digna de um santo! Só não podemos chamar isso de democracia republicana, tampouco atribuir o fenômeno ao interesse genuíno do caudilho pelo povo.

Claro que democracia não pode ser a simples tirania de uma maioria manipulada. Pressupõe certas instituições sólidas, pesos e contrapesos, limites ao poder do próprio governo. A mais básica dessas instituições é a liberdade de imprensa, tão ameaçada atualmente. O “controle social” almejado por alguns não passa de um disfarce para a velha censura.

Outro conceito bastante deturpado é justamente o de “social”, termo vago que acabou perdendo totalmente seu sentido objetivo. “Social” passou a ser uma palavra mágica, que cria automaticamente uma finalidade desejável. Por isso é uma das palavras mais repetidas pela esquerda caviar.

Qualquer meio para esse “nobre” fim passa a ser justificável. “Tudo pelo social!”, clamam os autointitulados “progressistas”, que no fundo lutam sempre contra o verdadeiro progresso, fruto do capitalismo liberal que abominam.

Hayek chegou a realizar um estudo com várias expressões terminadas em “social”. Sua conclusão foi a de que o termo se tornou extremamente confuso, servindo mais para prejudicar a compreensão do que para elucidar. Função social da propriedade? Responsabilidade social? Economia social?

Quando alguém fala em “movimentos sociais”, por exemplo, o que isso quer dizer na prática? Em inúmeros casos, tais movimentos abusam das leis e praticam atos violentos. O MST invade propriedades privadas, alegando lutar pela “justiça social” contra o “imperialismo yanque” (e depois os invasores lancham no McDonald’s, porque ninguém é de ferro). Basta usar a palavra mágica que todo tipo de crime parece liberado.

Se os tiranos de esquerda abusam do termo democracia, tentam, por outro lado, associar a liberdade de mercado à ditadura. Vivemos sob uma “ditadura do mercado”, anacronismo total, já que mercado é justamente poder escolher entre diferentes alternativas.

Eis que o consumidor, que possui infindáveis bandas de música para selecionar, inúmeros canais de televisão ou diversas marcas de cerveja para escolher, vive, segundo a esquerda caviar, em uma “ditadura”, pois é “forçado” a consumir produtos americanos. Na verdade, trata-se de opções voluntárias mesmo, para desespero dos autoritários que adorariam impor *suas* preferências.

No Brasil, o PT, adorado por muitos da esquerda caviar, é mestre na adoção de um novo dicionário revolucionário. Até chegou a distribuir uma cartilha com o “linguajar correto”. É assim que os crimes mais abjetos de seus membros viram apenas “malfeitos”, fatos relevantes contra o partido expostos pela mídia viram “factoides”, toda a imprensa independente que resta vira “golpista”, aqueles que defendem o império das leis viram “moralistas udenistas”, baderneiros e vândalos viram “ativistas”, e por aí vai.

Outro exemplo de mau uso da linguagem recai sobre o termo “contribuinte”, eufemismo que se refere aos pagadores de impostos. Como já diz o nome, imposto não é voluntário. Não somos felizes contribuintes que entregamos rindo quase a metade de nossa renda ao governo. Pagamos impostos porque aceitamos que o estado é um “mal necessário”.

A esquerda caviar pode tentar nos convencer de que pagar quase a metade do que ganhamos é comprar “cidadania”, mas veremos que eles, na prática, não parecem valorizar tanto assim essa ideia. Sempre que podem, lutam para reduzir *seus* impostos, ou até mesmo para receber polpudas verbas estatais, obtidas dos *nossos* impostos.

Os americanos usam a expressão correta *tax payer* (pagador de impostos). Eles falam também

“fazer dinheiro”, e não “ganhar dinheiro”, como nós. “Ganhar” dá a entender que o salário é um presente, um maná, uma espécie de direito divino, e não a contraparte de uma troca voluntária entre patrão e empregado.

Palavras fazem diferença. Alguém poderia escrever um tratado inteiro só sobre o uso de uma palavrinha no jornalismo moderno, ligando isso à novilíngua *orwelliana* e a todas as mudanças que isso acarretou na imprensa. Trata-se do termo “suspeito”. Entendo a cautela dos jornalistas, a importância da presunção de inocência, do devido processo legal. Mas existem casos chocantes, como o de um ataque a um policial ocorrido em Londres em maio de 2013.

O sujeito fotografado e estampado nos jornais era o assassino confesso, estava com a arma do crime numa mão, com o sangue da vítima escorrendo da outra, gravou um vídeo explicando os motivos do assassinato, mas os jornais utilizaram “suspeito” para descrevê-lo! Talvez o fato de ser negro e muçulmano tenha contribuído para o excesso de cautela. É por essas e outras que o petista com dólares na cueca é “suspeito” de corrupção, José Dirceu é “suspeito” de ter comandado um ataque à democracia e eu sou um “suspeito” defensor do liberalismo!

Tal como “suspeito”, a palavra “suposto” costuma servir ao mesmo interesse, o de suspender qualquer julgamento, especialmente quando para proteger uma visão de esquerda. Um cético solipsista poderia demandar a seguinte manchete: “O suposto assassino da suposta organização terrorista do suposto Islã, supostamente esfaqueou o suposto policial londrino, supostamente morto”.

Os eufemismos para “proteger” as minorias também são marca registrada da esquerda caviar. A nossa época parece tomada por essa mania de apelar a eufemismos para não magoar almas sensíveis. A terminologia politicamente correta está bastante associada ao tema dessa obra, e uma boa definição encontra-se no livro *The Cynic’s Dictionary*, de Rick Bayan:

Eufemismos inadvertidamente hilariantes criados e impostos por comitês de acadêmicos sem senso de humor, tendo como propósito não ofender nenhum grupo social, a não ser o dos que acreditam em liberdade de expressão.

Os baixinhos como eu, do alto de meus incríveis 1,70m, devem ser chamados agora de “verticalmente prejudicados”. Caberiam até cotas, pois há estatísticas mostrando que os mais altos ganham mais, na média. Os negros são afrodescendentes, mesmo que descendam de um holandês que há tempos não encontra mais um parente africano em sua árvore genealógica.

Eis mais um bom exemplo: o filme *As sessões*, já citado, retrata a vida real de uma “terapeuta sexual”, papel de Helen Hunt, que ajuda uma vítima de pólio a vencer barreiras emocionais até conseguir fazer sexo. Uma história linda e comovente, sem dúvida. Há apenas um detalhe: a “terapeuta”, que deu entrevista afirmando ter feito sexo com mais de novecentos clientes (e que até se casou com um deles), não se considera uma prostituta (aliás, o termo politicamente correto é

“profissional do sexo”, para não ofender os mais sensíveis).

Caberia perguntar: quando foi que a mulher que cobra para fazer sexo deixou de ser chamada de puta? Ora bolas! Trata-se da “profissão” mais antiga do mundo, e eis que agora recebe uma embalagem nobre? Eu devia estar dormindo quando isso ocorreu, pois não consigo ver diferença.

O leitor discorda? Então, sugiro um teste: se sua filha fosse uma terapeuta, estaria tudo bem para você? E se ela fosse uma prostituta? A coisa já complicou, certo? Agora responda: em qual dessas duas “profissões” você acha que a “terapeuta sexual”, que recebe dinheiro em troca de sexo, enquadra-se melhor? Pois é.

Não podemos ser “preconceituosos”, porém. Prostituição é “apenas” um ofício como outro qualquer, desde que a *minha* filha fique bem longe disso. A esquerda caviar adora pregar uma coisa e fazer outra. Na família dos outros é refresco. E no bairro também!

Quando surgiram boatos de que um puteiro, digo, uma casa de massagem abriria no Leblon, o metro quadrado mais caro do Brasil e uma espécie de *habitat* natural da esquerda caviar, os moradores logo se mobilizaram para impedir a empreitada. Prostituição, sim, é coisa linda, mas não no meu quintal, cara-pálida!

Palavras e expressões fazem diferença na cultura de um povo. Mas mesmo os americanos não ficaram livres das manipulações de conceitos. A esquerda lá foi tão eficiente que usurpou até mesmo o termo “liberal”, que passou a ser associado a políticas claramente antiliberais, que pregam sempre maior intervenção estatal na vida dos indivíduos.

O líder do Partido Socialista americano, Norman M. Thomas, em um discurso de campanha em 1948, declarou que o povo americano jamais adotaria o sistema socialista de forma consciente. Mas, sob o nome “liberalismo”, encamparia cada fragmento do programa socialista até que um dia a nação seria socialista sem saber como aconteceu. Quando vemos que Obama se diz um “liberal”, temos de reconhecer a capacidade profética do líder socialista.

No Brasil, o termo perdeu totalmente seu sentido, e nossos males sempre foram jogados na conta do tal “neoliberalismo”. Porém, como disse Roberto Campos, o “Brasil está tão distante do liberalismo — novo ou velho — como o planeta Terra da constelação da Ursa Maior!” Só mesmo no Brasil que um partido de esquerda como o PSDB pode ser rotulado de neoliberal.

Recentemente, talvez por perceber os ventos de mudança e o declínio da esquerda, chamuscada pelo desgaste no poder, parte da imprensa começou a tentar criar no país a mesma dicotomia entre liberal e conservador existente nos Estados Unidos. A *Folha*, quando fez uma reportagem sobre uma pesquisa que mostrava que o brasileiro é conservador, colocou a bandeira do desarmamento como coisa de liberal. Não! Desarmar inocentes não é uma bandeira liberal, até porque os liberais respeitam o direito individual de legítima defesa.

Mas a esquerda caviar adora rótulos sem sentido. Enquanto posa de moderada, costuma atacar seus oponentes como “extremistas”. O primeiro passo daqueles que pretendem confundir os

indivíduos com seus vagos termos é jogar tudo no mesmo saco, chamando o conjunto todo de “extremismo” e pregando um “caminho do meio”. A técnica é conhecida.

Se alguém escutar uma pessoa afirmando ser igualmente contrária à peste bubônica, ao estupro e aos sermões de sua sogra, não restará dúvida de que o objeto do seu verdadeiro ódio seja a sogra, e eliminá-la parecerá o real objetivo de sua colocação. Afinal, não seria razoável considerar como males iguais as três coisas, por mais chato que fosse o sermão da sogra.

Da mesma maneira, quando alguém repete que condena igualmente o comunismo, o nazismo e o capitalismo, não resta dúvida de que o alvo verdadeiro seja o capitalismo. O comunismo carrega nas costas algo como 100 milhões de defuntos, enquanto o nazismo tantos outros milhões. Ambos são totalitários, depositam no estado todo o poder, partem para fins coletivistas, transformando os indivíduos em meios sacrificáveis, e incitam o ódio do preconceito, seja de classe ou de raça.

Em outras palavras, tanto o comunismo como o nazismo, similares em inúmeros aspectos, são absolutamente opostos ao capitalismo liberal, que prega a liberdade individual, entendendo que cada indivíduo é um fim em si. Enquanto o comunismo e o nazismo trouxeram apenas desgraça, miséria, terror e morte, o capitalismo trouxe o progresso para os povos e retirou centenas de milhões da pobreza, o estado natural da humanidade.

Mas os “moderados” jogam tudo no mesmo saco, sem separar o joio do trigo, e alegam que são “neutros” ou isentos de ideologias, com o único intuito de obliterar o verdadeiro significado do termo “capitalismo” e manchá-lo com as más companhias. A tática deu certo, claro, pois vemos que os capitalistas morrem de medo de serem acusados de radicais só por defender o capitalismo, infinitamente superior aos demais. Ayn Rand tentou reagir a esse perigo: “A melhor prova do colapso de um movimento intelectual é o dia em que ele não tem nada mais a oferecer como um ideal último além da demanda por moderação”.

A esquerda caviar adora posar de “neutra”, de pragmática, como se somente os outros fossem ideológicos. O esquerdista alega que não há imparcialidade nos debates, assumindo que somente *ele* é imparcial. Como diz Jonah Goldberg em *The Tyranny of Clichés*, em alguns momentos o extremo estará 100% correto enquanto a posição centrista estará 100% errada. Até porque é preciso saber: centro em relação a quais extremos? Será que é bom ser centro entre a estupidez e a inteligência? Ou centro entre a canalhice e a integridade?

Alguém realmente acha, ainda mais agora, com o benefício do retrospecto, que a posição neutra na Guerra Fria era a mais adequada? Ficar equidistante entre URSS e Estados Unidos não era a postura correta. Claro que defender o lado americano, mesmo com seus defeitos, era defender o lado certo, o da liberdade e da democracia contra a tirania soviética. O professor de história em Yale, John Lewis Gaddis, em *História da guerra fria*, resume:

Ambas as ideologias que definiam aqueles dois mundos se destinavam a oferecer esperança: para isto, antes de mais

nada, serve uma ideologia. Uma delas, no entanto, para funcionar veio a depender da instalação do medo. A outra não precisava deste recurso. Neste ponto está a assimetria ideológica fundamental da Guerra Fria.

Não é por acaso que o lado que precisou erguer um muro para impedir a saída do próprio povo foi o comunista (o outro, quando ergue muros, é apenas para impedir a entrada ilegal de imigrantes). A esquerda caviar, contudo, não aceita essa obviedade.

Renato Janine Ribeiro, por exemplo, em artigo no *Valor*, disse: “Há questões, como o confronto liberalismo-socialismo, que não são assunto de certo ou errado, mas de preferência.” Só se for de preferência entre 100 milhões de mortes e prosperidade com liberdade. Mas, para o intelectual, é tudo apenas questão de preferência, como escolher entre azul e amarelo. Quem ousaria falar em certo ou errado nessas questões? Só um radical, não é mesmo?

A estratégia perversa dos relativistas é partir de um fato — todos os sistemas são imperfeitos — para concluir que não podemos, então, separar o joio do trigo. Besteira! Meu vizinho pode não ser perfeito, pode mentir para sua esposa, mas isso não faz dele um estuprador de crianças. Enxergar equivalência moral entre socialismo e capitalismo é simplesmente absurdo.

Para Jonah Goldberg, o “pragmatismo”, ele mesmo uma filosofia, acaba sendo um disfarce que os progressistas usam quando querem demonizar ideologias concorrentes. Todo progressista gosta de se vender como racional e pragmático, alguém acima dos debates ideológicos, livre da dicotomia entre esquerda e direita. Curiosamente, os que alegam não ter ideologia sempre são os mais ideológicos, e sempre em defesa de mais intervenção estatal. Em seu excelente livro *Fascismo de esquerda*, Goldberg explica em detalhes o malabarismo:

A ameaça peculiar representada pelas atuais religiões políticas de esquerda está, precisamente, em sua afirmação de que são livres de dogma. Em vez disso, professam ser campeãs da liberdade e do pragmatismo — que, a seu ver, são bens autoevidentes. Elas evitam preocupações “ideológicas”. Portanto, tornam impossível discutir suas ideias mais básicas e extremamente difícil expor as tentações totalitárias que residem em seus corações. Elas têm um dogma, mas o consideram fora de discussão. Em vez disso, nos forçam a argumentar com suas intenções, seus motivos, seus sentimentos.

Os esquerdistas estão certos porque “se preocupam”, ponto final. Transformam “compaixão” na palavra de ordem da política. Tornando paixão e ativismo medidas de virtude política e fazendo os motivos parecerem mais importantes que os fatos, a esquerda colocou a oposição refém de seu discurso. Além disso, em uma brilhante manobra retórica, conseguiram isso, em grande parte, sustentando que seus oponentes é que são os fascistas.

Uma palavra adorada pela esquerda caviar é tolerância. Gostam de acusar aqueles que não compartilham de sua postura negligente ou favorável a ideologias assassinas, como o comunismo, de

“intolerantes”. O radical passa a ser então, numa espantosa inversão de valores, o anticomunista.

Note bem: se abomina abertamente o regime que trucidou dezenas de milhões de inocentes, você é “intolerante” e se acha o “dono da verdade”. Não são Stalin e seus acólitos os intolerantes, mas *você*, por apontar as coisas como são, colocando os pingos nos “is”, sem a covardia típica da esquerda caviar.

Como dizia Popper: “Não devemos aceitar sem qualificação o princípio de tolerar os intolerantes, se não corremos o risco de destruição de nós próprios e da própria atitude de tolerância.” Como tolerar pessoas que preferem matá-lo a rebater seus argumentos? Será que os “tolerantes” da esquerda caviar pensam que devemos tolerar os nazistas também, porque ninguém é “dono da verdade”?

A esquerda, aliás, gosta de acusar a direita capitalista de “nazista”, invertendo completamente os fatos. O nacional-socialismo tinha um programa coletivista com vários pontos em comum com a esquerda. Hitler estudou Marx e apreciava seus métodos, além de se considerar o grande realizador do marxismo.

Os nazistas e os bolcheviques chegaram a fechar um acordo de cooperação em 1939, o pacto Molotov-Ribbentrop. Eram parceiros até Hitler resolver rasgar o acordo. Ambos disputavam o mesmo tipo de alma. Seu ódio mútuo, posterior, pode ser explicado pelo “narcisismo das pequenas diferenças”, como diria Freud.

Enquanto o pacto entre Stalin e Hitler durou, as ordens para os comunistas do mundo todo, sob a tutela de Moscou, eram para não atacar os nazistas. Nos Estados Unidos, o Partido Comunista (CPUSA) tinha ordens expressas para poupar Hitler de ataques. Eles inclusive estimularam diversas campanhas pacifistas contra o seu governo, fazendo ataques histéricos aos alegados interesses petrolíferos de Rockefeller na subida de tom do governo Roosevelt.

Somente depois que Hitler ignorou o pacto e invadiu a Polônia foi que a propaganda antinazista começou, assim como a campanha pela entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra. O grupo American Peace Mobilization, que tinha o apoio financeiro de Fred Vanderbilt Field, até mudou de nome para American People’s Mobilization, preservando a sigla, mas alterando completamente seu significado. Os comunistas americanos tinham em Stalin sua prioridade, e não os interesses de seu próprio país.

O programa do Partido dos Trabalhadores Nacional-Socialista que levou Hitler ao poder deixa claro as similaridades com o socialismo. Defendia, por exemplo, a “obrigação do governo de prover aos cidadãos oportunidades adequadas de emprego e vida”. Alertava que “as atividades dos indivíduos não podem se chocar com os interesses da comunidade, devendo ficar limitadas e confinadas ao objetivo do bem geral”. Demandava o “fim do poder dos interesses financeiros”, assim como a “divisão dos lucros pelas grandes empresas”.

Também pregava uma “reforma agrária para que os pobres tivessem terra para plantar”. Combatia o “espírito materialista” e afirmava ser possível uma recuperação do povo “somente através da colocação do bem comum à frente do bem individual”. Em um discurso proferido no dia do trabalho em 1927, Hitler disse:

Nós somos socialistas, nós somos inimigos do sistema econômico capitalista atual de exploração dos economicamente fracos, com seus salários injustos, com sua ultrajante avaliação de um ser humano de acordo com sua riqueza e propriedade ao invés de responsabilidade e comportamento, e nós estamos determinados a destruir esse sistema custe o que custar.

Conforme escreveu Alain Besançon em *A infelicidade do século*, comparando comunistas e nazistas, “eles pretendem ser filantrópicos, pois querem, um deles, o bem de toda a humanidade, o outro, o do povo alemão, e esse ideal suscitou adesões entusiásticas e atos heroicos”. Mas o que os aproxima mais é que “ambos se dão o direito — e mesmo o dever — de matar, e o fazem com métodos que se assemelham, numa escala desconhecida na história”. O autor conclui:

O comunismo é mais perverso que o nazismo porque ele não pede ao homem que atue conscientemente como um criminoso, mas, ao contrário, se serve do espírito de justiça e de bondade que se estendeu por toda a terra para difundir em toda a terra o mal. Cada experiência comunista é recomeçada na inocência.

Disso eu tenho dúvidas. Quem *ainda* pode desconhecer, em pleno século XXI, as atrocidades comunistas? De modo a não restar desculpas, para quem quiser se aprofundar mais na realidade do comunismo e em suas semelhanças com o nazismo, recomendo fortemente o documentário *The Soviet Story*, de 2008. É um material de primeira.

A revista britânica *The Economist* fez a seguinte resenha do filme: “*The Soviet Story* é o mais poderoso antídoto atual para a reparação do passado. O filme é emocionante, audaz e rigoroso. [...] O objetivo principal do filme é mostrar a estreita conexão — filosófica, política e organizacional — entre os regimes nazista e soviético.”

Mas nada disso importa. Basta atacar o comunismo, combater os pilares da esquerda radical, para ser logo tachado de “fascista” ou “nazista”, como se fascistas, nazistas e comunistas fossem tão diferentes assim na prática, e como se nazistas e capitalistas liberais tivessem alguma semelhança.

No final da década de 1940, um termo foi cunhado e atirado diretamente nas artérias culturais dos Estados Unidos: “macartismo”. Era um termo pejorativo, sugerindo algo muito ruim, mas sem uma definição precisa. O seu significado alegado era: “acusações injustas, perseguições a vítimas inocentes”. Seu real significado era: “anticomunismo”.

Não vem ao caso julgar as ações do senador McCarthy, de cujo sobrenome o termo se originou, mas apenas mostrar que o uso dessa vaga palavra serviria para intimidar e silenciar os debates públicos. Qualquer pessoa que apontasse as atrocidades comunistas era logo rotulado de “macartista”, com o intuito de desqualificá-lo e, assim, ignorar seus argumentos.

O anti-anticomunismo sempre consistiu numa tática útil ao comunismo, e a esquerda caviar

sempre foi usada como inocente útil para esse papel. Quem critica o comunismo é atacado pela esquerda, que se diz contrária ao regime, mas aberta ao diálogo com todos. A estratégia é rotular de radical o anticomunista, em vez de o próprio comunista. Acusar as atrocidades do comunismo passa a ser paranoia. Sartre chegou a afirmar, em 1952, que “todo anticomunista é um cão!”

O sarcasmo era uma arma importante nesse plano. “Comunistas vão aparecer embaixo da sua cama”, ou “comunistas comem criancinhas”, essas e outras frases serviam para desqualificar o anticomunista como alguém que acredita em alienígenas. Ocorre que até mesmo *isso* foi verdade! Ou seja, comunistas *de fato* comeram crianças, ou pior, forçaram outros a fazê-lo. Como relata *O livro negro do comunismo*:

P’eng P’ai aproveitou a circunstância para por em vigor um regime de “terror democrático”: o povo inteiro era convidado a assistir aos julgamentos públicos dos “contra-revolucionários”, quase que invariavelmente condenados à morte; participava das execuções, gritando “mata, mata” aos Guardas Vermelhos que tratavam de cortar a vítima pedaço a pedaço, que por vezes cozinhavam e comiam, ou obrigavam a família do supliciado — que, ainda vivo, assistia a tudo — a comer; todos eram convidados para os banquetes em que se partilhava o coração ou o fígado do antigo proprietário, e para os comícios onde o orador discursava diante de uma fileira de estacas cada uma enfeitada com uma cabeça recentemente cortada.

Um relato para colocar inveja em Hannibal, convenhamos. O canibalismo não foi restrito ao comunismo chinês; seria repetido no Camboja de Pol Pot depois. Ocorreram vários casos de canibalismo famélico também, entre a própria população desesperada por comida, pois o comunismo ou não era capaz de produzir alimentos ou seus líderes deliberadamente usavam a fome como estratégia de poder (Lênin foi o primeiro a fazer isso). Em *Stálin: a corte do czar vermelho*, Simon Sebag Montefiore relata alguns desses casos:

A 14 de abril de 1937, o procurador-geral Vichinski escreveu ao premiê para informar sobre uma série de casos de canibalismo em Cheliabinsk, nos Urais, em que uma mulher comeu uma criança de quatro meses, outra comeu uma de oito anos com seu filho de treze, enquanto outra ainda consumiu seu bebê de três meses.

Há vários relatos de canibalismo na Coreia do Norte, onde pais comem seus próprios filhos desesperados com a fome. Existem outros casos, mas, como este livro não foi patrocinado pelo fabricante do Plasil ou do Engov, vou poupar o estômago do leitor. Basta resumir que o canibalismo floresceu sob regimes comunistas, seja por atos conscientes de seus líderes, seja por desespero da população.

Mas, claro, se trazer isso à tona em uma conversa, mesmo depois da abertura dos arquivos escondidos atrás da Cortina de Ferro, você será acusado de paranoico ou mentiroso. O anticomunismo não pega bem. O termo ficou protegido por uma aura de bondade, mesmo depois de todo o rastro de sangue que deixou. Enquanto a suástica desperta fúria, corretamente, a foice e o martelo ainda são usados para simbolizar partidos políticos oficiais!

Países que já sofreram na pele com esse regime não querem mais saber de partidos ostentando tal ideologia. A Hungria, seguindo outros países do leste europeu, vetou símbolos nazistas e comunistas. Não há por que proibir a suástica e permitir a foice com o martelo. Ambos representam regimes assassinos, totalitários, antidemocráticos.

Espero ter deixado bem clara a estratégia perigosa de *duplipensar* usada pela esquerda caviar. Todo liberal deve valorizar a linguagem, de preferência da forma mais objetiva e compreensível. Para Irving Babbitt, “o sofista e o demagogo florescem numa atmosfera de definições vagas e imprecisas”. Mário Vargas Llosa pensa que “chamar novamente o pão de pão e o vinho de vinho é indispensável, entre outras coisas, para que a liberdade de expressão faça sentido”.

Se desejarmos ser livres, precisamos antes resgatar a linguagem de seu cativeiro atual. Caso contrário, continuaremos reféns dos demagogos de plantão, que falam em “liberdade” enquanto expandem cada vez mais os tentáculos do Leviatã estatal.

O viés da imprensa

A esquerda caviar encontra forte eco nos principais veículos de comunicação. Há um inegável viés esquerdista na grande imprensa. Não se trata de uma teoria conspiratória, mas da mais singela observação dos fatos. O que explica isso?

Em primeiro lugar, é preciso notar que não se trata de um fenômeno estritamente nacional. Nos Estados Unidos, por exemplo, a imprensa também tem uma clara propensão esquerdista, abraçando as principais bandeiras “liberais”. Em 1992, por exemplo, 89% dos jornalistas disseram ter votado em Bill Clinton, contra apenas 43% do restante da população.

Mais de 60% se dizem de esquerda ou moderados, com viés de esquerda, contra menos de 10% que se consideram conservadores ou moderados, com inclinação conservadora. Hollywood costuma contribuir com os Democratas em uma razão de pelo menos quatro para um em relação aos Republicanos. A propensão existe, e é preciso ser cego para negá-la (até Stevie Wonder, porém, sabe deste viés, como bom esquerdista defensor de Obama que é).

Uma das possíveis explicações é o aparelhamento consciente desse importante setor de formação de opinião. Lênin, como já foi dito, julgava os filmes de Hollywood um pilar fundamental da conquista de mentes para seu projeto comunista. Também considerava que os jornais eram mais perigosos que as armas. Por isso, todos os governos socialistas tentaram controlá-los diretamente.

Onde as ditaduras socialistas não vingaram, restou a opção da tomada de baixo para cima desses veículos. A revolução de Gramsci, o comunista italiano que arquitetou a estratégia de poder por meio da própria democracia, poderia dispensar as armas se fosse bem-sucedida na infiltração em escolas, universidades, redações, igreja e televisão. Sua revolução cultural seria mais silenciosa e, portanto, mais perigosa, pois menos perceptível.

Vale a pena dedicar alguns parágrafos a esta figura sombria, uma vez que as estratégias traçadas em seus *Cadernos do cárcere* têm tudo a ver com a postura da esquerda caviar atualmente, e com esse viés da imprensa.

Nascido na Itália em 1891, Antônio Gramsci foi um marxista intelectual membro do Partido Socialista Italiano. Gramsci era um simpatizante da revolução bolchevique de 1917, e foi um dos fundadores do Partido Comunista Italiano. Preso pelo regime fascista de Mussolini, começou a escrever notas na prisão.

O tema central de seus escritos consistiria na formulação de uma estratégia de tomada do poder, distinta do modelo leninista. Para Gramsci, o “assalto ao poder” de Lênin não seria o método adequado nos países ocidentais. A estratégia gramscista de transição para o socialismo contaria com aspectos mais graduais, infiltrando-se e influenciando na cultura, e alterando-a para permitir a conquista

final do poder pelas classes subalternas. Esta tem sido a receita praticada na América Latina nas últimas décadas, com resultados claramente positivos do ponto de vista dos marxistas.

O general Sérgio Augusto de Avellar Coutinho, já falecido, escreveu o livro *A revolução gramscista no ocidente*, que faz um didático resumo da concepção revolucionária de Gramsci. Nela, o grupo dirigente seria justamente aquele que tem a hegemonia, ou seja, “que tem capacidade de influir e de orientar a ação política, sem uso da coerção”. O que torna a estratégia gramscista tão perigosa é exatamente o fato de trabalhar por apodrecer os pilares democráticos de dentro da própria democracia, subvertendo seus valores e corroendo esses fundamentos.

Os gramscistas falam em “democracia radical” ou “radicalismo democrático” para se referir a tal modelo. Essa deturpação da ideia de democracia é útil para a causa socialista, pois permite que se fale em “socialismo democrático”, distanciando-se, no imaginário popular, do regime ditatorial adotado na União Soviética. Isso garante o respaldo de legalidade, evitando assim eventuais resistências e reações da sociedade.

Na estratégia gramscista, o papel dos intelectuais orgânicos é crucial. O novo intelectual não é apenas um orador eloquente, mas um dirigente que orienta, influencia e conscientiza as massas. O grupo de luta deve também batalhar pela assimilação e conquista ideológica dos intelectuais tradicionais. Estes terão participação consciente ou inconsciente, podendo assumir o papel de intelectual orgânico por convencimento e adesão, ou por ingenuidade, acomodação ou até capitulação.

Para Gramsci, todos os membros do partido, em todos os níveis, são intelectuais. Devem realizar na sociedade civil uma profunda transformação política e cultural, “amestrando” as classes burguesas também, levando-as a aceitar as mudanças intelectuais e morais como parte de uma natural e moderna evolução. Para tanto, contam com o apoio dos organismos privados, como sindicatos e organizações não-governamentais. E da imprensa, claro.

Além dessa infiltração socialista, há claramente o caso da imprensa chapa-branca. Como o governo é sempre um grande anunciante, principalmente em países com maior presença estatal na economia — como no caso brasileiro —, os jornais e as emissoras de televisão acabam reféns da mentalidade estatizante. Não é boa decisão para os negócios bater muito de frente com o governo, como demonstra a Argentina.

Há ainda sites e jornalecos totalmente dependentes das verbas estatais. Esses não têm mais pudor algum, e só obedecem ordens, sempre deixando a integridade em último lugar na hierarquia de valores. Infelizmente, quando o PT chegou ao poder no Brasil, esse fenômeno cresceu de forma assustadora, e hoje temos diversos casos evidentes de soldados da propaganda oficial espalhados pelas redes sociais e imprensa. O PT chegou a criar um *bunker* para isso.

Basta passar o olho na revista *Carta Capital*, por exemplo, para ter ideia do peso das propagandas estatais em seu orçamento. Com isso em mente, fica mais fácil compreender as matérias

absurdamente tendenciosas, que faltam com a verdade com mais frequência do que trocamos de roupa.

Não creio, entretanto, que o viés esquerdista na imprensa tenha ligação somente com os interesses monetários ou com a infiltração deliberada de socialistas nas redações. Trata-se de um fenômeno mais abrangente e prosaico. Boa parte dos jornalistas é formada por membros da esquerda caviar, que, para piorar, precisam vender ao público histeria e sensacionalismo.

Essa é também a tese de Bernard Goldberg, jornalista que trabalhou por anos na CBS, vencedor de vários prêmios. Em seu livro *Bias*, Goldberg sustenta essa visão de que as matérias tendenciosas da imprensa acabam predominando pelo simples motivo de que muitos jornalistas são de esquerda. Ele afirma:

Esse é um dos maiores problemas no grande jornalismo: as elites estão irremediavelmente fora de contato com os americanos comuns. Seus amigos são esquerdistas, assim como eles são. Eles compartilham os mesmos valores. Quase todos pensam da mesma forma sobre as grandes questões sociais do nosso tempo: o aborto, o controle de armas, o feminismo, os direitos dos homossexuais, o meio-ambiente, a oração na escola. Depois de um tempo eles começam a acreditar que todas as pessoas civilizadas pensam da mesma maneira que eles e seus amigos. É por isso que eles não simplesmente discordam dos conservadores. Eles os veem como moralmente deficientes.

Isso explica, por exemplo, a completa falta de sintonia entre a grande imprensa e Ronald Reagan, que foi o presidente mais popular dos últimos tempos nos Estados Unidos. Reagan falava para a maioria, para o americano comum, em linguagem simples e direta, enquanto a imprensa esquerdista ficava chocada e retratava o presidente como um completo imbecil.

Já o líder soviético, Mikhail Gorbachev, era idolatrado pela grande imprensa americana. Enquanto isso, ele idolatrava... Lênin! Está lá em seu livro *Perestroika*. Gorbachev tentava *salvar* o comunismo com reformas, enquanto Reagan tentava acabar com aquele regime nefasto. Quem ganhou a estima da imprensa? O comunista!

O esquerdismo, por ser o *mainstream* da imprensa, não precisa de rótulos. Mas os conservadores e liberais (no sentido clássico) são sempre rotulados. Quem está à direita do centro é de direita, mas quem está à esquerda do centro continua de centro ou é moderado. E isso mesmo para quem está *muito* à esquerda!

A imprensa brasileira sempre se refere aos Republicanos americanos como “ultraconservadores”. Quando Paul Ryan foi escolhido como vice na chapa de Mitt Romney em 2012, o destaque em nossa mídia foi o mesmo em todo lugar: um “ultraconservador” fora apontado para satisfazer os anseios da direita radical do Tea Party.

Os membros deste movimento chegaram a ser chamados de “fascistas” pelo colunista Arnaldo Jabor, que abandonou o comunismo juvenil, mas não totalmente o ranço antiamericano. Faz sentido usar esse rótulo? O que defende, a rigor, o Partido Republicano? Quais são as ideias de Paul Ryan? Há alguma semelhança entre tais ideias e o fascismo, cujo ícone máximo foi Mussolini, um notório socialista durante boa parte da vida?

Se dependesse de nossa imprensa, a imagem pintada de um Republicano seria a de um neandertal.

Nossos colonistas e jornalistas olham para a direita americana como se esta fosse formada basicamente por fundamentalistas religiosos, saudosistas da era medieval, que adorariam puxar suas mulheres pelo cabelo e manter escravos negros.

Qual não seria o espanto dessas pessoas se alguns fatos históricos fossem revelados! Por exemplo, que o *Civil Rights Act* de 1964 contou com mais apoio dos Republicanos do que dos Democratas. Ou que os grandes segregacionistas raciais eram todos do Partido Democrata, incluindo o governador que impôs a regra de que os negros deveriam se sentar atrás no ônibus, algo que jamais partiu do setor privado.

Rose Parks, quando ousou desafiar a regra e se recusou a ceder seu lugar a um branco no ônibus, estava enfrentando um governo Democrata, assim como foram os Democratas que mantiveram por tanto tempo a Lei Jim Crow de segregação racial. Também eram Democratas os mais importantes membros da Ku Klux Klan. E claro, Lincoln, tão celebrado recentemente em novo filme de Steven Spielberg, também era Republicano, como foram os Republicanos que pressionaram pelo direito ao voto dos negros nos estados sulistas, contra forte oposição dos Democratas.

Além disso, são sempre os Republicanos os acusados de violência, e a imprensa costuma mergulhar em ataques precipitados quando algum maluco abre fogo contra inocentes. Ironicamente, quase todos os ataques até hoje foram cometidos por pessoas identificadas com a esquerda radical, com o comunismo. Ann Coulter resumiu em *Demonic*:

A regra esquerdista é: qualquer ato criminoso cometido por homens brancos com armas é uma conspiração de direita, ao passo que qualquer ato criminoso cometido por não-brancos com armas de fogo é o governo a violar as liberdades civis de alguém. (Se um homem negro alguma vez atirasse em um abortista, os cérebros esquerdistas iriam explodir.)

Quem na imprensa sabe ou fala dessas coisas? Naturalmente, uma minúscula parcela da ala mais reacionária Republicana pode até se encaixar nesse estereótipo criado pela mídia, mas não faz sentido generalizar dessa forma. Seria como dizer que todos os Democratas são comunistas que sonham com o modelo soviético, porque tais sem dúvida existem no partido de Obama. Alguns até bem próximos do presidente...

Portanto, quando nossos “especialistas” pintam esse quadro medonho, de criacionistas que abominam a ciência e de individualistas insensíveis que não ligam para os pobres, de racistas odiosos, podemos estar certos de que se trata de uma caricatura absurda e injusta, feita deliberadamente ou por ignorância. Ao colocarem todos no mesmo saco, pretendem contaminar uma direita legítima com os excessos de um extremo numericamente insignificante.

Quando essa estratégia é consciente, fica mais fácil perceber o viés. Porém, quando fruto de um preconceito inconsciente, fica mais convincente. Como diz Eduardo Giannetti da Fonseca em seu livro *Auto-engano*:

O enganador auto-enganado, convencido sinceramente do seu próprio engano, é uma máquina de enganar mais habilidosa e competente em sua arte do que o enganador frio e calculista.

O enganador embarca em suas próprias mentiras, e passa a acreditar nelas com toda a inocência e boa-fé do mundo. Assim fica mais fácil convencer os demais. É justamente esse o receio de Goldberg:

Se você colocasse repórteres e produtores da rede de notícias em máquinas de polígrafo e lhes perguntasse: “Você acha que você é culpado de viés esquerdista?”, a maioria quase certamente responderia: “Não”. E eles passariam no teste do polígrafo, porque não estão mentindo. Eles sinceramente acreditam no que eles estão dizendo. E esse é o maior problema de todos.

O derrotado Mitt Romney teve uma tirada espirituosa quando participou com o então candidato à reeleição, Barack Obama, de um evento comum no Alfred E. Smith Memorial Foundation. É tradição nos Estados Unidos esse encontro descontraído, com piadas de cada lado. Romney brincou prevendo as manchetes dos jornais no dia seguinte: “Obama recebe apoio de católicos”; “Romney tem jantar com ricos”. Infelizmente, essa piada tinha um grande fundo de verdade.

Basta ver o tratamento diferenciado que Obama e Bush receberam. Ambos usaram os *drones*, aqueles aviões não tripulados, para ataques cirúrgicos, por exemplo. A guerra transformada em uma espécie de videogame merece debates mais profundos. Obama, entretanto, expandiu bastante o uso da ferramenta, enquanto Bush ficou com a fama de *cowboy* beligerante. Mas Obama contava — e conta — com o obsequioso silêncio da imprensa, ao contrário de seu antecessor.

Obama apela para a retórica contra os banqueiros ricos, associados automaticamente aos Republicanos. Mas os banqueiros foram os maiores doadores para as campanhas de Obama. Os empregados do Goldman Sachs, ícone de Wall Street, deram US\$ 1 milhão para sua eleição, enquanto foi o governo Bush que deixou o Lehman Brothers ir à falência. Faz sentido isso? A imprensa não checa os fatos?

Em maio de 2013, explodiu um escândalo de espionagem do governo Obama que fez o Watergate de Nixon parecer brincadeira de amadores. O Departamento de Justiça do governo obteve secretamente ligações telefônicas de jornalistas e editores da *Associated Press (AP)*, e a Receita Federal fez varreduras especiais para encontrar podres dos conservadores. Obama se encontrou com o chefe do sindicato de fiscais um dia antes da perseguição começar. Era o batom na cueca.

As informações divulgadas pelo ex-analista da CIA, Edward Snowden, acrescentaram muito mais lenha na fogueira. Mostraram como o aparato de espionagem sob o governo Obama alcançou o mundo. Podemos apenas imaginar qual seria a reação da grande imprensa se isso ocorresse durante o governo Bush.

O presidente mundial da AP declarou: “Diria que a administração Obama tem sido mais agressiva que administrações anteriores, mesmo aquelas pós-11 de Setembro [a de Bush], ao ir atrás de

delatores dentro do governo ou vazamentos”. Um brasileiro que acompanha a política americana só pelas lentes de nossa imprensa deve ler isso e achar que está em Marte! Como assim? O “messias” Obama, tão bonzinho, tão legalzinho, tão amiguinho?

Ah, o que a ignorância não faz! Obama tem um histórico de marxismo, de amizades muito estranhas, que incluem terroristas, de mentalidade autoritária, e *nada* disso foi mostrado por nossa imprensa ao longo dos últimos anos. Aí vem o presidente mundial da AP confirmar o caráter autoritário do presidente americano, e o Arnaldo Jabor deve coçar a cabeça, perplexo, desesperado, sem rumo...

O colunista Caio Blinder, do *Manhattan Connection*, obamista de carteirinha, chegou a apelar para a novilíngua petista e chamou os abusos criminosos de Obama de “malfeitorias” em um artigo no site da *Veja*. Para piorar, desviou o foco e usou o escândalo para atacar, na verdade, a turma do *Tea Party*, alvo do escrutínio da Receita Federal politizada. É muita inversão!

Talvez fosse o caso de chamá-lo de Caio *Blind* (cego) a partir de agora. Já seu colega da *Veja*, Reinaldo Azevedo, foi direto ao ponto, lembrando sempre que liberal, por lá, é esquerda:

O governo Obama tentou, isto é inegável, usar o aparato do estado para intimidar a oposição. Estivesse no poder um presidente “reacionário”, a imprensa liberal americana estaria pedindo a sua cabeça. Como se trata de Obama, já há artigos na imprensa americana afirmando que os republicanos estão querendo se aproveitar do episódio para fazer política. Como se a perseguição que estava em curso não fosse um caso de política — e de polícia!

Mas Reinaldo Azevedo é exceção, claro. Assim como João Pereira Coutinho, que explica da seguinte forma o eterno salvo-conduto de que goza o presidente americano: “Em 2008, os americanos não elegeram apenas um presidente. Eles canonizaram em vida um homem que já virou santo. E os santos não pertencem mais a este mundo”. O homem está acima do bem e do mal.

Vivi Mosé conseguiu, na CBN, isentar totalmente Obama do abuso de poder no caso da quebra de sigilo da AP. Disse que era um problema dos Estados Unidos enquanto país, e não de Obama. Mantém assim o antiamericanismo, mas poupa o “messias” da esquerda. Já Carlos Heitor Cony lembrou, no mesmo programa, que a liberdade de expressão não é um valor absoluto. Diria isso se fosse com Bush? Perto desses dois, Artur Xexéu, o terceiro a compor o grupo, que simplesmente condenou a ação de Obama, pareceu um poço de isenção.

Muitos jornalistas costumam se identificar com a esquerda caviar, com suas bandeiras sensacionalistas, com sua cruzada moral e com a imagem de abnegados em busca de justiça social. A compaixão alegada é mais importante do que os resultados concretos. E a histeria ante as ameaças, reais ou imaginárias, é total.

Um mundo entediante não dá boas manchetes; um prestes a derreter, sim. Um mundo mais caótico, onde desgraças simplesmente acontecem, não vende bem; um onde é fácil identificar o grande culpado pelas tragédias, sim. Um mundo onde as mudanças são lentas e graduais não vende bem; um onde há um messias salvador da pátria, sim.

Um bom exemplo foi apontado por João Luiz Mauad em artigo no jornal *O Globo*, em que lembra

que a possibilidade de o planeta ser atingido por meteoros é bem mais relevante do que o “risco” do aquecimento global. Como, no entanto, não dá para culpar o capitalismo pelos meteoros, então o assunto perde relevância.

Como diz Goldberg, toda essa preocupação não é sobre as injustiças e riscos reais, mas sobre se sentir melhor para *nós mesmos*, fazendo o menor sacrifício pessoal possível. Nada como a sensação de ser um bom samaritano sem sair do lugar.

Basta checar as redes sociais para verificar como essa tendência foi potencializada na modernidade. Com um simples clique no “curtir”, o sujeito propaga as mais belas utopias e bandeiras, conquista a imagem de sensível e altruísta, e sem gastar sequer duas calorias!

Vivemos no mundo do politicamente correto. A grande imprensa, mais que todos, precisa seguir as regras do *corretismo* para sobreviver. A linguagem politicamente correta é a marca registrada da esquerda caviar. Alguém, portanto, ainda fica surpreso com o viés da mídia?

As bandeiras

A obsessão antiamericana

Uma característica não pode faltar em um típico membro da esquerda caviar: o antiamericanismo. As origens dessa patologia se confundem com as próprias origens do fenômeno da esquerda caviar. Uma das formas mais fáceis de identificar um esquerdista é o uso do termo “estadunidense” para se referir aos americanos.

No passado recente, em um mundo bipolar, os Estados Unidos representavam o experimento capitalista, enquanto a União Soviética era o socialismo planejado. Com a queda do segundo, ocorreu uma perda de identidade por parte dos socialistas. Atônitos, precisavam encontrar um novo foco, que passaria a ser então o antiamericanismo.

Não recuperados da humilhação que foi a queda da Cortina de Ferro e o aparecimento de suas cruéis atrocidades, com mais de 100 milhões de vítimas fatais no currículo, precisam “provar” que os Estados Unidos e, por tabela, o capitalismo também falharam.

Nessa jornada passional, vale tudo, desde mentiras grosseiras, passando por propaganda enganosa, sofismas, inversão de causalidades ou ocultação de fatos. O objetivo é apenas um: destruir o capitalismo e seu maior ícone. O típico antiamericano doente, no fundo, sentiu um obsceno regozijo no ataque terrorista de 11 de setembro de 2001.

Jean-François Revel, renomado escritor e membro da Academia Francesa, escreveu o livro *A obsessão antiamericana* justamente para expor esse sentimento tão forte em seu país. O que mais impressiona no antiamericanismo não é a desinformação, já que a quantidade de informação disponível sobre o tema é vasta. Incrível nisso tudo é a vontade deliberada de estar desinformado.

Vejam um primeiro exemplo: a Guerra do Vietnã. Normalmente é um dos assuntos mais citados para se criticar o “império” americano, não sem boa dose de razão. Mas nenhum crítico de esquerda destaca as *causas* da guerra, atreladas aos fracassos militares da França, que, por não abrir mão da Indochina como colônia, acabou levando à intervenção americana.

Omitem também o fato de a guerra ter matado cerca de 1 milhão de pessoas ao longo de quase duas décadas, enquanto o regime comunista de Ho Chi Ming, que lá se instalaria quando os americanos finalmente saíram, assassinou mais de 3 milhões (sem a revolta da esquerda caviar, que, em boa parte, morria de amores pelo ditador revolucionário).

Como disse uma representante da esquerda caviar da época, Susan Sontag, o Vietnã ofereceu uma chave para o ataque sistemático ao modelo americano. Outro ícone, Jerry Rubin, foi ainda mais direto, e declarou que, se o Vietnã não existisse, teriam inventado um, achado outra guerra qualquer. O objetivo real era condenar a sociedade americana.

O Camboja, bem ao lado, não “sofreu” a intervenção americana; por isso, cerca de 2 milhões de

inocentes foram mortos na busca do paraíso marxista. Quando Pol Pot controlava apenas 1% da população do Camboja, senadores Democratas votaram pela retirada de suporte dos americanos ao governo local, alegando que os alertas sobre o risco comunista não passavam de paranoia. Pouco tempo depois, o líder do Khmer Vermelho, educado em Paris, exterminaria mais de um quarto da população.

Enquanto a carnificina rolava solta, ícones da esquerda americana, como Noam Chomsky, ainda insistiam em que as mortes mal chegavam aos poucos milhares e que eram necessárias para criar um novo país. Não se fazem omeletes sem quebrar os ovos, não é mesmo? Eis a máxima de todo revolucionário desde Robespierre, passando por Lênin, Castro, Mao e companhia.

A Coreia do Sul foi salva do mesmo destino, graças aos americanos, enquanto sua irmã do norte é até hoje um feudo de miséria e opressão comunista. A prosperidade da Coreia do Sul contrasta com a miséria da irmã ao norte, cujos principais itens de receita em moeda forte são tráfico de heroína, produtos falsificados e fraudes em seguradoras. Mas Picasso, ícone da esquerda caviar, pintou um quadro para retratar o massacre realizado pelos... americanos!

O fenômeno de uma música só, o coreano Psy, que conquistou o mundo com seu “Gangnam style”, acabou emitindo um pedido de desculpas por ter cantado antes da fama versos que instigavam a tortura de soldados americanos. A ingratidão é uma das marcas registradas da esquerda caviar.

O cantor soube, porém, reconhecer o absurdo ao declarar: “Com orgulho de ser um sul-coreano que foi educado nos Estados Unidos e viveu lá por uma parte significativa da vida, eu entendo os sacrifícios que os militares americanos fizeram para proteger a paz e a democracia no meu país e ao redor do mundo.” Antes tarde do que nunca.

Por mais incrível que isso possa parecer, ainda há gente da esquerda caviar com a cara de pau de defender o regime comunista da Coreia do Norte, cujo novo ditador, o terceiro da geração a assumir o país como se uma fazenda particular, não passa de um maluco mimado que coloca a paz da região em risco constante com suas ameaças idiotas (mas que gosta da Disney e usa um computador da Apple, fabricado pelos “canalhas imperialistas”).

O PCdoB, junto com o próprio PT, o PSB, a CUT, o MST, a UNE e outras entidades jurássicas de esquerda, redigiu uma carta de apoio aos “camaradas” da Coreia Popular (aquela sob ditadura, não a democrática de fato), que dizia, entre outras coisas, o seguinte:

Incentivaremos a humanidade e os povos progressistas de todo o mundo e que se opõem à guerra, que se manifestem com o objetivo de manter a paz contra a coerção e as arbitrariedades do terrorismo dos EUA.

A carta, assinada no dia 2 de abril de 2013, só não poderia ser divulgada na véspera, pois todos pensariam se tratar de uma pegadinha no dia da mentira. Como alguém consegue escrever isso? O regime comunista coreano já matou mais de 1 milhão de inocentes de fome ou fuzilamento (o equivalente a mais de 12 milhões de americanos, ajustado pelo tamanho da população).

A miséria é total, e há uma foto de satélite que mostra a parte de cima da península coreana totalmente às escuras, enquanto do sul emana uma forte luz. A Coreia do Norte é o país mais isolado

e fechado do mundo, e dessa vez não há como usar embargo americano como bode expiatório. Ao contrário: os Estados Unidos são os maiores doadores de alimentos e fertilizantes para o país. Mas tem gente que condena... os americanos!

Inclusive entre os próprios americanos. É o caso do ex-jogador de basquete Dennis Rodman. Ele e o jovem ditador ficaram amigos, e o *bad boy* passou a elogiar o novo camarada. Rodman, que já teve um caso com Madonna e nunca foi um exemplo de comportamento, tanto dentro como fora das quadras, agora merece o troféu de idiota útil do ano, ao endossar o regime mais nefasto do mundo em troca de alguma atenção. A situação deve estar feia mesmo.

Para quem quiser ter uma noção melhor do que é a Coreia do Norte, recomendo a leitura do livro *Fuga do campo 14*, do jornalista Blaine Harden, que relata a única e dramática fuga de um prisioneiro dos campos de concentração coreanos. Shin Dong-hyuk nasceu e viveu por 23 anos em um campo de concentração. Foram anos de inferno e escravidão, trabalhando de doze a quinze horas por dia nas minas de carvão. Seus dias “felizes” ocorriam quando conseguia capturar ratos para comer alguma proteína.

Ainda adolescente, com apenas treze anos, foi torturado, pendurado de cabeça para baixo sobre chamas de um fogo que o queimava, e viu a mãe ser enforcada após o fuzilamento do irmão mais velho. Tudo de forma bem *kafkaniana*, ou seja, sem que jamais compreendesse os motivos pelos quais estava preso ali, passando por tudo isso. Os guardas diziam que era para que purificasse os pecados dos pais traidores, e a forma de fazer isso era delatar a própria família por qualquer “desvio” de conduta. Como explica o jornalista:

Na maioria dos casos, os norte-coreanos são enviados para os campos sem nenhum processo judicial, e muitos morrem sem saber do que foram acusados. São retirados de suas casas, em geral à noite, pela Bowibu, a Agência de Segurança Nacional. A culpa por associação é legal na Coreia do Norte. Muitas vezes um transgressor é preso com os pais e os filhos. Kim Il Sung estabeleceu a lei em 1972: “Inimigos de classe, sejam eles quem forem, devem ter sua semente eliminada por três gerações.”

Por Shin, e pelos relatos de outros ex-presos que mais tarde conseguiram asilo no mundo livre, conhecemos os absurdos infringidos a essas pessoas. São relatos dignos de um filme de terror, só que reais, sob os aplausos de alguns canalhas que vivem no conforto capitalista. Não há estrelas de Hollywood que usem a fama para chamar a atenção a esses horrores comunistas. A esquerda caviar não quer saber de nada disso, de relatos como esses, sintetizados pela Associação Coreana dos Advogados em Seul:

[...] todos os anos, alguns prisioneiros são executados em público. Outros são surrados até a morte ou secretamente assassinados por guardas, que praticamente têm carta branca para maltratá-los e estuprá-los.

Mas o esquerdista caviar Carlos Heitor Cony, em sua coluna da *Folha*, acusou os Estados Unidos de

irem à guerra com o Iraque com base *apenas* em mentiras, e alertou que o Irã e a Coreia do Norte corriam o risco de serem os próximos. Tudo por mentiras dos americanos. Escreveu isso no auge das tensões criadas pela postura insana do ditador coreano, no começo de abril de 2013.

A Guerra do Iraque, aliás, que fez dez anos em 2013, serviu para expor toda a contradição da esquerda caviar novamente. Nunca se viu tanta verbosidade organizada contra um presidente e uma guerra nos Estados Unidos. Bush foi retratado como o grande vilão, enquanto Saddam Hussein se tornava a vítima de um imperialista cruel que desejava terminar o serviço inacabado do pai, ou então roubar o petróleo do país.

Quero deixar claro aqui que existiam, de fato, várias críticas legítimas à guerra na época, e que nem todos que atacaram Bush podem ser considerados membros da esquerda caviar. Para começar, a ideia de “exportar” democracia é um tanto ingênua, para dizer o mínimo. Os custos da guerra, ou o risco de fortalecer o Irã na região também eram pontos negativos.

O debate é complexo e, talvez, infundável. No livro *The Case for Democracy*, que Bush foi visto segurando certa vez, Natan Sharansky defende uma atuação mais ativa das nações livres para a instalação da democracia no mundo, principalmente no Oriente Médio, como mecanismo de proteção da paz global.

O autor, um judeu que foi preso nos cárceres soviéticos por ser dissidente do regime comunista, entende que o ensejo da liberdade é comum a todos os homens, discordando dos céticos que afirmam que certos povos não têm compatibilidade com a democracia. Falavam isso do Japão e da Alemanha pós-Hitler, enquanto a realidade mostrou-se outra em ambos os casos.

Sharansky defende arduamente uma clareza moral maior, que mostre como um mundo que não julga objetivamente, separando o joio do trigo, será vítima do mal. Portanto, far-se-ia necessário, segundo o autor, separar as nações entre sociedades livres e sociedades do medo, onde não há liberdade de expressão e proteção das minorias ou dissidentes. Essas precisam de ajuda internacional, ainda que militar.

Com todos os seus defeitos, o presidente Bush seguiu essa linha, discursando de forma bem objetiva quando apontava as nações do “eixo do mal”. Ao separar os países entre os que estão com os Estados Unidos nesse esforço contra o terror e os que são contra essa luta, foi acusado por muitos de maniqueísta. Mas Sharansky, que entende do assunto e passou pelo terror comunista, apoiaria essa visão, que chama de “clareza moral”.

Daí a partir para a guerra e libertar povos oprimidos ao redor do mundo vai uma longa distância. Até porque os recursos são escassos, e os efeitos nem sempre são aqueles desejados. O Iraque, por exemplo, vive até hoje sob um regime que não merece o nome de democracia liberal, ainda que as atrocidades de Saddam tenham ficado para trás.

Dito isso, a esquerda caviar mostrou sua cara como nunca antes, e tripudiou do presidente americano *pelos motivos errados*. Eis o ponto-chave: as acusações eram infundadas muitas vezes, e

o objetivo real parecia outro que não proteger efetivamente a liberdade americana, o pagador de impostos ou os iraquianos.

Em *Unholy Alliance: Radical Islam And the American Left*, David Horowitz mostra a nefasta simbiose entre elite esquerdista e radicais islâmicos. Assim como na Segunda Guerra, quando os comunistas americanos seguiam os interesses e ordens do regime soviético, e não de seu próprio país, a postura de boa parte da esquerda americana durante a Guerra do Iraque foi claramente antiamericana e pró-Islã.

Esses radicais esquerdistas compartilham com os radicais islâmicos do ódio ao capitalismo, ao livre mercado e à democracia ocidental, tudo representado pelo estilo de vida americano. O próprio Islã sofreu a influência marxista, como no caso de Sayyid Qutb, ligado à Irmandade Muçulmana e que iria, por sua vez, influenciar ditadores como Khomeini e grupos terroristas como a Al Qaeda.

A visão de oprimidos contra opressores, de revolução pela libertação desses oprimidos, e de que um paraíso é passível de conquista, limpando o mundo dos “pecados” capitalistas, acabou permitindo esse estranho casamento entre esquerda ocidental e radicalismo islâmico. Unidos por conveniência temporária, ambos reforçam o coro antiamericano e retratam os Estados Unidos como o Grande Satã. Isso ajuda a explicar a postura da esquerda diante da guerra do Iraque.

O próprio contexto da guerra foi totalmente ignorado. Ninguém lembrava que Saddam ignorara o acordo de inspeção firmado com a ONU, depois de brincar de gato e rato com os inspetores por sete anos. Hans Blix fora feito de idiota pelo ditador iraquiano, e era desmoralizante a inação da ONU. Pela própria resolução 1441, isso dava o direito de mobilização militar contra o Iraque.

Ademais, Saddam abrigara, em 1993, um dos terroristas responsáveis pelo ataque ao World Trade Center, e dava guarida para outros terroristas, como Abu Abbas e Abu Nidal. Saddam também financiava ataques suicidas pelo Oriente Médio e usou gás mostarda em civis indefesos. Poderia ter ou não armas de destruição em massa, informação desconhecida à época (até porque a ONU fora expulsa do país). Mas era temerário ignorar a ameaça que seu regime representava para uma América em guerra contra o terrorismo.

Como a esquerda, supostamente defensora da liberdade individual, foi capaz de pintar Saddam como vítima e Bush como agressor injusto? É preciso lembrar ainda que Bill Clinton, democrata, já havia iniciado o processo de retirada de Saddam do poder. Ele assinara a autorização para que o país buscasse remover Saddam do poder, substituindo-o por um regime democrático, e tal medida contou com aprovação maciça do Congresso, incluindo a de seu Partido Democrata (157 a favor e 20 contra).

Clinton efetivamente iniciou a ação militar, ainda sob pressão pelo escândalo Monica Lewinsky, bombardeando intensamente, por quatro dias, instalações iraquianas na Operação Raposa do Deserto. Por sinal, Clinton também levou tropas americanas para o Kosovo, sem aprovação da ONU e até do Congresso, mas a esquerda não o condena como condena Bush. Al Gore foi outro democrata que defendeu ir “até o limite” para desarmar Saddam.

Como ignorar todo esse cenário, todo esse contexto, apenas para criar a imagem de um *cowboy* beligerante com questões paternas mal resolvidas, que simplesmente resolve atacar de forma unilateral um governo inocente no Oriente Médio? Sem falar que Bush teve, além do maciço apoio do

Congresso americano, o líder esquerdista Tony Blair, então primeiro-ministro britânico, e dezenas de outras nações formando uma coalisão.

Mas foi justamente o que fez a esquerda radical na época: colocou tudo como se fosse um ato isolado de um presidente maluco. Muitos apontaram os supostos interesses pelo petróleo também. Como vai a colonização americana no Iraque atualmente? Havia petróleo no Afeganistão por acaso? Perguntem, no entanto, se a esquerda está disposta a revisar suas teorias conspiratórias com base nos fatos?

Há ainda a acusação de que o governo americano “criou” Osama Bin Laden ou Saddam. Não se sustenta tal tese. Chama-se *realpolitik*. Na Segunda Guerra, a ajuda que o governo americano forneceu aos soviéticos foi fundamental para a vitória dos Aliados, e nem por isso alguém diria que o governo americano era um amigo que aprovava a URSS. No mundo real, escolhas difíceis precisam ser feitas, impondo riscos novos.

Por mais que os “puristas” ingênuos queiram negar, o inimigo do meu inimigo pode ser eventualmente meu aliado em uma guerra, se a alternativa, afinal, for muito pior. Imagine se o Irã de Khomeini, com ajuda soviética, tivesse derrotado Saddam na guerra entre Irã e Iraque. Isso poderia ser uma ameaça muito maior para os Estados Unidos. Por isso, Saddam foi ajudado naquela época. Como confessou Churchill, ele seria capaz até de falar algumas coisas boas sobre o diabo se fosse para derrotar Hitler!

A turma dos direitos humanos foi bastante ativa durante a segunda guerra do Iraque, principalmente quando imagens de abusos dos soldados americanos vieram a público. Que as pessoas fiquem indignadas de verdade com abusos e excessos de militares americanos durante a guerra, isso é absolutamente compreensível.

Afinal, nem mesmo uma situação de guerra justifica determinados atos, servindo apenas como atenuante. O grau de tensão é elevadíssimo; os militares estão lidando muitas vezes com a escória humana. Não importa: os responsáveis individuais pela humilhação desnecessária dos prisioneiros de guerra iraquianos deviam ser punidos, não resta dúvida.

Mas o incrível disso tudo é a tamanha disparidade entre as preocupações que dominavam as mentes das pessoas, e em especial as dos que se intitulam “pacifistas” ou defensores dos direitos humanos. Pelo viés e parcialidade deveras escancarados, resta concluir que os direitos humanos existem apenas para vítimas de americanos.

Meia dúzia de terroristas que lutam, por meio do terror civil, para a manutenção de um regime ditatorial cruel com cerca de 1 milhão de vítimas no currículo merecem total atenção e proteção por parte dos defensores dos direitos humanos. Uma celeuma toma conta da mídia, do bate-papo de botecos, dos comentários mais raivosos proferidos por aqueles que se dizem preocupados com os abusos cometidos por homens contra homens, não importando quem são ou o que fizeram.

Tudo bem. Faz parte. Totalmente inadmissível, contudo, é a desproporção entre a paixão e a atenção dadas a esses homens, que foram vítimas de humilhações por alguns militares, em detrimento de tantos outros, infinitamente melhores, que são os civis inocentes, que sofrem nas mãos de ditadores sob o silêncio sepulcral desses mesmos defensores dos direitos humanos. Aqui, como alhures, temos um peso e duas medidas bem diferentes.

A China executa centenas de pessoas por ano, em julgamentos totalmente arbitrários e injustos, fechados para a comunidade internacional, enquanto a ONU sequer a condena por abusos de direitos humanos — com o apoio do Brasil, diga-se de passagem. Em diversos países da África, como no Zimbábue, milhares de inocentes são perseguidos ou executados, no caso por ordens diretas do ditador Robert Mugabe, mas nada se escuta sobre tais atrocidades pela boca dos nobres “pacifistas”.

Em Cuba, mais de 15 mil foram ceifados só no *paredón*, mas a revolta gerada não chega aos pés da que se levanta contra os abusos do exército americano no Iraque. Na verdade, Cuba é retratada como vítima do imperialismo ianque, e aqueles que reconhecem as execuções partem logo para uma justificativa abjeta de que não se faz omelete sem quebrar alguns ovos (pior é que a omelete ainda é podre, como veremos adiante).

A herdeira de Cuba na região, a Venezuela, assumiu o papel de vítima do “império”. A coluna de Ancelmo Gois no jornal *O Globo*, na véspera do carnaval de 2013, publicou: “Partidários de Hugo Chávez se reúnem terça de carnaval em torno do bloco Inimigos do Império, que concentra no bar Tio Sam, no Leblon. O enredo é a República Bolivariana da Venezuela”. Há algo mais esquerda caviar do que se reunir no Leblon, o bairro mais caro do Rio, em época de carnaval, para tecer loas ao então tiranete venezuelano contra os “malvados” ianques!?

Os exemplos são infundáveis. A conclusão saltaria aos olhos de uma criança que não sofrera a lavagem cerebral que varreu o mundo, mas passa despercebida por intelectuais renomados e pessoas que arrotam falácias e inverdades em troca do status de bom homem, preocupado com as injustiças do mundo.

O culpado é sempre o “império estadunidense” (ironicamente, imperialista mesmo era a União Soviética, que anexava países inteiros). Até mesmo pelo 11 de setembro muitos resolveram culpar o governo americano, como se fosse uma enorme conspiração, um *inside job*. Antiamericanismo mais teoria conspiratória formam um belo par a serviço da irracionalidade.

Àqueles que consideram o poderio militar americano a maior ameaça à paz mundial, pergunto: alguém realmente pensa que o mundo seria mais seguro se o Irã, a Rússia ou a China detivessem armamento equivalente? Alguém dormiria mais tranquilo se, em vez dos Estados Unidos, esse poder bélico todo estivesse nas mãos da Venezuela ou de Cuba? Como resume David Horowitz:

[...] se os Estados Unidos não existissem, o império comunista ainda estaria de pé, o Talibã governaria o Afeganistão, Saddam Hussein estaria no poder, e o mundo seria um lugar com infinitamente mais crueldade, injustiça e tragédia do que o mundo que nos confronta hoje.

Mas a esquerda conseguiu inverter a situação e adotar uma mensagem de que os americanos são os grandes vilões, de que nada de excepcional há na América. O próprio Obama disse que acredita no excepcionalismo americano tanto quanto o grego acredita no seu, ou seja, todos são especiais à sua maneira (o mesmo que dizer que ninguém o é). Na prática, rodou o mundo pedindo desculpas pelo passado americano.

O patriotismo passou a ser visto como algo tacanho, ultrapassado, confundido com o nacionalismo

boboca. O verdadeiro patriota, segundo a esquerda, é o dissidente, o traidor de guerra, não o soldado que luta pela pátria. Obama e seus camaradas da esquerda são “cidadãos do mundo”, como se não fosse possível se considerar um cidadão globalizado e, ao mesmo tempo, reconhecer a posição de destaque dos Estados Unidos nesse mundo, como locomotiva da liberdade. Ben Shapiro, em *Bullies*, resume a questão do ponto de vista dos americanos:

Se você acha que os Estados Unidos não devem desempenhar um papel de liderança no mundo, você não é um patriota. É simples assim. Patriotismo não exige que você acredite que a história americana está livre de erros. Isso seria leviano e sem sentido. Ele exige, no entanto, que você reconheça que a ideologia fundadora dos Estados Unidos é a melhor ideologia de governo na história da humanidade, que os militares dos Estados Unidos têm sido a grande força de luta pela liberdade na história do mundo, que não é preciso pedir desculpas pela América, mas lutar por ela.

A esquerda caviar pode não gostar, mas nem por isso deixa de ser verdade: os militares americanos têm atuado como a grande polícia do mundo, e esse papel tem um saldo bastante positivo para todos nós — ainda que tenha custado muito caro aos pagadores de impostos americanos. Querendo ou não, vivemos sob a *Pax Americana*, e o sucesso traz consigo um fardo. Os americanos souberam respeitar essa responsabilidade até agora. Se a paz dependesse dos discursos bonitos da esquerda ou da coragem e da determinação da ONU...

Essa, aliás, merece uma atenção maior aqui, pois se transformou no veículo da esquerda caviar para suas estratégias globais. O Conselho dos Direitos Humanos da ONU já teve, entre seus membros, ditaduras como Cuba, Arábia Saudita e China, além de países como Paquistão e Rússia, onde os tais “direitos humanos” passaram bem longe.

Como mostra Dore Gold em *Tower of Babel: How the United Nations Has Fueled Global Chaos*, a ONU foi capturada por regimes autoritários ou negligentes com o autoritarismo, perdendo sua legitimidade como locomotiva dos direitos humanos no mundo. Sua postura “neutra”, de equivalência moral, sempre em cima do muro, acabou servindo, na prática, aos interesses dos piores regimes mundo afora. O autor resumiu:

O problema é que o Conselho de Segurança da ONU não é um tribunal que determina a culpa ou inocência de estados tentando usar critérios objetivos legais. É, antes de tudo, um órgão político, e tem sido grosseiramente inconsistente ao julgar casos de agressão. O relativismo moral foi um subproduto inevitável do trabalho da ONU; muitas vezes o agressor não foi tratado de maneira muito diferente da vítima da agressão.

Em diversos aspectos, a postura da ONU reflete com perfeição o fenômeno da esquerda caviar. Retórica bonita, discurso pacifista e relativista feito sob medida para que seus representantes se sintam bons samaritanos, em uma burocracia altamente dispendiosa, com belas intenções no papel, e fracasso após fracasso na prática.

Pior: tais fracassos foram recompensados! Kofi Annan era responsável pelas operações de paz quando os massacres na Bósnia e em Ruanda ocorreram, e, como prêmio de consolação pelos

retumbantes fracassos, tornou-se o secretário-geral da ONU em 1997. Pouco tempo depois, recebeu o Prêmio Nobel da Paz.

Luiz Felipe Pondé detonou a ONU em um artigo na *Folha*, chamando a entidade de “estatal internacional mais corrupta do que a república da banana”. E acrescentou:

A ONU é uma mistura de circo com mensalão. Um cabide de emprego para países de terceiro mundo. Como crer em quem crê numa “comunidade internacional”? A “comunidade internacional” só funciona quando tem interesses comerciais em jogo. E olhe lá. Qualquer decisão da “comunidade internacional” no âmbito moral (como, por exemplo, a partir de hoje estão proibidas a fome, a tortura, a violência contra os mais fracos) é tão séria quanto a declaração de que Papai Noel deve existir porque, do contrário, estamos indo contra o direito à fantasia infantil.

O declínio da ONU como entidade de respeito não é recente. Em 1981, dois anos depois da invasão soviética no Afeganistão, 93 países membros da organização endossaram uma resolução na Assembleia Geral que acusava os Estados Unidos de representarem uma ameaça à paz mundial. Note bem: não era a URSS a ameaça, mas os Estados Unidos! Como levar a sério uma coisa dessas?

Os escândalos de corrupção também abundam quando se trata de ONU. Um dos mais famosos foi o esquema com o petróleo iraquiano dos tempos de Saddam Hussein. O ditador teria desviado mais de US\$ 10 bilhões sob estreita supervisão da organização nesse período, e várias autoridades estariam envolvidas.

Até mesmo o filho de Kofi Annan foi citado. A Rússia e a França eram grandes parceiros comerciais de Saddam, e tinham bilhões de motivos para não desejar sua saída do poder. Talvez a reação virulenta quando os Estados Unidos desafiaram o ditador iraquiano tenha explicações menos nobres e mais prosaicas ou materialistas...

O filme *A informante*, baseado em uma história real, retrata um dos maiores escândalos da ONU. Kathy Bolkovac, personagem de Rachel Weisz, é uma policial esforçada que aceita trabalhar para as Nações Unidas como pacificadora na Bósnia, que passa por uma reconstrução pós-guerra. Seus desejos de ajudar um país devastado são destruídos quando fica face a face com a dura realidade: uma vasta rede de corrupção e tráfico sexual que é encoberta pela própria ONU.

Mas nem um escândalo dessa magnitude consegue despertar a décima parte da revolta que é direcionada aos Estados Unidos. Todos os olhares da esquerda caviar estão atentos ao mínimo deslize das autoridades americanas, especialmente se não forem os democratas no poder. A ONU, por sua vez, conta com um salvo-conduto para a incompetência e o abuso de poder, sem falar do monopólio da virtude. Imparcialidade nula.

O sucesso americano incomoda. Um dos pontos mais repetidos contra os Estados Unidos diz respeito ao argumento marxista rudimentar de que, para o rico ficar mais rico, o pobre tem de ficar mais pobre. A economia seria um jogo de soma zero por essa ótica. Logo, como os americanos

prosperaram, conclui-se automaticamente que o mundo pagou o preço.

Esse absurdo pode ser refutado com a mais singela observação empírica, mas a falsidade nunca impediu uma bravata de prosperar, especialmente quando sustentada pela ideologia e protegida pela ignorância. O bem-sucedido precisa apanhar e ponto.

Gostando ou não, a verdade é que a superpotência americana resulta em parte da vontade e da criatividade de seu povo, sob mecanismos de incentivo adequados, e em parte pelos fracassos acumulados pelo resto do mundo. Afinal, foram os europeus que tornaram o século XX o mais negro da história, provocando duas guerras mundiais e regimes totalitários assassinos e associados, como o comunismo, o fascismo e o nazismo.

Foram as nações europeias que tentaram conquistar outros continentes, assim como o Japão e a China. O papel dos Estados Unidos foi justamente o de salvar o mundo das garras dos socialistas e nacionalistas Stalin e Hitler, e depois ajudar na reconstrução financeira daquele continente com o Plano Marshall. Mas, paradoxalmente, são os Estados Unidos que acabam acusados de império colonizador. Logo eles, que restauraram a democracia na Alemanha e no Japão — não por acaso ambas entre as maiores potências econômicas de hoje.

Por falar em Japão, as bombas de Hiroshima e Nagasaki são usadas para comprovar que os americanos são os mais perigosos e cruéis do mundo, mas o contexto — novamente o contexto — jamais é levado em conta. No livro *The Prize (O petróleo, na versão brasileira)*, o vencedor do Pulitzer Daniel Yergin explica em detalhes a luta dos japoneses por recursos, especialmente o “ouro negro”. Um “formigueiro” humano em uma ilha desprovida de riquezas naturais, o Japão aprendeu a fazer de tudo por seus objetivos.

Foi nessa busca desenfreada por petróleo que os japoneses decidiram bombardear Pearl Harbor. A cabeça por trás dos planos era Yamamoto, um comandante japonês que estudara em Harvard, porém um fervoroso nacionalista devotado ao imperador. A “Operação Hawaii” culminaria na maior humilhação americana de todos os tempos. No mesmo momento em que Pearl Harbor era severamente atacado, o Japão bombardeava a Tailândia, as Filipinas e Cingapura. Estima-se em mais de 2 mil o número de militares americanos mortos na noite do ataque, assim como 68 civis.

Com a entrada dos americanos na guerra, os japoneses começaram a sofrer importantes derrotas. Em um reflexo insano, o Japão introduziria uma nova arma no conflito, os *kamikazes*, pilotos suicidas que se explodiam contra navios americanos. Porém, a possibilidade de rendição estava longe de ser cogitada pelo império japonês, cujo slogan ainda era “100 milhões de pessoas unidas e prontas para morrer pela nação”. Não havia aparentemente *nada* nesse mundo capaz de levar o Japão a capitular.

Para demonstrar tal espírito, a resistência japonesa à invasão americana de Okinawa foi totalmente fanática, com elevadíssimo índice de mortos em ambos os lados. Até mesmo crianças eram ordenadas a assassinar americanos. Extrapolando a experiência, os militares americanos estimaram em até 1 milhão as possíveis perdas em outros ataques, fora os milhões de civis.

Tal batalha sangrenta contribuiu enormemente para a decisão americana de usar sua mais nova arma, a bomba atômica. Os Aliados, contudo, ainda tentariam um acordo, que permitiria até a retenção do imperador japonês no comando da nação. Tóquio não aceitou.

Em 6 de agosto de 1945, a primeira bomba atômica explodiu em Hiroshima, seguida pela outra, no dia 9, em Nagasaki. Inacreditavelmente, mesmo sob tais circunstâncias, vários militares japoneses se recusavam a se render, sendo o suicídio a única alternativa oferecida aos seus subalternos. Na noite do dia 14 de agosto, o imperador gravou uma mensagem de rendição, e soldados insurgentes ainda tentaram invadir o palácio para evitar a transmissão do seu conteúdo. Mas não obtiveram sucesso, e a guerra no Pacífico chegara ao fim.

Quando esses fatos são trazidos à tona, podemos condenar a decisão americana ainda, mas, sem dúvida, a visão distorcida pela esquerda perde força. O Japão iniciou o ataque; os Estados Unidos se defenderam; o Japão apelou para métodos absurdos na guerra; os Estados Unidos optaram por encerrá-la de uma vez, para poupar vidas; o Japão, ainda assim, não quis se render; os Estados Unidos conseguiram negociar a rendição e depois ajudaram na reconstrução do país devastado. Colonizador? Desculpa, mas não cola!

O colonizador dessa história era o próprio Japão, de forma extremamente cruel. Não por acaso, coreanos e chineses desenvolveram profundo ressentimento contra os japoneses. Os relatos de abusos dos imperialistas japoneses são impressionantes. Estimativas apontam para quase 4 milhões de chineses mortos entre 1937 e 1945, quase todos civis. O mais brutal deles ficou conhecido como o Massacre de Nanquim, popularizado pelo livro de Iris Chang e pelo belo filme *Flores do Oriente*, com Christian Bale. O alvo das críticas, todavia, é sempre a nação americana.

O antiamericanismo é carregado de contradições. Ora falam que o livre comércio é o veículo de exploração ianque, ora acusam o embargo de Cuba, que nada mais é do que a proibição de empresas americanas realizarem negócios com a Ilha-Présidio, atitude bastante razoável dados o encampamento de empresas americanas pelo regime cubano, o calote de 1986 e seus mísseis apontados para a Flórida no passado.

Cuba, nunca é demais lembrar, protagonizou o incidente mais tenso de toda a Guerra Fria, quando permitiu que a União Soviética levasse mísseis para a ilha com o objetivo de intimidar ou mesmo atacar os Estados Unidos. O alcance chegaria até Washington, DC. Será que o embargo é absurdo quando olhamos por esta ótica?

Os cubanos podem tranquilamente participar da globalização com outras nações, tanto que vários hotéis na ilha são espanhóis e o próprio Fidel sempre aparece nas fotos com aquele uniforme alemão da Adidas, o italiano da Puma, ou até mesmo o americano da Nike! O decrépito “*El Coma Andante*” gosta de passar a imagem de esportista saudável, mas não deve convencer, nesse aspecto específico, nem o mais néscio da esquerda caviar.

Mais recentemente, quando o “ex” ditador foi “votar” (há o mesmo número de candidatos e vagas, uma coincidência incrível), apareceu nas fotos trajando um caríssimo casaco da Lacoste, marca das mais desejadas mundo afora. Um casaco daqueles não sai por menos de US\$ 200, o que um cubano médio levaria meses para juntar. Igualdade? Socialismo para os outros, sim, e capitalismo para mim!

Mas é bom saber que a esquerda caviar acha isso pouco, e considera que ser “explorado” pelos ianques é o caminho do sucesso para Cuba. O ódio aos ianques desaparece quando todos os dólares dos consumistas são levados em conta...

A Europa reclama do protecionismo de alguns setores nos Estados Unidos, como o aço e a agricultura, ao mesmo tempo em que garante o dobro de subsídios agrícolas em seus quintais. Aquele francês Bovè, um dos maiores beneficiados dessa ausência de competição leal, é o maior crítico da globalização, e é recebido no Fórum Social Mundial de Porto Alegre com honrarias, justamente pelos que mais sofrem com esses subsídios paternalistas.

Os esquerdistas criticam violentamente a globalização, mas suas ideologias totalitárias sempre tentaram avançar mundo afora. A Internacional Socialista (Comintern) tinha metas claramente globais. Marx fez sua famosa incitação: “Proletários do mundo todo, uni-vos!” Lênin, antes de Stalin, tinha como meta a “exportação” do comunismo para o mundo todo sob o comando central de Moscou. A globalização sempre foi a meta dos comunistas.

O que detestam, portanto, não é a globalização em si, mas a globalização liberal e democrática, que respeita as preferências subjetivas do indivíduo, a soberania dos consumidores. E o mais engraçado é que esses jovens rebeldes, com coquetéis Molotov em mãos, intitulam-se “pacifistas”. Esquizofrenia pura.

O caso da América Latina é especial. Como colocou o pensador venezuelano Carlos Rangel, “para os latino-americanos é um escândalo insuportável que um punhado de anglo-saxões, chegados ao hemisfério muito depois dos espanhóis, tenham se tornado a primeira potência do mundo”. Seria necessária um *mea culpa* doloroso para reconhecer nosso fracasso, que acaba levando a uma solução mais confortável: é tudo culpa do “imperialismo” americano, o bode expiatório de sempre.

A bíblia da esquerda caviar latino-americana é o livro *As veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano. O autor alimenta justamente esse sentimento de vitimização, culpando os ricos pela pobreza dos pobres. Se os países da região não conseguiram prosperar enquanto o vizinho do norte ficou cada vez mais rico, então claro que uma coisa só pode ser resultado da outra!

Galeano vendeu nada mais do que autoajuda para perdedores, que poderiam agora olhar para cima sem humilhação, com o dedo em riste acusando o sucesso americano como responsável por nossos fracassos. E o *terceiro-mundismo* vende bem lá fora também, para alimentar a elite culpada.

Um exemplo? O sociólogo italiano Domenico de Masi, autor de *O ócio criativo* (uma espécie de autoajuda para preguiçosos), veio ao Brasil para repetir que nosso modelo é o melhor que há, que o Brasil é o melhor dos mundos existentes! O melhor dos mundos possíveis, pois ainda podemos distribuir a riqueza de forma mais igualitária (cheiro de socialismo no ar?). Segundo o sociólogo, entretanto, teria chegado a hora de o Brasil propor um modelo para o mundo!

Quando leio isso e penso na miséria do Piauí e do Maranhão, nas favelas cariocas, nos hospitais públicos, em Brasília e na presidente Dilma, em Renan Calheiros e na inflação alta com crescimento econômico medíocre, só consigo chegar a uma única conclusão lógica: o ócio “criativo” do próprio Domenico não fez nada bem à sua cabeça. Talvez tivesse sido melhor ele abandoná-lo para mergulhar mais em pesquisas sérias...

Um livro muito útil — além de divertido — contra a patologia antiamericana é *Manual do perfeito idiota latino-americano*, escrito por Plínio Mendoza, Álvaro Vargas Llosa e Carlos Alberto Montaner. Eles refutam cada baboseira inventada por Galeano e companhia. Com estilo satírico, conta com um excelente prefácio escrito por Roberto Campos, no qual escreve:

Boa parte de nosso subdesenvolvimento se explica em termos culturais; ao contrário dos anglo-saxões, que prezam a racionalidade e a competição, nossos componentes culturais são a cultura ibérica do privilégio, a cultura indígena da indolência e a cultura negra da magia.

Os latino-americanos não conseguiram criar instituições sólidas como os americanos em prol da liberdade individual e do império das leis. Caímos constantemente na tentação populista, vítimas do “jeitinho”, sonhando com um messias salvador que vai, com mão de ferro, decretar o fim da miséria. Há malandro demais para otário de menos. Fracasso atrás de fracasso, resta-nos apontar o dedo para o irmão rico do norte e culpá-lo por nossas mazelas.

Uma década após o lançamento do livro, o trio atacou novamente com *A volta do idiota*. Os autores concluem que, “se pudéssemos deitar o personagem no divã de um analista, descobriríamos complexos ulcerados e urgências de vingança”. O idiota é um “comprador de milagres”, e o sonho utópico é uma fuga para frustrações e desejos reprimidos. “A ideologia lhe permite achar falsas explicações e saídas para a realidade”. As mentiras, repetidas reiteradas vezes, tornam-se verdades absolutas para a vítima.

Há uma atração mágica dos idiotas pelos caudilhos. Hugo Chávez, com seu “socialismo do século XXI”, era o ícone do que os autores chamaram de “esquerda carnívora”, aquela mais reacionária de todas, que ainda consegue pregar o socialismo depois de seu vergonhoso fracasso. Em contrapartida, chamam de “esquerda vegetariana” aquela que, ao menos, respeita um pouco as inexoráveis leis do mercado. É o caso brasileiro.

A triste realidade é que o antiamericanismo já virou religião, e que, como sabemos, a fé dispensa a lógica. O pior cego é aquele que não quer enxergar. Como os cachorros de Pavlov, basta a simples menção à palavra “neoliberal”, por exemplo, para despertar as mais fortes emoções nas pessoas, já condicionadas a babarem de raiva quando a escutam.

Não consigo entender por que tanto rancor ao “sonho americano”. Se acham que é tão ruim assim viver lá, como explicam a migração constante de diversos povos diferentes em busca desse sonho? Será que os pioneiros não iriam alertar seus sucessores, em vez de mandarem novas passagens desesperadamente?

Muitos se sentem agredidos com a “invasão” da cultura americana, do excesso de McDonald’s em seus países. Não param para pensar que a globalização não uniformiza, mas diversifica. A reclusão é que exaure a inspiração. Se temos várias lanchonetes americanas espalhadas pelo mundo, temos também diversos restaurantes árabes, italianos, japoneses. As trocas entre nações fizeram florescer a diversidade cultural, não o contrário.

Além disso, diferentemente do que muitos costumam afirmar, a cultura americana não se limita às

canções da Madonna e Lady Gaga ou aos filmes de Bruce Willis e Tom Cruise. Os Estados Unidos são também um país com quase 2 mil orquestras sinfônicas e milhões e milhões de entradas vendidas por ano para óperas e museus. As vendas anuais de livros são multibilionárias, colocando a “educada” Rússia no chinelo.

Paulo Francis levantou uma questão incômoda para os invejosos: “Esse é um velho hábito brasileiro. Achar que os gringos ricos são bobos e que nós, pobretões, somos espertos. Não fica explicado como eles são ricos e nós, pobres”. Será que os americanos são tão bobos assim?

Os povos se sentem agredidos pela adoção do inglês como língua predominante no mundo. Ora, é justamente a difusão dele que facilita a comunicação entre diferentes culturas, permitindo que cada povo possa ter acesso às diversas informações. Imaginem a loucura que seria se tivéssemos que aprender cada língua diferente para se comunicar ou ler um livro?

O latim já desempenhou esse papel no passado, e não tem nada demais usarmos o inglês como língua internacional. Isso não impõe de forma alguma a cultura americana aos outros povos; pelo contrário, facilita a diversificação cultural. Em vez de a esquerda caviar aplaudir o Esperanto, iniciativa típica da arrogância que não compreende o caráter evolutivo de uma língua, deveria lutar para que toda escola ensinasse inglês o mais cedo possível, para integrar nossos alunos ao mundo globalizado.

A ideologia é uma máquina de rejeitar fatos no momento em que estes apresentam risco de constrangimento. Com tanta evidência de viés e incoerência, o americano pode tirar uma só conclusão: não é o liberalismo, nem o protecionismo, nem a globalização, nem mesmo o imperialismo que o mundo condena; são os Estados Unidos! Seu sucesso incomoda. Como julgar, portanto, o unilateralismo deles, ainda mais quando sabemos no que a ONU se transformou? Como diz Jean-François Revel:

As perfídias frequentemente delirantes do ódio antiamericano, as imputações da mídia, dependendo ora da incompetência ora da mitomania, a maledicência perseverante que inverte o significado de todo acontecimento de maneira a interpretá-lo, sem exceção, como desfavorável aos Estados Unidos, leva-os ao convencimento da inutilidade de qualquer consulta.

Revel toca na ferida quando diz: “O objetivo do terceiro-mundismo é acusar e, se possível, destruir as sociedades desenvolvidas, não desenvolver as atrasadas.” Trata-se da velha e conhecida inveja, aquele sentimento destrutivo que faz o sujeito acreditar que poderia correr mais se seu vizinho quebrasse a perna.

Mas o pior de tudo é que esse antiamericanismo não vem só de fora dos Estados Unidos, dos povos mais pobres e recalcados. Não! O antiamericanismo é alimentado por ícones da esquerda caviar *dentro* do próprio quintal americano. São os bárbaros *dentro* da cidade. Nunca é demais

lembrar que Roma não virou ruína apenas por causa de Átila e seus hunos ou outros bárbaros, mas também — e principalmente — devido à corrupção interna, à degradação de valores dos próprios romanos.

E não pense o leitor que essa revolta toda vem da ala mais humilde. Esses normalmente estão trabalhando duro em busca do “sonho americano”. Quem dissemina o ódio antiamericano mundo afora é a elite mesmo, formada pelos artistas e intelectuais, que viram celebridades adoradas pelos antiamericanos tupiniquins.

Veremos vários exemplos mais à frente. Antes, vamos para a Faixa de Gaza tratar de outra característica inseparável da esquerda caviar: o antissemitismo, muitas vezes disfarçado de antissionismo.

O ódio a Israel

Imagine uma região com um único e pequeno país democrático, próspero e respeitador dos direitos individuais e femininos, em meio a vizinhos que vivem sob regimes autoritários, opressores, e que tratam as mulheres como seres inferiores. Certamente o leitor dirá que esse pequeno símbolo de bom exemplo será destacado pelos intelectuais e pela mídia do Ocidente, certo? Errado.

Israel é vítima de inúmeras calúnias, assim como um perverso julgamento com duplo padrão. O máximo que alguns se permitem, por desconhecimento dos fatos, é evitar qualquer julgamento objetivo, simplesmente colocando palestinos e israelenses no mesmo barco, adotando uma postura “neutra”. Normalmente, Israel é mesmo o grande alvo dos ataques, principalmente por parte da esquerda caviar.

Israel está longe de ser um país perfeito. Aliás, perfeição não existe e jamais existirá, nunca é demais lembrar. Levantar a poeira da desinformação, resgatar o contexto da situação e julgar imparcialmente os envolvidos não é o mesmo que inocentar por completo um dos lados. É somente dar os devidos pesos aos fatos. Israel merece críticas, claro. Mas tem sido vítima de ataques infundados, parciais e injustos, fruto de interesses obscuros ou puro preconceito.

Como prova disso, basta citar que a Assembleia Geral das Nações Unidas no ano de 2012 adotou 22 resoluções específicas condenatórias contra Israel, e apenas quatro sobre o resto do mundo combinado, para Síria, Irã, Coreia do Norte e a Birmânia.

Segundo Dore Gold, em *Tower of Babble*, a ONU votou 30% de suas resoluções de Direitos Humanos nos últimos 35 anos para o minúsculo Estado de Israel. Como concluiu Osias Wurman, cônsul honorário de Israel no Rio, em um artigo no jornal *O Globo*: “O ataque desproporcional da ONU contra o Estado Judeu mina totalmente a credibilidade do que seria um órgão imparcial e respeitado internacionalmente.”

Isso ficou mais do que evidente quando um ataque palestino suicida, em janeiro de 2004, matou onze israelenses e feriu quase cinquenta pessoas. Kofi Annan, falando em nome da ONU, adotou a postura covarde de equivalência moral e apelou em seu comunicado para que *ambos os lados* tentassem se livrar do ódio e devotar toda a energia à paz. Compare essa “imparcialidade” com a declaração de Colin Powell, em nome dos americanos: “Uma vez mais, terroristas mataram pessoas inocentes.”

Yasser Arafat, pouco tempo depois de seu grupo praticar atentados terroristas, foi falar na ONU vestindo uniforme militar e carregando uma pistola sob o casaco. Seu discurso foi altamente beligerante, mas ovacionado pelos presentes. Como esperar da ONU alguma imparcialidade quando o assunto é Israel?

A primeira acusação contra aquele país costuma dizer respeito ao próprio direito de a nação judaica existir. Muitos antissemitas se escondem sob o manto do ataque apenas a Israel, e não aos judeus. Alegam ser antissionistas, não antissemitas. Mas isso é balela. Os judeus vivem naquela região há milênios. Desde 1880 que judeus europeus, em números significativos, deslocaram-se e estabeleceram-se no espaço onde hoje é Israel.

Quem aceita a Austrália como nação legítima não pode questionar a legitimidade da presença judaica onde é Israel. Várias nações surgiram por decisões políticas e diplomáticas, mas Israel parece ser a única julgada como não merecedora do direito de existir.

As terras adquiridas pelos judeus no Oriente Médio não foram fruto de colonização, mas sim compradas, muitas vezes de especuladores árabes que viviam no Líbano. Eram terras pobres, e os compradores eram refugiados de regimes opressores, que procuravam uma nova chance em um lugar onde seus ancestrais viveram e de onde foram expulsos.

A Judeia mudou de nome para Palestina no começo da era pós-Cristo, quando os judeus foram expulsos pelos romanos. Mas a região nunca deixou de contar com numeroso contingente judaico. Muitos viviam pacificamente com os árabes, até que Maomé desferiu atrocidades contra seu novo inimigo, chegando a massacrar homens, mulheres e crianças judias.

O ato mais cruel dos muçulmanos liderados por Maomé ocorreu na batalha contra o clã Bani Qurayzah, de judeus árabes. Derrotados os judeus e condenados à morte, valas estreitas foram cavadas, sendo então um por um, dos cerca de setecentos homens, deitados e decapitados com um golpe de espada, com os corpos jogados nos buracos.

O relato consta na biografia do profeta Maomé escrita por Barnaby Rogerson. A carnificina durou o dia todo, tendo sido o último grupo executado à luz de tochas. A brutalidade desse ato espalhou ondas de choque por toda a Arábia. Uma estranha maneira, para dizer o mínimo, de se pregar a palavra de Deus.

Para aqueles que repetem que o Islã prega a paz e o amor, convém voltar às suas origens. As ordens do profeta eram claras: “Jamais podem existir duas religiões na Arábia.” Outras passagens do Alcorão apagam qualquer margem a dúvidas: “Quando enfrentardes os que descreem, golpeai-os no pescoço”; “Se não sairdes para lutar, Deus vos castigará severamente e outros porá no vosso lugar”; “Onde quer que encontréis politeístas, matai-os, sujeitai-os, vencei-os, emboscai-os”.

Ainda assim, Tel Aviv foi uma cidade predominantemente judaica desde a sua fundação, em 1909. O argumento de que Israel é colonizador na origem e não tem sequer o direito à existência é injusto e falso. Não se sustenta pelos fatos históricos.

A Palestina sempre foi dividida em várias partes territoriais, sendo que a maior delas era governada, de Damasco, por um paxá. Mas não se pode dizer que os palestinos habitavam uma “nação” palestina antes da criação de Israel. A edição de 1911 da *Encyclopaedia Britannica* descreveu a população da Palestina como compreendendo grupos “étnicos” muito diferentes, falando

não menos que cinquenta línguas. Eram vastas milhas sem habitação alguma, e tribos de beduínos espalhadas pela região.

Nunca houve uma união em forma de nação, criando uma Palestina única. Os judeus ocuparam, legal e pacificamente, uma pequena parcela desse vasto território, transformada em nação, por medidas de segurança, após a Segunda Guerra, quando ficara evidente a inviabilidade de convivência mútua entre judeus e muçulmanos, cujos líderes haviam apoiado abertamente o nazismo de Hitler.

Já na Primeira Guerra os árabes muçulmanos lutaram, em sua maioria, ao lado dos imperialistas otomanos e, mesmo derrotados, ficaram com cerca de 80% do território. O primeiro estado estabelecido na Palestina foi um emirado, chamado Transjordânia, exclusivamente árabe. Havia, porém, clara oposição à formação de um estado judaico, e os líderes árabes começaram a exigir a eliminação de qualquer presença judaica na Palestina. Muitos gritavam que “a religião de Maomé nasceu com a espada”.

Os ocidentais, em especial os britânicos, acreditaram que a centralização do poder nas mãos de um religioso ou político facilitaria o controle da região. Hussein foi escolhido, mas tratava-se de um antissemita virulento, com declarado ódio aos judeus. O líder dos palestinos aproximou-se de Hitler, e insistiu que sua “solução final” chegasse à Palestina, liquidando os judeus do mapa. Em 1929, ocorreu o massacre de Hebron, quando sessenta judeus foram mortos e o restante, expulso da cidade.

Em 1937, a divisão em dois estados foi proposta, e os judeus aceitaram de imediato, enquanto os árabes rejeitaram. Demandavam que a Palestina ficasse sob total controle árabe, e que os judeus fossem transferidos a outro país. Durante o Holocausto, a suástica se tornaria um símbolo bem recebido entre muitos palestinos, e a SS daria tanto apoio financeiro como logístico aos *pogroms* antissemitas na Palestina.

Em 1944, uma unidade de comando árabe-alemã, sob as ordens de Hussein, foi lançada na Palestina num esforço para envenenar os poços de Tel Aviv. Mesmo estando novamente do lado perdedor da guerra, várias vantagens seriam oferecidas aos palestinos após a queda de Hitler. Mas não era suficiente. Os judeus tinham de sumir dali, e a criação de Israel, para proteção dos judeus, nunca foi aceita.

Israel ocupa algo como 0,5% do território do Oriente Médio, e um trecho sem uma gota de petróleo. Não aceitam nem isso. Há uma charge que resume com perfeição a situação: inúmeras cadeiras do lado esquerdo, com o nome dos países todos (Líbia, Egito, Síria, Jordânia, Iraque, Irã, Arábia Saudita etc.), e um árabe gritando para um isolado judeu, sozinho do lado direito, que estaria sentado em *sua* cadeira.

Várias nações muçulmanas, lideradas pelo Egito, atacaram Israel, tendo como alvos os civis inocentes. Suas bases militares eram deliberadamente cercadas por escudos civis, para que qualquer reação israelense causasse danos a inocentes, afetando sua imagem frente à opinião pública. Apenas a perfídia impede alguém de notar a diferença moral entre alvejar expressamente civis e atingir acidentalmente civis, defendendo-se.

Em 1967, uma nova guerra contra os judeus teve início, pelas claras iniciativas de Gamal Nasser, que considerava a própria existência de Israel uma “agressão”. Os exércitos árabes estavam

aglomerados ao longo da fronteira israelense, prontos a atacar. Os planos de guerra egípcios incluíam o massacre da população civil de Tel Aviv. Israel, no entanto, derrotaria seus inimigos na Guerra dos Seis Dias, com um número de baixas civis árabes menor que em qualquer confronto comparável.

O resultado foi a “ocupação” dos territórios invadidos em 1948 pelos países liderados pelo Egito. A pressão internacional, liderada pela URSS, era para que Israel devolvesse o território todo. Até mesmo o presidente americano esquerdista, Lyndon Johnson, reconheceu que isso seria um convite a novos ataques contra Israel, uma recompensa pela agressão. Mas, até hoje, a esquerda caviar acusa Israel pela “ocupação”, ignorando todo o contexto em que ocorreu.

Em outubro de 1973, o Egito e a Síria desfecharam ataques-surpresa contra Israel no Yom Kippur, o dia mais sagrado do ano judaico. Israel possui armas nucleares desde os anos 1960, mas jamais as usou, mesmo nessa guerra absurda. Ainda assim, acusam de genocida aquele que se defendia de forma moderada dos inimigos fanáticos, cujo único objetivo é “varrer Israel do mapa”.

*

Israel simplesmente não pode existir. O terrorismo é adotado como prática comum para esse fim: exterminar o povo judeu. Nada, além disso, seria aceito pelos líderes palestinos. A existência do inimigo externo, contudo, serve como escusa ao totalitarismo interno. O falecido Yasser Arafat, ídolo da esquerda caviar, não negou tal objetivo, ao declarar que sua organização terrorista OLP planejava “eliminar o Estado de Israel e estabelecer um Estado puramente palestino”. Mereceu o Nobel da Paz em troca!

Arafat, acusado de desviar milhões de dólares da OLP, continuou: tornaria “a vida impossível para os judeus através de guerra psicológica e explosão populacional”. Enquanto sua mulher e filha viviam confortavelmente na França, filhos de palestinos, alguns com apenas treze anos, eram mandados, pelo líder, como bombas humanas para o assassinato de crianças, mulheres e idosos judeus.

Até mesmo um deficiente físico foi jogado ao mar em um sequestro de navio pelos terroristas palestinos. Suas ações incluem bombas em sinagogas, discotecas, jardim-de-infância, aviões e centros comerciais. Ainda assim, a ONU recebia Arafat como um respeitado líder. O método estava funcionando, e os ataques terroristas, portanto, intensificaram-se. A Intifada de Arafat chegou ao ápice de violência simultaneamente ao pico de aprovação que ele recebia da esquerda.

O duplo padrão do julgamento internacional deixa evidente o viés antisemita. A ocupação da Palestina pela Jordânia e pelo Egito jamais foi condenada pela ONU, tampouco mereceu preocupação de grupos defensores de direitos humanos. O fato de os próprios árabes e muçulmanos serem os maiores assassinos dos palestinos nunca foi duramente criticado.

Israel é sempre o culpado. O Tibete foi tomado pela China comunista, teve boa parte de seu povo dizimada sem qualquer motivo, mas a “ocupação” de Israel na Palestina recebe infinitamente mais atenção da mídia, e a ONU jamais condenou a China por isso.

Se Israel consegue matar um terrorista palestino em um ataque cirúrgico, a ação é classificada como “terrorismo de estado”. Até mesmo um muro construído por Israel foi condenado, comparado ao Muro de Berlim, ignorando-se a obviedade de que um tenta impedir a entrada de terroristas e o outro, a saída do próprio povo escravo.

Quando o governo de Israel criou uma linha exclusiva de ônibus para que os palestinos que trabalham no país atravessassem a fronteira, houve forte reação, e logo propuseram uma aviltante comparação com o *apartheid* (Carlos Heitor Cony foi um deles, na rádio CBN). Curiosamente, *nenhum* desses “especialistas” fez a pergunta mais importante: por acaso há algum judeu trabalhando no lado palestino e gozando de proteção e segurança? Pois é...

Não adianta: qualquer ação que Israel tome para combater o terrorismo e proteger seu povo será vista como condenável. É a sua própria existência que não aceitam. A prova de que os líderes palestinos não querem de fato a paz está na oferta de Ehud Barak feita nas conversas em Camp David, em 2000. Foi recusada por Arafat, que sequer apresentou uma contraproposta.

Os judeus cederam em praticamente *todas* as demandas, inclusive a de um Estado Palestino com a capital em Jerusalém, o controle do Monte do Templo, a devolução de aproximadamente 95% da margem ocidental e toda a Faixa de Gaza, e um pacote de compensação de 30 bilhões de dólares para os refugiados de 1948.

O príncipe saudita Bandar exortou Arafat a aceitar a generosa oferta, afirmando que rejeitá-la seria um crime. Arafat, entretanto, escolheu o crime, pois seu terrorismo dependia da manutenção do inimigo, do bode expiatório. Como resultado, milhares de inocentes pagaram com suas vidas essa decisão absurda, com a intensificação dos ataques terroristas que se seguiram, tática deliberada do líder palestino.

A OLP, fundada em 1964, era integrada pelo Fatah, um grupo nacionalista de esquerda; pela Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP), um grupo comunista; e pela Frente Democrática para a Libertação da Palestina (FDLP), também de inclinação comunista. Esse casamento entre islamismo e comunismo não poderia, jamais, produzir algo bom, que respeitasse de fato, e não apenas no discurso, os valores democráticos.

Outra prova de que a liderança palestina não quer a paz está no próprio estatuto do Hamas, de 1988, que declara que “não há solução para o problema palestino a não ser pela *jihād*”, a guerra santa muçulmana. Não podemos dizer ao certo quanto da população palestina aprova o terrorismo. O regime autoritário de terror impede a livre expressão do povo, e somente a democracia faria com que a real intenção fosse exposta. Dificilmente, porém, a maioria de um povo prefere a guerra.

Temos de levar em conta também, contudo, que são anos de lavagem cerebral, colocando os

judeus como o próprio demônio, que precisa ser eliminado. O terrorismo não nasceu do desespero palestino, mas é uma tática racional de seus líderes, que funciona. Combater isso com a diplomacia parece uma grande utopia. Israel, entretanto, é sempre condenado ao tentar se defender dos terroristas, que cada vez mais miram em alvos chocantes, como pequenas crianças.

O Hamas, aliás, é mais um exemplo, entre tantos, de como o fanatismo ainda encontra terreno fértil no mundo islâmico. O corajoso relato de Mosab Hassan Yousef, presente no livro *Filho do Hamas*, vem bem a calhar, pois seu ponto de vista é privilegiado. Afinal, Mosab era filho de um dos sete fundadores do Hamas, foi preso como terrorista ainda aos dezessete anos, aceitou ser espião de Israel, e acabou se convertendo ao cristianismo.

Ele viu o absurdo da lavagem cerebral contra o “inimigo mortal” bem de dentro, em sua casa, entre seus vizinhos. Mais tarde, foi obrigado a reconhecer: “Para o Hamas, o problema supremo não era a política de Israel. Era Israel em si, a existência daquele estado-nação.”

Como enfrentar um inimigo que simplesmente não aceita sua existência? Como dialogar com gente que, segundo seus próprios escritos sagrados, compara seu povo a porcos e macacos? Mosab é levado a constatar um sentimento que ele mesmo sentiu na pele, estimulado pela situação de humilhação perante o poderio israelense e pela intensa lavagem cerebral: “Para aqueles jovens, [...] a luta se tornou o objetivo em si; não era mais um meio para se chegar a um fim, e sim um fim em si mesmo”.

Israel é usado como bode expiatório, e a esquerda caviar adora sonhar com a ideia de que, não fosse a presença judaica ali, tudo seria um mar de calma. Que doce ilusão! O próprio Mosab, por sinal, acordou para o ridículo desse sonho:

Perguntei a mim mesmo o que os palestinos fariam se Israel deixasse de existir, se as coisas não apenas voltassem a ser como antes de 1948, mas se todo o povo judeu abandonasse a Terra Santa e voltasse a se espalhar pelo mundo. Pela primeira vez, eu sabia a resposta. Ainda lutaríamos. Por nada. Por causa de uma garota que não estivesse usando um véu. Para saber quem era mais durão e importante. Para decidir quem ditaria as regras e quem conseguiria o melhor lugar.

Bem-vindo à natureza humana. Mas os radicais islâmicos e os nacionalistas palestinos não querem enfrentar essa realidade. Preferem seguir com a crença de que Israel é a razão de todos os seus problemas, e que precisa ser eliminado. E a “comunidade internacional”, por sua vez, não aceita que Israel se defenda em meio a esse cenário absurdo.

Como diz Alan Dershowitz, em seu livro *Em defesa de Israel*, “o contexto é essencial para qualquer avaliação justa do comportamento de uma nação”. Existe uma clara disposição da “comunidade internacional” de mostrar Israel como único ou “principal” violador de direitos humanos, ignorando comparações com nações que vivem situação similar, como os russos na Chechênia e os franceses na Argélia.

Um erro não justifica outro, e Israel comete os seus. Qualquer país que viva há tanto tempo sob tanta pressão, tendo que se proteger como pode, acabará cometendo abusos, perdendo parte do

controle sobre seus cidadãos ou, principalmente, sobre alguns militares. Mas aquele que não analisa os fatos friamente, com imparcialidade, julga a partir de um grande preconceito.

Somente isso explica os brados contra Israel e o silêncio sobre os demais. Apenas a má-fé ou a ignorância justificam uma condenação unilateral a Israel, ou mesmo a relativização, nesse conflito entre palestinos e judeus. Segundo Dershowitz: “A imparcialidade em relação àqueles cujas ações não são equivalentes do ponto de vista moral é uma forma artificial de simetria imoral e perigosa”.

Como colocar no mesmo patamar um povo que faz de tudo para proteger as suas crianças e minimizar as perdas de inocentes do lado inimigo, e outro que tenta deliberadamente matar as crianças dos seus inimigos e usar as *suas* próprias como escudos humanos ou bombas? Não perceber tamanha discrepância só pode ser fruto da suspensão da razão.

O que poderia explicar esse viés contra Israel, então? Novamente, podemos procurar nas mesmas origens da esquerda caviar essas explicações. O principal alvo desses esquerdistas é a única democracia estabelecida naquela região, o país com pilares ocidentais mais parecidos com os nossos, com um respeito às mulheres longe de ser visto nos vizinhos muçulmanos, e bem mais próspero. Ataca-se, uma vez mais, o sucesso e a liberdade.

Israel é um país pequeno, criado apenas em 1948, contando hoje com pouco mais de 7 milhões de habitantes. Ao contrário de seus vizinhos, não possui recursos naturais abundantes, e precisa importar petróleo. Entretanto, o telefone celular foi desenvolvido lá, pela filial da Motorola. A maior parte do sistema operacional do Windows XP foi desenvolvida pela Microsoft de Israel.

O microprocessador Pentium-4 foi desenvolvido pela Intel em Israel. A tecnologia da “caixa postal” foi desenvolvida em Israel. Microsoft e Cisco construíram unidades de pesquisa e desenvolvimento em Israel. Em resumo, o país possui uma das indústrias de tecnologia mais avançadas do mundo.

O PIB de Israel, acima de US\$ 200 bilhões por ano, é muito superior ao de seus vizinhos islâmicos. A renda per capita é de quase US\$ 30 mil. Apesar da pequena população e da ausência de recursos naturais, as empresas israelenses exportam mais de US\$ 50 bilhões por ano. A penetração da internet é uma das maiores do mundo. O país possui a maior proporção mundial de títulos universitários em relação à população. Lá são produzidos mais artigos científicos per capita que em qualquer outro país. Possui o maior IDH do Oriente.

Segundo Niall Ferguson em *Civilização*, Israel registrou 7.652 patentes entre 1980 e 2000, comparadas a somente 367 de todos os países árabes combinados. Não custa lembrar que tudo isso foi conquistado sob constante ameaça terrorista dos vizinhos, o que forçaria um pesado gasto militar do governo. Ainda assim, o país despontou no campo científico e tecnológico, oferecendo enormes avanços para a humanidade.

E esse avanço tecnológico não se limita aos aparelhos eletrônicos voltados para lazer e trabalho. Há enormes conquistas na área medicinal também, como um aparelho que serve para diagnosticar

câncer de estômago pelo hálito. Esse tipo de descoberta salva inúmeras vidas, inclusive de pessoas que adoram condenar Israel por todos os pecados do mundo. A beleza do capitalismo é que é impessoal.

Contando com cerca de 0,2% da população mundial e 2% da população americana, os judeus ganharam 22% de todos os Prêmios Nobel, 20% de todas as Medalhas Fields de matemática e 67% das medalhas John Clarke Bates para melhores economistas abaixo de quarenta anos. Os judeus ganharam ainda 38% de todos os Oscar de melhor diretor, 20% dos Prêmios Pulitzer de não-ficção e 13% dos Grammy Lifetime Achievement Awards. Algum fator cultural deve explicar tanto sucesso.

Quando comparamos a realidade israelense com a situação miserável da maioria dos vizinhos, fica mais fácil entender parte do ódio que é alimentado contra os judeus. Claro que fatores religiosos pesam, assim como o interesse de autoridades islâmicas no clima de guerra. Nada como um inimigo externo para justificar atrocidades domésticas. Mas as gritantes diferenças econômicas e sociais sem dúvida adicionam lenha à fogueira.

Israel não é um paraíso. Longe disso. Seu governo, como todos os governos, comete abusos que merecem críticas. Mas, perto da realidade de seus vizinhos islâmicos, o contraste é chocante. Será que isso tem alguma ligação com o ódio a Israel e o constante uso de critérios parciais na hora de julgar os acontecimentos na região?

A esquerda caviar pega o sucesso e o ambiente de liberdade e respeito às minorias existentes somente em Israel, ao menos naquela região, e transforma isso em vilania, enquanto enaltece o lado palestino, com mulheres tratadas como seres inferiores e o indivíduo como submisso (Islã, aliás, significa “submissão”). Faz vista grossa para todos esses defeitos dos países muçulmanos, enquanto joga uma lupa para os mínimos problemas em Israel.

O islamismo ainda não passou por seu iluminismo. A maior pesquisa de opinião já realizada com os muçulmanos de vários países diferentes, feita pelo Pew Research Center, constatou que mais da metade gostaria de viver sob a *sharia*, a lei islâmica. Impressionantes 85% pensam que as mulheres devem sempre obedecer a seus maridos, 80% consideram o consumo de álcool imoral e 90% consideram a homossexualidade imoral. João Pereira Coutinho, em coluna da *Folha*, escreveu sobre o estudo:

Conclusões? Não, não existe uma relação imediata entre o Islã e o terrorismo, exceto na cabeça dos terroristas (fato a que somos alheios). Mas, por outro lado, este magistral estudo mostra como as vagas de modernidade que permitiram as liberdades do Ocidente — da reforma religiosa ao iluminismo secular — ainda não chegaram ao Islã. E, sem elas, será difícil resgatar essas sociedades do autoritarismo, da pobreza, da intolerância — e, em certos casos, dos extremistas que matam em nome da fé.

Existem islâmicos que tentam reformar sua religião, modernizar sua cultura. São corajosos, pois enfrentam riscos enormes de vida. É o caso de Ayaan Hirsi Ali, exilada somali, que critica o fundamentalismo islâmico e luta pelos direitos da mulher muçulmana.

Ela fez, junto com o cineasta Theo van Gogh, o filme *Submissão*, sobre a situação da mulher

muçulmana. Theo foi morto a tiros em Amsterdam por um marroquino, que o degolou e lhe cravou no peito uma carta, anunciando que Ayaan seria a próxima vítima. Sua história está relatada na imperdível biografia *Infiel*, mostrando que não é brincadeira de criança desafiar o atraso islâmico. Eis o relato que faz dos tempos de criança na Arábia Saudita:

Na Arábia Saudita, tudo de ruim era atribuído aos judeus. Se o ar-condicionado encrencasse ou se faltasse água subitamente, as vizinhas diziam que era por culpa dos judeus. As crianças aprendiam a rezar pela saúde dos pais e pela destruição dos judeus. Depois, quando começamos a ir à escola, os professores desfiavam, demoradamente, as malvadezas que os judeus tinham feito e pretendiam fazer com os maometanos.

Pergunto: o que esperar de um povo “educado” dessa forma? Os judeus se tornam os bodes expiatórios para todo tipo de problema, alimentando na população islâmica um desejo de vingança absurdo. A intensa lavagem cerebral não poupa ninguém, e começa muito cedo. Lutar contra isso, para os poucos que acordam, é extremamente arriscado.

Para dificultar ainda mais, esses reformadores não contam com o apoio dos intelectuais e artistas da esquerda caviar aboletados no conforto ocidental. Ao contrário: essa elite costuma elogiar justamente os líderes radicais do Islã que mantêm o povo escravizado e que procuram uma guerra santa contra o Ocidente.

Assim como o fascismo e o comunismo, o islamismo trata o indivíduo como um meio sacrificável pelo “bem” coletivo. Seu denominador comum é a busca por um paraíso que, para ser alcançado, precisa destruir seus inimigos antes. Das cinzas, tal como Fênix, um novo mundo perfeito renascerá, apenas para os escolhidos ou convertidos. Ayaan diz sobre sua religião:

O profeta Maomé procurou legislar cada aspecto da vida. Ao aderir à sua noção do permitido e do proibido, nós, muçulmanos, renunciamos à liberdade de pensar e de agir por livre escolha. Fixamos a visão moral de bilhões de seres humanos na mentalidade do deserto árabe do século VII. Não éramos apenas servos de Alá, éramos escravos.

Essas ideologias abraçam verdadeiros cultos da morte, e toda a celebração pela vida é condenada. A dança, o álcool e a diversão são vistos como pecaminosos, o caminho para o inferno. Hugh Johnson, em *A história do vinho*, conta que um discípulo do profeta, natural de Meca, pôs-se a declamar um poema nada lisonjeiro sobre a tribo de Medina. Diante disso, outro discípulo apanhou um osso e assentou-o na cabeça do declamador irreverente.

Maomé não gostou da cena, e perguntou ao Altíssimo como deveria agir para manter seus discípulos na linha. Logo veio a resposta, através do próprio Maomé:

Fiéis, o vinho e os jogos de azar, os ídolos e as flechas divinatórias são abominações criadas por Satanás. Evitai-os para que possais prosperar. Por meio do vinho e do jogo, Satanás procura instigar a inimizade e o ódio entre vós e afastar-vos da lembrança de Alá e de vossas preces. Não vos absteireis de tais coisas?

Os vinhos foram então, pelo que dizem os estudiosos islâmicos, despejados nas ruas. “Assim”, conclui Johnson, “uma das principais características do estilo de vida muçulmano deveu-se a uma briga (que pode ter sido ou não entre bêbados)”. O fiel que transgredir essa regra pode levar até oitenta chibatadas. Enquanto outras culturas tinham deuses para o vinho, como Baco ou Dionísio, os muçulmanos o enxergam como obra de Satanás.

Como disse Karl Kraus: “Que são todas as orgias de Baco comparadas à embriaguez daquele que se entrega sem freio à abstinência?” Roger Scruton chegou a escrever um livro sobre a importância do vinho na cultura ocidental, que considera um lubrificante para a sociedade. A bebida social serve para quebrar o gelo e unir estranhos, para descontrair, para suavizar o convívio.

Mas divago. O fato é que o Islã alimenta esse fundamentalismo que tolhe completamente a liberdade individual, o foco na felicidade de cada um, aqui nessa vida. O aiatolá Khomeini chegou a declarar que não existiam piadas no Islã. Uma civilização que não consegue rir de si mesma está doente, em perigoso estágio de declínio. Toma tudo como grave ofensa, não tem jogo de cintura, e assim perde um fundamental método crítico. Como disse Henri Bergson em *O riso*:

Pelo medo que inspira, o riso reprime as excentricidades, mantêm constantemente vigilantes e em contato recíproco certas atividades de ordem acessória que correriam o risco de isolar-se e adormecer; flexibiliza enfim tudo o que pode restar de rigidez mecânica na superfície do corpo social. O riso, portanto, não é da alçada da estética pura, pois persegue (de modo inconsciente e até imoral em muitos casos particulares) um objetivo útil de aperfeiçoamento geral.

Pobre da sociedade que não sabe rir de si própria! Nela, o mártir é visto como o grande herói. O soldado comunista que morre pela causa, o jovem fascista que está disposto ao sacrifício em nome do todo, o terrorista que se explode pela *jihad*, esses são os ícones dessa luta insana contra o indivíduo e sua liberdade. É preciso destruir antes para construir depois.

Essa inclinação pela morte não é novidade no Islã. Na Idade Média, uma seita de fanáticos assassinos surgiu no Irã e se espalhou pelas montanhas sírias e libanesas. A fama do grupo se alastrou até o mundo cristão, que ficou surpreso com a fidelidade de seus membros, mais até que com sua ferocidade. Seu líder, conhecido como o Velho da montanha, possuía cerca de 60 mil seguidores, segundo alguns relatos da época especulavam.

Para Bernard Lewis, especialista no Islã e autor de *Os assassinos*, os paralelos dessa época com a atualidade são incríveis. A maioria dos alvos da seita era formada pelos próprios muçulmanos, muitas vezes autoridades estabelecidas. Quando o Velho tinha de matar algum príncipe, escolhia um dos jovens seguidores e dizia: “Vai tu e mata Fulano; e, quando retornares, meus anjos te levarão para o paraíso. E, se acaso morreres, não obstante, ainda assim enviarei meus anjos para carregar-te de volta para o paraíso.”

Conta-se que o Velho oferecia haxixe como entorpecente para seus jovens seguidores. Ele fazia-os acreditar no seu poder de lhes oferecer o paraíso, e isso possibilitava que os assassinos enfrentassem qualquer perigo. A crença, através do fanatismo religioso, inspirava os atacantes até o momento da morte. Lewis explica:

Sua religião, cada vez mais, adquire as características mágicas e emocionais, as esperanças milenares e de redenção, associada aos cultos dos desapossados, dos destituídos de privilégios e dos instáveis.

Como podemos ver, os fundamentalistas islâmicos modernos são os herdeiros desses assassinos. A Al-Qaeda de Osama bin Laden se assemelha em vários aspectos à seita de Hasã. Claro que a culpa em si reside no fanatismo, mas não é possível negar que a religião fornece os pretextos adequados. O próprio Lewis escreve, em *A crise do islã*, que, “Segundo a lei islâmica, está de acordo com as escrituras fazer guerra contra quatro tipos de inimigos: infiéis, apóstatas, rebeldes e bandidos”. A *jihad* é uma obrigação religiosa.

A maioria dos terroristas islâmicos não é formada por miseráveis. O próprio Osama bin Laden vinha de família extremamente rica. Muitos de seus seguidores são pessoas que foram educadas, inclusive no Ocidente. Mais da metade dos terroristas suicidas da Palestina frequentaram uma faculdade.

Não estão em busca de “justiça social”; não são os “oprimidos” da cartilha marxista. Agem por fanatismo religioso, alimentado por um profundo senso de alienação, de humilhação, de culpa por seus privilégios e desejos em uma sociedade que condena totalmente tais desejos e impulsos.

Bernard Lewis afirma: “A maior parte dos muçulmanos não é composta de fundamentalistas e a maior parte desses não é terrorista, mas a maior parte dos terroristas atuais é muçulmana e tem orgulho de se identificar como tal.” E eu acrescentaria: sob o entusiasmado apoio de boa parte da esquerda caviar no Ocidente!

O culto ao multiculturalismo

Vimos que o típico esquerdista caviar condena os Estados Unidos e Israel por quase todos os males do mundo. O passo lógico seguinte é enaltecer as demais culturas, valorizar os outros povos para que a civilização judaico-cristã, representada por esses dois países, não seja vista como mais avançada.

O multiculturalismo atende perfeitamente a esse anseio. Caracteriza-se pela completa suspensão do julgamento objetivo sobre as culturas. Ninguém pode mais analisar com alguma imparcialidade hábitos, costumes e leis dos povos. Fazer isso é ser um etnocentrista, um elitista arrogante, um preconceituoso, praticamente um nazista.

Curiosamente, a esquerda caviar só lembra disso quando para falar daquelas culturas mais atrasadas e bárbaras, pois, no momento em que o próprio Ocidente está no banco dos réus, as críticas são violentas. Mas temos de perguntar: quando um pai corta o rosto de seu filho ainda bebê e o deixa todo ensanguentado, tudo para “demonstrar” sua fé em Alá, estamos diante de algo “apenas diferente” ou da barbárie?

Cortar o clitóris de meninas, obrigar as mulheres a usar burca ou apedrejá-las por adultério são “apenas” diferenças culturais? Vejam o relato de Ayaan Hirsi Ali, presente na biografia *Infiel*, já mencionada:

Na Somália, como em muitos outros países africanos e do Oriente Próximo, as meninas são purificadas mediante a ablação da genitália. Não há outro modo de descrever esse procedimento, que costuma ocorrer por volta dos cinco anos de idade. Uma vez escavados, raspados ou, nos lugares mais benevolentes, simplesmente cortados ou extraídos o clitóris e os pequenos lábios da garota, geralmente toda região é costurada de modo a formar uma grossa faixa de tecido, um cinto de castidade feito da própria carne da criança. Um pequeno orifício no lugar adequado permite um fino fluxo de urina. Só com muita força é possível alargar o tecido cicatrizado para o coito.

Ayaan foi uma que sofreu isso na pele, com apenas cinco anos. Apenas diferença cultural ou atraso, barbárie? Perdemos a capacidade de julgar? O presidente Obama chegou a rejeitar a ideia de que as mulheres que “escolhem” usar burca são menos iguais que as outras. Um ato de muita “coragem”. Resta perguntar o que pensa das mulheres islâmicas que decidem *não* usar a burca em certos locais. Muitas acabam espancadas ou marginalizadas. E não só no Iêmen, como no próprio Ocidente!

O caso de Ayaan é um dos exemplos de sucesso de assimilação. Ela foi capaz de absorver os valores ocidentais, tornando-se inclusive deputada na Holanda. Mas os multiculturalistas pregam o contrário: a segregação, com a desculpa de preservar os valores de suas culturas ou crenças anteriores. Ayaan explica como isso fracassou na Holanda, o que serve para os demais países

também:

O multiculturalismo holandês — o respeito pelo modo islâmico de fazer as coisas — não dava certo. Deixava muitas mulheres e crianças despojadas de direitos. O país tentava ser tolerante em nome do consenso, mas esse consenso era vazio. Preservava-se a cultura dos imigrantes à custa das mulheres e das crianças e em detrimento da integração dos próprios imigrantes. Muitos maometanos se recusavam a aprender holandês e rejeitavam os valores de tolerância e liberdade pessoal.

Hoje há muitos holandeses cientes do erro e tentando reverter o multiculturalismo. Espera-se que consigam. Aqueles que não estão convencidos da urgente importância disso deveriam ler o relato de outro muçulmano, Ibn Warraq, presente no livro *Why the West is Best*, uma defesa da democracia liberal do Ocidente.

O autor procura desfazer o estrago causado por intelectuais do próprio Ocidente, como Susan Sontag, Edward Said e Noam Chomsky, que ajudaram a disseminar o relativismo moral e o multiculturalismo, que minaram os principais valores ocidentais. Para ele, o relativismo cultural no Ocidente desencoraja julgamentos interculturais, impedindo, assim, a reforma das injustiças do mundo e inibindo a defesa da civilização ocidental.

A esquerda caviar gosta de destacar o multiculturalismo como um valor em si, e se especializou em atacar os valores de sua própria cultura mais avançada. Quando os imigrantes praticam delitos, é culpa do Ocidente, que choca seus valores. E, quando alguma atrocidade é cometida por ocidentais, isso é prova de seu “atraso”. Aqui, como alhures, o duplo padrão sempre estará presente. Cito Mark Steyn, em *After America: Get Ready for Armageddon*, pois seu alerta pessimista parece bastante pertinente:

Na verdade, o culto do relativismo absolutista é um tipo de ação afirmativa contra a sua própria civilização: em qualquer disputa entre o Ocidente ilimitadamente tolerante e um Islã altamente intolerante, a culpa deve ser do primeiro por ser insuficientemente tolerante com a intolerância do último. Uma sociedade liderada por homens com um tal impulso autodestrutivo vai ter o seu desejo atendido, e muito em breve, e merecidamente.

Uma cultura é, segundo a definição da *Enciclopédia Britânica*, um padrão integrado de conhecimento humano, crenças e comportamentos que são resultados da capacidade humana de aprendizagem e transmissão de informação para as gerações seguintes. Cultura consiste, então, em língua, ideias, crenças, mitos, costumes, códigos de conduta, instituições, ferramentas, técnicas, rituais, arte, símbolos. A cultura de um povo pode evoluir com o tempo.

A globalização é multicultural por essência. Culturas podem aprender umas com as outras. A mistura

tende a enriquecê-las. Mas isso não é o mesmo que afirmar a igualdade entre todas. Algumas avançaram mais, conseguiram criar pilares mais civilizados, domaram um pouco a barbárie presente em todos nós. Não reconhecer isso é muita covardia moral, muita cegueira.

Thomas Sowell é um dos pensadores modernos que se debruçaram sobre o assunto. Em sua coletânea de textos *Barbarians Inside the Gates*, lembra que o mundo sempre foi multicultural, por séculos, antes de o termo ser cunhado. Tratava-se de um multiculturalismo em um sentido prático, diretamente oposto ao que o atual culto dos relativistas culturais prega.

Como exemplos, Sowell lembra que o papel sobre o qual escreveu seu livro fora inventado na China, que as letras vieram da Roma antiga e que os números, da Índia, através dos árabes. O autor é um descendente da África, que escrevia enquanto escutava música de um compositor russo.

A razão pela qual tantas coisas se disseminam pelo mundo todo está no simples fato de que algumas coisas são consideradas melhores que outras, e as pessoas desejam o melhor para si. Essa obviedade é justamente o contrário do que o credo do multiculturalismo atual defende, alegando que nada é melhor ou pior, mas “apenas diferente”.

As pessoas não “celebram a diversidade”; escolhem aquilo de sua própria cultura que desejam manter e aquilo que preferem abandonar em prol de algo melhor vindo de fora. Quando os índios americanos, por exemplo, viram os cavalos dos europeus, não se limitaram a “celebrar a diferença”; simplesmente começaram a montar em vez de ir andando.

À contramão do que o culto do multiculturalismo defende, as pessoas não buscam viver “em harmonia com a natureza”, e sim obter o melhor que puderem. Eis o motivo pelo qual, desde automóveis até antibióticos, os bens demandados se espalharam pelo mundo. Não importa o que os filósofos do multiculturalismo *digam*, é isso que milhões de pessoas *fazem*, ao menos quando as barreiras estatais não impedem.

Para Sowell, esse tipo de multiculturalismo moderno é uma dessas afetações a que algumas pessoas se permitem enquanto usufruem de toda tecnologia moderna. Normalmente não são pobres vivendo em países muito atrasados os que bradam sobre as “maravilhas” das diferentes culturas. São intelectuais de países desenvolvidos que olham com desdém para os processos que tornam possível a produção de todo tipo de conforto de que desfrutam.

Os relativistas culturais tentam logo acusar de “nazistas” aqueles que conseguem enxergar objetivamente instituições e costumes superiores — ignorando que Hitler falava em superioridade *racial* dos arianos, algo que seria inato, não aprendido. O conceito de raça humana sequer faz sentido científico. Já estoque de conhecimento, instituições, valores e avanços não só existem e variam muito de cultura para cultura, como uns são bastante superiores a outros.

A esquerda caviar finge não perceber que se “tudo vale”, porque nenhuma cultura é superior a outra, então um povo pode alegar ter como valor supremo o extermínio de outras culturas. Com qual critério objetivo um relativista consegue julgar algo, se tudo não passa de “diferenças culturais”? Será que não percebem que até o princípio de autodeterminação dos povos é um valor parido no Ocidente e ignorado por várias culturas atrasadas?

Para Karl Popper, uma das componentes do irracionalismo moderno é o relativismo, entendido como a doutrina segundo a qual a verdade é relativa à nossa formação intelectual. Em outras

palavras, a verdade mudaria de contexto para contexto, o que impossibilitaria um entendimento mútuo entre culturas, gerações ou períodos históricos diferentes. Eis a frase que define esse “mito do contexto”, segundo Popper:

A existência de uma discussão racional e produtiva é impossível, a menos que os participantes partilhem um contexto comum de pressupostos básicos ou, pelo menos, tenham acordado em semelhante contexto em vista da discussão.

Para Popper, esta afirmação é não apenas falsa, mas também perigosa. Se acolhida de forma generalizada, pode inclusive contribuir para o aumento da violência, minando a unidade da humanidade.

Sem dúvida uma discussão entre participantes que não compartilham do mesmo contexto pode ser *difícil*, mas é um exagero afirmar que é *impossível* ter um debate proveitoso sem essa premissa. Popper vai além, e acredita que um debate entre pessoas com várias ideias em comum pode ser bastante agradável, mas talvez não seja tão proveitoso quanto um entre pessoas com pontos de vista totalmente divergentes.

O fosso existente entre contextos ou culturas diferentes *pode* ser ultrapassado, e essa é a tese de Popper. O próprio avanço da civilização ocidental é fruto do choque de diferentes culturas. Podemos aprender com os diferentes contextos, e podemos evoluir em nosso conhecimento acerca do mundo. O método que permite este aprendizado é o da crítica. Conforme coloca o autor, “uma das principais tarefas da razão humana é tornar o universo em que vivemos algo compreensível para nós”. Essa é a tarefa da ciência. E todos os povos têm capacidade de utilizá-la.

Hegel e Marx foram, talvez, os mais influentes pensadores do mito do contexto. Para Marx, a ciência era dependente das classes sociais. Haveria uma ciência proletária e outra burguesa, cada qual prisioneira de seu contexto. A classe é que definiria o pensamento do indivíduo, sendo totalmente impossível um debate racional.

A falibilidade humana pode representar um perigoso atrativo para tais doutrinas. O fato de existir parcialidade em todos os seres humanos não quer dizer que uma aproximação da verdade seja inviável. O curioso é que o próprio Marx, que não era proletário, arrogava-se a capacidade de pensar por esta classe, uma gritante contradição à sua própria crença.

É evidente que o contexto pode influenciar nossos pensamentos. Mas parece claro também que os homens desfrutam da magnífica capacidade de olhar criticamente, de estabelecer um debate racional *independentemente* de seu contexto. Para Popper, “O relativismo cultural e a doutrina do contexto fechado constituem sérios obstáculos à disposição de aprender com os outros”.

O filósofo Kwame Anthony Appiah explicou, de forma bastante objetiva, os riscos da visão coletivista da cultura, em detrimento ao direito de livre escolha individual. O autor, nascido em

Gana, é Ph.D. pela Universidade de Cambridge e lecionou em Harvard e Princeton, além de autor do livro *Cosmopolitanism*, em que defende que a globalização fez bem às culturas regionais. Culturas fechadas estão fadadas ao insucesso.

A população deve ter a liberdade de escolher quais produtos culturais deseja consumir. Appiah dá o exemplo das camisetas que os africanos usam, deixando de lado suas roupas coloridas tradicionais. Se as camisetas cumprem a função de cobrir o corpo e são mais baratas, que mal há em deixar as vestes tradicionais para ocasiões especiais apenas? Tirar o direito de escolha dos indivíduos em nome da “preservação cultural” beira o desumano, e normalmente quem pensa assim está longe, no conforto justamente de culturas mais liberais.

O mesmo vale para o resto dos produtos existentes. Os indivíduos devem ser livres para decidir a qual filme desejam assistir, quais músicas querem escutar ou qual comida pretendem comer. Quanto mais liberdade de mercado, com abertura para diferentes países e culturas, maior o número de opções disponíveis. A pluralidade é filha do livre mercado, não da decisão centralizada no estado.

Appiah chama de “preservacionistas culturais” aquelas pessoas com bom padrão de vida em algum país ocidental, normalmente em constante progresso, que, no entanto, olham para as culturas diferentes e exóticas como algo interessante, bonito, que deveria ser mantido para sempre da mesma forma, estático. Mas, como Appiah diz, “se o costume é ruim para o bem-estar de uma grande parcela daquela população, o fato de fazer parte da cultura não é motivo para insistir no erro”.

O foco deve ser o indivíduo e sua liberdade de escolha, não a tribo, a nação ou a cultura. A cultura não é um fim em si, mas um meio para a felicidade dos indivíduos. E cada um deve ser livre para escolher como quer buscar sua felicidade. Eis um dos valores mais caros ao Ocidente, e justamente o que o culto ao multiculturalismo deseja impedir.

A importância da cultura é muito maior que a da “raça”, eis o que sustenta Appiah em seu livro *Na casa de meu pai*. A África não é um lugar homogêneo, mas os africanos podem aprender uns com os outros, “tal como podemos, é claro, aprender com toda a humanidade”. O intercâmbio cultural e a crítica racional podem beneficiar *todas* as culturas, ajudar a “ensinar à raça única a que *todos* pertencemos”.

Além disso, o autor mostra como a ideologia do pan-africanismo depende justamente de traços culturais ocidentais: “A nostalgia nativista, em suma, é basicamente impulsionada pelo sentimentalismo ocidental que nos é tão familiar desde Rousseau; poucas coisas, portanto, são menos nativas do que o nativismo em suas formas atuais”. O pan-africanismo centrado na ideia de raça não passa de uma invenção não-africana.

Quem quiser ter uma visão mais realista da coisa deve ler *A máscara da África*, do Nobel de literatura V.S. Naipaul. A visão romântica vai por água abaixo quando acompanhamos o autor em sua jornada pela região, descobrindo seus mitos e superstições, seus hábitos e costumes. Informações que a esquerda caviar prefere desconhecer. Entre tantos relatos, podemos pescar coisas assim:

A um sinal, todos caíram sobre os dançarinos, os amarraram e os lançaram aos guerreiros de Sunna, que, com lanças e outras armas afiadas, começaram a cortar em pequenos pedaços os wasogas amarrados, sem se preocupar em matar as vítimas primeiro.

Ou algo dessa natureza:

Canta-se e dança-se; a coisa continua até a meia-noite; então, Mumbo Jumbo declara quem é a mulher culpada. Ela é agarrada, suas roupas são arrancadas e, nua, é amarrada a um poste e espancada até o amanhecer por Mumbo Jumbo e seu cajado. Os aldeões gritam de prazer; zombam da mulher e não demonstram a menor misericórdia.

Mas claro que toda essa barbárie só pode ser culpa do Ocidente! Reza a cartilha do politicamente correto que é pecado reconhecer tamanho atraso ou responsabilizar os próprios africanos por tal destino. O certo é se solidarizar com as vítimas do “homem branco” explorador, ignorando que são os próprios africanos os que mais matam e abusam dos africanos de suas tribos ou de rivais.

*

O filme *Deus da carnificina*, de Roman Polanski, é uma sátira à hipocrisia do politicamente correto, com Judie Foster fazendo o papel de uma típica representante da esquerda caviar, que se coloca sempre acima dos outros no campo moral.

Ela é capaz de tudo perdoar em nome da “civilização”. É tão descolada que até passou sua lua de mel na Índia! Mas, em certo momento, desabafa: “Por que tudo tem que ser sempre tão exaustivo?”. Usar sempre aquela máscara cansa.

A personagem abraça as causas das pobres crianças africanas, mas, no fundo, esconde seu ódio a tudo aquilo em volta, seu recalque à sua vida medíocre com seu marido acomodado, um simples vendedor de latrinas sem ambição. Eis como Pondé resume a figura em um artigo sobre o filme:

Ela escreve livros sobre Darfur e a miséria na África e, em meio a seus berros contidos de histérica, ela decreta que quem não se preocupa com a pobreza mundial não tem caráter. Tenta passar a imagem de que ama e perdoa a todos, inclusive o filho da Winslet que bateu em seu filho, mas no fundo é uma passiva agressiva, aquele tipo de mulher descrita por Woody Allen, que fala baixinho, mas fere fundo com sua saliva venenosa e cruel.

Em certo momento, o marido afirma que o “amor” que ela sentia pelos negros do Sudão tinha estragado tudo nela. É uma tirada ácida, mas que aponta para essa característica da esquerda caviar com perfeição. Ela “amava” os pobres distantes, mas isso era pura hipocrisia, uma forma de entorpecimento próprio. A esquerda caviar usa a “preocupação” com a desgraça alheia como troféu de sua suposta superioridade moral. As minorias oprimidas são seus mascotes.

Seus membros precisam se identificar com os “fracos e oprimidos” e condenar os bem-sucedidos do Ocidente. Imbuídos ainda de uma visão marxista do mundo, onde José é rico porque explorou

Pedro que é pobre, essa é mais uma forma de expiar seus pecados, de se mostrar uma alma sensível conectada aos sofredores e perdedores.

Por isso não toleram a imagem de que tais “vítimas”, em várias ocasiões, reagiram com o uso de violência. Se historiadores apontam que Zumbi dos Palmares também tinha escravos, e que liderava com mão de ferro sua comunidade, isso agride a visão romantizada de que era “bonzinho” e apenas se defendia dos “malvados”.

João Pereira Coutinho, em uma crônica na *Folha* sobre a reação ao último filme de Tarantino, *Django livre*, resumiu bem a coisa: “As patrulhas politicamente corretas perdoam tudo. Exceto que as suas vítimas de estimação tenham direito a usar paus, chicotes ou armas”.

Spike Lee, que não gostou do filme mesmo sem vê-lo, deixou claro que era “ofensivo” aos seus “irmãos” do passado retratá-los dessa forma. A vítima é sempre pura, o homem branco ocidental era o demônio em pessoa, e hoje tudo se resolve com flores. Coutinho vai direto ao ponto, e eu lembro que “liberal”, na citação, quer dizer o seu oposto, ou seja, esquerdista: “O liberal progressista gosta de acreditar que o mundo é um jardim infantil, onde os homens são naturalmente bons e tudo se resolve pelo ‘diálogo’ e pelo ‘respeito’”.

Dessa forma, a esquerda caviar, vivendo no conforto ocidental, prega as maravilhas da vida selvagem na África, ou os encantos do islã, ou ainda a ligação com a natureza dos índios. Claro, o que deseja é transformar tais bolsões do atraso em mascotes, não percebendo a arrogância em se tratar culturas menos avançadas como animais de estimação. Mas vale tudo para condenar o próprio Ocidente e idealizar o “bom selvagem”.

Os “zoológicos” humanos são defendidos pela esquerda caviar em nome da justiça e da diversidade. Ao condenar índios ao confinamento indígena, a esquerda caviar os impede de conhecer inúmeras inovações que poderiam melhorar absurdamente suas vidas. Os índios já desfrutam de quase 13% do território nacional, mas a esquerda caviar não acha isso suficiente para aliviar seu sentimento de culpa. É preciso mais!

Não importa que os líderes indígenas desfrutem dos bens materiais do Ocidente, e que guardem seus *iPads* e carros importados somente quando as câmeras de TV aparecem, forçando-os a se lembrar da existência do cocar e do arco e flecha. Como escreveu Lobão em seu novo livro:

Índigena, hoje em dia, usa calção Adidas, camisa de futebol e relógio de pulso, além do cocar, e deveria ser um cidadão comum, sair daquelas reservas miseráveis que antropólogos em toda a sua estupidez ideológica teimaram por transformar em museu com gente viva dentro.

Tampouco importa que haja enorme corrupção na Funai, cujo orçamento passa de R\$ 600 milhões anuais, enquanto o povo paga o pato, vivendo em verdadeiras favelas. O esquerdista caviar não quer saber de nada disso.

Para ele, basta acrescentar o nome de uma tribo dessas a seu sobrenome no Facebook, e assim mostrar aos colegas como é uma pessoa sensível e preocupada com as minorias abandonadas. Aproveito para perguntar aos leitores que, por ventura, adotaram o sobrenome Guarani-Kaoiwá na

rede social: sabem que fim a tribo levou? Sabem, aliás, em que estado fica? Conseguem apontá-la, ainda que aproximadamente, no mapa? Dedicaram mais tempo para se informar ou ajudar os índios? Ou ficou tudo no clique do mouse e nada mais?

Índios praticando infanticídio em pleno século XXI? Diferenças culturais. Miséria total porque vivem isolados do progresso ocidental? Ligação linda, orgânica, com a natureza selvagem. Vi no cinema, com ar condicionado e pipoca, como é incrível essa conexão com o meio ambiente no filme *Avatar*, de James Cameron. Nós e as árvores formando uma só entidade espiritual. Fantástico!

Em entrevista para o jornal *O Globo*, a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha soltou essa pérola: “Os suicídios kaiowá atingem cada um de nós; somos todos kaiowá”. Me “inclui” fora dessa, colega! Quer dizer que um suicídio na Suécia faz de nós todos suecos agora? O filósofo Pondé, perplexo, levantou questões interessantes sobre o fenômeno kaiowá em sua coluna na *Folha*:

O que faz alguém colocar nomes indígenas no seu “sobrenome” no Facebook? Carência afetiva? Carência cognitiva? Ausência de qualquer senso do ridículo? Falta de sexo? Falta de dinheiro? Tédio com causas mais comuns, como ursinhos pandas e baleias da África? Saiu da moda o aquecimento global, esta pseudo-óbvia ciência?

No final de 2012, uma operação da Polícia Federal prendeu o cacique Dirceu Retanh Pereira Santiago, acusado de arrendamento ilegal de terras indígenas. Uma reportagem da *Folha* esse ano mostrou que vários índios alugam terras para a exploração ilegal de madeira, muitas vezes em troca de ninharia, de itens eletrônicos, de prostitutas. Mas quem disse que a esquerda caviar liga para essa realidade totalmente diferente de suas fantasias? A senadora Kátia Abreu, na mesma *Folha*, colocou o dedo na ferida:

Pensando em seu lugar, a Funai tenta manter o controle sobre eles, fingindo não ver que a maioria assiste televisão e tem geladeira e fogão a gás, embora continue morrendo de diarreia porque seus tutores não lhes ensinaram que a água de beber deve ser fervida. [...] Um verdadeiro discurso do falso enraizamento é que serve para produzir mais poder político para as instituições que se sentem “proprietárias” dos históricos índios brasileiros. E seguem indiferentes à sorte dos atuais brasileiros índios.

Pergunto: não era melhor fechar logo a Funai, economizar R\$ 600 milhões do nosso dinheiro, e decretar que, a partir de hoje, “índios” são brasileiros? Desejamos ou não um único povo, que se identifique como brasileiro e viva sob o império das mesmas leis? Vamos criar uma classe ou etnia de “intocáveis” agora? Perguntas que incomodam o esquerdista caviar, que adora ter os indiozinhos como mascotes para suas fantasias.

Essa idealização dos índios vem de longa data. Até Michel de Montaigne flertou com a visão de um

passado idílico. Em seus ensaios, quando fala sobre os canibais, pode-se notar esse desejo de crer que os “bárbaros” vivem melhor que os “civilizados”. Resgata também filósofos que falavam desse éden perdido, desse estágio fantástico antes de os costumes serem alterados pela civilização. Escreve:

É um povo, diria eu a Platão, no qual não há a menor espécie de comércio; nenhum conhecimento das letras; nenhuma ciência dos números; nenhum título de magistrado nem de autoridade política; nenhum uso de servidão, de riqueza ou de pobreza; nem contratos; nem sucessões; nem partilhas; nem ocupações, exceto as ociosas; nem vestimentas; nem agricultura; nem metal; nem uso de vinho ou trigo. Mesmo as palavras que designam a mentira, a traição, a dissimulação, a avareza, a inveja, a maledicência, o perdão são inauditas.

O tom de aprovação fica ainda mais forte. Montaigne considera tais características positivas. Mas não são! Desconheço um ser civilizado que queira regressar a esse estágio bárbaro, selvagem, natural. A vida dos índios é dura. Há hierarquia, guerras, miséria. O ser humano não nasce “bonzinho” e é corrompido depois; nasce uma pequena besta e precisa ser civilizado, educado. O nosso estágio natural é o da miséria e da ignorância. Quem realmente deseja voltar a isso?

Não importa. A visão romântica predomina, e foi até transformada em bela música por Neil Young. Trata-se de *Cortez The Killer*, cuja versão de que mais gosto é aquela cantada pelo “obamista” Dave Mathews. A letra é uma ode ao mundo igualitário e pacífico dos astecas liderados por Montezuma, derrotados pelos espanhóis de Cortez. Antes da chegada dos malditos ocidentais, havia somente a paz, todos trabalhavam juntos e até se ofereciam em sacrifícios para que outros pudessem seguir adiante.

Neil Young fez uma linda canção, não tenho dúvidas, embora a música não tenha absolutamente nenhuma ligação com os fatos! Montezuma era uma espécie de ditador autoritário. Os sacrifícios astecas, por pura ignorância, incluíam crianças indefesas e eram praticados para agradar os deuses, que retribuiriam na próxima colheita. Ademais, os índios viviam em guerra naquela época. Mas a realidade não daria uma música tão emotiva, e eis que Cortez, então, destruiu a liberdade plena daquela gente simples e feliz...

A esquerda caviar vai de galho em galho em busca da próxima “vítima” do Ocidente a ser resgatada, do próximo “bom selvagem” a ser preservado da intoxicação materialista ocidental, do consumismo burguês dos americanos. Claro, faz essa peregrinação bondosa do conforto ocidental, talvez usando uma bolsa da Loius Vitton e um relógio Rolex no pulso. Mas, por Deus, como ama os índios puros e os negros viris da África!

O estudo da história mostra como muitas acusações feitas ao Ocidente não passam de falácias. A ideia de que a riqueza ocidental é fruto da exploração dos países pobres não se sustenta com um mínimo de reflexão e observação dos fatos. Os países mais pobres são justamente aqueles que, até bem pouco tempo atrás, sequer tinham contato com os ricos ocidentais. Mas os fatos não importam.

A acusação de que os britânicos tiraram a borracha da Malásia, por exemplo, inverte um fato importante: foram os ingleses que *levaram* a borracha para lá. Segundo Peter Thomas Bauer, não

havia seringueiras na região antes dos ingleses plantarem-nas, como o próprio nome botânico sugere: *Hevea brasiliensis*. Assim, se a Malásia se tornou importante produtora da borracha, foi possível graças aos ingleses. Como podem, então, ser acusados de exploradores nesse caso?

São justamente as nações mais isoladas do comércio ocidental que apresentam o pior quadro de miséria e fome. A noção de culpa dos países ocidentais é uma acusação originada no próprio Ocidente. O marxismo, por exemplo, partindo da crença de que as diferenças de renda são anomalias injustas, passa a ideia de exploração. A crença de que a riqueza é estática, de que a economia é um jogo de soma zero, onde para um ganhar o outro tem de perder, influenciou muito esta culpa ocidental.

Muitos observam a riqueza nesses países, a miséria mundo afora, e concluem, sem a devida reflexão, que uma coisa só pode ser causa da outra. Essa visão é muito cômoda para os governantes dos países pobres, pois lhes enseja a desculpa perfeita à manutenção de um modelo centralizador e fechado. Os países ricos são os bodes expiatórios que justificam as atrocidades domésticas.

Na África e na Ásia, as áreas mais prósperas são aquelas que têm maior contato comercial com o Ocidente. O acesso aos países ricos foi, portanto, um dos principais agentes de progresso, não de atraso. Os aborígenes, pigmeus e povos do deserto, protegidos da “exploração” ocidental, são infinitamente mais pobres que os demais. Hong Kong, por outro lado, representa um incrível caso de sucesso e acelerada criação de riqueza. Foi colônia britânica.

Se o colonialismo não explica a pobreza do terceiro mundo, tampouco explica a riqueza ocidental. A Suíça e os países escandinavos são ricos, mas nunca tiveram colônias. A Espanha e Portugal, por outro lado, foram bem menos prósperos, mesmo com várias colônias. A União Soviética colonizou vários países, e isso não impediu seu completo fracasso. A Coreia do Norte, que se isolou do mundo, é um dos países mais miseráveis do planeta, enquanto sua irmã sulista prosperou justamente ao comerciar com o Ocidente.

Não deixa de ser curioso que muitos dos que acusam o Ocidente de explorador culpam, ao mesmo tempo, o embargo americano pela miséria cubana. No fundo, sabem que praticar comércio com os americanos não é fonte de exploração, mas, sim, de progresso.

Criticar a colonização em si, assim como a escravidão, é algo absolutamente válido. No entanto, é preciso ser honesto. O Ocidente não inventou tais práticas. Pelo contrário: já existiam muito antes do primeiro europeu considerá-las. Os maiores donos de escravos africanos eram os próprios africanos, que participaram voluntária e ativamente no tráfico.

A escravidão foi uma realidade por quase toda a existência humana, desde os gregos, os romanos, os incas e astecas, os indianos, os otomanos etc. Europeus brancos também foram escravizados por muçulmanos, que eram particularmente cruéis ao lidar com seus escravos. Existiu antes do dinheiro e da escrita, foi aceita pelas mais importantes religiões, e teve seu término decretado justamente pelo Ocidente.

O colonialismo é prática antiga na humanidade, e veio justamente do Ocidente o basta para tal modelo. Como defendeu Mark Steyn em *After America*:

A principal associação do Império Britânico com a escravidão é que ele a aboliu. Até William Wilberforce, o Parlamento britânico, e os bravos homens da Marinha Real assumirem a questão, a escravidão era uma instituição considerada por todas as culturas ao redor do planeta como uma característica constante da vida, tão permanente quanto a terra e o céu.

Quando o Império Britânico colocou um fim nessa prática nefasta em quase todo o globo, ainda houve escravidão por um bom tempo... na própria África e no islã. Alguns vão alegar que a Inglaterra fez o que fez por interesses econômicos apenas. Mesmo que fosse verdade, não retiraria o seu mérito. Mas não é verdade. Recomendo a leitura de *Enterrem as correntes*, de Adam Hochschild, em que fica evidente a importância das ideias e valores ocidentais na trajetória de combate à escravidão.

O famoso caso *Amistad*, de 1839, foi o primeiro no qual se apelou para a Declaração de Independência Americana. O ex-presidente americano John Quincy Adams fez uma defesa eloquente dos africanos presos: “No momento em que se chega à Declaração de Independência e ao fato de que todo homem tem direito à vida e à liberdade, um direito inalienável, este caso está decidido”.

Abraham Lincoln foi outro que apelou constantemente àquele texto para defender a causa abolicionista. Outro abolicionista conhecido, David Walker, citou, 1823, trechos da Declaração. E Martin Luther King Jr., em seu mais famoso discurso contra o racismo, faz alusão direta ao trecho segundo o qual todos os homens seriam criados iguais.

Há um século, apenas o Ocidente condenava a escravidão, e, há dois séculos, somente uma pequena parcela dele o fazia. O restante convivia naturalmente com a escravidão. Foi o maior poder bélico e econômico ocidental que possibilitou a imposição da abolição em outras partes do globo. A escravidão não nasceu no Ocidente. Ela morreu graças a ele. Como diz Ibn Warraq em *Why the West is Best: A Muslim Apostate's Defense of Liberal Democracy*:

Líderes ocidentais foram coagidos a constantemente pedir desculpas pelos pecados do Ocidente. É considerado “eurocêntrico” ou racista afirmar que o Ocidente é superior a outras culturas; em vez disso, somos encorajados a repetir que a civilização ocidental é culturalmente, intelectualmente e espiritualmente defeituosa. Mas nós sabemos que isso é um absurdo.

O autor fez um dos melhores resumos das vantagens que concedem ao Ocidente sua superioridade:

As grandes ideias do Ocidente — racionalismo, a autocrítica, a busca desinteressada da verdade, a separação entre Igreja e Estado, o Estado de Direito, a igualdade perante a lei, liberdade de consciência e de expressão, direitos humanos, democracia liberal —, juntas, constituem um grande feito, com certeza, para qualquer civilização.

Mas a esquerda caviar não quer saber disso, pois seria o fim de sua culpa orgástica. Aqueles que alimentam a culpa ocidental estão preocupados com seu estado emocional; não com os resultados inspirados nesses sentimentos. As políticas adotadas com base nessa visão costumam causar mais dano aos pobres do terceiro mundo.

Quando o mais famoso jornal da esquerda americana contratou ninguém menos que Luís Inácio Lula da Silva como colunista, essa ideia de culpa logo veio à mente. Para começo de conversa, Lula repete com frequência que ler jornal é perda de tempo. No mais, o *timing* do convite não poderia ser pior. Como disse Guilherme Fiúza em sua coluna da revista *Época*:

O gesto do jornal mais influente do mundo, ao contratar um ex-presidente no exato momento em que ele é investigado pela polícia de seu país por corrupção, pode ser entendido de duas formas: ou o NYT aderiu à moral petista ou — mais provável — o jornalão está se lixando para o que acontece no Brasil e resolveu usar Lula como mais um souvenir da pobreza, desses que a esquerda festiva americana ama.

O título do artigo de Fiúza diz tudo: “O *New York Times* também não sabia”. Nada mais esquerda caviar do que isso. Será que o jornal desconhece o viés antiamericano do nosso ex-presidente, que acusa os Estados Unidos de “imperialistas”? Será que não sabe que Lula virou porta-voz do maluco Ahmadinejad na América Latina? Será que não sabe nem mesmo que um jornalista do próprio *NYT* foi vítima do autoritarismo de Lula, que tentou expulsá-lo do país por conta de uma matéria sobre os hábitos étlicos do então presidente brasileiro?

Nada disso vem ao caso. O importante é alimentar a culpa das elites. Até mesmo a ajuda internacional através dos governos ocidentais é ineficaz e acaba perpetuando os modelos fracassados desses países, pois, na prática, significa a transferência de recursos dos ocidentais para os ricos líderes dessas nações pobres, além de frequentemente servir para sustentar regimes tirânicos. É o que prova William Easterly, que trabalhou por vários anos no Banco Mundial, em seus livros *O espetáculo do crescimento* e *The White Man's Burden*.

O caso da Zâmbia é típico do padrão ocorrido. As ajudas internacionais chegaram a representar um quarto do PIB do país, enquanto a inflação era de 40% ao ano. Países com três dígitos de inflação recebiam a mesma ajuda que aqueles com um dígito. Não era o critério de sucesso das reformas que condicionava o suporte. O resultado foi um contundente fracasso. Algo como metade dos programas do FMI trouxe a inflação para baixo. Uma taxa de sucesso não diferente do lance de uma moeda!

Doze países receberam quinze ou mais empréstimos do Banco Mundial e do FMI durante o período de 1980 a 1994. A mediana do crescimento *per capita* nesses doze países nesse intervalo foi zero. As políticas que realmente garantem o crescimento sustentável, como maior abertura econômica e redução significativa dos gastos públicos, simplesmente não estavam presentes. Faltavam os incentivos para tanto.

Em primeiro lugar, os departamentos das instituições de ajuda costumam ser divididos por países ou regiões, e o orçamento do grupo é determinado pela magnitude dos recursos doados. Maiores orçamentos estão associados a maior prestígio, e garantem a renovação do alto orçamento no ano seguinte. Em segundo lugar, muitas vezes o país receptor já é reincidente, com dificuldades para honrar a dívida assumida anteriormente, e deixar o cliente declarar calote seria uma mancha no currículo, um atestado de fracasso.

Como o economista queniano James Shikwati chegou a declarar, “a África necessita é de uma

chance para ser capaz de administrar e comercializar as próprias riquezas”. Ele pede o fim das ajudas internacionais. Na década de 1980, a África Subsaariana recebeu 83 bilhões de dólares em auxílio. No mesmo período, o padrão de vida na região caiu 1,2% ao ano. Shikwati conclui:

A doação só tornou os países africanos mais dependentes de ajuda. [...] o caminho para o desenvolvimento é ter acesso livre a outros mercados e conseguir investimentos externos.

Se o Ocidente tem alguma culpa pela situação nos países pobres, esta se deve às ideologias coletivistas oriundas de lá, não ao comércio e ao seu modelo capitalista. Mas a esquerda caviar inverte as coisas e tudo atribui ao capitalismo ocidental, em vez de olhar no espelho em busca do responsável.

O escritor e Prêmio Nobel de Literatura J.M. Coetzee, ele mesmo oriundo da África, relata a surpresa de seu personagem autobiográfico de *Juventude* com o fenômeno típico da esquerda caviar:

Entre as revistas que encontra na Dillons esta *The African Communist*. Ouviu falar de *The African Communist*, mas ainda não tinha visto a revista, uma vez que é proibida na África do Sul. Dos colaboradores, alguns, para surpresa dele, foram contemporâneos seus da Cidade do Cabo — colegas de escola do tipo que dormia o dia inteiro e ia a festas de noite, ficava bêbado, explorava os pais, era reprovado nos exames, levava cinco anos para tirar diplomas de três anos. Mesmo assim, estão escrevendo artigos que parecem cheios de autoridade sobre a economia do trabalho migrante ou os levantes da zona rural de Transkei. Onde, entre os bailes, a bebida e o deboche, encontraram tempo para aprender essas coisas?

Em vez de ficar culpando o Ocidente por seus males, a esquerda caviar faria algo infinitamente mais eficaz se abandonasse o discurso de vitimização, retirando a legitimidade que empresta aos governos autoritários desses países. Mas será que realmente deseja ajudar os mais pobres do terceiro mundo?

Os imigrantes pobres desses países, que buscam refúgio e oportunidades nas democracias mais liberais do Ocidente, enfrentam delicados conflitos pessoais. Na tentativa de se apegar a seu passado, buscam preservar hábitos de suas culturas. Infelizmente, muitos desses costumes entram em claro conflito com as leis das democracias liberais modernas, e com sua própria filosofia de preservação dos direitos individuais.

O médico Theodore Dalrymple trabalhou com inúmeros pacientes desse tipo na Inglaterra, e atesta a imensa dificuldade, principalmente para os filhos de imigrantes, em se adaptar aos países em que vivem ao mesmo tempo em que precisam respeitar os valores culturais de seus pais. Esse choque costuma produzir muitas vítimas, meninas que são proibidas de frequentar escolas, mulheres obrigadas a aceitar casamentos arranjados ou espancadas por seus irmãos para não manchar o nome da família.

Os multiculturalistas, no entanto, invariavelmente defendem a “liberdade” cultural desses imigrantes, pensando que é possível conciliar todas as culturas. Infelizmente, isso não é verdade. Dalrymple resume a questão:

A ideia de que é possível basear uma sociedade em nenhum pressuposto cultural ou filosófico, ou, alternativamente, que todos os pressupostos poderão ser tratados de forma igual para que nenhuma escolha precise ser feita entre eles, é um absurdo.

Ayaan Hirsi Ali concorda, e considera as liberdades ocidentais e os valores de sua cultura de nascença inviáveis simultaneamente:

O tipo de pensamento que presenciei na Arábia Saudita e na Fraternidade Muçulmana, no Quênia e na Somália, é incompatível com os direitos humanos e os valores liberais. Preserva uma mentalidade feudal arrimada em conceitos tribais de honra e vergonha. Apoia-se no autoengano, na hipocrisia e em padrões dúplices. Depende dos avanços tecnológicos ocidentais ao mesmo tempo em que finge ignorar sua origem no pensamento ocidental. Essa mentalidade torna a transição para a modernidade muito dolorosa para todos os praticantes do islamismo.

A esquerda caviar multiculturalista terá de escolher muitas vezes entre os próprios pilares das democracias liberais do Ocidente e os tais “direitos” das diferentes culturas que, não custa lembrar, deveriam se adaptar, pois são dos imigrantes. Curiosamente, ou o esquerdista foge dessa necessária escolha, abraçando uma visão utópica da coisa, ou toma o lado dos imigrantes contra suas próprias culturas, mais tolerantes e avançadas.

O imigrante ilegal representa mais votos para a esquerda que prega o estado de bem-estar social, ou seja, vantagens e benefícios “gratuitos” para essas pessoas. A legião de burocratas que terá de ser contratada para dar conta do recado faz salivar a boca dos esquerdistas. E, para a elite culpada, escancarar as fronteiras e oferecer regalias significa expiar seus “pecados”. Dalrymple escreve:

O multiculturalismo como uma doutrina é apenas outro exemplo da tendência de uma parte da intelligentsia a exibir a sua virtude e generosidade para todo o mundo ver, bem como proporcionar uma menor, mas lucrativa, fonte de emprego a burocratas culturais.

Em seu livro *Por que o Ocidente venceu*, o historiador Victor Davis Hanson aborda as possíveis causas do avanço socioeconômico bem maior no lado ocidental. Sua conclusão e seu alerta deveriam ser digeridos pelos colegas que culpam o Ocidente por todos os males, dando munição para civilizações mais atrasadas ou bárbaras:

A civilização ocidental deu à humanidade o único sistema econômico que funciona, uma tradição racionalista que por si só nos permite ter progresso material e tecnológico, a única estrutura política que garante a liberdade do indivíduo, um sistema de ética e uma religião que trazem à tona o melhor da humanidade — e a prática de armas mais letal possível. Esperemos pelo menos poder entender esse legado. Trata-se de uma herança pesada e algumas vezes ameaçadora que não devemos negar nem da qual devemos sentir vergonha — devemos, isso sim, insistir para que nossa maneira mortal de guerrear sirva para fazer avançar, e não para enterrar, nossa civilização.

O multiculturalismo disseminado pela esquerda caviar faz justamente o contrário: cospe no legado da civilização ocidental e enaltece as mais retrógradas formas de organização social existentes mundo afora. Agindo assim, o próprio Ocidente prolonga desnecessariamente o atraso dessas culturas e, nas palavras de Ayaan Hirsi Ali, acaba “alçando culturas repletas de farisaísmo e ódio à mulher à estrutura de respeitáveis estilos de vida alternativos”.

Os pacifistas

Se você quer integrar a esquerda caviar, então jamais pode deixar de lado a bandeira do pacifismo. Um típico membro do grupo é presença garantida nas passeatas pela paz, com as camisas brancas e a pomba estampada, percorrendo as ruas confortáveis e seguras das zonas nobres das capitais do Ocidente. Ser pacifista no Sudão é muito perigoso. É bem mais divertido bradar em nome da paz quando a polícia garante sua segurança.

Em nenhuma outra causa da esquerda caviar a questão do monopólio da virtude fica tão escancarada como no pacifismo. Sejam francos: quem pode ser contra? À exceção de psicopatas e inescrupulosos beligerantes, todo mundo prefere viver em paz. O problema é como chegar lá. Eis onde mora o perigo.

O pacifista pretende se colocar como o único que realmente *deseja* a paz. Note a arrogância do próprio termo. Se é um pacifista, então quem discorda dele só pode ser pela violência. Nós já sabemos agora que a esquerda caviar foge do debate racional sobre os meios como o diabo foge da cruz. Debater seriamente *como* obter o máximo de paz possível é chato e exige doses cavalares de realismo.

A rota romântica é bem mais fácil e bela. Podemos criar bodes expiatórios e culpá-los pela existência das guerras e da violência. O capitalismo cai como uma luva. Guerras existem porque o lucro existe! Podemos responsabilizar a pobreza pelas guerras também, e novamente culpar o capitalismo pela miséria. Toda a violência existente é fruto de um modelo social equivocado. Se ao menos o socialismo pudesse nos dar o ar de sua graça...

A influência de Rousseau aqui é evidente. O “bom selvagem” habita em cada um de nós, e poderá florescer se todos nos abraçarmos em um grande círculo de luz. Gentileza gera gentileza. Se nos batem, basta oferecermos a outra face. “Olho por olho, e a humanidade acabará cega”, disse Gandhi.

Resta apenas combinar com o outro. Chamberlain pensou ser possível conversar com Hitler. Preferiu acreditar que o povo alemão sob o nazismo ainda era pacífico, e que jamais entraria em guerra com a Inglaterra. Winston Churchill, figura asquerosa para a esquerda caviar, tinha outra visão da coisa. Digamos que era bem mais realista: geopolítica não é coisa de criança, de covarde nem de romântico.

Como dizia Harry Truman: “Se você não aguenta o calor, então saia da cozinha.” Ou ainda, em ditado popular: “Não sabe brincar, não desce para o play.” Quem pensa que é com “amor” que se enfrenta marginais e ditadores sanguinários tem sérios problemas mentais e precisa deixar a infância de lado o mais rápido possível.

Churchill, sem romantismo tolo, proferiu sua famosa frase: “A vocês foi dada a escolha entre

guerra e desonra; vocês escolheram a desonra e terão a guerra”. Dependendo do inimigo, a conversa diplomática em um chá das cinco simplesmente não é uma alternativa factível. Será que a luta *nunca* é a resposta mesmo? Os pacifistas esqueceram que a independência americana foi conquistada em uma guerra, por acaso?

Nada disso importa, porém. A esquerda caviar onipresente em Hollywood adora fazer filmes retratando de forma negativa os militares. O mundo ideal da esquerda é um em que o governo taxa quase toda a renda (dos outros), usa os recursos para transferir de José para Pedro (deixando um gordo pedágio com os burocratas), e não precisa investir um centavo nas Forças Armadas.

Afinal, como disse a cantora Sheryl Crow, a guerra nunca é a solução; a solução é não ter inimigos! Que coisa meiga. Resta só combinar com os psicopatas atômicos ou com os fanáticos barbudos de Alá mundo afora. Eu, particularmente, fico com a postura mais realista de Tom Clancy, que disse, em 2002, na Fox News:

Bem, a razão pela qual nós temos a capacidade de ler os jornais e assistir toda a televisão que quisermos e ir para a igreja de nossa escolha é que esses direitos foram conquistados para nós por pessoas que carregavam armas e vestiam uniformes. É realmente simples assim.

A frase de Gandhi mais acima pode ser complementada da seguinte forma: “Olho por olho, e a humanidade acabará cega; olho por *nada*, e uma *parte* da humanidade acabará cega — a parte inocente.” É isso que desejamos?

Victor Hugo sabia que “quem poupa o lobo mata as ovelhas”. A covardia de hoje é paga com o sangue de amanhã. Edmund Burke disse: “Tudo que é necessário para o triunfo do mal é que as pessoas de bem nada façam.” Em determinadas circunstâncias, reagir é a única opção. O uso da força pode ser crucial na defesa da liberdade.

O mal existe. O ser humano, ao contrário do que quer acreditar a esquerda caviar, não nasce bonzinho, mas com inclinação para a prática da violência. Nelson Rodrigues resumiu com perfeição: “Se é verdade que um menino está isento do bem e do mal, então é um pequenino canalha.”

Em *O senhor das moscas*, William Golding retrata com realismo essa natureza humana, presente na mais tenra idade. Qualquer pai sabe que seu filho, desde muito cedo, gosta de apelar ao uso da força para obter aquilo que deseja. Civilizar é impor limites a esse impulso natural, que sempre, no entanto, estará lá, latente, como uma besta à espreita, aguardando uma oportunidade para emergir com total energia.

Quem não quer se dar ao trabalho de ler, ao menos veja o filme *O anjo malvado*, com Macaulay Culkin, de 1993. É ficção, claro, mas retrata algo factível: uma criança pode ser, no fundo e desde cedo, um pequeno monstinho, capaz das maiores atrocidades. Mas a esquerda caviar politicamente

correta não aceita isso, não quer encarar a maldade existente nos seres humanos. Com essa agenda em mente, até a tradicional música “Atirei o pau no gato” mudou completamente, e hoje temos uma versão patética assim:

*Não atire o pau no gato
Porque isso não se faz
O gatinho é nosso amigo
Não devemos maltratar os animais
Jamais!*

Os pais que preferem crer que seus filhos são anjinhos inocentes acabam prejudicando os próprios. Estes nunca vão saber que é *normal* desejar algumas maldades, querer, por ciúme, que o irmãozinho, centro de todas as atenções, se dê mal de vez em quando. A versão antiga da música, assim como vários outros exemplos deturpados pelo politicamente correto, serviam ao menos para apaziguar a criança com tais desejos de crueldade e violência, que ainda sentem, apesar da negação dos pais covardes.

Entre nossos primos chimpanzés, há os que matam deliberadamente outros, sugerindo que as forças da evolução, e não apenas idiosincrasias de uma cultura qualquer, preparam-nos para o uso da violência. Sabemos dos efeitos da testosterona, verificamos que a emoção da raiva costuma vir acompanhada do reflexo de mostrar os dentes caninos e cerrar os punhos, e notamos que as perturbações do sistema inibitório do cérebro, como no caso de bebida alcoólica, podem levar a ataques agressivos.

Em todas as culturas, os meninos espontaneamente participam de brincadeiras brutas, e crianças mostram sinais de violência muito antes do contato com brinquedos de guerra ou estereótipos culturais. Muitos perguntam como as crianças aprendem a agredir, enquanto deveriam questionar como aprendem a *não* agredir. Lição esta que jamais é definitiva.

Como disse Steven Pinker em *Tábula rasa*, “muitos intelectuais desviaram o olhar da lógica evolucionista da violência, temendo que reconhecê-la equivaleria a aceitá-la ou até a aprová-la”. Preferiram adotar a ilusão do “bom selvagem”, na qual a violência é um produto do aprendizado que vem de fora e penetra nos homens. Com isso, abriram ainda mais as comportas da impunidade, com certeza uma das maiores causas do aumento da violência.

Os homens precisam aprender a controlar a violência natural. A certeza da punição ainda é um grande incentivo para tanto. Precisamos tornar o uso da violência um mecanismo inadequado do ponto de vista racional como uma alternativa ao processo evolutivo. Isso só é possível através do conhecimento prévio da punição severa aos crimes, por todos.

Tal ceticismo em relação à natureza humana é o que caracteriza a distinção entre conservadores e esquerdistas. Os primeiros gostam do mito do pecado original e desconfiam de qualquer tentativa de se criar o “novo homem”; os últimos pensam que o amor será a regra quando deixarmos o egoísmo

de lado e abandonarmos a busca pelo ganho individual. *Give peace a chance!*

Os hippies, ícones da esquerda caviar, representam com perfeição a turma dos pacifistas, mais interessados na autoimagem de bons samaritanos do que nos resultados concretos daquilo que pregam. Costumam agir não baseados na razão, mas com “baseados” na boca mesmo.

“Pô, bicho, deixa essa coisa de guerra de lado e vamos curtir um Pink Floyd, sacou?” Saquei. Quem parece não ter ligado muito para tal apelo são os criminosos, aqueles que querem destruir o Ocidente e nossa liberdade individual. Inclusive a do bicho-grilo, que depende da segurança ofertada pela polícia “fascista”.

Eis uma informação que muito pacifista ignora: sabe aquela pomba branca bonita, que representa o símbolo da paz? Pois é, foi criada, em uma litografia, por Pablo Picasso, como presente para... Stalin, o maior carniceiro que o mundo já conheceu. Em 1949, o cartaz para o Congresso Mundial da Paz em Paris foi impresso com o desenho de Picasso, que eternizaria a pomba como símbolo do pacifismo.

Picasso, em vida, recebeu duas vezes o Prêmio Lênin da Paz. Existe contradição maior do que essa, a de utilizar na mesma expressão duas coisas tão antagônicas como paz e Lênin? Algumas declarações do líder bolchevique, recuperadas após a abertura dos documentos soviéticos e reunidas em *O livro negro do comunismo*, demonstram o quão pacífico era esse senhor:

Toda a essência do nosso trabalho visa à transformação da guerra numa guerra civil. Não podemos prometer a guerra civil, nem decretá-la, mas temos o dever de trabalhar — o tempo que for necessário — nessa direção.

Enquanto não aplicarmos o terror sobre os especuladores — uma bala na cabeça, imediatamente — não chegaremos a lugar algum!

É chagada a hora de levamos adiante uma batalha cruel e sem perdão contra esses pequenos proprietários, esses camponeses abastados.

Camaradas! O levante kulak nos cinco distritos de sua região deve ser esmagado sem piedade. É necessário dar o exemplo. Enforcar, e digo enforcar de modo que todos possam ver, não menos que cem kulaks.

Haja pacifismo! Vestidos com a causa pacifista, os comunistas franceses exortaram os trabalhadores das fábricas de armamento a sabotarem seu trabalho e pressionaram os soldados a desertarem, quando os exércitos nazistas estavam a poucas semanas de ocupar Paris.

O pacifismo, como as demais bandeiras da esquerda caviar, costuma ser bem seletivo. Quando os Estados Unidos entram em alguma guerra, ainda mais se for com um presidente Republicano, a histeria é automática. Quando, porém, o socialista francês Hollande, no começo de 2013, enviou tropas para Mali com o objetivo de conter a escalada terrorista islâmica, o silêncio das esquerdas foi ensurdecido.

O auge do movimento pacifista americano se deu contra a Guerra do Vietnã. O que ficou claro depois, com o acesso aos arquivos do governo e de Moscou, foi o uso que os comunistas fizeram da

esquerda caviar para seus interesses. Os movimentos pacifistas, como o New Move, contaram com forte influência e manipulação dos comunistas.

A demanda era pela desistência imediata dos “imperialistas” americanos, o que significaria, na prática, a vitória dos vietcongs e a morte ou escravidão dos vietnamitas do sul, que lutavam contra o comunismo em seu país. Os pacifistas, na segurança dos Estados Unidos, cantando belas canções, não pareciam preocupados com isso.

Muitos usam Gandhi como suposta prova de que a reação pacífica pode ser o caminho certo. Ignoram que, do outro lado, estava a Inglaterra civilizada, com uma população mais esclarecida e sujeita aos apelos populares. Fosse um Hitler ou Stalin, Gandhi seria apenas mais um mártir morto sem bons resultados. Eis o que George Orwell diz sobre o assunto em um artigo de 1948, chamado “A defesa da liberdade”:

Gandhi jamais lidou com um poder totalitarista. Lidava com um despotismo antiquado e um tanto vacilante, que o tratava de um modo razoavelmente cavalheiresco e lhe permitia a cada passo invocar a opinião pública mundial. [...] É difícil reconhecer como sua estratégia de greve de fome e desobediência civil poderia ser aplicada em um país onde os oponentes políticos simplesmente desaparecem e o público nada ouve além do que lhe permite o governo.

O princípio de *satyagraha*, popularizado por Gandhi e inspirado em Henry David Thoreau, autor de *Desobediência civil*, pressupõe alguém minimamente decente do outro lado, sujeito à forte pressão popular. Toda essa “firmeza na verdade” pouco vale se o inimigo não quiser saber dela, e tiver os meios para tanto.

A postura de mártir disposto ao sacrifício para que o oponente compreenda o ponto de vista do *satyagrahi* é um tanto ingênua. Para Gandhi, mesmo que o oponente o enganasse vinte vezes, seria preciso estar pronto para confiar nele pela vigésima primeira vez, pois a confiança implícita na natureza humana era a essência de sua fé. Alguém acha que isso surtiria o efeito desejável em Hitler ou Stalin? Seria massacrado!

Para quem duvida, basta ver o destino dos dissidentes cubanos ou do Tibete. Os monges que seguem o Dalai Lama não passam de escravos da ditadura comunista chinesa. Os cemitérios estão repletos de mártires anônimos da resistência pacífica às tiranias. Como bem colocou George Orwell, o jeito mais fácil de acabar com uma guerra é perdê-la.

Reagan, ao anunciar, em março de 1983, seu projeto Strategic Defense Initiative (SDI), despertou a revolta dos pacifistas americanos, que logo o acusariam de incitar uma nova guerra. Entretanto, os relatos comprovam que a medida surtiu o efeito desejado e incutiu pânico no lado soviético.

Enquanto o senador esquerdista Ted Kennedy, um dos maiores ícones da esquerda caviar, não esperaria sequer 24 horas para ridicularizar o projeto de Reagan, tachado de “Guerra nas Estrelas” (alusão ao filme para desmoralizar o presidente, que era ex-ator), os russos entravam em desespero, pois se sabiam incapazes de competir com os americanos em recursos e tecnologia.

A postura de Kennedy, aliás, fica mais compreensível agora que novas informações são reveladas. Paul Kengor, no livro *The Crusader: Ronald Reagan and the Fall of Communism*, conta

a história de que o então senador, no auge da Guerra Fria, teria oferecido “assistência” ao soviético Yuri Andropov, prometendo ajuda para evitar que Reagan levasse bombas à Europa. De qual lado esse grande “patriota” estava, afinal?

O avanço dos armamentos americanos, especialmente no que se refere à estratégia de defesa, ao colocar em evidência a capacidade de estrago contra o lado do inimigo, seria um dos principais motivos da vitória na Guerra Fria, ajudando a enterrar o regime soviético. Se dependesse dos pacifistas, representados pela esquerda caviar, a União Soviética sem dúvida ganharia importantes anos de sobrevida, e sabe-se lá como teria acabado esse confronto.

A visão pacifista coloca em risco a segurança externa e interna. O mesmo tipo de ladainha serve para abrir o caminho aos bandidos comuns dentro das cidades. Em primeiro lugar, tais criminosos são sempre tratados como “vítimas da sociedade”. Em segundo lugar, acredita-se que basta dar carinho e oferecer uma flor para que desistam dessa vida e se tornem cidadãos decentes.

A esquerda caviar, com essa mentalidade infantil, conseguiu criar as fortalezas do crime no Rio de Janeiro. Leonel Brizola, então governador do estado, firmou acordo com os bandidos e impediu a polícia de subir os morros. Então livres da presença policial, os traficantes tiveram toda tranquilidade do mundo para transformar as favelas em *bunkers* do crime. Os pacifistas condenam o “caveirão” e o blindado da polícia, em vez de culpar os traficantes pelos problemas.

As atuais UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora) conseguiram reverter parcialmente o quadro, justamente pela receita oposta àquela pregada pela esquerda caviar. Não adianta focar apenas no “social” e criar escolas públicas nas favelas; é preciso intimidar os criminosos com a presença do Estado.

Claro que as UPPs representam somente um primeiro passo. Uma ação mais rigorosa, incluindo a prisão dos bandidos, será fundamental para solidificar o combate ao crime. Os pacifistas podem desejar subir as favelas com rosas, mas, se o “caveirão” do BOPE não estiver na retaguarda, coitados dos bem-intencionados...

Um corolário do pacifismo é a campanha do desarmamento. Como os criminosos não são responsabilizados, a arma logo se torna um suspeito interessante a que culpar pela criminalidade. Dessa forma, as chacinas em escolas, os homicídios e até as guerras existem por causa das armas, esses elementos independentes. Se ao menos o governo proibisse a venda de armas para os cidadãos de bem...

O que parece escapar à lógica esquerdista é que o criminoso *já está* fora da lei. Ou seja, não será ele a entregar sua arma voluntariamente ao governo, e sim aquele sujeito decente, que a usaria somente como instrumento de defesa. Não importa: a esquerda caviar dá vida ao objeto inanimado, e eis que a arma, não as próprias pessoas, passa a matar inocentes.

Um típico esquerdista caviar prega leis de desarmamento alegando que isso impediria as pessoas de possuir armas, e o faz enquanto participa de uma roda em que circula um cigarro de maconha.

Droga ilegal! Pouco coerente. É o caso de um ator famoso, que já teve problemas com drogas, mas não deixou de gravar um vídeo para a Campanha Nacional do Desarmamento, em 2011. Ao menos o público das redes sociais enxerga melhor as coisas. Das mais de 20 mil visualizações, menos de setenta pessoas curtiram a mensagem, e mais de 5.500 reprovaram.

Os dados empíricos tampouco interessam aos pacifistas do desarmamento. Não conseguem sequer traçar uma correlação entre a quantidade de armas e a criminalidade, que dirá encadear um nexo de causalidade. A Suíça possui mais armas *per capita* que qualquer outro país do mundo, mas é dos mais tranquilos. Israel também possui muitas armas por habitante, mas o risco, contudo, vem de fora, do terror islâmico, enquanto cidades como Tel Aviv possuem baixíssima taxa de violência.

Existem vários estudos mostrando que o desarmamento da população pode levar ao aumento da criminalidade, não o contrário. Os livros *Guns and Violence*, da historiadora Joyce Lee Malcolm, e *More Guns, Less Crime*, de John R. Lott, merecem menção. Neles, fica claro que o caminho contra o crime não está no desarmamento dos civis inocentes.

Dizer que não precisamos de armas porque há a polícia é como afirmar que não precisamos de extintores de incêndio porque há o corpo de bombeiros. Em algumas situações, somente a reação imediata e local pode salvar vidas. O bandido ficará certamente mais intimidado se souber que há gente de bem armada na região, pronta para reagir.

Winsconsin, nos Estados Unidos, aproveitou essa lógica para afugentar potenciais criminosos. Na entrada do estado, o governo colocou a seguinte placa:

Bem-vindo a Winsconsin

Atenção, criminosos e terroristas:

Mais de 170 mil residentes de Winsconsin têm permissão legal para carregar uma arma de mão.

Eles estão armados e preparados para defender a si e aos outros contra atos de violência criminal.

VOCÊ FOI AVISADO.

Illinois e Chicago, no entanto, estão desarmados para sua conveniência.

Desarmar os civis sempre foi uma meta de aspirantes ao totalitarismo também. Nada como uma população indefesa para a implantação de um regime de controle total. Sara Brady, esposa do ex-secretário de Imprensa da Casa Branca James Scott Brady, entregou o real objetivo da cruzada desarmamentista do casal quando disse: “Nossa tarefa de criar uma América socialista só pode ter sucesso quando aqueles que resistiriam a nós forem totalmente desarmados”.

Com essa ideia em mente, quase nunca expressa com tamanha franqueza, a esquerda usa os assassinatos para condenar as armas, extrapolando as estatísticas para criar um clima de insegurança propício ao seu real objetivo. No livro *Risco: a ciência e a política do medo*, o jornalista canadense Dan Gardner calculou que a probabilidade de um estudante americano ser assassinado na escola era

praticamente irrisória — menos de uma em 1,5 milhão. Nos últimos trinta anos morreram, em média, três vezes mais pessoas atingidas por raios nos Estados Unidos do que vítimas de atiradores surtados.

Mas, sempre que algum psicopata sai atirando em inocentes, a esquerda caviar, liderada por gente como Michael Moore, logo aparece para apontar o culpado: a arma! Há ataques terroristas com armas brancas também. Na China, vários assassinatos ocorrem pelo uso da faca. No Brasil, também é comum homicídio com faca. Será que a esquerda caviar proporá agora a proibição da venda de facas?

O desejo de se esquivar da realidade leva a esquerda caviar à tática do sofá: se sua mulher é pega no flagra com um amante sobre as almofadas, então culpe os objetos, jogue-os fora e salve o casamento: malditas almofadas! Claro que, no mundo real, essa estratégia é a garantia de continuar sendo um corno manso.

Da mesma maneira, culpar as armas e bani-las do mercado legal é convidar aqueles já inclinados ao crime para o ato. Ciente de que não haverá resistência, de que as vítimas em potencial estarão totalmente indefesas, o criminoso fica mais ousado e confiante. A criminalidade só tende a aumentar.

Um editorial do *Estadão*, do final de dezembro de 2012, acertou em cheio quando disse: “A cada Campanha Nacional do Desarmamento, como a que está sendo veiculada, a sociedade fica mais vulnerável, e os bandidos, mais à vontade.” A conclusão do jornal merece maior reflexão:

O fato é que as campanhas de desarmamento não são a panaceia contra a violência, e a interpretação que se faz da legislação vigente trata o cidadão possuidor de armas como um delinquente. Isso só é possível num país em que as autoridades, para escamotear sua incompetência na área de segurança pública, atribuem a responsabilidade por parte da violência à própria vítima. Os bandidos agradecem.

Mas os pacifistas podem insistir em sua cruzada moral, de preferência morando em condomínios repletos de seguranças particulares. Detestam a violência e, por tabela, as armas. Pena que muitos discordam dos pacifistas, e encontram o caminho livre graças às suas medidas bem-intencionadas. E são justamente os mais pobres, que não podem pagar seguranças ou andar em carros blindados, que sofrem mais. A pomba da paz acaba produzindo o terror.

O mito Che Guevara

A forma mais fácil de identificar um esquerdista caviar talvez seja através de sua inseparável camiseta com a foto que Korda tirou de Che Guevara. Para as mulheres, há a versão em biquíni, como Gisele Bündchen sabe. Além disso, existem diversos produtos com a imagem, incluindo cerveja, isqueiro, canecas etc. A ironia do destino transformou o comunista guerrilheiro em lucrativa marca nos mercados capitalistas.

O terrorista tornou-se um ícone das esquerdas, e é visto por muitos como um romântico disposto a dar a vida em nome da “justiça social”. A Globonews chegou a rodar um anúncio do canal em que uma flor era colocada na ponta das armas, e em seguida aparecia uma moça com a camiseta de Che, simbolizando o pacifismo. A mensagem dizia que regimes caem, mas ideias persistem. Sem dúvida...

Pouca gente sabe, porém, quem ele de fato foi em vida. Se tivessem maior conhecimento, talvez sentissem vergonha de defender com tanta paixão um assassino implacável. Recomendo a leitura de *O verdadeiro Che Guevara*, de Humberto Fontova, assim como o documentário *Guevara: anatomia de um mito*, de Pedro Corzo. É impossível alguém com honestidade intelectual ficar indiferente diante de tantos relatos sombrios.

Na verdade, nem deveria ser preciso mergulhar mais a fundo nos acontecimentos. Basta pensar que Che foi um grande colaborador da revolução cubana, que instaurou a mais longa ditadura do continente, espalhando um rastro de morte, miséria e escravidão na ilha caribenha. Mas uma pesquisa minuciosa geraria ainda mais revolta, uma vez que aquele que gostaria de criar na América Latina “muitos Vietnãs” era mesmo um ser humano deplorável.

A ideologia de alguns intelectuais e a hipocrisia da esquerda impedem uma análise mais isenta dos fatos. Não é preciso muito esforço para verificar que Che Guevara era justamente o oposto do santo que tentam impor. O homem que amava os leprosos em *Diários de motocicleta* era o mesmo que declarou que “um revolucionário deve se tornar uma fria máquina de matar movida apenas pelo ódio”. Se ao menos os cineastas engajados tivessem lido *todo* o diário de Che...

Não consta no filme, por exemplo, trechos que denotam o racismo do ídolo da esquerda caviar, como aquele em que afirma que “o negro indolente e sonhador gasta seu dinheirinho em qualquer frivolidade ou diversão, ao passo que o europeu tem uma tradição de trabalho e de economia”. Não pegaria bem para a imagem de *popstar* das esquerdas, e o rapper Jay-Z não poderia mais usar sua camiseta com o guerrilheiro estampado.

Tampouco outros trechos dos diários da fase guerrilheira são conhecidos por seus fãs. O que os pacifistas diriam da passagem em que Che afirma: “[...] banharei minha arma em sangue e, louco de fúria, cortarei a garganta de qualquer inimigo que me cair nas mãos... E sinto minhas narinas

dilatadas pelo cheiro acre da pólvora e do sangue, do inimigo morto”. Não parece um típico membro das passeatas pela paz...

Em carta para Hilda Gadea, sua primeira esposa, escrita em 1957, confessa: “Aqui, na selva cubana, vivo é com sede de sangue, estou escrevendo estas linhas inflamadas, inspiradas em Martí”. Sede de sangue, a menos que fosse um vampiro da saga *Crepúsculo*, não é exatamente algo nobre para um pacifista.

Che também confessa em seu diário a decisão de eliminar um traidor, quando o grupo titubeava sobre o que fazer com ele. Guevara escreve: “acabei com o problema dando-lhe um tiro com uma pistola calibre 32 no lado direito do crânio, com o orifício de saída no [lobo] temporal direito. Ele arquejou um pouco e estava morto. Ao tratar de retirar seus pertences, não consegui soltar o relógio, que estava preso ao cinto por uma corrente e então ele me disse, numa voz firme, destituída de medo: ‘Arranque-a fora, garoto, que diferença faz...’. Assim fiz e seus bens agora me pertenciam”.

Em carta para o pai, demonstra empolgação com sua nova aptidão: “Papai, eu queria confessar que agora eu descobri que realmente gosto de matar.” Pacifista? Combatente por um nobre ideal? Sei... Tanto quanto Hitler, talvez.

Até mesmo as supostas cultura e erudição de Che foram enaltecidas por intelectuais como Sartre. A realidade, uma vez mais, parece menos nobre: um de seus primeiros atos oficiais ao entrar em Havana seria — atenção — uma gigantesca queima de livros. Além disso, assinou as sentenças de morte de muitos escritores cujo único “crime” era discordar do regime.

As estimativas apontam para algo como 14 mil execuções sumárias na primeira década do regime comunista, sem nada sequer parecido com um processo judicial. Dezenas de milhares de cubanos morreriam tentando fugir, em meio aos tubarões, do “paraíso” comunista. Cuba, que tinha uma das maiores rendas *per capita* da América Latina em 1958, teve sua economia destrozada pelas medidas coletivistas do ministro Che. E, no entanto, a revista *Time* chegaria a louvá-lo como um herói, ao lado de Madre Teresa de Calcutá.

Àqueles que tentam apresentá-lo como um filantropo com valores cristãos, a resposta é dada pelo próprio, em carta que escreveu à sua mãe em 1956: “Não sou Cristo nem filantropo, sou totalmente o oposto de um Cristo. Luto pelas coisas em que acredito, com todas as armas ao meu dispor e tento deixar o outro homem morto de modo que eu não seja pregado numa cruz ou em algum outro lugar.”

Em 11 de dezembro de 1964, durante um debate na Assembleia Geral das Nações Unidas, Che disse: “Como marxistas, temos sustentado que a coexistência pacífica entre as nações não inclui a coexistência entre exploradores e explorados, entre opressores e oprimidos.” Em sua segunda intervenção, após ser atacado pelos fuzilamentos em Cuba, respondeu:

Nós temos de dizer aqui o que é uma verdade bem conhecida, verdade que nós sempre expressamos diante do mundo: fuzilamentos? Sim, nós sem dúvida fuzilamos! Fuzilamos e continuaremos e fuzilar tanto quanto necessário. Nossa luta é

Várias de suas vítimas morreram, segundo relatos, encarando os algozes nos olhos e gritando: “Viva a pátria”. Como será que Che, visto por muitos como corajoso, reagiu quando pego? Será que gritou “Viva a revolução” e mandou atirarem em seu peito? Nada mais longe da verdade. Segundo as testemunhas presentes, foi logo gritando que valia mais vivo do que morto, e implorou para que não atirassem. Muito valente...

Roqueiros como Santana gostam de associar sua imagem à de Che. Será que ainda o fariam se soubessem que sua primeira ordem oficial ao tomar a cidade de Santa Clara foi banir a bebida, o jogo e os bailes como “frivolidades burguesas”? O próprio neto de Che, Canek Sánchez Guevara, não escaparia da perseguição aos roqueiros. O guitarrista sofreu nas garras do regime policial que seu avô ajudara a criar, e preferiu fugir.

Homossexuais também foram vítimas de perseguição e acabaram em campos de trabalho forçado — para serem “curados”. Quão patético é ver, portanto, o deputado socialista Jean Wyllys, defensor dos gays “oprimidos”, vestindo uma boina ao estilo Che Guevara? Prestar homenagem àquele que detestava os homossexuais parece uma forma um tanto estranha de lutar pela causa gay.

Todo esquerdista caviar que defende as “minorias”, ao mesmo tempo em que desfila com a imagem de Che, deveria ler *Antes que anoiteça*, de Reinaldo Arenas. Será um choque de realidade interessante, com a ressalva de que tamanha dissonância cognitiva pode causar sérios danos emocionais. O fato é que qualquer um com cabelo comprido ou calças mais justas era duramente perseguido pelo regime.

Sobre a imagem de desapegado dos bens materiais, a vida de Che também prova o contrário. Após a revolução, escolheu como moradia a maior mansão cubana, em Tarara, uma casa à beira-mar com amplo conforto e luxo. A casa fora expropriada de um rico empresário. Além disso, quando morto na Bolívia, ostentava um Rolex no pulso. Parece que nem os guerrilheiros resistem às tentações do luxo capitalista.

Aqueles que conseguiram fugir do inferno cubano e não precisam mais temer a represália do regime relatam fatos impressionantes sobre a frieza de Che. Foram centenas de execuções assinadas em poucos meses, e ele apreciava assisti-las de sua janela. Em algumas, puxou pessoalmente o gatilho.

Ao que tudo indica, parecia deleitar-se com a carnificina. Até mulheres grávidas foram executadas no paredão que comandava. Nada disso consta nas biografias escritas por aqueles que utilizam o próprio Fidel Castro como fonte, algo como falar de Hitler usando apenas os relatos de Goebbels.

Che Guevara era conhecido também como *el chanchito*, ou “o porco”, pois não gostava de tomar banho. Seu fedor era conhecido entre os colegas. Freud explica: “Na verdade, não nos surpreendemos se alguém coloca o uso do sabão como verdadeiro medidor cultural”. Em *O mal-estar na cultura*, coloca a busca pela higiene entre os pilares do avanço cultural. Apenas mais um item para enquadrar Che e seus acólitos como bárbaros. Em Paris, encontraria muita companhia, mas

com um toque de perfume. Afinal, estamos falando da esquerda caviar.

Resumindo, Che era porco, covarde, sedento por sangue e violência, machista e racista, tinha preconceito contra homossexuais e roqueiros, e matou inúmeras pessoas inocentes em nome de sua revolução, que dispensava julgamentos (coisa de burguês). E esse sujeito, no entanto, é visto como um idealista romântico que lutava pela justiça social. Que mundo é esse?

A ignorância acerca desses fatos explica parte da idolatria a Che Guevara. Mas, como lembra Fontova, “engodo e muita fantasia também o explicam, tudo alimentado de um antiamericanismo implícito ou explícito”. Che, assim como Fidel, desafiou o “império” americano, e isso basta a que seja reverenciado por idiotas úteis da esquerda. Que tenha sido uma máquina assassina, isso é um detalhe insignificante para alguns.

A ilha dos sonhos

Ninguém pode se considerar um membro da esquerda caviar se não nutrir ao menos alguma simpatia pelo regime cubano. Nem que seja aquele socialista envergonhado, que começa condenando os “excessos” de Fidel para, em seguida, enaltecer a saúde e a educação do regime.

Cuba ainda desperta fortes emoções em muito inocente útil mundo afora, que suspira só ao escutar o nome Fidel Castro. O que essas pessoas deveriam fazer, talvez na classe executiva entre Rio e Paris, é ler o livro *Fidel: o tirano mais amado do mundo*, de Humberto Fontova. Cubano exilado em Miami, Fontova é autor do também excelente e já citado *O verdadeiro Che Guevara*.

Não deve ser fácil para ele ver os gringos ricos e ignorantes tratando como heróis esses que dizimaram e escravizaram seus familiares, transformando sua nação em um feudo miserável. Fidel e Che, afinal, costumam ser admirados por aqueles que vivem bem longe de Cuba. Nem mesmo Gabriel García Márquez, amigo e profundo admirador de Fidel, escolheu viver na ilha, mesmo sabendo que teria todas as regalias do camarada “dono do pedaço”.

Outro cubano exilado que colocou seu talento a serviço da informação sobre a realidade cubana foi Andy Garcia. Em *A cidade perdida*, que conta com as participações de Bill Murray e Dustin Hoffman, vemos uma história tocante, comovente e bastante realista, para quem sabe um pouco dos fatos daqueles tempos revolucionários terríveis. Infelizmente, trata-se de um filme que, por motivos óbvios, praticamente não teve divulgação no Brasil.

Passagem sintomática no filme é quando, já após a tomada de poder pelos comunistas, uma revolucionária vai até o clube de Fellove, o personagem de Andy Garcia, e ordena que a orquestra toque sem o saxofonista. Incrédulo diante daquilo, Fellove questiona a razão, e escuta que o instrumento representa o “imperialismo”. Espantado, explica que tal instrumento fora inventado por um belga em 1840. Sem sucesso.

Agora, se nada disso funcionar, então o tratamento de choque para se livrar do esquerdismo caviar deveria ser a leitura de *Contra toda a esperança*, o relato comovente de Armando Valladares, o poeta que ficou 22 anos preso no *gulag* caribenho. Armando descreve algumas das experiências que teve de enfrentar na prisão política do regime comunista de Castro, e adianto que há passagens de embrulhar o estômago de qualquer um — ainda mais o de um civilizado e elitista membro da esquerda caviar.

O esquerdista mais empedernido pode tentar se convencer de que todos os milhares de presos mereciam estar ali, pois eram “traidores” ou “agentes da CIA” (haja agente!). Mas, se lhe restar um pingo de honestidade intelectual, então sairá abalado dessa leitura. Nem mesmo o pior criminoso deveria receber um tratamento tão desumano como aquele. O que dizer de alguém cujo “crime” fora

discordar do comunismo?

Todo tipo de tortura, espancamentos frequentes, humilhação, isolamento, trabalho forçado em condições precárias, meses sem banho, “comida” repleta de bichos, dias sem comer, abusos constantes, assim era a Ilha dos Pinos. O maior desafio daqueles presos consistia em se manter humanos, apesar das condições animais a que eram submetidos. Eis um dos trechos, entre tantos da mesma natureza, quando alguns tiveram de limpar uma vala onde o esgoto entupira:

Cada vez que mergulhávamos, afastávamos os excrementos com as mãos, para afundar a cabeça. Os cabelos estavam grudados, os ouvidos e os ferimentos dos pés e os das pernas, causados pelas baionetas da guarnição, eram como portas abertas para a infecção. Os guardas, embriagados pela morbidez, desfrutavam aquela tortura; deleitavam-se ao nos ver afundar a cabeça na água podre.

Mas esses foram dias “razoáveis” se comparados àqueles no presídio Boniato, o mais isolado e cruel de todos. Uma espécie de Auschwitz latino-americano, até mesmo experiências com os presos os psicólogos do regime realizavam. Muitos não resistiram e morreram ali; tantos outros cederam e pediram perdão ao ditador por seus “crimes”, tendo que aderir, ainda que da boca para fora, ao marxismo. Armando Valladares explica o claro objetivo do regime, tal como Stalin fizera:

Não tentavam nos matar com rapidez: seria generoso demais esperar um tal gesto de nossos verdugos. O objetivo era nos levar, por meio do terror e das torturas, aos planos de reabilitação política. Essa era a meta deles e, para alcançá-la, estavam decididos.

Uma experiência nos anos 1970, em Stanford, mostrou que o poder do policial tende a corromper. Pessoas foram escolhidas aleatoriamente, e separadas em dois grupos, de policiais e prisioneiros. O grau de realismo adotado foi fantástico, e os policiais foram “prender” os prisioneiros em suas casas. Em apenas uma semana, os resultados eram chocantes.

O comportamento das cobaias de tal experimento fora completamente alterado. Os policiais estavam autoritários, tinham prazer em humilhar os presos, e estes andavam de cabeça baixa, deprimidos. Alguns tiveram de ser retirados da experiência em poucos dias. O contexto em que cada um fora aleatoriamente colocado fez grande diferença na conduta. Quem tinha o poder, dele abusou. O poder corrompe.

Imagine agora um regime ditatorial, sem o escrutínio da imprensa livre ou de qualquer entidade independente, sob a justificativa ideológica para o crime, e com a liderança de um verdadeiro psicopata rodeado de vários outros. Assim é Cuba. Claro que os mais sádicos subiram na hierarquia do poder, gozando de carta branca para extravasar todo o sadismo. Tudo liderado pelo sádico supremo.

O “humanista” Fidel Castro mandou encher de explosivos o presídio da Ilha dos Pinos quando começaram as batalhas na Baía dos Porcos, com a invasão americana e a tentativa de libertação dos

cubanos. As ordens eram conhecidas: se ficasse claro que os militares americanos tomariam o local, os soldados cubanos deveriam detonar a carga de TNT e mandar pelos ares os milhares de presos políticos. É muito amor pelo próximo...

A reverência ao meio século de totalitarismo cubano mostra aquilo que simboliza a esquerda caviar: alardear boas intenções vale mais do que atos concretos. A retórica “altruísta” dos revolucionários serve como salvo-conduto para todo tipo de crime comum. Em nome da utopia socialista, vale tudo. Os “nobres” fins justificam quaisquer meios, por mais nefastos que sejam. E o duplo padrão está sempre presente, como reconhece Valladares, frustrado com a postura cúmplice da ONU em relação a Cuba:

Eu tinha compreendido, com resignação, que nada podíamos esperar da indolência e insensibilidade do mundo livre, que apenas deixava ouvir vozes indignadas e denunciadoras quando maltratavam prisioneiros das ditaduras de direita.

Mas a esquerda caviar, assim como a ONU, adora o “diálogo”, como se fosse possível sempre resolver todos os problemas do mundo apenas conversando. Para estes, eis o que o dissidente Reinaldo Arenas tinha a dizer:

As pessoas que promovem um diálogo com Castro, sabendo (como todos sabem) que Castro não largará o poder de livre e espontânea vontade, pois necessita apenas de uma trégua e de ajuda econômica para se fortalecer, são tão culpadas quanto os carrascos que torturam e assassinam o povo, talvez até mais, pois em Cuba vive-se num clima de absoluto terror.

Muitos falam dos “avanços sociais” na saúde e na educação. Como se isso, mesmo que verdadeiro (e não é), absolvesse todos os crimes hediondos do ditador adulado por Hollywood. Até porque, se o critério utilitarista fosse adotado, essas pessoas deveriam colocar Augusto Pinochet, o ditador chileno, no topo de suas preferências, bem acima de Fidel.

Os resultados sociais e econômicos no Chile foram infinitamente melhores que os de Cuba, em boa parte graças às reformas liberais na economia durante o regime de Pinochet. A hiperinflação da era Allende foi contida, privatizações ocorreram, a economia engatou em um crescimento sustentável e o país se tornou o mais estável e com o melhor IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) da região. Mas claro que ninguém da esquerda elogia Pinochet. Um peso, duas medidas.

O fato é que Cuba não era um prostíbulo americano antes de 1959. Era um país com ampla classe média, com o terceiro maior consumo de proteína no hemisfério ocidental, a segunda renda per capita da América Latina (maior que as de Áustria e Japão), e a taxa de mortalidade infantil mais baixa da

região. Havia mais hospitais antes da revolução do que em 1990.

Sua taxa de alfabetização já era de 80% em 1957, e o mais importante: os cubanos tinham cerca de sessenta opções de publicações diárias para escolher. Compare-se isso a realidade atual, com um único jornal, monopólio estatal, que reproduz apenas aquilo que o ditador deseja. Nas salas de aula, os alunos “aprendem” sobre as maravilhas do socialismo, e depois precisam enfrentar a realidade infernal da ilha-presídio. Educação ou doutrinação?

Em 1958, Cuba tinha nove cassinos, e apenas 5% do capital investido no país era americano. Se muitos turistas buscavam diversão na ilha, vários cubanos também viajavam com frequência para Miami. Hoje, milhares de cubanos estão dispostos a nadar no meio de tubarões para tentar a liberdade nos Estados Unidos, tudo para fugir do “paraíso” socialista onde “nenhuma criança dorme na rua”.

Como nos conta Reinaldo Arenas, e que é sabido por todos que não sofreram lavagem cerebral ainda, “A fome em Cuba é tão grande que as pessoas disputavam desesperadas os pedaços de carne vendidos no mercado negro a preços altíssimos”. Famílias foram inteiras para a prisão por até cinco anos, pelo “crime” de matar a própria vaca e se alimentar.

Para piorar o quadro, Havana recentemente passou Bangcoc como “capital do sexo infantil no mundo”. Isso apesar dos mais de US\$ 100 bilhões de subsídios que a antiga União Soviética mandou para Cuba. A Venezuela de Chávez assumiu a mesada com seus petrodólares, mas fica tudo concentrado na *nomenklatura* selecionada pelo líder máximo.

Há também uma *apartheid* na ilha, com 80% dos presos sendo negros, contra menos de 1% da cúpula do poder. Homossexuais são perseguidos. Há um regime de castas, em que cubanos não têm acesso a locais para estrangeiros. Os “progressistas” da esquerda caviar não suportariam viver um dia sequer lá.

Outro efeito importante do totalitarismo cubano, como toda ditadura opressora, foi esgarçar completamente o tecido social, pois qualquer um pode ser um delator, um membro da Polícia Política disfarçado. As pessoas vivem com medo das sombras! Reinaldo Arenas descreve o clima criado pelo comunismo:

Foi uma das coisas mais horríveis que o castrismo conseguiu: romper os laços de amizade, fazer com que desconfiássemos dos nossos melhores amigos, transformá-los em informantes, em tiras. Eu já desconfiava de muitos amigos meus.

Ninguém precisa defender a ditadura de Fulgêncio Batista para atacar o regime castrista. Estou apenas mostrando que Cuba não era a enorme desgraça que pintam, e que Fidel Castro conseguiu piorar tudo. Reinaldo Arenas, que chegara a lutar ao lado dos rebeldes no começo, teve de

reconhecer: “Aquele líder que lutara contra Batista era agora um ditador muito pior do que o próprio Batista, e um mero fantoche da União Soviética stalinista”.

Arenas toca no ponto nevrálgico sobre a diferença entre o regime pregado por boa parte da esquerda caviar e aquele a que tem ojeriza:

A diferença entre o sistema comunista e o capitalista é que, embora os dois nos deem um chute na bunda, no sistema comunista a gente leva o chute e tem que bater palmas; no capitalista, a gente também leva, mas pode gritar.

Quando o dissidente finalmente chegou ao exílio nos Estados Unidos, não foi capaz de ignorar o fenômeno retratado nesse livro. Reconheceu que estava descobrindo “uma fauna” nova: a dos comunistas de luxo. Arenas seria duro com toda essa esquerda festiva e ignorante. Certa vez, quando um professor em Harvard elogiou Fidel Castro, pegou o prato de comida do professor e atirou contra a parede, alegando que em Cuba ele jamais teria direito a tanta fartura.

Outra leitura recomendada aos que gostam de apreciar Cuba de longe: *A ilha do doutor Castro*. Escrito por Corinne Cumerlato e Denis Rousseau, jornalistas que viveram por longos três anos lá, o livro relata em detalhes o cotidiano do “paraíso”. Um exemplo da experiência:

Viver o dia a dia nessa ilha do socialismo tropical é praticar uma verdadeira guerrilha contra a adversidade. O gesto mais anódino, a menor providência, a menor necessidade vital — comer, dispor de luz, de alojamento, cuidar da saúde — converte-se num percurso de combatente. O alojamento é um dos pontos negros dessa infernal luta pela sobrevivência.

Cuba virou hoje importante rota de tráfico de drogas, com claras evidências de envolvimento do governo, assim como quintal para terroristas antiamericanos. Ilich Ramírez Sánchez, terrorista venezuelano mais conhecido como Carlos, o “Chacal”, encontrou guarida por lá. O país passou a ser terreno amigável para os mais terríveis criminosos.

Não poderia ser diferente com dois irmãos psicopatas no poder. Aos que pensam que Raúl é da linha mais *light*, vale estudar seu passado. Raúl Castro escreveu em 1960: “Meu sonho é jogar três bombas atômicas em Nova York”. Seu irmão chegou a arquitetar planos para efetivamente lançar bombas na cidade, que felizmente fracassariam.

Fidel, retratado como humanitário pelos idiotas, demonstrava sua paixão pela violência desde jovem. Em seu livro *Cuba sem Fidel*, Brian Latell diz: “Já com vinte anos de idade, Fidel considerava a prática de assassinatos e a provocação de situações caóticas meios justificáveis e aceitáveis para ver materializados seus interesses pessoais.”

Mas eis que o tirano ainda conquista corações ingênuos por aí. O leitor duvida? Então, por que ainda temos partidos que pregam o socialismo, enaltecendo o regime cubano, como faz o PSOL de Chico Alencar? Por que nossa presidente chama Cuba de “país-irmão” na ONU, criticando o embargo americano, mas é incapaz de fazer uma crítica ao regime ditatorial dos Castro?

A esquerda caviar se adaptou, mas mantém o sonho utópico vivo. Eduardo Galeano é a prova

disso: continua defendendo o seu “direito ao delírio”. Para ele, a utopia serve para caminharmos, mesmo que jamais a alcancemos. Defendendo a utopia, disse: “Se não nos deixais sonhar, não os deixaremos dormir”.

O cineasta brasileiro Fernando Meirelles iria na mesma linha ao afirmar, em uma entrevista, que “nossos sonhos não cabem no capitalismo”. O problema, claro, é que o sonho deles, de fato, tira o sono dos inocentes, e transforma suas vidas em um verdadeiro inferno.

Não se engane. A esquerda carnívora ainda vive, e tem em Fidel um guru. E essa esquerda acaba protegida pela outra, mais herbívora, mais chique, que possui até apartamento em Paris, mas adora Cuba de longe. A ilha dos sonhos dessa esquerda caviar é a ilha do pesadelo para os cubanos.

Os melancias

Órfãos do comunismo após a queda do Muro de Berlim e do império soviético, muitos tiveram de buscar refúgio em outra seita. O ambientalismo caiu-lhes como luva. Em vez de atacar o capitalismo porque incapaz de gerar riqueza, algo que ficou absurdo, agora ele seria atacado por produzir riqueza demais!

O planeta não suportaria tanto crescimento. É preciso reduzir o consumo; alterar completamente nosso estilo de vida ocidental. Esse alarmismo, como veremos, passou a ser propagado pelos “melancias”: verdes por fora, mas vermelhos por dentro.

A nova seita ambientalista congrega quase todas as atrações que abordamos nas origens do fenômeno da esquerda caviar. Sem dúvida há muitos interesses perversos por trás dela, pois se trata de um negócio multibilionário. Há também a sede por poder, pelo controle da vida alheia. Há a visão escatológica de fim do mundo, que atrai os misantropos.

Há a cruzada moral, que garante o regozijo dos membros da seita como seres acima dos demais (basta ver o olhar de desprezo que a senhora com sacola reciclada lança para o sujeito com aquelas de plástico). Há o espaço para nutrir a inveja aos mais ricos, pregando um estilo de vida mais “simples” para todos.

Muitos movimentos ambientalistas se tornaram apenas veículos de alarmismo infundado. O pânico incutido nos leigos varia de tempos em tempos, passando pela chuva ácida, o buraco na camada de ozônio, o lixo atômico, os agrotóxicos, o aquecimento global. Mas todos parecem sempre condenar o progresso industrial e enaltecer uma suposta vida “natural”.

Viver no mundo “natural” é algo muito difícil, como todos aqueles que não aproveitaram o progresso ocidental podem atestar. Até mesmo algo tão banal hoje, como ter alimentos frescos o ano todo, não era possível antes da introdução generalizada da refrigeração em trens, navios, armazéns e contêineres.

Doenças, hoje facilmente tratadas, eram causa de inúmeras mortes, principalmente de crianças. Essa visão nobre da vida “natural”, herança de Rousseau, é simplesmente falsa. Como a Dra. Dixy Lee Ray coloca em seu livro *Sucateando o planeta*, sobre os dias de um passado não tão distante, “a verdade é que foram dias sujos, roídos pelas doenças, e malcheirosos”.

Bastaria um dia no “inferno verde”, como a selva costuma ser chamada, para alguém da esquerda caviar se defrontar com uma realidade totalmente diferente daquela idílica criada em suas ilusões. A vida natural não é um sítio bucólico com paisagismo de Burle Marx, mas uma luta constante pela sobrevivência. Muitas vezes uma árdua luta contra a natureza.

O cantor Timothy Treadwell, um ambientalista de Malibu (*habitat* onde pululam esquerdistas de

limusine), experimentou na pele o preço dessa visão romântica do mundo selvagem. Ele viveu uma vida dedicada aos ursos, e insistia que eram criaturas dóceis. Queria cantar-lhes canções de amor.

Acabaria devorado por um deles, e ainda levaria a namorada junto na aventura. Pode ser que tenha desafinado demais, ao que o urso apenas reagiu indignado. Prefiro outra lição, porém: é nisso que dá confundir filmes da Disney, como *O irmão urso*, com a realidade.

Outro caso foi retratado no filme *Na natureza selvagem*, dirigido pelo esquerdo caviar Sean Penn. Conta a história verídica de um jovem recém-formado que foi vagar pela natureza em busca de sentido, atrás de seu “eu” profundo. O que encontrou lá dentro foi o veneno de uma planta ingerida por ignorância. Atentai, “melancias”: a natureza mata!

Não importa. Uma típica esquerdista caviar adora tudo que é “natureba”, ama todos os animais, acha lindo as mulheres que sequer depilam as axilas, desde que ela própria fique longe dessa natureza bárbara e detone cada pelo do sovaco com depilação a laser! A Dra. Ray tenta resumir algumas características presentes nesses que atacam o progresso:

O fio condutor dessa crença parece ser a ideia malthusiana da finitude dos recursos, dos limites a serem impostos ao crescimento, do controle populacional forçado, da descrença no ser humano, da crença na onipotência do Estado, de sua competência no controle das escolhas individuais e na rejeição da ciência, da tecnologia e da industrialização.

Malthus e seu pessimismo parecem retornar de tempos em tempos. Mas o fato é que a humanidade avançou muito, e os homens hoje vivem mais e melhor. Eis o que demonstra o Dr. Indur Goklany em *The Improving State of the World*, publicado pelo Cato Institute.

Goklany foi um delegado americano do IPCC (Intergovernmental Panel on Climate Change), e seu livro conta com inúmeros dados, tabelas e gráficos sustentando a conclusão de que o mundo vem melhorando bastante, inclusive em termos de ambiente, graças ao avanço tecnológico e ao livre comércio.

Um dos ícones desse pessimismo infundado foi a publicação, em 1972, de *The Limits to Growth*, do Clube de Roma, cuja tese geral seria reiterada depois no *Global 2000 Report to the President*. A mensagem central desses malthusianos é sempre a mesma: a humanidade está rapidamente se aproximando dos limites do crescimento, exaurindo os recursos naturais e destruindo o planeta.

Nos últimos dois séculos, porém, a população global cresceu mais de sete vezes, saindo de 900 milhões para 7 bilhões de indivíduos. Não obstante, a média da população se alimenta melhor do que no passado. A oferta de alimentos per capita cresceu 24% de 1961 a 2002, e, nos países mais pobres, o crescimento foi ainda maior, de 38%. Na China, que comporta quase um sexto da população mundial, o consumo de calorias per capita aumentou 80% nesse período, e na Índia o aumento chegou a 50%.

Se depender dos avanços tecnológicos, a inanição pode desaparecer do planeta. Mas muitos ambientalistas criam obstáculos ao progresso tecnológico. Os transgênicos, por exemplo. Houve forte reação aos alimentos geneticamente modificados, muita paranoia que servia para mascarar interesses escusos.

Em um raro ato de *mea culpa*, um dos líderes desse ataque, Mark Lynas, reconheceu publicamente que estava errado sobre o medo ante as sementes geneticamente modificadas. Ele pediu desculpas por toda a campanha contra os transgênicos que ajudara a liderar na década de 1990. A explicação para mudança tão radical? Teria afinal descoberto a ciência, o que o obrigou a abandonar o ecoterrorismo em nome da honestidade intelectual.

Mas a esquerda “verde” adora discursar em prol dos alimentos orgânicos. Discursar, eu disse. Pois, como são produtos mais caros, nem todos da *gauche* podem se dar ao luxo de consumi-los exclusivamente. Só a elite mais abastada mesmo. Tanto é assim que a loja de orgânicos do príncipe Charles, na Inglaterra, fechou as portas por falta de lucro. Parece que os “naturebas” gostam muito do discurso bonitinho, mas, na hora de coçar a carteira, vão para as alfaces e tomates mais baratos dos grandes produtores que usam agrotóxicos mesmo...

O avanço tecnológico costuma andar de mãos dadas à qualidade de vida. Antes da industrialização, ao menos uma criança entre cinco morria antes de completar o primeiro aniversário. Em outras palavras, a mortalidade infantil era de duzentos para cada mil nascimentos. Nos Estados Unidos, em 1900, a mortalidade infantil era de 160, mas, em 2004, já caíra para 6,6 em cada mil nascimentos.

Algumas pessoas gostam de condenar a era da industrialização por causa do pesado trabalho feminino e até infantil, esquecendo que, antes, a alternativa era morrer de fome. Foi justamente o progresso capitalista que permitiu essa feliz mudança na vida de tanta gente. A população ficara estagnada por muitos séculos, até começar a aumentar vertiginosamente.

O proletariado, que o capitalismo é acusado de ter “criado”, não era uma proporção da população que teria existido sem esse sistema e que foi degradado por ele; era um adicional populacional que pôde crescer justamente pelas inúmeras oportunidades de empregos que o capitalismo possibilitou.

Não só estamos vivendo muito mais, como estamos vivendo melhor. Durante o século XX, as doenças crônicas foram postergadas: nove anos para doenças do coração, onze anos para doenças respiratórias e oito anos para câncer. A taxa de analfabetismo global caiu de 46% para 18% entre 1970 e 2000. O uso de trabalho infantil em termos mundiais foi reduzido de 24,9% em 1960 para 10,5% em 2003. Isso não foi possível pela aprovação de leis mágicas, mas, sim, pelo crescimento econômico.

Tudo isso se deve ao avanço da técnica capitalista no uso dos recursos finitos. A Idade da Pedra não ficou para trás porque acabaram as pedras, nem a Idade de Bronze virou história porque acabara o bronze. Os homens foram desenvolvendo formas mais produtivas de uso dos recursos. Como disse Thomas Sowell:

Os homens das cavernas tinham os mesmos recursos naturais à sua disposição que temos hoje, e a diferença entre o seu padrão de vida e o nosso é a diferença entre o conhecimento que eles poderiam usar nesses recursos e os conhecimentos usados hoje. Apesar de falarmos vagamente que o homem “produtivo” não cria nem destrói a matéria,

mas apenas a transforma, o conhecimento de como fazer essas transformações é um fator-chave da economia.

A esquerda caviar, contudo, não quer saber disso. Prefere comer granola no café da manhã, de preferência no ar condicionado, alimentos orgânicos no almoço, e usar sua *bike* como meio de transporte, depois de abraçar algumas árvores no caminho. Vai salvar o planeta com seu lixo reciclado e seu banho com o chuveiro fechado. Até mesmo “sexo ecológico” a turma prega, seja lá o que for isso. Talvez usar a camisinha dos dois lados antes de reciclá-la como bexiga de festa infantil.

A paranoia antiprogresso da esquerda caviar está em patamar tão elevado que a conservadora Ann Coulter, em seu livro *Demonic*, que trata do fenômeno da psicologia das massas para explicar o esquerdismo moderno, fez a seguinte brincadeira (com ares de verdade):

Quer assustar um esquerdista? Mencione usinas nucleares, frutas geneticamente modificadas, novos remédios, irradiação de alimentos, ou armas com molduras de plástico. Nós provavelmente poderíamos espalhar uma multidão de manifestantes esquerdistas apenas ao nos aproximarmos deles com um moderno aspirador de pó. Isso certamente funciona em cães e gatos. O terror abjeto da esquerda ao desenvolvimento tecnológico é mais um atributo do comportamento das multidões.

Os esquerdistas desdenham do progresso que usufruem. Olham os donos de caminhonetes SUVs como verdadeiros criminosos. São melhores, pois possuem “consciência ecológica” e usam lâmpadas brancas, feias e econômicas, em casa, dando um ar de hospital ao lar. Sem falar de seus filhos, que, com dez anos de idade, já se preocupam com o derretimento iminente do Alasca!

Pergunte aos “melancias”: por que vocês se preocupam tão mais com os donos dessas caminhonetes do que com as indústrias poluidoras da China? Talvez uma reflexão sincera sobre isso já fizesse muito *ecochato* acordar...

No livro *O ambientalista cético*, o estatístico e ex-membro do Greenpeace Bjorn Lomborg faz um relato sobre várias ladainhas dos ecologistas. Lomborg voltaria ao tema depois em *Cool It*, em que pede maior cautela sobre o tema do aquecimento global. A reação de muitos ambientalistas demonstrou como o movimento já virou seita religiosa. Quase ninguém quer saber dos dados levantados pelo autor. Preferem ignorá-lo ou atacá-lo. Atire no mensageiro!

A esquerda caviar é atraída pelo ecoterrorismo por questões emocionais. Culpar o capitalismo pelas desgraças naturais passa a ser irresistível. O furacão Katrina destruiu a cidade de New Orleans? Aquecimento global, causado pelo homem, no regime capitalista. O furacão Sandy deixou um rastro de estrago em Nova York? Mesma coisa.

Não importa que o mundo sempre tenha convivido com esse tipo de desgraça. Na China, por exemplo, em 1887, algo como 900 mil pessoas morreram na enchente do rio Amarelo. Em 1931, a

grande inundação do rio Yang-Tse-Kiang causou a morte de cerca de 3 milhões de pessoas, devido à enchente e à falta de alimentos. Enchentes mataram também cerca de um milhão de pessoas entre 1938 e 1939. Novamente, em 1959, fortes enchentes mataram cerca de 2 milhões de pessoas. Culpa do capitalismo?

Voltando aos Estados Unidos, que sempre desperta maior interesse, principalmente se algo de ruim ocorrer em seu território, temos que o maior número de vítimas fatais decorrente de um furacão naquele país foi registrado em 1900, com mais de 8 mil mortos. Em 1928, outro furacão mataria quase 2 mil pessoas. Em termos de força, o pior furacão se deu em 1935, seguido pelo Camille, em 1969. O Andrew, de 1992, vem depois, mas logo em seguida temos um em 1919 e outro em 1928.

Na verdade, o preocupante mesmo, que deveria estar no topo das prioridades dos ambientalistas, são os desastres causados pelos homens, e muitos por culpa do modelo socialista que defendem. Não vamos esquecer do acidente nuclear de Chernobyl em 1986, na então comunista Ucrânia.

Os ambientalistas nada falam, por exemplo, das precárias condições das usinas nucleares da Coreia do Norte. Ou então dos milhares que morrem todo ano nas minas de carvão da China, ainda fortemente dependente desse recurso energético muito poluente. A revolta, como de praxe, é bem seletiva.

As bandeiras alarmistas variam com o tempo. Na década de 1970, que não faz tanto tempo assim, o grande alerta dos especialistas no ramo era quanto ao *esfriamento* global. A BBC produziu um documentário chamado *The Weather Machine* em que um alerta sobre uma possível nova era glacial era sustentado.

Um relatório daquela época, da Academia Nacional de Ciência, levou a revista *Science* a concluir, em sua edição de março de 1975, que uma longa “era glacial é uma possibilidade real”. De acordo com a edição abril de 1975 da *Newsweek*, “o clima da terra parece estar se resfriando”. Na edição de fevereiro de 1973 da *Science Digest*, consta que “quando o congelamento começar será muito tarde”. Livros sobre o assunto fizeram sucesso.

Isso, por si só, deveria aumentar o grau de ceticismo das pessoas em relação aos especialistas de hoje, que chegam ao limite de culpar a flatulência das vacas ou os desodorantes humanos pela “iminente” destruição do globo. Os alarmistas de hoje alcançam um paradoxo interessante: têm mais certeza sobre o que *vai* acontecer com o clima do que sobre aquilo que de fato ocorreu no passado, ainda motivo de dúvidas. Para Thomas Sowell, o aquecimento global “é apenas a mais recente de uma longa lista de cruzadas históricas a que estamos, parece, crescentemente suscetíveis”.

Para Karl Popper, “O método do conhecimento científico é o método crítico: o método da busca por erros e da eliminação de erros a serviço da busca da verdade, a serviço da verdade”. Quando vemos a postura de muitos “cientistas” modernos, financiados pela ONU, lamentamos a morte dessa postura crítica tão crucial ao avanço científico. Os “negacionistas” são tratados como hereges, assim como ocorre nas religiões. O debate livre é sacrificado em nome da causa. A mente aberta e humilde deu

lugar ao dogmatismo.

A maior prova disso está nos e-mails que vazaram do Climatic Research Unit (CRU), episódio que ficaria conhecido como “Climategate” (em alusão ao “Watergate” que derrubou Nixon). O CRU é provavelmente o estabelecimento mais importante da área. Não se trata de uma unidade obscura no fim do mundo, mas de um grupo que reúne os cientistas mais renomados. Os nomes mais citados nos e-mails são os de Michael Mann e Phil Jones, que estão entre os mais importantes da causa.

Uma das táticas usadas pelos cientistas foi a do consenso, com uma espécie de complô para ignorar os estudos dos “dissidentes”. Sem *peer-review*, esses estudos perdem importância, pois, na ciência, a crítica dos pares é fundamental. Trata-se de um boicote deliberado a quem discorda, para criar uma aparência de consenso maior do que o existente. São cientistas agindo como ativistas políticos.

Os ambientalistas pessimistas partem de um fato — o aumento na temperatura média do planeta — e concluem muitas coisas que não estão, nem de perto, provadas. Podemos estar diante de uma falácia conhecida como *non sequitur*, em que as premissas são verdadeiras, mas a conclusão não lhes é derivada.

Não há prova, e para muitos cientistas sequer evidências, de que é a ação humana que causa tal aumento da temperatura — que, inclusive, já dá sinais de reversão. Muitos cientistas renomados, mas ignorados pela mídia e pelo público em geral, afirmam que a temperatura da Terra sempre oscilou bastante, que já foi mais quente que a atual, e que tudo isso é normal. Não vamos esquecer que o nome Groelândia vem de “terra verde” (Greenland), que os vikings colocaram quando chegaram ao local séculos atrás.

Há quem questione mesmo o próprio aquecimento, apontando falhas na medição, fatores urbanos como fonte de erros etc. Para outros, o planeta já começou uma fase de esfriamento novamente. Para se proteger desse risco, pode-se notar que os ambientalistas alteraram o discurso, trocando a expressão “aquecimento global” por “mudanças climáticas”, algo tão vago que é capaz de abranger qualquer coisa.

A França teve, em 2013, a primavera mais fria dos últimos cinquenta anos! Aquecimento global? Mudanças climáticas. E suas lideranças políticas seguem com o ecoterrorismo. A diretora-gerente do FMI, Christine Lagarde, em entrevista ao *WSJ*, disse que “nossos filhos serão grelhados, fritos, assados e torrados”. Tantos problemas imediatos na Europa, como a crise econômica, os déficits públicos, a crescente islamização do continente, e Lagarde parece mais apavorada com o aquecimento global? Com aquele tom de pele sempre bronzeado, poderia jurar que ela curtia um pouco de aquecimento...

Se o Ártico apresenta degelo recorde, a Antártica, por sua vez, teve congelamento recorde. Aquecimento global? Mudanças climáticas. Os cientistas apelaram para o *duplipensar*: enquanto o crescimento de gelo antártico pode estar vinculado “aos ventos, à queda de neve e ao frio”, o derretimento no Ártico “está mais claramente ligado ao aquecimento climático registrado ao longo das décadas”. Ou seja, as evidências empíricas que corroboram com minha teoria, eu as uso, e as que não, descarto. Isso é ciência?

Há uma lista crescente de milhares de cientistas contra o alarmismo do aquecimento global. Mas a

imprensa não costuma lhes dar espaço. É Al Gore, o Prêmio Nobel da Paz, que ganha mais destaque, com suas mentiras e extrapolações no “documentário” *Uma verdade inconveniente*. A verdade inconveniente é que Al Gore representa o típico esquerdista caviar, usando o ecoterrorismo como um lucrativo negócio e vivendo ao contrário daquilo que prega.

Sua mansão consome mais energia do que vilas inteiras, sem falar de seus constantes voos em jatos particulares. Mas não importam a hipocrisia e suas mentiras: ele é o grande messias salvador do planeta contra os ricos industriais!

Muitos afirmam que “o seguro morreu de velho”, alegando que as consequências seriam insuportáveis se as previsões pessimistas estiverem corretas. Trata-se do “princípio precaucionário”. Há alguma lógica nisso, mas é preciso ter em mente que os recursos são escassos, e existe um claro *trade-off* aqui. Bilhões que migram para a causa ambientalista são bilhões que deixam de ir para outros projetos, que poderiam gerar empregos e riqueza.

Os recursos não são infinitos, e é preciso decidir onde são mais necessários. Quando um projeto vai para a gaveta por conta da barreira ambientalista, empregos deixam de ser gerados. A paranoia ambientalista tem um elevado custo. Será que salvar o sapo do rio é mais importante do que ter energia nas indústrias? Quem responde que sim normalmente já possui uma casa com eletricidade.

Recursos usados para a causa verde são recursos não aplicados em segurança, por exemplo. O que é mais arriscado: o derretimento da Antártica ou ditadores armados até os dentes? Hans Blix, responsável pela inspeção da ONU no Iraque, chegou a declarar que estava mais preocupado com os riscos do aquecimento global do que com a corrida armamentista. Não espanta que tenha sido feito de bobo pelo então ditador iraquiano Saddam Hussein.

É necessário considerar que os países menos desenvolvidos são justamente os mais afetados pela histeria ambientalista, que chega a causar efeitos desastrosos nos países mais pobres. Forçar os africanos a usar energias solar e eólica, bem mais caras, em vez de utilizar o carvão e o petróleo presentes na região, significa condenar milhões à miséria. Como a África irá se industrializar valendo-se de energia solar? Qual siderúrgica ou ferrovia funciona assim, mesmo no rico Ocidente?

Como disse Patrick Moore, um dos fundadores do Greenpeace, “o movimento ecologista tornou-se a mais intensa corrente a impedir o desenvolvimento nos países subdesenvolvidos”. A ideia é compartilhada por outros, como Ricardo Augusto Felício, climatologista e professor da USP, que detonou as farsas do aquecimento global em entrevista no “Programa do Jô”, na TV Globo.

Em ato raro de coragem, ninguém menos que James Lovelock, o “pai” da Teoria de Gaia, fez recentemente um *mea culpa* público, alertando que o movimento verde fora longe demais ao cair no fundamentalismo e ignorar que os cuidados com o planeta não podem ser dissociados dos interesses e necessidades dos homens.

Quem ainda não estiver convencido de que o movimento verde virou a nova morada dos vermelhos deveria ler *Os melancias*, do jornalista britânico James Delingpole. O autor fez intensiva

pesquisa mostrando os bastidores da causa. O que emerge desse pântano não tem cheiro bom.

É preciso entender que não há teoria conspiratória alguma por trás dessa acusação. Ao contrário: o que existem são confissões abertas, infelizmente pouco conhecidas. Vários ícones do ambientalismo moderno declaram aos quatro ventos seus reais objetivos: criar um “mundo novo”, destruir o antigo, capitalista e individualista, que é movido por lucro.

O próprio Clube de Roma, um representante *par excellence* do movimento, deixa isso claro em suas atas. O Conselho do Clube, reunido em 1991 (logo depois da queda do muro de Berlim), constatou que seus membros estavam ali por um novo inimigo, que iria uni-los. A ideia que tiveram, então, consiste em que a poluição, a ameaça do aquecimento global, as secas e afins serviriam a esse propósito. O verdadeiro inimigo era a própria humanidade!

Judi Bari, uma ambientalista ferrenha e organizadora das campanhas *Earth First!* na Califórnia, declarou que somente acabando com o capitalismo haveria uma chance de salvar o planeta ecologicamente. Em seguida, declarou que, sob o socialismo, seria possível ter uma sociedade ecologicamente saudável. Precisa dizer mais?

Sim? Então vejamos Peter Berle, um advogado ambientalista de Nova York, membro do Conselho da Sierra Club: “Nós rejeitamos a ideia da propriedade privada.” A filósofa indiana Vandana Shiva, uma *ecofeminista* (!?), chegou a culpar o “neoliberalismo” pelo estupro coletivo da universitária de 23 anos que voltava para casa, em dezembro de 2012, após sessão de cinema em Nova Déli.

Em nome dessa causa, essas pessoas querem impor maiores impostos, controlar nossas vidas e ditar como os recursos devem ser gastos. O clima de crise permanente, de desgraça iminente, atende perfeitamente a esse objetivo, justificando cada vez mais avanços do estado sobre nossas liberdades.

Para se ter uma noção do patamar que a situação atingiu, vale citar que até a flatulência bovina passou a ser taxada na Europa! Não é brincadeira. O *cow fart tax*, como ficou conhecido, foi proposto pela Environmental Protection Agency (EPA) e recai sobre os proprietários de gado por conta da emissão de poluentes através da flatulência — a da vaca, não a do fazendeiro.

Quando afinal se taxa a flatulência bovina, nada mais há para se taxar. É o governo estatizante, alimentado pela histeria ambientalista, chegando ao cúmulo do ridículo e do absurdo: imposto sobre o pum das vacas! Isso não cheira bem...

Como já foi dito, o ambientalismo se tornou um negócio de muitos bilhões. A World Wide Fund (WWF), teve uma arrecadação de US\$ 640 milhões em 2010. A simbiose com o governo é grande: a United States Agency for International Development (USAID) doou para a instituição um total de US\$ 120 milhões ao longo dos anos. É uma montanha de dinheiro capaz de testar o mais íntegro dos ambientalistas.

A revista alemã *Der Spiegel* publicou uma longa matéria, em maio de 2012, mostrando como a entidade ajudava mais a indústria do que o ambiente. Companhias multinacionais passaram a trabalhar junto com a WWF. Suas certificações e selos garantem a boa aceitação dos produtos dessas

empresas, e servem para coibir concorrentes menores e locais em países menos desenvolvidos.

Entidades como a WWF, o Greenpeace, o Friends of the Earth, a Sierra Club e o Australian Conservation Club levantam bilhões de dólares para suas causas, não são eleitos por voto algum, representam interesses privados, mas acumulam um poder incrível. Muitas decisões políticas sofrem sua influência. Quem tem interesse em aliviar a pressão alarmista em uma situação dessas?

Além do interesse monetário e por poder, a seita verde atrai muitos seguidores por um profundo desejo de autodestruição também. Como ocorreu com o comunismo antes, e com o islamismo radical depois, parte da esquerda caviar abraça o ecoterrorismo em busca de um ataque fulminante ao ser humano. A misantropia salta aos olhos em vários discursos. Por baixo do manto dos amantes de pandas e baleias impõe-se o desprezo pelo único animal racional: o homem.

Várias declarações deixam isso transparecer. David Ross Brower, fundador de várias entidades ambientalistas, incluindo o Sierra Club, disse que, apesar de a morte de jovens homens nas guerras ser algo indesejado, isso não é mais sério do que a invasão de montanhas e áreas selvagens pela humanidade.

O famoso explorador Jacques Cousteau certa vez afirmou que, para estabilizar a população mundial, era preciso eliminar 350 mil pessoas por dia. Reconhecia que era algo horrível de se dizer (que meigo), mas afirmou que era tão ruim quanto não dizer essa “verdade”. Já pensaram se tivesse poder ditatorial em mãos?

O bilionário socialista Ted Turner, dono da CNN, foi na mesma linha quando disse que o tamanho ideal de população seria de 250 a 300 milhões, uma queda de 95% dos níveis atuais. O mesmo Ted disse que era um fanático e que ficava tão revoltado com o desmatamento das florestas que tinha vontade de pegar uma arma e fazer algo a respeito. E falou ainda, de cima de seus bilhões, que estava confortável com a ideia do comunismo, que seria “parte da fábrica da vida nesse planeta”.

O príncipe Philip, duque de Edimburgo e terceiro presidente da WWF, afirmou que, se voltasse em uma reencarnação, gostaria de ser um vírus assassino para reduzir os níveis da população humana. Como não creio em reencarnação, o que me preocupa mesmo é o vírus da misantropia espalhado pelo ecoterrorismo.

Peter Singer, o mais famoso defensor dos direitos dos animais, tem uma ética utilitarista bastante peculiar. Para ele, está tudo bem em se eliminar um bebê deficiente se isso estiver no melhor interesse do bebê (?) e de seus familiares. Entende que muitas pessoas considerem isso chocante, mas acha contraditório que pensem assim aqueles que aceitam o direito de aborto. Julga medieval a noção de que a vida humana é sagrada, e considera o Cristianismo seu grande inimigo.

Em seu livro *Ética prática*, Singer coloca a capacidade de sofrimento como o grande fator na hora de avaliar direitos. Se o rato sofre quando usado em experimentos, então isso deve ser evitado. Por outro lado, se o idoso não sofre com uma injeção letal, segundo sua ética utilitarista, tudo bem. Singer diz: “Os especistas humanos não admitem que a dor é tão má quando sentida por porcos ou

ratos como quando são seres humanos que a sentem”.

Logo, ser um “especista” — alguém que prioriza a *sua* própria espécie — seria análogo a ser racista entre humanos. Singer coloca em pé de igualdade aquele que julga inferior um membro de outra “raça” (*sic*) humana e aquele que se julga acima e digno de mais direitos que um rato ou um porco.

Com base em seu único critério, o do sofrimento, alega que recém-nascidos da nossa espécie, por não terem elevado nível de consciência ainda, seriam tão passíveis de uso em experimentos quanto animais. O mesmo valeria para deficientes mentais. O filósofo coloca a seguinte questão:

Se fizermos uma distinção entre os animais e esses seres humanos, caberá também a pergunta: de que modo poderemos fazê-la, a não ser com base numa preferência moralmente indefensável por membros de nossa própria espécie?

Não sei quanto ao leitor, mas eu tenho, sim, uma preferência por membros de minha espécie, *Homo sapiens*, e jamais diria que é “moralmente indefensável”. Muito pelo contrário, considero-a essencial, não apenas para a sobrevivência de nossa espécie, como para a preservação dos valores morais mais caros à nossa civilização. A esquerda caviar parece discordar, e coloca os interesses do camundongo no mesmo patamar dos nossos. Não devemos ser “especistas”...

Não deixa de ser curiosa a postura de Singer e companhia: tentam equiparar todos os animais, ao menos os que são capazes de sofrer, mas cobram dos animais humanos *mais* sacrifícios. Os peixes podem se comer entre si, o tigre pode avançar sobre a gazela, o leão pode traçar o veado, mas nós não podemos comer carne alguma. Afinal, somos *superiores* e temos consciência ética, capacidade de refletir. E isso, pelo visto, é um fardo, não uma vantagem.

Quase todo membro da seita vegetariana se considera *melhor* que os demais seres humanos por abrir mão do consumo de carne. A sensação de superioridade moral resta evidente em todo debate. Fica assim, então: os animais têm os mesmos direitos que os homens, pois somos todos iguais, mas, entre os homens, uns são melhores que os outros, pois reconhecem a igualdade de todos os animais. Às vezes quase concordo e aceito a tese de que não há muita distinção entre as antas e os humanos...

Os “veganos”, que são vegetarianos ainda mais radicais, não ingerem nenhum produto de origem animal. Transformam a dieta alimentar em uma espécie de religião. Só tem um problema: vegetais também são seres vivos, e com certos sentimentos. Tanto que plantas se desenvolvem melhor ao som de música clássica. Pode comer vegetal? Walcyr Carrasco, em coluna da revista *Época*, explicou de forma bem-humorada por que rejeita a seita:

Esse é um dos motivos pelos quais não me tornei vegano. Imagino estar na mesa com executivos da televisão ou de editoras, para discutir um contrato. E dar um beijo num rabanete.

O autor conclui: “Comer de forma saudável deve ser ótimo. Mas a vida vira um tédio. Gosto de reunir os amigos em torno de uma mesa, rir e comer, sem pensar no destino horrível do atum e do salmão. Ser guloso é uma vocação.” Infelizmente, a vocação de muita gente é outra: amar mais os bichos que os seres humanos.

A People for the Ethical Treatment of Animals (PETA), conhecida por interromper desfiles de moda, por usar modelos nuas nas campanhas e por levantar milhões de dólares de celebridades em Hollywood, é sem dúvida a maior prova dessa misantropia presente na seita verde e na bandeira de “direitos dos animais”. Um camundongo costuma ter muito mais importância em sua hierarquia de valores do que os humanos.

Ingrid Newkirk, cofundadora da PETA, disse que ter animais de estimação é como ter escravos humanos. Para ela, não podemos falar do Holocausto, que matou 6 milhões de judeus, e ignorar todas as galinhas mortas anualmente! Ingrid falou ainda que um rato e uma pessoa são equivalentes. Será que levou um pé na bunda de algum cafajeste quando declarou isso?

Para não deixar sombra de dúvidas sobre sua misantropia, disse ainda que “o mundo seria um lugar infinitamente melhor sem humanos nele”. Bruce Friedrich, vice-presidente de campanhas da PETA, afirmou também que as galinhas são indivíduos interessantes, que têm tanto direito de não ser cozinhados ou comidos como cachorros, gatos e, sim, até mesmo humanos!

Na próxima vez que o leitor degustar aquele frango na mostarda, lembre-se de que é prática análoga à de comer batata. Não o tubérculo, mas a batata da perna de um amigo. Ainda considera chique o vegetarianismo ideológico da esquerda caviar? Penso que quem não enxerga diferença entre si próprio e uma galinha deveria buscar ajuda em um divã, não no movimento ambientalista.

A cantora Pink expressou seus sentimentos no site da PETA. Alegou que sempre sentira que os animais eram os espíritos mais puros da Terra, criaturas fiéis. E ainda lamentou a “piada” de que nós consideramo-nos mais espertos. De fato, Pink, nem *todos* os humanos são mais inteligentes que as hienas.

O ator Michael J. Fox escreveu um livro em 1992 chamado *Inhumane Society: The American Way of Exploiting Animals*, no qual afirma que a vida de uma formiga e a de seu filho deveriam receber o mesmo tipo de consideração. Espera-se que seu filho jamais tenha tido acesso ao texto, tendo como imagem do pai somente o herói em *De volta para o futuro*.

Hollywood, aliás, vive um dilema mortal, pois as causas nobres abundam por lá, com cada celebridade pressionando seu RP (Relações Públicas) para obter alguma que dê mais ibope. Só que muitas vezes o conflito é inevitável. Há várias celebridades, como Alec Baldwin e sua ex-mulher Kim Basinger, que aderiram ao PETA, mas que, ao mesmo tempo, fazem campanha para levantar fundos de pesquisa da cura da AIDS. Como assim?

Essas pesquisas utilizam animais na maioria das vezes. Faz parte do avanço da ciência. Além do mais, como diz Tibor Machan em *Putting Humans First*: “É correto explorar a natureza para promover nossas próprias vidas e felicidade; não há razão para se sentir culpado ou envergonhado

por isso.” Culpa, porém, é com a esquerda caviar mesmo, e, quando chega o momento de escolher entre o ratinho e o humano doente, alguns optam pelo roedor, ao menos no discurso.

Os mais radicais partem ao ato. Em abril de 2013, ativistas dos “direitos animais” invadiram um laboratório da Universidade de Milão e soltaram os ratos de suas gaiolas, prejudicando anos de pesquisas sobre o tratamento de desordens psiquiátricas, tais como esquizofrenia e autismo. Parecem odiar mais os homens do que amar os bichos. Bem que poderiam adotar ratazanas de estimação e deixar os demais em paz.

Não dá para ter tudo, colegas. Ou usamos bichos em experimentos evitando ao máximo qualquer sofrimento desnecessário, mas colocando a vida humana como prioridade, ou convidamos macacos e ratos para uma grande festa na floresta. Será que os “melancias” e os veganos amam tanto assim o meio ambiente e os animais? Ou será que, no fundo, odeiam o capitalismo, o progresso e, em casos mais patológicos, o próprio ser humano?

Justiça social

“Eu defendo a justiça social, maior igualdade, e é por isso que vou começar fazendo a minha parte, pagando voluntariamente mais impostos.” Eis uma frase, prezado leitor, que jamais escutará de um esquerdista caviar.

O novo papa, Francisco, inspirou-se em São Francisco Xavier. Esse, sim, resolveu abandonar sua vida aristocrática abastada e virar um missionário de Cristo. Não digo que seja o ideal, pois, ao contrário da esquerda, reconheço a fundamental importância dos ricos à melhoria de vida dos pobres. Mas ao menos o homem era coerente com aquilo que pregava.

E os esquerdistas da elite? Será que realmente desejam a igualdade? A julgar pela forma com a qual se apegam aos seus bens materiais e fazem de tudo para expandi-los, não. A prática e o discurso se mostram incompatíveis.

Todo esquerdista caviar que se preza defende a “igualdade”, não aquela perante as leis, mas a material mesmo. O típico esquerdista caviar tem uma vida bem confortável, luta sempre para maximizar seus lucros ou salários, não raro por meio de leis de incentivo públicas, mas adora pregar a “justiça social”: todos têm direito a uma vida “digna”.

As desigualdades precisam ser combatidas, não importa que a natureza seja bastante desigual já na loteria genética, que cada um tenha habilidades e vocações distintas, que humanos, enfim, não sejam como cupins e formigas (ainda bem). O esquerdista caviar é uma alma sensível, e luta por um “mundo melhor”.

Note que o mundo melhor não é aquele que reduz drasticamente a pobreza, que retira milhões da miséria. Não! Esse, o capitalismo é que permite. Um operário de classe média nos Estados Unidos tem, hoje, uma vida mais confortável do ponto de vista material do que tinha um senhor feudal na Idade Média. A começar pelo ar condicionado, pelo carro, pelo avanço da medicina, dos aparatos tecnológicos etc.

O membro da esquerda caviar, que usufrui disso tudo e mais um “pouco”, não quer saber dessas coisas. Quer impor sua visão de justiça “cósmica”, uma grande colmeia onde todos são iguais, onde as diferenças desaparecem, onde as contas bancárias são parecidas. À exceção dele próprio, claro. Todos iguais, mas uns mais iguais que os outros.

Basta ver como os artistas famosos de Hollywood gostam de pregar maior igualdade, enquanto levam vidas que fariam os aristocratas de antigamente morrer de inveja. Têm gente só para segurar o guarda-sol e proteger a pele, têm assistente para tudo, verdadeiras babás, regras excêntricas nos hotéis, e uma legião de puxa-sacos dispostos a tudo para agradar suas “excelências”. O poder e a fama corrompem.

E eis que, num passe de mágica, ricos e famosos se transformam nos mais nobres combatentes da desigualdade no mundo. Começar a reduzir essa desigualdade em casa? Distribuir parte de seus vastos recursos? Sim, parece algo coerente para quem abraça com tanto fervor a ideologia socialista. Mas não esperem isso de um esquerdista caviar...

A mentalidade igualitária ajudou a parir o estado de bem-estar social, uma adaptação pragmática daqueles com inclinação socialista. Nele, cabe ao governo “cuidar” de todos, garantir o “direito” à saúde, educação, casa, comida, roupa lavada, babá, tudo incluído no pacote de bondades estatais.

Todos têm direito à felicidade. Veja bem: não à busca da felicidade à sua maneira, mas a própria “felicidade” mesmo, garantida pelo estado. Adeus mundo de adultos responsáveis por seus atos, de meritocracia e liberdade. Agora, o “papai” governo vai distribuir benesses para todos, em nome da “justiça social”.

O estado, como dizia Bastiat, transforma-se na grande ficção pela qual todos querem viver à custa de todos. A esquerda trata o estado como uma entidade alienígena, que obtém recursos de Marte. Vivemos na era dos “direitos”, onde todos aprenderam apenas a demandar, demandar e demandar, jogando a conta para ombros alheios.

“Quem não chora não mama”, já diz o ditado. Sob o *welfare state*, aprende-se a chorar bem alto para ganhar mais vantagens. Chorar miséria passa a ser a moeda corrente, pois isso, e não o trabalho, determina os ganhos. O homem decente fica calado, e o oportunista leva a melhor nesse concurso de misérias. Nasce a “marcha dos oprimidos”. Até mesmo viagens ou banda larga são vistos agora como bens “essenciais” que o governo deve fornecer. Pondé, em sua coluna da *Folha*, resumiu bem a questão:

[...] o que falta entre nós é uma visão de mundo que não seja pautada pelo culto da incapacidade das pessoas cuidarem de si mesmas. A sociedade de mercado é uma sociedade de pequenos e médios empresários e profissionais liberais que lutam corajosamente para dar emprego e pagar impostos imorais.

Na Dinamarca, um dos ícones do *welfare state*, reformas liberais têm sido aprovadas para reduzir a preguiça espalhada na população. Uma trabalhadora dinamarquesa contou a jornalistas do *NYT* que a irmã vivia de benefícios, ganhava mais e perguntava: para que trabalhar? “Felizmente, eu nasci e vivo na Dinamarca, onde o governo está disposto a apoiar meu estilo de vida”, disse na mesma reportagem Robert Nielsen, 45 anos, que não trabalha desde 2001.

O popular conto inglês *A galinha ruiva* mostra a história por trás da falência do estado de bem-estar social. Um dia uma galinha ruiva estava ciscando no quintal e achou um grão de trigo. Ela teria corrido então para perguntar quem gostaria de ajudá-la a plantar este grão, ao que o patinho, o gatinho e o cachorrinho prontamente se negaram. A galinha, persistente, plantou-o sozinha.

Mais tarde, perguntaria sobre se os colegas a ajudariam na colheita. Novamente, porém, a resposta foi negativa, e a galinha fez o serviço sozinha. Para debulhar o trigo, a coisa se repetiu, e, para ir até o moinho produzir farinha, também. Por fim, negariam qualquer colaboração no processo que transforma a farinha em pão, e ela, mais uma vez sozinha, fez um pão muito bonito e com um cheiro delicioso.

Todos os outros animais, contudo, quereriam — agora, sim! — compartilhar do resultado do trabalho, “caridade” a que a galinha se recusou: não iriam provar sequer um pedacinho. Eram preguiçosos demais, disse. E, quando a preguiça é recompensada, quando quem trabalha é forçado a sustentar quem não produz em nome da “igualdade”, o resultado só pode ser o aumento da preguiça e a redução dos esforços.

Dar esmolas estimula a preguiça e cria dependência. Tivemos um claro exemplo de tal dependência — preocupante para a democracia — quando, em maio de 2013, circularam rumores de que o programa Bolsa Família seria suspenso. Uma turba ensandecida invadiu agências da Caixa Econômica Federal desesperada em busca de suas esmolas estatais. Eram pessoas que aparentavam ser da classe média, bem nutridas, com perfeita capacidade de trabalho, e que não se encaixavam ao estereótipo de miseráveis concebido por alguns e esperado por muitos.

Uma delas chegaria a reclamar que o dinheiro não era suficiente à compra de uma calça para sua filha de dezesseis anos, que custava mais de trezentos reais. A senhora, que tampouco apresentava déficit alimentar, queria a esmola estatal, à custa da classe média trabalhadora, para adquirir um objeto de luxo, talvez para que a filha ficasse bonita no baile funk da comunidade. Justiça social...

Imagine se essa gente toda vai votar em um partido de oposição. Basta o governo fazer terrorismo eleitoral, afirmar que cortarão a mesada, e pronto: perpetua-se no poder com a compra de votos. Aliás, a propósito, a reação da presidente Dilma foi espantosa: acusou o autor dos rumores de “desumano” e “criminoso” (acusação precipitada, pois tudo se mostraria uma barbearagem do próprio governo), garantiu que o programa é “definitivo”, para “sempre”, e esqueceu que o próprio PT espalha tal boato na época da eleição, de modo a criar esse clima de pânico entre os dependentes do Estado.

Não custa lembrar que o ex-presidente Lula, quando ainda na oposição, fizera duras críticas ao “voto de cabresto”, comum no Nordeste. O Lula opositor atacava violentamente essa descarada compra de eleitores, essa exploração da miséria alheia, em que se distribuíam migalhas em troca de votos. Quem o viu, quem o vê...

Ayaan Hirsi Ali, refugiada na Holanda como somali, sentiu na pele a inércia causada pelas esmolas estatais ao ver várias colegas imigrantes sucumbirem à tentação do *welfare state*. Quando eleita para o Parlamento pelo Partido Liberal, seu foco seria justamente a integração desses imigrantes. Ela conta sua motivação:

[...] propus uma acentuada redução dos benefícios aos desempregados e o fim do salário mínimo. Graças à minha experiência de intérprete de dependentes do Estado de Bem-estar Social, eu sabia que o acesso fácil ao generoso auxílio-desemprego criava uma verdadeira armadilha da pobreza: muitas vezes, as pessoas ganhavam mais do Estado do que receberiam se trabalhassem.

O famoso slogan marxista diz: “Para cada um de acordo com sua necessidade, de cada um de acordo com sua necessidade.” Mas, quando a “necessidade” de alguém representa um reclamo perante a sociedade, e quando a capacidade representa um fardo, então todos começam a “necessitar” de tudo e ninguém mais é capaz de nada. Ayn Rand, em *A revolta de Atlas*, coloca nas palavras de um personagem a explicação para o fracasso desse modelo:

É como derramar água dentro de um tanque em que há um cano no fundo puxando mais água do que entra, e cada balde que a senhora derrama lá dentro o cano alarga mais um bocado, e quanto mais a senhora trabalha, mais exigem da senhora, e no fim a senhora está despejando baldes quarenta horas por semana, depois 48, depois 56, para o jantar do vizinho, para a operação da mulher dele, para o sarampo do filho dele, para a cadeira de rodas da mãe dele, para a camisa do tio dele, para a escola do sobrinho dele, para o bebê do vizinho, para o bebê que ainda vai nascer, para todo mundo à sua volta, tudo é para eles, desde as fraldas até as dentaduras, e só o trabalho é seu, trabalhar da hora em que o sol nasce até escurecer, mês após mês, ano após ano, ganhando só suor, o prazer só deles, durante toda a sua vida, sem descansar, sem esperança, sem fim... De cada um, conforme sua capacidade, para cada um, conforme sua necessidade...

Não há meio mais seguro de destruir um homem do que forçá-lo a um mecanismo de incentivo em que seu objetivo passe a ser *não* fazer o melhor, em que sua luta seja por produzir um trabalho ruim, dia após dia. Isso acabará com ele mais rápido que qualquer bebida ou mesmo o ócio. A acusação mais temida é ser habilidoso acima do que se demonstra, pois sua habilidade será como uma hipoteca dos outros sobre você.

Por que alguém quereria ser mais habilidoso, e demonstrar tal habilidade, se seus ganhos estarão limitados pela “necessidade” e se suas habilidades significariam apenas mais trabalho pesado para que *outros* fiquem com os benefícios? O *welfare state* não é uma rede social, mas uma jaula coletivista que aprisiona os indivíduos, que produz preguiça, ineficiência e animosidade, pois o choro do filho dos outros passa a significar a necessidade de mais trabalho alheio para lhe pagar as fraldas e a papinha.

Se todos têm *direito* a casa, remédios, lazer, prostitutas (sim, há casos de ações na justiça pelo “direito” de ter putas pagas pelo Estado em países escandinavos) e mais um monte de outras coisas que demandam trabalho, resta perguntar: quem tem o *dever* de produzi-los? A “sociedade”? Só há um problema: como sabia Thatcher, tal não passa de uma abstração; o que existem são indivíduos de carne e osso.

Logo, se José tem “direito” a uma casa, isso quer dizer que João tem o dever de construí-la. Se Pedro tem “direito” a uma foda paga pelo erário, então Marcos tem de trabalhar para pagar a farra do ilustre desconhecido. Isso só poderia ser visto como algo justo na cabeça de um “intelectual” com Ph.D. na área das ciências humanas mesmo.

Sem falar dos resultados econômicos desse modelo. Qual o bem que faz aos passageiros de um avião um motor que falha em pleno voo? Se o produto for comprado não pelo seu mérito e eficiência, mas por causa da necessidade dos empregados da fábrica incompetente, seria essa a coisa certa a ser feita pelo dono da empresa aérea? Se um cirurgião adquire um equipamento não pela sua qualidade, mas pela necessidade dos funcionários do produtor, seria isso correto com seu paciente?

Harry B. Acton, em *The Morals of Markets*, lembra que uma coisa é falar em ajuda para alívio do sofrimento dos mais necessitados; outra, completamente diferente, é falar em justiça. Se o pobre é ajudado porque é injusto que assim permaneça, independentemente do que fez ou faz, então o caminho está aberto para dizermos que é injusto uns terem menos que os outros. E as comportas do socialismo estarão abertas.

Se, porém, o auxílio é dado com base em critérios humanitários, então não temos de dar prosseguimento ao processo de redistribuição para além do ponto onde o sofrimento é aliviado. Em suma, enquanto muitos entendem e aceitam que o sofrimento alheio pede uma ajuda imediata, por uma espécie de rede de proteção básica e descentralizada, os coletivistas igualitários demandam remédios para a desigualdade em si, via redistribuição estatal.

O sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, notório esquerdista, escreveu em artigo na *Folha*: “A filantropia e a caridade são politicamente reacionárias quando, em vez de completar os direitos sociais, se substituem a eles.” Ou seja, solidariedade *voluntária* é algo ruim e reacionário, pois reduz ou substitui a *dependência* das esmolas estatais. Progressista é depender do estado, isto é, dos impostos dos outros, para pagar suas contas.

Esse modelo destrói a coesão social, pois a solidariedade, que jamais deveria ser dissociada do conceito de voluntariedade, acaba delegada ao governo. Os indivíduos se sentem, então, livres da responsabilidade de ajudar o próximo, pois pagam seus impostos que, supostamente, servem para todo tipo de “filantropia”. Enquanto os americanos capitalistas são os maiores filantropos do mundo, muito chinês passa indiferente por um bebê jogado na rua.

Tocqueville chamou a atenção, em seu clássico *Democracia na América*, justamente para a incrível proliferação de associações voluntárias nos Estados Unidos. Eram programas em comunidades locais que serviam para estreitar os laços, e que hoje, sob o coletivismo do *welfare state*, foram substituídos por programas centralizados no governo federal, distantes da realidade de cada localidade, burocratizados, ineficientes e muitas vezes corruptos.

O discurso igualitário vende bem, pois alimenta a paixão mais mesquinha de todas: a inveja. Adam Smith disse: “A inveja é a paixão que vê com maligno desgosto a superioridade dos que realmente têm direito a toda a superioridade que possuem.” O socialismo é a pura idealização da inveja. Como disse Theodore Dalrymple, o ódio aos ricos é uma emoção muito mais forte do que o amor aos pobres. Não vemos uma turba invadindo uma cidade em busca de pobres a quem pudesse dar seus bens...

A esquerda caviar usa esse discurso igualitário para agradar as massas, para sair bem na foto, mesmo que, na prática, suas vidas nada tenham de igual ao restante. São como os porcos de *A Revolução dos bichos*, o clássico de George Orwell que é proibido em Cuba, o “paraíso” socialista.

Os porcos convencem os demais bichos a fazer a revolução em nome da justiça e da igualdade.

Sansão é o cavalo que trabalha duro pelo ideal, o típico idiota útil. Já os porcos ficam com as melhores comidas, casas, com vários privilégios, tudo garantido pelos ferozes cães treinados a somente obedecê-los. A igualdade socialista é sempre essa: uma *nomenklatura* no poder concentrando os recursos, cães raivosos protegendo o esquema, e uma massa de miseráveis escravizados.

O jornalista Blaine Harden, autor do já citado *Fuga do campo 14*, conta como, em 1957, o ditador comunista Kim Il Sung criou um sistema neofeudal de castas na Coreia do Norte, segregando a população com base na aparente confiabilidade dos pais e dos avós de cada indivíduo. Ele conclui:

A Coreia do Norte se autointitulava o Paraíso dos Trabalhadores, mas, ao mesmo tempo que professava fidelidade aos ideais comunistas de igualdade, inventou um dos sistemas de castas mais rigidamente estratificados do mundo.

Essa é a história de *todas* as experiências igualitárias comunistas. Não importa, entretanto: sempre haverá gente disposta a aplaudir essas utopias. Parte da explicação foi dada por Bertrand de Jouvenel em *The Ethics of Redistribution*:

A ingrata brutalidade dos reis em direção aos financiadores que os ajudaram sempre ganhou os aplausos populares. Isso talvez esteja relacionado ao profundo sentimento de que indivíduos não têm direito de serem ricos por eles mesmos e para eles mesmos, enquanto a riqueza dos governantes é uma forma de gratificação pessoal para as pessoas que pensam neles como o “meu” governante.

O autor mostra, com sólidos argumentos, como a inveja pode estar por trás das políticas de redistribuição de renda através do aparato estatal. Cita o exemplo dos comunistas franceses que deram caros presentes a seu líder, aparentemente indo contra os próprios valores comunistas.

O burguês capitalista apresentaria duas convicções básicas que diferem desse sentimento popular: sabe que não deve sua riqueza a favores e se considera livre para gastá-la consigo mesmo, da forma que preferir, normalmente secreta. É precisamente o reverso da atitude que justificaria uma renda excepcional sob a ótica popular. O povo quer sentir que essa renda é um presente dele, e quer demandar que os beneficiários façam um espetáculo público.

Por isso que o empresário independente que compra um iate é menosprezado, enquanto um presidente que vive no luxo, com roupas caras feitas de tecido egípcio, carro próprio para a cadela desfilando e viagens com avião novo pode ser admirado. Mesmo que seja um ex-operário eleito com o discurso de redução da desigualdade material.

A elite caviar aplaude o “homem do povo” que vive como um nababo, pois ele é, afinal, o povo! E assim o ex-metalúrgico pode se tratar nos mais caros hospitais privados quando fica doente, cobrar R\$ 200 mil por palestra e exigir jato particular como meio de transporte, tudo isso abrindo um fosso entre si e o verdadeiro povo que diz representar e defender. Mas aí do rico empreendedor que ostente sua *legítima* riqueza! Esse é membro da odiada “elite”.

O grito por justiça social logo começa: vamos taxar bastante os mais ricos! Na prática, é inviável executar essa redistribuição de renda tirando somente dos realmente ricos. Deixando de lado a injustiça em discriminar os mais abastados, ferindo a isonomia de tratamento, tal medida é totalmente ineficaz. Acaba que a classe média — para a alegria de Marilena Chauí — tem de ser vítima também.

No fundo, quem ganha são os burocratas do governo, que cobram enorme pedágio para realizar tanta “justiça”. A centralização é o resultado inevitável das políticas de redistribuição. Basta lembrar que Brasília possui de longe a maior renda per capita do país, tudo em nome da “justiça social”. E os itens mais produzidos por lá são leis estúpidas e muita corrupção...

O Estado, que vai tirando mais e mais das classes média e alta, em nome dessa maior igualdade material, acaba tendo de compensá-las em parte, oferecendo serviços, substituindo as funções de poupança e investimento, garantindo subsídios, esmolas etc. A consequência é um enorme avanço do papel estatal na economia, em ameaça às liberdades individuais.

Marx sabia disso, e defendeu um imposto bastante progressivo como meio para o proletariado tomar, pela via política, todo o capital da burguesia, centralizando os instrumentos de produção nas mãos do Estado. Lênin dizia que a burguesia venderia a corda a ser usada no próprio enforcamento. A esquerda caviar, por culpa, vaidade ou estupidez, prega uma ideologia que, se realmente vingasse, representaria seu fim, à exceção de poucos “amigos do rei” que mantivessem o poder.

A defesa da “justiça social”, no entanto, não precisa ficar restrita aos bens materiais, ainda que os socialistas costumem ser os mais materialistas de todos. E as demais desigualdades? É justo uma mulher ser linda e tantas serem feias? O filósofo Pondé fez uma previsão dos rumos da situação:

Logo criarão uma lei que proibirá as mulheres de serem bonitas em nome da autoestima das feias e proibirão os homens bem-sucedidos de terem carrões em defesa da dignidade do ônibus ou do metrô. Duvida? Basta um mentiroso inventar que isso é necessário para um convívio democrático. Isso se chama “a ditadura dos ofendidos”.

Parece piada, mas a agenda da esquerda caviar chegou ao limite patético de pregar igualdade total. O escritor argentino Gonzalo Otálora causou polêmica há alguns anos ao defender a cobrança de impostos das pessoas consideradas mais belas para compensar o “sofrimento” daqueles que supostamente fossem menos favorecidos pela natureza.

O escritor disse que sua iniciativa tinha o objetivo de provocar um debate sobre o culto à beleza. Com um megafone, foi à frente da Casa Rosada reclamar os “direitos” dos feios. Esperava contar com o apoio do então presidente Néstor Kirchner, a quem classificara como “pouco atraente”.

Otálora alegava que os deboches sofridos na infância prejudicaram sua autoestima e atrapalharam na conquista de melhores empregos. Em sua opinião, um dos assuntos que deveriam ser debatidos era

a representação de “todos os tipos de constituição física” nos desfiles de moda. A inveja é alçada ao patamar de justiça, e a mediocridade, enaltecida, enquanto o belo é condenado por suas virtudes, e não vícios. Quasímodo nas passarelas, eis a justiça social dos invejosos...

Na década de 1960, os igualitários ganharam força, levando George Orwell a escrever *1984*, uma distopia que explorava a inveja na política. O Partido Trabalhista inglês, de esquerda, demandava uma sociedade de iguais “absolutos”. Um romance satírico exploraria esta “paixão antissocial”, como dizia John Stuart Mill, no campo do cotidiano. O escritor inglês L.P. Hartley era o autor, e a obra chamava-se *Facial Justice*, comentada no excelente livro de Helmut Schoeck sobre o tema, intitulado *Envy: a Theory of Social Behaviour*.

Na sátira, Hartley chegava a uma conclusão lógica, expressada por Schoeck em seu livro, sobre a estranha tentativa de legitimar o invejoso e sua inveja, de forma que qualquer um capaz de despertar inveja seria tratado como antissocial ou criminoso.

Em vez de o invejoso ter vergonha de sua inveja, é o invejado que deve desculpas por ser melhor. Há uma total inversão dos valores, explicada apenas por uma completa aniquilação do indivíduo em nome da igualdade coletivista. Como conclui Schoeck: “O desejo utópico por uma sociedade igualitária não pode ter surgido por qualquer outro motivo que não a incapacidade de lidar com a própria inveja”.

Os humanos passam a ser tratados como insetos gregários, e o indivíduo que ousa se destacar, como um inimigo da “sociedade”. Tal como a ave de *Fernão Capelo Gaivota*, que ousa desafiar seus próprios limites e testar até quanto seria capaz de voar, tornando-se assim uma “renegada” no bando. O rico, ainda que tenha criado sua riqueza de forma honesta, através de trocas voluntárias, é execrado pelos invejosos. O sucesso individual é um pecado!

A heroína da novela de Hartley chama-se Jael, uma mulher que, desde o começo, não se conforma com a visão igualitária, recusando-se a aceitar que pessoas mais bonitas ou inteligentes devessem se anular como indivíduos por causa da inveja alheia. A obra se passa no futuro, depois de uma Terceira Guerra Mundial, e as pessoas são divididas de acordo com o grau de aparência. A meta era obter uma igualdade facial, pois a material já não bastava para acabar com a inveja: alguns sempre terão algo que os outros não têm.

Havia um Ministério da Igualdade Facial, e a extirpação dos rostos tipo Alfa, os mais belos, não era suficiente, uma vez que os de tipo Beta ainda estavam em patamar superior aos Gama. Enquanto *todos* não tivessem a mesma aparência, não haveria “justiça”. Ninguém poderia ser um “desprivilegiado facial”. Hartley combate a utopia dos igualitários, mostrando que a equiparação financeira jamais aboliria a inveja na sociedade. Durante sua vida, demonstrou aversão a todas as formas de coerção estatal.

No filme *Círculo de fogo* — história de um soldado russo que precisa enfrentar um atirador nazista enviado especialmente para matá-lo —, isso fica bem evidente quando um companheiro político, interpretado por Joseph Fiennes, acaba traindo Vasily Zaitsev, o russo, interpretado por Jude Law. Sua constatação, ao consumir a traição, expressa a essência da mensagem: descobre que sempre haverá algo no vizinho que desejamos, mas não possuímos.

No caso do filme, trata-se do amor de uma mulher, disputada por ambos. A inveja é uma

característica da pessoa, não fruto das desigualdades em si, que sempre existirão. No livro *Teoria da personalidade*, o psiquiatra G.J. Ballone diz:

Todas as tendências ideológicas que enfatizam a igualdade dos seres humanos, num total descaso para com as diferenças funcionais, ecoam aos ouvidos despreparados com eloquente beleza retórica, romântica, ética e moral. Transportando tais ideais do papel para a prática, sucumbem diante de incontáveis evidências em contrário: não resistem à constatação das flagrantes e involuntárias diferenças entre os indivíduos, bem como não explicam a indomável característica humana que é a perene vocação das pessoas em querer destacar-se dos demais.

Como já sabemos que a esquerda caviar é só aparências, e para o inferno com os resultados!, ecoar aos ouvidos despreparados, “com eloquente beleza retórica”, é tudo que mais quer. Por isso vemos atores ricos e famosos como Sean Penn — que andam para lá e para cá de jato, que vivem em uma redoma de puxa-sacos que lhes atendem cada pedido — bradar sobre a importância da “igualdade”. Igualdade? Não sei quanto ao leitor, mas eu, ao contrário do que afirma Ana Carolina em sua canção, não comi a Madonna...

O valor de alguém enquanto humano não se mede pela conta bancária. Eis algo que a esquerda caviar precisa compreender. A estima vem pelas qualidades, virtudes, atitudes, ainda que, no livre mercado, outras características possam ser mais valorizadas *do ponto de vista financeiro*.

É raro um jogador com o talento de Messi, e o futebol é um esporte muito popular. Isso fez do atleta argentino alguém muito rico, mas não lhe faz necessariamente uma *pessoa* melhor do que outra. Continuo estimando mais um médico que salva vidas, ainda que a conta do Messi seja bem mais recheada. Pelo visto, o próprio craque reconhece isso. Ele disse à revista *La Garganta Poderosa*:

A fama e o dinheiro não são o mais importante da vida. Só importa o que você é. Nunca ninguém deveria perder a humildade. Eu não sou melhor nem pior do que ninguém pelo que eu tenho.

No seu brilhante livro *The Constitution of Liberty*, Hayek trata da distinção entre valor e mérito, naquele que é um dos melhores capítulos da obra. Para Hayek, o único tipo de igualdade que podemos buscar sem destruir a liberdade é aquela perante as regras gerais, perante as leis. A igualdade de resultados, porém, é totalmente incompatível com a liberdade. A demanda por tal tipo de equiparação costuma partir daqueles que gostariam de *impor* à sociedade um padrão preconcebido de distribuição. A coerção necessária para realizar essa suposta “justiça” seria fatal para a liberdade da sociedade. O ponto de largada individual nunca será igual. A herança genética já é diferente.

Em seguida, o ambiente familiar, a educação dos pais, os círculos de amizade, enfim, inúmeras

características terão influência na formação do indivíduo, sendo impossível determinar quanto de cada uma é responsável por suas escolhas. Hayek faz essa importante distinção entre valor e mérito:

Em outras palavras, devemos olhar para os resultados, não para intenções ou motivos, e podemos permitir que alguém aja com base no seu próprio conhecimento apenas se também permitirmos que ele mantenha aquilo que os demais estão dispostos a pagar-lhe pelos seus serviços, independentemente do que se possa achar sobre a propriedade da remuneração do ponto de vista do mérito moral que o indivíduo possui ou da estima que temos por ele enquanto pessoa.

Está na hora de a esquerda caviar reconhecer que o dinheiro não é garantia de pessoas melhores. Aliás, muitos poderiam verificar isso bem diante de um espelho. Portanto, redistribuir riqueza com base em uma visão preconcebida de “justiça” não representa justiça de fato, e dificilmente será compatível com algo bem mais valioso do que o próprio dinheiro: a liberdade, o senso de realização advindo das conquistas pessoais, o orgulho de caminhar com as próprias pernas.

Isso sem falar, claro, que quase sempre o discurso de igualdade é da boca para fora, para inglês ver. Da próxima vez que o leitor se deparar com um rico esbravejando contra as desigualdades materiais, sugiro que pergunte o que exatamente falta para que *ele*, o rico da esquerda caviar, comece a fazer *sua* parte na redistribuição da riqueza...

Sem preconceitos

Uma das marcas registradas da esquerda caviar é a completa ausência de preconceitos. Ou ao menos assim se vende ao grande público. O típico esquerdista chique é aquele sujeito descolado, de mente aberta, moderninho, que não alimenta qualquer tipo de preconceito. Claro, abre uma exceção aos neoliberais. E aos capitalistas defensores do lucro. E aos especuladores. E aos conservadores de direita. E aos republicanos...

Tirando esses, porém, o camarada é mente aberta total, respeita tudo e todos, não julga ninguém. Não julgueis para não serdes julgados! A máxima que agrada sobremaneira àqueles cheios de podres no currículo, em busca de vitimização e ansiosos para rejeitar a ideia de livre-arbítrio, de capacidade de escolha individual.

Há outra máxima, um tanto mais realista e útil, que diz: julgue e prepare para ser julgado. Mas essa a esquerda caviar detesta. Prefere a postura de suspensão total do julgamento, o que representa, na prática, uma completa indiferença para com o sofrimento alheio, forma disfarçada até mesmo de sadismo.

Como alertava G.K. Chesterton, devemos ter a mente aberta, mas não *tão* aberta a ponto de o cérebro lhe escapar. Como diz Pondé, acusar alguém de ter a cabeça fechada hoje em dia é ofensa pior do que xingar a mãe. Essa bandeira de que devemos “aceitar tudo” em nome do combate ao preconceito já causou muito mal ao mundo.

Quer dizer, portanto, que devemos rejeitar a bandeira de não preconceito da esquerda caviar? Como alguém pode defender o preconceito em pleno século XXI? Isso automaticamente nos remete ao racismo, à xenofobia, ao machismo, a todas as formas de sentimentos tribais que tanta desgraça causaram.

Sim, há um ponto legítimo aqui. Mas será que *todo* preconceito é mesmo ruim? O que exatamente seria não ter preconceitos? São as questões que Theodore Dalrymple aborda em seu livro *In Praise of Prejudice*, cujo título já mostra sua coragem na era moderna do politicamente correto.

O que seria uma pessoa desprovida de preconceitos? O dicionário possui várias definições para a palavra, entre as quais esta: “conceito ou opinião formados antes de ter os conhecimentos adequados”. As demais costumam já incorporar o sentido pejorativo da atualidade, como sentimento desfavorável a algum grupo, superstição, discriminação racial etc. Vamos nos centrar justamente na primeira delas, que melhor representa sua etimologia.

Alguém sem preconceitos seria, então, alguém cujas opiniões formadas são *todas* derivadas de conhecimento adequado. Estou para conhecer este Deus onisciente em forma humana! Basta uma rápida reflexão honesta para constatar que temos inúmeras opiniões sobre vários assuntos a respeito

dos quais não possuímos conhecimento tão profundo assim.

Tal como Newton, pegamos carona em ombros alheios, de gigantes ou anões, confiamos em certas autoridades, formamos, enfim, algum tipo de crença cujos pressupostos não dominamos totalmente. Eis o preconceito. Ninguém melhor do que Edmund Burke, o “pai” do conservadorismo britânico, para explicar a ideia em seu magistral *Reflexões sobre a Revolução em França*:

O preconceito é de pronta aplicação em casos de emergência; tendo anteriormente envolvido a mente num curso seguro de sabedoria e virtude, não permitindo que o homem, no momento da decisão, hesite cética, embaraçada ou irresolutamente. Graças ao preconceito a virtude se torna hábito — e não uma série de atos desconexos — e o dever, uma parte de nossa natureza.

Claro que o ideal é submeter as ideias ao crivo de nossa razão, principalmente aquelas mais importantes e relevantes em nossas vidas. Como disse Sêneca: “Se queres submeter tudo a ti mesmo, submete-te primeiro à razão.” Perfeito. Cabe perguntar, entretanto: quem pode submeter *tudo* a si mesmo?

Essa pessoa teria de dominar profundamente todos os campos da ciência, filosofia, ética, medicina, direito, economia etc. Enfim, teria de ser aquele Deus em forma humana citado antes. O colega da esquerda caviar se acha um Deus desses? Os liberais são mais humildes...

Alguns preconceitos serão inevitáveis em nossas vidas. Isso não coloca todo preconceito em pé de igualdade, tampouco é uma justificativa para os sentimentos mais tribais que vemos por aí. Mas é, sim, um alerta contra certo tipo de gente que *alega* não ter preconceito algum, que não abraça ideologia alguma ou visão de mundo, que fala somente em nome da razão prática. Esses, paradoxalmente, costumam ser os mais preconceituosos e ideológicos de todos.

Proponho um caso hipotético. Suponha que sua filha adolescente chegue em casa com um sujeito com vários *piercings* espalhados pelo rosto e com o corpo cheio de tatuagens. Isso seria *indiferente* a se ela chegasse com um rapaz de *aparência* mais normal? Claro que o primeiro *pode* ser muito melhor que o segundo; e *pode* ser uma pessoa com valores mais sólidos, que tratará sua filha com mais respeito. Mas é absolutamente justificável o pai ligar o alerta em dobro e ficar desconfiado. Quem nega isso mente.

Abro um parêntese aqui: confesso que poderia ser muito pior, como um garoto que usasse boina e uma camisa de Che Guevara. Nesse caso, contudo, não seria preconceito, e sim pós-conceito, pois está provado que apenas um idiota útil idolatra o facínora argentino. Fecho o parêntese.

A mentira, para os outros ou para si próprio, é uma das marcas registradas da esquerda caviar, como já vimos. Dalrymple resume o fenômeno, que observou ao longo de sua experiência:

A julgar pelo autorrelato, nunca vivemos em tempos tão sem preconceitos, com tantas pessoas no controle completo de suas próprias opiniões, que são, como resultado, totalmente sanas, racionais e benevolentes.

Sei... Sejamos mais sinceros: os seres humanos andam em tribos, e essas costumam ter certas manias. O rótulo simplifica e é arriscado, pode ser injusto muitas vezes, em casos isolados, mas serve também para facilitar a identificação. Sabemos quem é de qual tribo aproximadamente, com um simples olhar.

A embalagem terá ligação com o conteúdo mais do que o contrário. O preconceito é uma forma que o ser humano encontrou para agilizar esse julgamento, ainda que possa se mostrar errado depois. Um rapaz com *dread* no cabelo e uma camisa do Bob Marley *pode* ser um advogado renomado, mas eu apostaria grana em que, socialmente, pertence ao grupo das rodinhas de maconha, em que o baseado, cujo conteúdo fora comprado de um traficante, passa de mão em mão enquanto se discutem soluções pacíficas para os males da humanidade.

Mais exemplos de preconceitos que podem ser úteis? Você vê um sujeito com um turbante na cabeça e uma mochila nas costas entrando em uma sinagoga. O que você faz? Veja bem: é claro que *pode* ser apenas um muçulmano da paz, um turista indo conhecer um templo de uma importante religião diferente. Mas será absurdo ter preconceito e ficar desconfiado?

Outra: você está em seu carro, parado em um sinal de trânsito, de madrugada, e um sujeito descamisado se aproxima rapidamente de seu veículo. É preconceito contra os pobres arrancar com o carro? Pode ser, pois ainda não sabe nada dele, e *talvez* se trate somente de um coitado em busca de ajuda. Mas há certamente sabedoria no preconceito de não esperar para descobrir...

Todos possuem uma visão de mundo, independentemente de como tenha sido formada (espera-se que com boa dose de reflexão e questionamentos, assim como bastante foco nos dados empíricos). Se essa visão ou ideologia passa no teste da realidade ou não, é outra questão. Pela complexidade da vida, haverá espaço para diferentes interpretações em temas mais polêmicos.

O que parece arrogante é o entendimento de que somente *seu* ponto de vista seja desprovido de preconceito ou ideologia, de modo que todos aqueles que discordam de você são e serão vítimas dessas armadilhas. Esta postura é típica dos progressistas modernos que se afirmam isentos de viés ideológico, e que reagem somente aos “fatos” e à sua razão (ou seria racionalização?).

Um ícone dessa turma é o presidente americano Barack Obama, que repete com frequência estar blindado contra tais preconceitos, agindo somente de acordo com aquilo que funciona na prática. Obama tem claramente uma visão de mundo, aquela alinhada ao socialismo *light* europeu, especialmente da França. Mas tenta posar como um ser pragmático e acima desses dogmas políticos. Só convence os fãs bobinhos da esquerda caviar.

De fato, basta verificar como a esquerda, que prega diversidade e ausência de preconceitos, costuma demonstrar ódio aos diferentes, como os capitalistas liberais, por exemplo. “Não somos preconceituosos, desde que não se trate de um capitalista porco e insensível”, poderiam dizer, se fossem mais honestos. Já vimos, entretanto, que a honestidade não lhes é exatamente o ponto forte.

Thomas Sowell alfinetou: “Da próxima vez que alguns acadêmicos lhe falarem o quão importante

é a diversidade, pergunte quantos Republicanos existem no seu departamento de sociologia.” Uma pesquisa realizada em 2005, apenas para efeito de ilustração, mostrou que 72% dos professores universitários americanos se consideravam de esquerda, e apenas 15% se descreviam como conservadores. O filósofo Pondé também provocou essa postura esquerdista “isenta” de preconceitos:

Hoje em dia, num mundo em que todo o mundo diz que não tem preconceito, o único preconceito aceito pelos inteligentinhos é contra a igreja: opressora, machista, medieval...

Em Hollywood, por exemplo, nenhum gay precisa de coragem para sair do armário. Eles já saíram há muito tempo, e tomaram conta do show. Já um conservador... Precisa-se de muita coragem para se assumir um conservador por lá. Eleitor do Partido Republicano, então, nem se fala. Religioso cristão, ainda por cima? Aí tem de ser macho de verdade, pois corre o risco de total ostracismo e até de boicote na carreira, como mostra James Hirszen em *Tales From the Left Coast*. São vários casos relatados.

Mel Gibson foi um que sofreu na pele esse preconceito quando resolveu produzir o filme *A paixão de Cristo*. Até seu pai de 85 anos seria investigado pela patrulha, que só tolera uma opinião sobre o tema: aquela pejorativa, que retrata a crença cristã como algo ultrapassado. O ator James Caviezel, que interpretou Cristo e estava em meteórica ascensão na carreira, foi colocado na geladeira e não conseguiu mais papéis de muito destaque. É o preço por resolver adotar ao pé da letra a ideia de “diversidade”, defendida pela esquerda.

Ninguém é uma tábula rasa capaz de processar do zero tudo que importa na vida. Todos nós, inevitavelmente, teremos nossa cota de preconceitos. É importante, então, tentar escolher *bons* preconceitos, em vez daqueles que alimentam os nossos piores sentimentos.

O ideal é que cada um possa ter, principalmente no que concerne a aspectos morais, exemplos de decência em suas vidas, e não os de artistas que vivem de forma absolutamente questionável, com práticas e condutas excêntricas e tantas vezes condenáveis. Educamos nossos filhos com certos preconceitos, transferindo pensamentos e valores absorvidos, que freiam seus apetites instintivos e sem os quais seríamos governados por caprichos apenas.

Um claro exemplo disso é a família como instituição. No limite da razão, com base no individualismo exacerbado, poderíamos concluir que não passa de uma besteira, de um preconceito de tempos passados. Países socialistas tentaram destruir o núcleo familiar. Outros argumentam que se trata de um conceito ocidental moderno, e que não há nada de “sagrado” nisso.

A família tradicional, no entanto, tem se mostrado um bastião para preservar a liberdade, inclusive individual. Em *Admirável mundo novo*, Huxley retrata uma distopia em que a família

desapareceu e a figura da mãe não importa mais. Aqui, como alhures, talvez Huxley tenha sido profético: saímos de uma época em que havia um preconceito favorável à família para uma em que há preconceito contra ela.

Faz-se necessário respeitar a sabedoria dos antepassados, presente em hábitos e costumes, compilados na tradição. Devemos, sim, julgar tais tradições à luz de nossa própria razão *sempre que possível*, reconhecendo, porém, os limites evidentes dessa empreitada, ou seja, evitando o risco da arrogância fatal, daquilo que os gregos chamavam *húbris*.

E devemos tomar cuidado para não cair na tentação do relativismo covarde, típico dos progressistas de boutique. Ao “suspenderem” o julgamento sobre as coisas, estão, na verdade, condenando o que é bom e decente e enaltecendo o que é ruim e podre. Se tudo é especial, nada é especial. Se tudo é arte, nada é arte. No campo da estética, como em outros, a discriminação é fundamental para o lixo não triunfar.

Há um comercial antigo da Coca-Cola de que gosto muito. Um bando de “intelectuais” metidos à besta observa com ar de superioridade um quadro em um museu. Detalhe: trata-se de uma tela toda preta, nada mais. O suficiente para que a esquerda caviar coce o queixo e sacuda a cabeça em sinal de aprovação, supostamente pela “profundidade” daquela mensagem. Por trás do grupo passa uma moça bonita. Enquanto abre uma latinha de refrigerante, solta a única expressão racional diante daquela cena: “Eu, hein!”

A elite culpada gosta ainda de glamorizar o lixo cultural, o que há de pior, em nome desse combate ao preconceito. Foi dessa forma que o rap e o funk, com suas letras quase sempre misóginas, racistas, chulas ou violentas, conquistaram as classes média e alta nos Estados Unidos, na Inglaterra e no Brasil. Alguém realmente pensa que Mozart e Tati Quebra-Barraco são “apenas diferentes”, uma simples questão de gosto?

O cantor Lobão, que não costuma poupar críticas à esquerda caviar, foi direto ao ponto em uma entrevista ao jornal *O Globo*, resumindo essa mania nacional de enaltecer o que temos de pior:

A gente, brasileiro, nunca foi tão malandro, tão guarani-kaiowá, tão riponga, tão chulé como agora. Você vê as ruas quebradas, as pessoas se divertindo com passatempos de quinta categoria, músicas que só podem causar atrofia no cerebelo e, na política, militantes que são a coisa mais cafona, mais rastaquera que há. É uma farofada: aquela coisa linguça com cachaça, sandália de couro, barbicha... de última. Amamos a pobreza. O bom regime não é nivelar por baixo, na laje da Barbie. É justamente chamar todo mundo para a prosperidade. É ganhar o Nobel de ciência, literatura, economia... Ou, então, vai ficar exportando bunda, axé, pagode, coisas de terceira categoria.

Ortega y Gasset, escrevendo na década de 1930, já antecipara o fenômeno ao constatar: “A característica do momento é que a alma vulgar, sabendo que é vulgar, tem a coragem de afirmar o direito da vulgaridade e o impõe em toda parte.” A elite covarde, com medo de confrontar essa massa, acaba endossando a porcaria. Como constatou Roger Kimball em *The Long March*:

A emancipação acadêmica da cultura popular significou não só que o lixo tem sido confundido com grande arte, mas

também que a grande arte tem sido tratada como se fosse lixo.

A inveja também pode estar por trás dessa tendência. Se você não é capaz de produzir coisas bonitas, e morre de inveja daqueles que conseguem, que caminho é mais fácil para atacar e destruir o belo do que afirmar que não existe, que não podemos, de forma minimamente objetiva, distinguir a beleza da feiura? Mata-se a estética! Como diz Reinaldo Arenas, escritor e dissidente cubano, em *Antes que anoiteça*:

A beleza sob um sistema ditatorial é sempre dissidente, porque toda ditadura é por si mesma antiestética, grotesca; praticá-la representa, para o ditador e seus agentes, uma atitude escapista ou reacionária.

Isso vale para a ditadura velada do politicamente correto também. Em nome da “democratização” da cultura, a esquerda caviar sobe o morro e abraça o gueto, assumindo que tudo que vem desses lugares é ótimo. Vejam como é lindo a menina de doze anos que rebola até o chão quase nua! Está apenas se expressando, e quem somos nós, pequeno-burgueses, para condenarmos isso? Seria puro moralismo e elitismo. Puro preconceito.

A novela da TV Globo, “Salve Jorge”, de Glória Perez, tinha claramente o papel de enaltecer as favelas. Em uma cena, a personagem de Dira Paes “ensinava” a uma criança que os bailes funks eram um programa superfamília, e que aqueles que diziam o contrário o faziam por puro preconceito.

O funk ganhou as classes média e alta. Uma reportagem no jornal *O Globo* mostrou a ascensão meteórica da juventude funkeira. Festas de debutantes pagam altos cachês, que ajudam a enriquecer os “músicos” do pancadão. São os “novos ricos” achando o máximo que suas filhas ainda sequer adolescentes rebolem até o chão em shorts minúsculos, ao som de batidas pobres com letras horrendas.

A atriz Regina Casé é outra que adora elogiar tudo que vem do morro, valorizar a pobreza, enquanto vive na maior riqueza. Quase nos convence de que ser pobre é a melhor coisa do mundo! Mas ela mesma não parece tão convencida, pois prefere morar no Leblon, o metro quadrado mais caro do país, e descansar em Angra dos Reis, paraíso da elite.

Em seu programa “Esquenta!”, na TV Globo, Regina cede espaço a todo tipo de vitimização. Um ex-traficante, por exemplo, pode explicar que caiu no crime porque queria uma geladeira cheia de iogurte como a do traficante do local onde morava, e você quase sente pena do pobrezinho.

Em seguida, quase na mesma frase, a apresentadora cai em contradição, primeiro ao afirmar que não existe mais distinção entre periferia e centro, e logo depois ao dizer que nós, do centro urbano, precisamos aprender com o povo da periferia, pois o “novo” estaria lá. Pelo visto, fazer distinção

ainda é válido quando para enaltecer os guetos.

A cantora Preta Gil reforça o coreto. Costuma cantar em seus shows músicas com letras profundas como “Dako é bom”, fazendo trocadilho com uma marca de fôgão e o sexo anal. Essa é a parte leve. Outros exemplo, ainda mais torpes, podem ser facilmente vistos no YouTube.

Preta Gil foi acusada pelo deputado Jair Bolsonaro de “promíscua” e se protegeu com o ataque, sempre a melhor defesa, típico da esquerda caviar: acusou o deputado de racismo. Como se promiscuidade tivesse alguma coisa a ver com a cor da pele. Detalhe: em algumas ocasiões, a cantora destilou sua *finesse* no palco ao lado do pai, ninguém menos que Gilberto Gil, ex-ministro da Cultura no governo Lula.

O queridinho da esquerda caviar carioca, deputado Marcelo Freixo, do PSOL, criou a “Lei do Funk”, que dá status de movimento cultural e musical de caráter popular ao funk. O governo — leia-se você, por meio dos impostos, prezado leitor — destinou R\$ 500 mil para a turma. Em seu blog, Freixo escreveu, na data de comemoração de dois anos da lei:

O mandato parabeniza o movimento dos funkeiros e se coloca à disposição nas trincheiras de batalha contra os preconceitos, os estereótipos e os estigmas endereçados ao funk. Vem que vem “a playboyzada e os manos do morrão”.

Que lindo! Preconceito é coisa de reacionário — não vamos esquecer. Progressistas acham legal quando rola até sexo oral em show, como já ocorreu. Ou quando funkeiros arrancam a calcinha de uma mulher no meio do palco e passam as mãos em suas partes íntimas, como também aconteceu, num show do Mc Magrinho no Rio. Tudo em nome da “modernidade” sem preconceitos.

O ápice do absurdo se deu quando Mariana Gomes, de 24 anos, passou em segundo lugar na pós-graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, com o projeto “My pussy é poder — a representação feminina através do funk no Rio de Janeiro: identidade, feminismo e indústria cultural”. Uma mestrando que pretende falar sobre Tati Quebra-Barraco e Valesca Popozuda...

Estamos perdidos mesmo! Enquanto outros países investem na formação de engenheiros, eis que o Brasil destina recursos públicos para a área de “humanas”, que entrega, em contrapartida, teses como essa, absolutamente inúteis, na melhor das hipóteses. Mas ai de quem criticar isso publicamente. Preconceito!

Essa postura relativista e covarde, que visa ao ataque dos valores decentes, acaba prejudicando justamente os mais pobres, como sempre acontece com as bandeiras dos progressistas modernos. Corrigir erros de linguagem passa a ser preconceito. Logo, devemos aceitar cada um do seu jeito, falando à sua maneira. Só que esse “aprendizado” equivocado custará caro no futuro, na hora de arrumar um emprego.

Não sei quanto ao leitor, mas, entre duas candidatas ao posto de secretária, eu escolheria aquela que fala direito, e não a que diz “nós pega o peixe”. Ao se aceitar qualquer alternativa como igualmente válida, criam-se castas em nome do relativismo linguístico e cultural. É preconceito, no entanto, constatar isso no mundo de hoje, onde o ex-presidente do Brasil tem orgulho da própria ignorância e onde qualquer crítica a ele, mesmo que ligada à corrupção, significa apenas mais uma prova do preconceito das elites.

As patricinhas vão aos galpões das escolas de samba das comunidades, encaram os bailes funks mais arrumadinhos nas boas vizinhanças e depois retornam para suas vidas confortáveis e seguras, enquanto os moradores dessas comunidades precisam viver nas favelas inseguras, onde não há glamour na violência contra a polícia ou a mulher, tantas vezes cantada nas músicas que eletrizam as pistas.

Sem falar que muitas meninas moradoras das favelas viram mães solteiras e adolescentes, criando um enorme problema social, tudo devidamente estimulado pela “cultura” vanguardista. Não é preciso ser um carola moralista para se arrepiar com tudo isso. Os moderninhos se modernizaram demais, mas deveriam ler o poeminha de Millôr Fernandes em homenagem ao hiperavanguardismo:

*Tão pra frente, tão pra frente
Que nunca fez como a gente
Que sempre chega atrasado.
Mas uma vez, desesperado,
Viu que tinha exagerado,
No passar pra trás, no tempo,
Mesmo os mais avanguardantes;
Pois saiu de casa um dia
E voltou um dia antes.*

Passou a ser chique o rico imitar o favelado no estilo, enquanto o costume tradicional sempre foi o das classes mais baixas imitarem as mais altas, supostamente mais refinadas. As elites enchem o corpo de tatuagens e piercings, escutam as músicas dos guetos e acham *cool* falar errado. Não seria mais saudável antes, quando a turma dos guetos queria subir na vida e adotar o mesmo comportamento dos ricos?

A proliferação de funkeiros é um fenômeno impressionante. Basta fazer uma pesquisa por MC, que ironicamente significa “mestre de cerimônia”. Vários com milhões de visualizações no YouTube, cantando suas músicas com português todo errado e conteúdo ainda pior que a forma. Convido o

leitor a fazer um rápido passeio pela internet para ter ideia do que falo e comprovar que não exagero quando digo que essas músicas não são exatamente algo que possamos chamar de decente.

Lembre-se, porém, de que a esquerda caviar não admite preconceitos. Logo, um baile funk ou um concerto de ópera são equivalentes do ponto de vista cultural. Afirmar o contrário é odiar os pobres. Curiosamente, aqueles que “amam” os pobres acabam os condenando à permanência no atraso. Como disse Theodore Dalrymple em *Life at the Bottom*:

A vida nas favelas britânicas demonstra o que acontece quando a população em geral, bem como as autoridades, perde toda a fé em uma hierarquia de valores. Todos os tipos de patologia resultam disso: onde o conhecimento não é preferível à ignorância e a alta cultura à baixa, o inteligente e o sensível sofrem uma completa perda de significado. O inteligente se autodestrói; o sensível se desespera. E onde a sensibilidade decente não é alimentada, estimulada, apoiada, ou protegida, a brutalidade abunda.

Se é assim nas “favelas” britânicas, imagine nas nossas! O clima hostil à conduta mais refinada, aos que se esforçam para aprender melhores modos e a falar corretamente, cria um ambiente nefasto para quem se destaca positivamente, nivelando por baixo e condenando todos à permanência na casta inferior.

Claro que uma cultura artística mais elevada (sim, isso existe) não se impõe por decreto estatal, tampouco com canetadas do governo. Somente a gradual educação fará com que o público em geral melhore seus padrões de gosto. Mas é imprescindível reconhecer que estética é coisa séria. A velha máxima diz que *de gustibus non est disputandum*. De fato, gosto não se discute; apenas se lamenta!

Aliás, volto a Millôr, que também escreveu um poeminha interessante sobre isso:

*Mesmo dito com cuidado
Sem qualquer provocação
“De gosto não se discute”
Traz logo uma discussão.*

O filósofo escocês David Hume se debruçou nessa questão em seus *Ensaio morais, políticos e literários*. É possível definir o bom gosto? Quem saberia dizer? Em uma passagem, diz:

Verificamos assim que, em meio à variedade e ao capricho dos gostos, existem determinados princípios gerais de aprovação ou censura cuja influência pode ser detectada por um olhar atento em todas as operações do espírito. Existem certas formas ou qualidades que, devido à estrutura original da constituição interna do espírito, estão destinadas a agradar, e outras a desagradar.

Ou seja, haveria o belo e o feio, segundo Hume. Mas como separar o joio do trigo? Ele arrisca uma

resposta:

Somente o bom senso, ligado à delicadeza do sentimento, aprimorado pela prática, aperfeiçoado pela comparação e livre de qualquer preconceito, pode conferir aos críticos aquela valiosa personalidade; e o veredicto conjunto daqueles que a possuem, onde quer que se encontrem, constitui o verdadeiro padrão do gosto e da beleza.

Como quase tudo na vida, a prática traz a excelência. É verdade que, sem vocação e talento, não adianta praticar, mesmo por décadas. A prática, contudo, é necessária para que o talento desabroche. Malcolm Gladwell, em seu livro *Outliers — fora de série*, sustenta a tese de que o sucesso tem forte ligação com a prática. Demonstra, em casos empíricos, aquilo que Thomas Edison, talvez exagerando na dose, já sabia: “A genialidade é 1% inspiração e 99% transpiração.”

Clássicos de literatura não o são à toa, assim como uma ópera famosa não é fruto de uma roda de amigos regada a cerveja, como costuma ser um sambinha com rimas pobres. A sensibilidade e o grau de desenvolvimento intelectual que mobilizados pela apreciação de um bom clássico de literatura não podem ser comparados àqueles exigidos para “degustar” o best-seller *Cinquenta tons de cinza*.

Continuamos com o problema de *como* identificar os melhores — um desafio e tanto. Mas avançamos muito se, ao menos, reconhecermos que existem. E Hume, novamente, foi sincero ao constatar o que é negado pela esquerda caviar hoje. Disse:

Para nossos objetivos, é suficiente demonstrar aqui que não é possível pôr no mesmo patamar o gosto de todos os indivíduos, e que geralmente alguns homens, por mais difícil que seja identificá-los com rigor, devem ser reconhecidos pela opinião universal como merecedores de preferência, acima de outros.

É por isso que existem os “formadores de opinião”. Infelizmente, a esquerda caviar, como elite, mais parece um grupo de “deformadores”, influenciando negativamente aqueles leigos que aspiram a aprender e evoluir. Se negarmos que há alguma distinção objetiva na arte, então decretaremos sua morte.

Um borrão de tinta feito por uma criança de três anos e um Kandinsky serão equivalentes, simples questão de gosto. Uma caca de cachorro pendurada na parede e um Modigliani serão iguais. Um quadro de Vermeer ou um grafitismo no muro da favela serão similares. Alguém está disposto a defender isso, de verdade?

Não nego que arte seja algo bem pessoal. Não é essa a questão. O ponto é que *existe* a distinção entre o belo e o feio, entre o bom e o lixo. Dentro do que seja bom, decidir o que é *melhor* será, sim, algo bastante subjetivo. Uns preferirão Mozart, outros Beethoven. Uns, Dostoiévski; outros, Kafka. Mas não comparemos lixo com a verdadeira arte.

O ponto principal aqui não é ridicularizar as escolhas das classes mais baixas, tampouco defender alguma intervenção estatal que as influencie. A questão é que, em nome do fim absoluto dos preconceitos (e até pós-conceitos), as pessoas perderam a capacidade de constatar obviedades

ululantes. E, ao enaltecer as porcarias, estão condenando as verdadeiras obras de arte e impedindo os mais pobres de evoluir esteticamente e artisticamente.

Em suma, devemos nos manter sempre cautelosos com aqueles que juram não ter nenhum tipo de preconceito ou ideologia. Desses tipos, confesso alimentar profundo preconceito!

As minorias

Todo burocrata da compaixão precisa de vítimas sociais para garantir o ganha-pão, assim como todo esquerdista caviar necessita de seus mascotes. Os grandes defensores dos fracos e oprimidos precisam de fracos e oprimidos, nem que seja necessário criá-los. Surgem, então, as “minorias vitimizadas”.

A visão coletivista da esquerda enxerga o mundo de modo maniqueísta, e cria categorias predominantes com base em uma única característica, que forma o indivíduo. Cada um tem um gênero, uma cor de pele, uma classe social, uma etnia, uma preferência sexual. O coletivista é aquele que seleciona *um* desses elementos e diz que somente ele é relevante. O resto não importa.

Além disso, o coletivista costuma apelar para aquilo que Ludwig von Mises chamou de “polilogismo”, ou seja, existiriam lógicas distintas para cada grupo. O pensamento de classe, ou sexo, ou raça, importando apenas a identidade grupal. Como disse Ortega y Gasset: “Para se formar uma minoria, seja qual for, é preciso que, antes, cada um se separe da multidão por razões especiais, relativamente individuais.”

O coletivista não quer saber disso. O racista enxerga somente “raças”, o socialista, somente classes, a feminista, apenas gênero. Não importa que entre dois negros possa haver mais diferenças que entre um negro e um branco. Não importa que um trabalhador humilde possa ser liberal, enquanto um rico banqueiro defenda o socialismo. Não importa que algumas mulheres possam diferir entre si como a água e o óleo.

Freud já tinha explicado, em um texto sobre as exceções, a tendência que alguns demonstram de querer gozar no lugar de vítima:

Quando, dessa maneira, pedimos ao paciente que renuncie provisoriamente a alguma satisfação agradável, que faça um sacrifício, que se mostre disposto a aceitar um sofrimento temporário a fim de chegar a um resultado melhor, ou mesmo, simplesmente, que se decida a se submeter a uma necessidade que se aplica a todos, encontramos indivíduos que resistem a esse apelo por um motivo especial. Dizem que já renunciaram bastante e já sofreram bastante e têm direito de ser poupados de quaisquer outras exigências; não se submeterão mais a qualquer necessidade desagradável, pois são exceções e, além disso, pretendem continuar assim. Nesse tipo de paciente essa reivindicação se transforma na convicção de que uma providência especial vela por ele, protegendo-o de quaisquer sacrifícios penosos dessa natureza.

Freud falava de indivíduos neuróticos. Agora, imagine isso elevado à décima potência e transformado em vitimização grupal, de modo que bastaria nascer parte de alguma “minorias” para merecer privilégios. É a era moderna, que separa o mundo em opressores e oprimidos com base em

abstrações coletivas.

Essa visão cresceu de forma assustadora na década de 1970 nas universidades americanas. Bruce Bawer, em *The Victims' Revolution*, argumenta que o desconstrutivismo de Derrida e o relativismo cultural de antropólogos como Franz Boas — que, em nome do fim do preconceito, venderam a ideia de que não haveria cultura superior — criaram um clima de desprezo por todo o histórico de sucesso ocidental, pois seria basicamente o resultado do heroísmo de homens brancos e heterossexuais. Era preciso atacar isso em nome das “minorias oprimidas”. Bawer escreve:

Um dos resultados desse relativismo é o estudo de identidade. O problema, com certeza, não é simplesmente uma fixação patológica sobre a identidade do grupo, mas a preocupação com as injustiças históricas de certos grupos, combinada com uma hostilidade virulenta contra os Estados Unidos, que é constantemente escalado como o vilão principal nas histórias desses grupos e o mundo em geral. [...] Eles foram treinados para reduzir as ricas complexidades e ambiguidades da vida humana a fórmulas simples sobre opressores e oprimidos, capitalistas e trabalhadores, imperialistas ocidentais e suas vítimas não-ocidentais.

O importante é ter um grupo coeso de “minoria” para pintá-lo como discriminado e posar como seu salvador. Bawer, vale notar, é gay, mas repudia essa tendência de vitimização atual. O filósofo Luiz Felipe Pondé, em seu *Guia politicamente incorreto da filosofia*, resumiu a coisa:

A diferença entre a velha esquerda e a nova esquerda é que, para a velha, a classe que salvaria o mundo seria o proletariado (os pobres), enquanto, para a nova, é todo tipo de grupo de “excluídos”: mulheres, negros, gays, aborígenes, índios, marcianos...

Basta o sujeito ser negro para ganhar o rótulo de “excluído” e virar um mascote da esquerda caviar. Claro, se for um conservador como o tão citado Thomas Sowell, vira automaticamente um “traidor” da raça. Se for um presidente de uma grande empresa, um esportista rico e famoso, um juiz ou advogado, tampouco isso importará. Ele segue sendo um oprimido que precisa dos cuidados especiais do governo. A esquerda caviar adora fazer caridade com o esforço alheio, nunca é demais lembrar.

As cotas raciais são, então, criadas, beneficiando a elite negra à custa dos pobres brancos. Em nome do combate ao racismo, fomenta-se a segregação da sociedade com base na... raça! Os resultados não correspondem às expectativas? Estudos mostram que os cotistas apresentam desempenho pior? Há até caso de guerra civil incentivada pela divisão estatal da sociedade em raças?

Nada disso vem ao caso. Nunca é demais lembrar que a esquerda caviar não valoriza tanto as consequências de suas bandeiras quanto a imagem e a sensação de prazer pessoal que produzem. O “lance” é apenas aparecer bem na foto, como um branco consciente que defende a causa negra.

É por isso que livros com dados empíricos, como o do próprio Sowell, sobre o assunto podem ser ignorados. Os que mostram todo o lado negativo das cotas são estraga-prazeres, são chatos que não

querem permitir a onda entorpecente que a elite branca obtém em sua cruzada racial. “Só eu me preocupo com os negros, veja! Eu defendo as cotas. Você é um insensível racista!” E tome monopólio da virtude...

O ator Morgan Freeman, em uma entrevista que circulou bastante pelas redes sociais, deixou o entrevistador sem graça ao retrucar sobre a homenagem ao Dia da Consciência Negra. Disse: “O dia em que pararmos de nos preocupar com consciência negra, amarela ou branca, e nos preocuparmos com a consciência humana, o racismo desaparecerá.” Uma aula para todos aqueles que pensam combater o racismo com artifícios que só reforçam o conceito de raça.

A esquerda caviar não quer saber de lógica ou de dados concretos. A estatística acaba se tornando instrumento de tortura até que os números confessem qualquer coisa. Utiliza-se a média quando interessa, ignorando vários outros aspectos. Se o negro é discriminado *porque* ganha menos, *na média*, então isso quer dizer que o branco é discriminado em relação ao asiático porque este ganha mais, *na média*? Que sinuca de bico...

Pela mesma lógica, poderíamos defender cotas para os baixinhos, pois as estatísticas comprovam que as pessoas mais altas recebem, *na média*, salários maiores. A esquerda caviar é mestre no uso das artimanhas expostas por Darrell Huff em *How to Lie With Statistics*, um livrinho divertido e útil para desmascarar aquelas pessoas que agem como os que levaram Mark Twain a declarar: “Existem mentiras, malditas mentiras, e a estatística.”

O combate ao racismo é bastante seletivo: ignora o ódio aos brancos. Miles Davis, grande ícone do jazz, disse certa vez que, se alguém lhe contasse que tinha somente mais uma hora de vida, passaria esse tempo asfixiando um homem branco. E faria isso com calma e bem devagar. Já Spike Lee, que nunca perde uma oportunidade de expor seu ódio aos brancos, sugeriu que dessem um tiro em Charlton Heston, presidente da National Rifle Association, e ainda especificou o calibre que deveria ser usado.

O ator vencedor do Oscar Jamie Foxx foi na mesma linha. Ele, que ganhou as manchetes dos jornais ao chamar Obama de “nosso senhor e salvador” (amém!), resolveu fazer uma brincadeira no programa “Saturday Night Live” ao comentar sobre seu último filme, *Django Livre*: “Eu mato todas as pessoas brancas no filme. O quão fantástico é isso?” Como diria Galvão Bueno: pode isso, Arnaldo?

Esse “racismo reverso” ficou bastante evidente quando uma *stripper* negra acusou três rapazes brancos de estupro na Duke University, em 2006. O caso era bom demais para ser verdade, pela ótica da marcha dos oprimidos. Ela, uma dançarina negra e pobre; eles, brancos e ricos, jogadores do time de *lacrosse* da faculdade. Um prato cheio aos abutres de plantão, que partiram para um precipitado linchamento moral antes de melhor averiguar os fatos.

Após prisões, muitas acusações virulentas da grande imprensa esquerdista e várias teses de sociólogos, que acusavam os brancos de inclinação ao estupro das pobres negras, ficaria provado

que a moça, cuja reputação não era das melhores, mentira. Além disso, estatísticas oficiais americanas mostram que os casos de estupro ocorrem em proporção infinitamente maior entre homens negros contra mulheres brancas do que entre brancos contra negras.

Mas esses eram apenas fatos, e a esquerda não liga para isso. A ideologia da vitimização precisa vir antes, e, após muita histeria e cobertura enviesada da imprensa, o assunto simplesmente foi deixado de lado, com os jornalistas ávidos pela próxima história quente na qual pintar as minorias como vítimas de brancos ricos e, portanto, malvados.

O melhor exemplo do duplo padrão que resultou da “marcha dos oprimidos” talvez seja comparar a (justa) revolta que gera a simples menção da Ku Klux Klan (KKK) com a absoluta negligência diante dos crimes hediondos praticados pelo grupo Black Panther (Panteras Negras) nos Estados Unidos. Criado em 1966 na Califórnia, o Black Panther se envolveria em diversos crimes, tais como tráfico de drogas, estupro ou assassinato. Como, porém, fazia tudo com cores marxistas, sob o discurso anticapitalista, contava com o aval da esquerda caviar.

Tom Wolfe capturou em seu livro *Radical Chic* a essência desse *beautiful people*, que usa suas milionárias coberturas para levantar fundos para grupos criminosos como o Black Panther. Wolfe é também o autor da novela *A fogueira das vaidades*, que viraria filme, dirigido por Brian De Palma, com Tom Hanks, Bruce Willis, Melanie Griffith e Morgan Freeman. Vaidade, a marca registrada da esquerda caviar.

*

O mesmo duplo padrão vale para o movimento gay. Gayzistas não querem saber de igualdade perante as leis, de liberdade individual e de discrição na vida sexual privada. Isso é coisa de liberal chato. O movimento gay quer muito mais! Quer passeatas bancadas com dinheiro público e que podem ignorar a lei contra o atentado ao pudor, válida somente para heterossexuais.

Esses gays militantes querem abolir o conceito de família tradicional, retirando até mesmo os termos pai e mãe dos documentos oficiais, como sugeriu Marta Suplicy, para não “ofender” os diferentes. Querem inúmeros privilégios. Querem, no limite, prender por homofobia aquele que simplesmente alega *preferir* um filho heterossexual. Crime de opinião: se você não acha legal o homossexualismo, vai em cana!

Duvida? Pensa que exagero? Um comercial da Lupo com Neymar foi acusado de homofobia. O comercial mostrava o atacante de cueca se exibindo para algumas clientes. Porém, quando um homem pede para ver a “cueca sexy do Neymar”, o atacante sai de fininho da loja. Na propaganda, não há nenhuma menção sobre a sexualidade do personagem masculino. Mas as brincadeiras serão vetadas. E aí do homem que quiser expressar sua masculinidade! Isso será visto como grave ofensa aos gays.

A PLC 122, o projeto de lei que trata da homofobia, possui caráter fascista e cria privilégios em

vez de direitos individuais. Sua arbitrariedade faz com que um funcionário gay demitido, ainda que por incompetência, possa acusar seu chefe e processá-lo por homofobia. E como impera a mentalidade da vitimização no Brasil, especialmente na Justiça do Trabalho, claro que ganharia. O ônus da prova ficaria com o patrão, que teria de mostrar que demitiu o sujeito por outro motivo. Mas como fazer isso?

O movimento apelou para o eufemismo também, como de praxe na esquerda caviar. O homossexualismo passa a ser descrito como “relação homoafetiva”. Acho que vou aderir a essa linguagem e chamar a esquerda de “estado afetiva”, em vez de simplesmente autoritária.

O movimento gay tem rompido a preciosa barreira entre público e privado. Poucos se interessam pelo que se passa entre quatro paredes com adultos. Mas isso não basta. Agora é preciso extrapolar a esfera particular e torná-la pública. Em uma passeata dessas, o militante resumiu o *zeitgeist*: “Meu cu é revolucionário!”

Além da perda da privacidade e do pudor, há a questão do limite das “conquistas” sexuais. Na era do “amor moderno”, existem apenas formas diferentes de amar, todas igualmente válidas. Não fica claro qual o limite. Se a pessoa sente atração física por animais, como o personagem de Woody Allen apaixonado por uma cabra, isso é “apenas diferente”?

Pode parecer uma questão absurda, sem ligação com a “libertação” sexual, mas o dilema existe. O trabalhador agrícola Carlos Romero, de 32 anos, preso ao ser flagrado em uma “posição comprometedor” com a jumenta chamada Doodle, disse que a lei da Flórida que proíbe sexo com animais é inconstitucional.

Durante o interrogatório, na prisão, afirmou que fazia sexo com cavalos desde os dezoito anos, e que preferia os equinos devido a sua “forma feminina, comportamento e força bruta”. A zoofilia é imoral ou não, afinal de contas? Quem sou eu para julgar? Não é assim o credo atual? Por que vamos dizer que algo tão ultrapassado como o amor entre um homem e uma mulher é a forma mais normal de amar? Só porque é natural ou tradicional? Nada disso! Vale tudo.

Se a pessoa resolve amar uma multidão e viver em orgias e bacanais, isso é “apenas diferente”? Se resolve “amar” homens hoje, mulheres amanhã e seres indefinidos depois de amanhã, isso também é “apenas diferente”? E o incesto, como fica? Ainda será condenado ou são indivíduos livres, a despeito do parentesco próximo? Convém citar o alerta feito pelo rabino argentino Abraham Skorka, coautor de livro com o atual papa Francisco, em entrevista à revista *Veja*:

Quando se leem *O futuro de uma ilusão*, do austríaco Sigmund Freud, e certas obras do francês Claude Lévi-Strauss, aprende-se que as barreiras que freiam nossos impulsos são necessárias. O incesto, assim como a atitude sexual em geral, deve estar submetido a regras. Por meio dessas leis é que o homem pode formar uma cultura. No momento em que alguém mexe na essência dessas regras, passa-se a corroer as bases, as proibições e as barreiras graças às quais foi possível formar o que conhecemos como cultura humana.

Os libertinos não querem saber de freio algum. Vale tudo! Resta perguntar: não há *nada* mais que seja considerado “bizarro” pela esquerda caviar? Talvez o homem e a mulher casados e fiéis. Se

frequentarem a missa aos domingos então... Aí chama logo os homens de branco, pois é caso de hospício!

O que você gostaria que seu filho fosse ao crescer? “Médico, advogado, economista, bombeiro, ou um traveco, um garoto de programa, tanto faz, são escolhas apenas diferentes.” Eis a resposta “certa” no gabarito do politicamente correto ultrarrelativista de hoje. E aí de quem tiver opinião contrária, de quem ousar *julgar* certas diferenças...

O colunista da *Folha* Hélio Schwartsman recebeu vários e-mails reclamando até do uso do termo “homossexualismo”. Para a patrulha organizada do movimento gay, essa palavra denota patologia. O colunista, de forma bem-humorada, apresentou então centenas de termos que terminam com “ismo” e que não têm ligação alguma com doenças. A verdadeira patologia, como fica evidente, está no autoritarismo desse movimento.

O respeitado historiador Niall Ferguson foi execrado por blogs ao dizer que John Maynard Keynes, o famoso economista, poderia ter cunhado a frase “no longo prazo estaremos todos mortos” por ser gay e não ter filhos, tendo um interesse reduzido num horizonte mais distante. O historiador reconheceu que fora um comentário infeliz ou mesmo estúpido, mas ficou ainda mais chocado com a reação de alguns, que o acusaram de homofóbico e até racista (ele é casado com Ayaan Hirsi Ali, uma negra da Somália). Ferguson constatou:

O que a automeada “polícia da fala” da blogosfera se esquece é que errar ocasionalmente é parte integrante do processo de aprendizagem. E uma das coisas que aprendi com minha estupidez na semana passada é que aqueles que buscam demonizar o erro, ao invés de perdoá-lo, estão entre os inimigos mais insidiosos da liberdade acadêmica.

Douglas Murray, gay assumido, publicou um artigo na *The Spectator* em defesa de seu amigo Ferguson. Ele começa sublinhando a importante distinção de que a esquerda costuma personificar os debates e encarar os oponentes como pessoas ruins, enquanto a direita prefere, normalmente, centrar-se nos argumentos. Basta discordar de algo em relação ao movimento gay para ser tachado de homofóbico pelos esquerdistas.

No final do texto, confessa que o ódio de que já fora alvo por ser gay viera igualmente de pessoas da direita e da esquerda. A verdadeira homofobia não tem cor ideológica. Mas a patrulha ideológica politicamente correta faz vítimas concretas quando, por exemplo, impede que a AIDS seja vista como uma doença que infecta proporcionalmente mais gays que héteros. A ciência a serviço da ideologia nunca pode acabar bem: deixa de ser ciência e vira política.

Quem quiser ter uma ideia melhor da agenda gayzista basta ligar na MTV. No dia da campanha mundial contra a homofobia, lá estava um Guilherme Arantes em fim de carreira, com camisa rosa em que se lia “Gay é OK”, tocando e cantando muito desafinado, ao que se seguiria uma mesa-redonda sobre “homofobia”. E contra o que se mobilizavam? O preconceito de todos aqueles neandertais reacionários que não acham lindo, o máximo, a última moda em Paris, adolescentes que gostam de adolescentes do mesmo sexo.

Detalhe: a faixa etária indicada ao programa era de apenas dez anos. Ou seja, minha filha, com onze, já poderia ver essa maciça campanha em prol não do respeito ao gay como indivíduo, mas do asco e repúdio àquele que, simplesmente, não curte muito essa coisa de homem com homem e prefere um filho heterossexual. Esse é um monstro. Um programa que mostrasse alguém fumando um cigarro teria classificação bem maior, se permitido. Que tristeza!

O debate sobre homofobia ganhou grandes proporções no começo de 2013, quando Silas Malafaia foi entrevistado por Marília Gabriela. O pastor condenou o homossexualismo (enquanto a entrevistadora o “corrigia” o tempo todo, lembrando que é “homossexualidade”). Para ele, um desvio de comportamento, com base em seus valores religiosos. A reação histriônica da esquerda caviar mostraria que é extremamente tolerante e isenta de preconceitos, desde que não se trate de um crente evangélico.

O CRP (Conselho Regional de Psicologia) lançou campanha contra Silas Malafaia, porque ele é formado em psicologia. Em momento algum, porém, o pastor falara como psicólogo. Mas, se você não abraça a cartilha politicamente correta da turma, se não acha linda a relação “homoafetiva”, então é perseguido, é um inimigo e deve ser eliminado.

Os psicólogos alegam que a visão religiosa do pastor fere o código de ética da profissão. No entanto, não perseguem o psicólogo “social” que sobe morro para doutrinar pessoas no marxismo. Claro, o CRP é formado basicamente por esquerdistas que desejam a revolução cultural. Misturar psicologia com ideologia de esquerda pode; com cristianismo, não. Um peso, duas medidas.

Não é preciso gostar do pastor ou das seitas evangélicas para defender Silas Malafaia nessa questão. A turma dos “direitos” das minorias parece querer todos iguais, um pensamento único, monolítico. Como detestam o contraditório! Como odeiam a liberdade! Deveriam levar mais em conta o alerta de Walter Block em *Defendendo o indefensável*: “É fácil ser um defensor da liberdade de expressão quando isso se aplica aos direitos daqueles com quem estamos de acordo.”

Um bom exemplo desse sintoma preocupante — de perda da liberdade de expressão — deu-se em 2013, quando o programa de humor CQC foi alvo de um inquérito policial por fazer piadas de português. A Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi) de São Paulo abriu investigação sobre a denúncia de que o programa teria ofendido a honra da comunidade portuguesa com piadas. Isso, sim, uma piada! E de muito mau gosto...

O líder do CQC, Marcelo Tas, tocou no ponto nevrálgico da coisa: “Estamos entrando em uma

fase surrealista com relação à liberdade de expressão, está na hora de o país debater isso. Só espero que isso não deságue em censura.” Infelizmente, já vivemos sob censura. A praga do politicamente correto corrói nossa sociedade há anos e, tal como um câncer em metástase, avança sobre as células da liberdade de forma cada vez mais rápida.

Participei, com Marcelo Tas, Leandro Narloch e Reinaldo Azevedo, de um painel justamente sobre a liberdade de expressão e o politicamente correto, em 2011, num evento organizado pelo Instituto Millenium. Na ocasião, “brinquei” com Tas, alertando que temia pelo futuro de sua profissão em um mundo cada vez mais hostil ao humor. Como ficaria claro, tinha razão e fui até profético. Só não esperava que fosse tão cedo.

Alguém da velha-guarda consegue imaginar o Costinha fazendo humor hoje? Morreria de fome, pois ninguém o contrataria. Ou então seria preso logo de uma vez. Sempre começava as piadas com um “Era uma vez uma bichinha...”, algo desprovido de maldade, que todos sabiam levar na brincadeira, inclusive os gays. Como as coisas mudaram em espantosa velocidade! Parece que foi ontem...

Os humoristas correm risco quando a afetação das “minorias” torna-se algo impositivo. É triste, muito triste, ver que essa “marcha das minorias oprimidas” tomou conta de tudo, e que o senso de humor é mais uma vítima desse movimento intolerante e autoritário, com cores fascistas. Curiosamente, devemos evitar “blasfêmias” para não ofender os muçulmanos, mas os ateus da esquerda caviar, paranoicos com a religião mais importante ocidental, patrulham-na e atacam-na em nome do “estado laico”.

A militância antirreligiosa do ateísmo moderno parece ter extrapolado, e quem ora diz isso é um ateu. Estado laico é uma coisa, e eu o defendo. Separar, ao máximo, religião e estado foi um avanço da humanidade. Outra coisa, bem diferente, é a paranoia que enxerga qualquer manifestação religiosa em local público como absurda, ou que impede a mensagem de “Feliz Natal” em cartões de empresas para não “ofender” as pessoas de outras crenças. Como escreve Jonah Goldberg em *The Tyranny of Clichés*:

Hoje você poderia argumentar — e se você não fizer isso eu farei — que o projeto de limpar a religião da esfera pública foi longe demais. Enquanto antes estávamos habituados a ter feriados nacionais de oração e jejum, agora estamos quase no ponto em que temos uma crise constitucional se uma criança diz “Deus te abençoe” para um professor do ensino público que está espirrando.

Outro pastor, o deputado Marco Feliciano, também causaria celeuma ao assumir a Comissão de Direitos Humanos para Minorias na Câmara. Tal comissão, registre-se, é algo que sequer deveria existir, pois todos devem ser vistos como cidadãos brasileiros, sob o império de leis isonômicas. Mas a esquerda caviar tomava conta dela até então. E entrou em pânico quando Feliciano a assumiu.

Ele dera declarações racistas e homofóbicas, e houve muita pressão das minorias organizadas por sua renúncia.

O movimento, porém, deu claros sinais de não respeitar a democracia representativa, uma vez que o deputado fora eleito com mais de 200 mil votos e tinha legitimidade para o cargo. Feliciano, aliás, teve quinze vezes mais votos que Jean Wyllys, o líder da bancada oposicionista e membro do PSOL, que discursa em nome da tolerância, mas não admite o contraditório. Começou uma forte campanha nas redes sociais, em que as pessoas diziam que Feliciano não os representava. Minha resposta a essa mobilização seria a seguinte:

Sou brasileiro e Marco Feliciano não me representa. Nem Jean Wyllys. Nem o PT. Nem o PSDB. Nem o Sarney e o PMDB. Muito menos o PSOL. Mas sei que vivo em uma democracia, que ela é muito imperfeita, mas superior às alternativas autoritárias. E que, por isso, preciso respeitar as regras do jogo, entender que essa gente representa OUTROS brasileiros, e que, se eu quiser mudar isso, devo fazê-lo pelas vias legais e democráticas, e não no grito, na ameaça de violência e na intimidação.

É absolutamente justificável que se execrem as posturas do pastor. Eu mesmo o faço. É do jogo. O que *não* é do jogo é pensar que pode governar no grito, subindo em mesas, ameaçando agredir. E foi justamente isso que um raivoso grupo organizado fez, com o suporte de artistas como Caetano Veloso, Preta Gil e Wagner Moura. Os de sempre.

A turma mostrou cartazes com os dizeres de que não compunha a minoria e tinha o apoio da nação. Ora, se não é minoria, então por que comissão para minorias? Só quando interessa é que vale a “marcha das minorias oprimidas”? Logo depois as “minorias” se tornam maioria, para chutar pela porta dos fundos a minoria dos evangélicos? Haja contradição!

Chamou a atenção também a enorme seletividade dos revoltados. Dedicaram uma energia incrível ao caso Feliciano, mas não vimos um único desses atores ou dos movimentos sociais nas ruas contra a presença de mensaleiros condenados pelo STF na Comissão de Constituição e Justiça (!), ou então demandando a prisão imediata do também condenado “chefe de quadrilha” José Dirceu.

Prioridades esquisitas. O próprio pastor daria um xeque-mate nessa gente ao afirmar que renunciaria se os mensaleiros também o fizessem. Não vimos passeatas da esquerda caviar pela renúncia dos mensaleiros, e os ataques a Feliciano rapidamente minguaram.

Na verdade, intelectuais e artistas da esquerda caviar fizeram de tudo para *justificar* os atos dos mensaleiros, como sempre procedem ante as atrocidades socialistas. Carlos Alberto Sardenberg, em um artigo chamado “Roubar pelo povo”, expôs dois exemplos dessa patética tentativa de blindar o réu condenado:

Fica assim, pois: José Dirceu não é corrupto, nem quadrilheiro — mas participou da corrupção e da quadrilha porque, se não o fizesse, não haveria como aplicar o programa popular do PT. Como se chega a esse incrível quebra-galho teórico? Fernanda Torres oferece uma pista quando comenta que o PT se toma como o partido do povo brasileiro. Ora, segue-se, se as elites são um bando de ladrões agindo contra o povo, qual o problema de roubar “a favor do povo”? Renato Janine Ribeiro trabalha na mesma tese, acrescentando casos de governos de esquerda bem-sucedidos, e corruptos. Não fica

claro se são bem-sucedidos “apesar” de corruptos ou, ao contrário, por serem corruptos. Mas é para esta última tese que o autor se inclina.

Fernanda Montenegro, a grande atriz e mãe de Fernanda Torres, decidiu protestar contra o pastor Feliciano dando um beijo na boca de outra atriz. Enquanto isso, sua filha prefere usar seu precioso espaço na *Folha* para levantar teses que aliviam a culpa de José Dirceu no cartório. Parece que defender o movimento gay é mesmo a coisa mais importante do universo para essas pessoas, algo infinitamente mais relevante do que condenar a corrupção.

O exagero do movimento gay no Brasil ficou tão evidente que pariu uma piada: antes, era terrível ser gay; depois, passou a ser aceitável; em seguida, virou algo totalmente *cool*; e eu vou embora daqui antes que passe a ser obrigatório! Piada à parte, o fato é que, hoje, o jovem que não é ao menos afeminado, metrosssexual, está completamente fora de moda. Vivemos na geração Justin Bieber.

A agenda gay anda tão influente nas artes e no entretenimento que conseguiu até emplacar um Wolverine gay! Wolverine, para quem não sabe, é aquele X-Man machão, uma espécie de “Marlboro Man” com garras de adamantium. Mas a Marvel fez com que protagonizasse um beijo gay com Hércules em uma de suas histórias em quadrinhos. Estão detonando os ícones de masculinidade da garotada. Quem será o próximo a sair do armário? Hulk? Thor? Não é à toa que muitos chamam o movimento de “Gaystapo”...

Existem diversos homossexuais que não querem saber dessas lutas politizadas e coletivistas do movimento gay, abraçadas pela esquerda caviar. São pessoas que gostariam de seguir suas vidas normalmente, apenas com suas escolhas sexuais diferentes e resguardadas, como assunto de foro íntimo. Esses contam com o apoio dos liberais.

É o caso de Justin Raimondo, que escreveu um excelente artigo para a revista *The American Enterprise*, um homossexual que rejeita os “direitos homossexuais”. O texto foi traduzido e publicado em um blog chamado “Gays de Direita”. Justin se mostra preocupado com essa politização da causa, e acredita que o tiro sairá pela culatra, prejudicando os próprios gays. Diz:

[...] algo fez com que o movimento gay se desviasse deste objetivo originário. Hoje, o intitulado movimento pelos direitos homossexuais vê o governo como o provedor, e não o inimigo, da liberdade. Da medicina socializada, passando pela legislação antidiscriminação e chegando às aulas obrigatórias de “tolerância” nas escolas, não há qualquer tipo de iniciativa para incrementar o poder governamental que estes supostos guerreiros da liberdade não apoiem.

Raimondo rejeita ainda a vitimização de seus colegas gays, assim como a transformação de qualquer reação normal em “homofobia”. Vai direto ao ponto:

Os homossexuais devem rejeitar a ideia disparatada de que eles são oprimidos pelo “heterossexualismo”, uma ideologia vil que subordina e denigre homossexuais ao insistir no papel central da heterossexualidade na cultura humana. Não se pode fugir da biologia humana, por mais que tal projeto possa seduzir acadêmicos alienados que imaginam que a sexualidade humana é uma “construção social” alterável à vontade. Homossexuais são e serão sempre uma raridade, uma pequena minoria necessariamente à margem da família tradicional.

Eis a solução que apresenta para o “problema” dos gays na sociedade:

Ao invés [*sic*] do moralismo da “visibilidade” gay, uma solução sensata para a Questão Homossexual seria uma convocação de retorno aos deleites da vida privada, uma redescoberta da discrição ou mesmo do anonimato. A politização da vida cotidiana — do sexo e das instituições culturais fundamentais — é uma tendência a que devemos resistir com tenacidade: não apenas os homossexuais, mas os amantes da liberdade em todas as esferas de realização humana.

Eu já recebi mensagens assim, de homossexuais que concordam com meus ataques ao movimento gay. A doutrinação infantil, por exemplo, merece duras críticas. O que ficaria conhecido como “Kit Gay”, na época em que o atual prefeito de São Paulo Fernando Haddad era ministro da Educação, representa uma agenda claramente ideológica e autoritária, afrontando as famílias que não desejam seus filhos expostos, na tenra idade, às ideias subversivas dos governantes.

Mas, claro, esses homossexuais que repudiam a agenda do movimento são os “traidores” da categoria, pois é preciso um pensamento monolítico, de “minorias”, para justificar o coletivismo da causa. O gay deixa de ser um indivíduo e passa a ser apenas isto: parte de uma minoria vitimizada, sem defeitos ou qualidades particulares, sem direito de pensar por conta própria. Guilherme Fiúza, na revista *Época*, fez o melhor resumo da coisa:

Ser gay não é orgulho nem vergonha, não é ideologia nem espetáculo, não é chique nem brega. Não é revanche. Não é moderno. Não é moda. É apenas humano. A luta contra o preconceito precisa ser urgentemente tirada das mãos dos mercadores da bondade. Eles semeiam, sorridentes, a intolerância e o autoritarismo. Já para o armário!

O feminismo vai exatamente na mesma linha. Fruto muitas vezes da inveja das “mocreias”, o movimento pretende lutar *contra* a liberdade individual, incluindo a das mulheres, e não pelas mulheres. A típica feminista não quer saber das mulheres que *escolhem* uma vida caseira ao lado do marido, como “donas do lar”. Não! Essas são vítimas do machismo da sociedade, de uma imposição do sistema, e precisam ser salvas.

A mulher que *gosta* de ser mãe e de cuidar dos filhos, que *adora* receber flores e ser bem tratada pelo marido, essa é uma “traidora” do movimento. As feministas desejam abolir as diferenças entre os sexos, ainda que biológicas, e entre elas também. Todas precisam abraçar o mesmo credo, de que mulher e homem são construções sociais, de que gostar da proteção de um macho é ser submissa e escrava.

Uma das grandes líderes do feminismo, Simone de Beauvoir, deixaria transparecer essa visão autoritária em uma entrevista de 1976 a Betty Friedan, em que afirmou que nenhuma mulher deveria ser autorizada a permanecer em casa e criar seus filhos, pois, se tivesse essa escolha, faria exatamente isso. Muitas feministas odeiam mais os homens do que amam as mulheres. Seria inveja do falo? Se for o caso, só tenho uma coisa a dizer: “Get over it.” Castrados estamos todos nós, como diriam os psicanalistas...

A mulher-objeto, então, é a inimiga número um das feministas. Aquela que sabe explorar sua beleza e sensualidade, que usa a delicadeza feminina de forma sábia, essa é execrada pelo movimento. Chegam a lutar pela proibição de propagandas que exibam esse perfil. Como resumiu Pondé: “Toda tentativa de proibir a exibição da beleza feminina é um ato nascido da inveja.”

O grupo ucraniano Femen, fundado em 2008, tornou-se conhecido por protestar com topless. Rara exceção, é formado por moças até bonitinhas, e não pelas típicas “barangas” encalhadas que costumam compor os movimentos feministas. Paulo Francis, sempre com sua forma direta e ácida, disse: “O feminismo foi uma saída maravilhosa para os jaburus.” Mas divago.

Veja que coisa, leitor: se a ideia é lutar contra a imagem de mulher-objeto, não seria estranho uma feminista ir às ruas com os belos peitos de fora em busca da atenção masculina? Alguém mais cínico poderia especular que essas moças querem justamente chamar atenção e ganhar um minuto de fama, saindo na capa do jornal com seu corpo à mostra. Seria inveja das coelhinhas da *Playboy*?

A “lógica” de uma típica feminista funciona assim: se o marido sobe o tom e grita com a esposa, ameaçando dar-lhe um tapa no momento de descontrole, é o pior monstro do mundo e merece ser preso; mas, se um marmanjo de dezessete anos, morador da favela, estupra a moça apontando-lhe uma arma, é uma “vítima da sociedade”, merecedor de carinho e de “ressocialização”. Pode gente assim criar um mundo minimamente decente?

Antes que alguma feminista de plantão tente distorcer minhas palavras, isso *não* é uma defesa do “direito” de os maridos baterem em suas mulheres! Homem de verdade não faz isso. E quem for covarde assim deve ser punido. Quero apenas mostrar a incoerência muitas vezes presente nessas agendas estranhas da esquerda caviar. O feminismo acaba consistindo na transferência do conceito de luta de classes marxista para dentro de casa.

A visão da “pedagogia dos oprimidos”, de Paulo Freire, contaminou com marxismo a coisa toda. Homens são opressores, mulheres são vítimas oprimidas, e ponto final. Não importa que as mulheres já representem a maioria na força de trabalho em vários países ocidentais, ou que tenham chegado a vários postos de poder na sociedade. É preciso alimentar a ilusão marxista, apelando, como de praxe, ao duplo padrão.

Afirmar que as mulheres contam com certas vantagens instintivas, como um poder maior de “sexto sentido”, ou uma forma mais sensível de ver as coisas, isso é permitido. Mas ai de quem afirmar alguma “superioridade natural” masculina, no campo que for. Lawrence Summers perdeu seu cargo

de presidente de Harvard justamente porque sugerira que os homens poderiam ter predisposição maior ao sucesso nas ciências.

As feministas, por meio do politicamente correto, tentam nos convencer de que gênero é somente uma “construção social”, que segue uma criação arbitrária machista para o domínio patriarcal. Besteira! Meninos, desde muito cedo, mostram certas tendências diferentes das meninas no que diz respeito às brincadeiras. Até com outros animais isso acontece. Hormônios talvez expliquem a diferença.

Como escreveu o colunista Hélio Schwartsman na *Folha*: “A biologia talvez não explique todas as diferenças, mas revela que não somos uma tábula rasa de gênero.” As feministas, contudo, preferem acreditar na página em branco para criar uma igualdade que a biologia insiste em rejeitar. Reconhecer diferenças inatas não é o mesmo que adotar uma postura machista, de superioridade de algum gênero. É tão somente admitir que nascemos diferentes. Ainda bem!

Faço um parêntese aqui. Chega a ser engraçado ver a contradição do mesmo grupo politicamente correto: alegam que o homossexualismo não é uma opção (sendo, portanto, algo inato) para logo depois, no entanto, afirmar que os gêneros são construções da sociedade. Eles nem notam a gritante incoerência.

Aqui, como alhures, a esquerda caviar prega uma coisa e faz outra. Várias mulheres da elite ajudaram a divulgar a mensagem feminista, condenando o casamento, o romantismo, a vida caseira. Naturalmente, não seguiram as recomendações em suas próprias vidas. Aquelas mais humildes, porém, influenciadas pelas palavras de mulheres poderosas e famosas, acabaram destroçando suas vidas em busca dessa “igualdade” sexual — igualdade que costuma chegar ao fim na hora de trocar o pneu furado ou matar a barata.

O livro *Coming Apart*, de Charles Murray, mostra como as classes mais altas tiveram crescimento do volume de divórcios e de filhos fora do casamento bem menor do que as classes mais baixas, onde este fenômeno explodiu a partir de 1960. E todo sociólogo sabe que filhos de mães solteiras representam grupo com maior propensão a cometer crimes e atos delinquentes.

Até o uso das palavras para designar essas crianças mudou, o que demonstra como o *zeitgeist* tem impacto relevante na vida das pessoas. Antigamente, eram bastardos, o que claramente denotava uma visão negativa da coisa. Depois, tornaram-se ilegítimos, termo um pouco mais neutro, mas ainda estigmatizado. Hoje, são apenas “filhos fora do casamento”, e nada mais, como se não fizesse diferença alguma ter pai e mãe casados, ou sequer saber quem é o pai da criança.

Murray resgata um resumo do código de conduta adotado por todo *gentleman* do passado. Ser homem significava, basicamente, ser corajoso, leal e verdadeiro, aceitar as punições por seus erros, não tirar proveito das mulheres, ser um marido protetor, gracioso na vitória e de espírito esportivo na derrota, ter a palavra como garantia contratual, dedicar-se mais ao modo como o jogo é jogado do que à derrota ou à vitória e, se diante de um navio que afunda, colocar mulheres e crianças em segurança antes de se despedir com um sorriso no rosto.

O leitor mais jovem deve estar rindo, incrédulo. Mas isso já foi uma espécie de guia para muita gente. Quando o *Titanic* afundou, em 1912, a maioria dos sobreviventes era, de fato, composta por mulheres e crianças. Já por ocasião do naufrágio do *MS Estônia*, em 1994, com quase mil mortos, o

grosso dos sobreviventes era de homens jovens. Há relatos de que se tratou de um verdadeiro “salve-se quem puder”. Uma mulher com a perna quebrada implorava por ajuda, e nada.

Será que não se fazem mais homens como antigamente? Estamos vendo a extinção do *gentleman*? Vale a pena ser um cavalheiro diante de mulheres que se orgulham da “marcha das vadias”? Tem certeza de que o mundo hoje, nesse aspecto, evoluiu? As feministas devem estar felizes com tais mudanças, ao menos aquelas que não foram deixadas para morrer...

Por falar em *Titanic*, os efeitos econômicos e políticos dessa realidade social não passaram despercebidos por analistas e gestores, que chegam a prever um iceberg à frente do transatlântico das finanças mundiais. É o caso de Marc Faber, que escreveu o seguinte alerta em seu relatório *The Gloom, Boom & Doom*, de abril de 2013:

Muitas vezes eu sinto que estamos todos no Titanic financeiro. Todos nós jogamos o jogo do desempenho como no pôquer, visando às melhores mesas no salão e os assentos mais confortáveis no convés do navio. Mas, no final, será que isso importa? Em uma sociedade onde 48% das crianças novas nascem agora de mães solteiras (58% dos primeiros nascimentos de mulheres solteiras estão em lares de mais baixa renda da classe média), a maioria dos quais estará em alguma forma de assistência social a partir do dia do nascimento, nós estamos criando os “Boomers” dos direitos. Não deve ser difícil ver como eles vão votar e de quem vão levar o dinheiro!

As ideias da esquerda caviar acabam se voltando muitas vezes contra seus próprios membros, em efeito bumerangue. Ou alguém acha que a fina flor da esquerda caviar não é representada justamente pelos grandes investidores? E alguém pensa que esses ricos guardam suas fortunas embaixo do colchão ou em entidades de caridade?

A horda de mimados sedentos por recursos alheios, que a esquerda caviar ajuda a procriar, vai crescer, reproduzir-se como Gremlins, e certamente se voltará contra seu criador, em busca de mais vantagens. Nem os paraísos fiscais, adorados por muitos esquerdistas, estarão imunes.

Os populistas, entretanto, não pensam nas próximas gerações, apenas nas próximas eleições. É preciso criar mais privilégios para as “minorias”, ao menos no papel. A cartada sexual é muito útil para demagogos. A Lei Maria da Penha, por exemplo, foi aprovada pelo governo petista como um grande passo no combate ao machismo. Detalhe: o caso que dá nome à lei consistiu em nada menos que um tiro disparado pelo marido contra a mulher.

Ora bolas! Eu poderia jurar, ao menos até a última vez que verifiquei o código de leis, que sair por aí dando tiros *já é crime*, seja em mulher, seja em homem, seja em seres indefinidos. Mas então um maluco dá tiro na mulher e uma lei é criada para atacar o “machismo” da sociedade? Já não tínhamos leis que punissem casos assim?

Outra grande bandeira das feministas é alegar que há discriminação de sexo e, como evidência, mostrar o salário médio mais baixo das mulheres. Essa análise simplista é mais um exemplo de uso indevido de estatísticas espúrias. Afinal, a média pura e simples ignora que elas tendem, ao longo da vida, a se afastar mais do trabalho por questões de família (da última vez que verifiquei ainda eram as mulheres que engravidavam), ou a escolher trabalhos mais flexíveis por conta disso. Óbvio que isso afeta a remuneração, reduz as chances de promoções no decorrer da carreira etc.

Além disso, os salários mais altos costumam estar ligados à engenharia ou a campos similares, que possuem presença masculina desproporcional. Empregos arriscados ou que demandam força também atraem mais os homens, e o salário de um bombeiro tende a ser maior que o de uma secretária.

Portanto, quando são levados em conta fatores como qualificação, carga horária, risco de afastamento do empregado por gravidez e coisas do tipo, o hiato salarial desaparece! O que faz todo sentido econômico: se mulheres realmente ganhassem menos que os homens *para o mesmo valor produzido*, naturalmente os empresários mais gananciosos contratariam somente mulheres e levariam à bancarrota seus concorrentes machistas, com mão de obra mais cara e menos competitiva.

Essa mesma lógica é válida para o racismo. Walter Williams, em *Race and Economics*, defende a tese de que o livre mercado expõe e ataca a ineficiência do racismo. Vale para raça, gênero, qualquer forma de discriminação. A teoria econômica não pode responder a questões éticas; mas pode exibir as consequências de medidas tomadas em seu nome.

O que o autor mostra é que diversos problemas que os negros americanos enfrentam não têm ligação com a discriminação racial. Ele, que é negro, não nega que tal discriminação existe; apenas demonstra que as principais causas dos problemas estão em outro lugar. E quais seriam estas causas, então? O que fica evidente ao longo do livro é que as regulamentações impostas pelo governo representam o grande vilão dos negros, especialmente os mais pobres.

Uma das formas básicas de alguém com menor produtividade competir no mercado de trabalho é justamente aceitar um salário mais baixo. A demanda por remunerações equivalentes para trabalhos equivalentes vem de quem já está empregado e deseja reduzir a concorrência. O autor mostra inclusive que esta lógica não escapou aos principais proponentes das leis trabalhistas. Os sindicatos se uniram para impedir a entrada maciça dos negros no mercado de trabalho.

Estas leis tornam o custo da discriminação racial nulo. No livre mercado, se o empregador se recusar a contratar alguém por causa da “raça”, pagará um preço por isso, seja por limitar a quantidade de candidatos às vagas, seja por deixar de empregar gente mais produtiva pelo mesmo salário. Neste caso, basta o concorrente ignorar o racismo para ser mais eficiente. Com o tempo, a tendência é o empregador racista ir à bancarrota.

Em suma, Williams defende o fim das restrições legais ao mercado de trabalho como melhor medida para ajudar as minorias, incluindo os negros. O livre mercado é impessoal e foca nos resultados. Esta é a mais poderosa arma contra qualquer tipo de discriminação.

Mas os coletivistas não querem saber dessa lógica, pois estraga a “marcha das vítimas oprimidas”. Em vez disso, ajudam a criar várias leis que acabarão prejudicando as próprias mulheres, negros, gays. Criam-se várias regalias para “proteger” o sexo feminino, por exemplo, e o

patrão, desesperado com os custos dessa benesse toda, opta pela contratação de um homem mesmo. Consequências indesejadas das boas intenções.

Quando a mulher realmente mergulha no trabalho, desfruta das mesmas chances de sucesso que os homens. É uma questão de escolha, de abrir mão de outro estilo de vida. Cada vez mais mulheres conquistam posições de destaque, e isso não se deve a nenhum tipo de privilégio estatal.

Em maio de 2013, por exemplo, Claudia Sander se tornou presidente da TAM aos 38 anos. Para desespero das feministas, Claudia chegou lá por meritocracia, é bonita, formada em engenharia com MBA em Harvard, e não precisou apelar para vitimização alguma. Alguém consegue ver uma pobre oprimida nisso?

A presidente mundial do site Yahoo!, Marissa Mayer, segue o mesmo perfil. É uma cientista da computação, foi vice-presidente de serviços geográficos e locais do Google e, em julho de 2012, nomeada presidente e diretora-executiva do Yahoo!, por reconhecimento a seu mérito. Vítima? De quem?

O mais irônico é que a esquerda caviar abraça simultaneamente as bandeiras do gayzismo, do feminismo, do socialismo e do islamismo. Seria bastante curioso perguntar a um típico progressista como exatamente os países islâmicos tratam os homossexuais e as mulheres “moderninhas”, adúlteras ou “profissionais do sexo”.

O Hamas, por exemplo, proibiu, no território palestino sob seu domínio, que meninos e meninas estudem juntos, e ainda vetou professores homens para alunas mulheres. A regra não vale apenas para quem compartilha da mesma fé, mas para *todos*, inclusive escolas cristãs administradas pela ONU na região. Uma feminista ocidental não duraria um segundo sob o poder do Hamas.

Reinaldo Azevedo foi direto ao ponto quando comentou sobre as feministas do Femen, que desrespeitaram os católicos celebrando, com os peitos de fora (esse parece ser o único “argumento” delas), a renúncia do Papa Bento XVI no começo do ano: “Gente sem coragem tira a roupa na catedral de Notre Dame. As verdadeiramente corajosas ficam peladas em Teerã ou em Riad.”

Pouco tempo depois, mostraram uma vez mais toda a sua “coragem” e “tolerância”, jogando água em um arcebispo na Bélgica. De topless, claro. Quero ver jogar água com as tetas de fora em um xeique ou um aiatolá no Paquistão ou na Arábia Saudita! Aí, sim, poderiam ter *algum* respeito como combatentes pela liberdade feminina...

O Egito aprovou lei permitindo que os maridos mantivessem relação sexual com as esposas até seis horas após sua *morte*, mas é a mulher ocidental a vista como objeto! O ex-ditador Ahmadinejad, queridinho de muitos da esquerda caviar, já declarou que no Irã não há homossexuais. Ser mulher ou gay nos países islâmicos não é moleza...

Fica um pouco complicado defender as “diferenças culturais” e os “direitos homossexuais” ao mesmo tempo. Afinal, os líderes muçulmanos não querem saber dessa agenda progressista, preferindo usar o chicote e a força para lidar com a “doença” da homossexualidade, ou apedrejar até

a morte mulheres avançadinhas (e avançada pode significar apenas dirigir um carro, o que pode resultar em prisão em países como a Arábia Saudita).

Isso nem mesmo é novidade. A esquerda caviar morre de amores por Che e Fidel, como já vimos, e digamos que o tratamento que os gays recebiam desses psicopatas comunistas não era o mais cordial. Campo de trabalho forçado não deve ser exatamente o que a esquerda caviar tem em mente quando fala de direitos dos homossexuais.

Em um raro momento de coerência, o Grupo Gay da Bahia, a mais antiga ONG homossexual do país, exigiu publicamente que o tirano Fidel Castro reconhecesse, antes de morrer, seus graves erros na revolução cubana em relação aos gays. A ONG queria o pedido oficial de perdão do ditador, que historicamente perseguiu e humilhou homossexuais. O governo cubano, em 1971, decretara que os desvios homossexuais representavam uma “patologia antissocial”.

O relato de Reinaldo Arenas, dissidente cubano e gay, presente no livro *Antes que anoiteça*, mostra bem como a categoria era tratada. O livro virou filme, com Javier Bardem no papel de Arenas. O escritor cubano acabaria se suicidando em Nova York, mas não sem deixar uma carta em que culpava diretamente Fidel Castro por sua morte. Faz sentido que gays enalteçam o socialismo? Como relata o escritor:

[...] a mulher e o homossexual são considerados no sistema castrista como seres inferiores. Os verdadeiros machos podiam ter várias mulheres, e isso era visto como um ato de virilidade.

Assim como no mundo poligâmico dos muçulmanos.

Além dos negros, dos gays e das mulheres, a esquerda caviar “protege” os transexuais, os indiozinhos inimputáveis, os portadores de doenças sexualmente transmissíveis, os viciados em drogas, os presidiários, e quem mais se organizar em um grupo de interesse para obter algum privilégio estatal em nome do combate à opressão. Cotas para as minorias!

Não sei quanto a você, estimado leitor, mas estou cansado de ver até drogados sendo tratados como pobres vítimas da sociedade. Não é como se pegassem um vírus no ar, ou como se uma tsunami destruísse sua vida. Há um fator crucial aqui: a escolha!

Claro que a história de vida influencia, que uma infância sofrida tem impacto, tudo isso. Mas, no final do dia, cada um tem a escolha. Até porque, se formos justificar todos os atos condenáveis com base no passado triste de alguém, será o caos social.

Precisamos parar com essa vitimização e implicar mais o sujeito em seus atos. Responsabilidade individual: habilidade de resposta. Isso existe, ainda que dificultado em alguns casos pela vivência, pela história, pela infância sofrida. Sem essa premissa, aceitamos que somos apenas marionetes de forças maiores. Somos?

Fui criado à velha maneira: a de não ficar arrumando bodes expiatórios para justificar minhas atitudes. Aqui se faz, aqui se paga! Mas a esquerda festiva não vive sem seus mascotes, sem as “minorias” que lhe servem para aplacar a culpa ou alimentar o ego, a ilusão de que seus membros são as melhores pessoas do mundo, preocupadas com os “fracos e oprimidos”.

As minorias “protegidas”, hoje, somam uns 80% da população. Só as mulheres já perfazem a metade (e garanto que várias detestam esse rótulo de vítima frágil que a esquerda caviar lhes coloca). Depois, acrescente os gays, os índios, os negros e pardos, os deficientes físicos (injustamente colocados na mesma lista), os viciados, os presidiários... A marcha dos oprimidos não tem fim!

Se você, leitor, é homem, branco, heterossexual, saudável e trabalhador de classe média, então pode estar certo de que, além de ter de bancar as benesses e privilégios das “minorias”, ainda será visto como o grande culpado por todos os males. É o “fardo do homem branco” na era moderna.

Enquanto você, leitor, trabalha duro para pagar as contas e ainda deixa quase metade do que ganha em impostos, sem qualquer retorno do estado, saiba que é o marmanjo viciado em drogas a grande “vítima”, o bandido preso porque, tadinho!, tentava roubar um tênis e acabou matando o alvo. Resta perguntar: vítima de quem, se não de si mesmo? Da “sociedade”?

Para piorar, o duplo padrão de julgamento é evidente quando se trata das “minorias”. Circula nas redes sociais uma charge que mostra bem isso. Um garoto diz ao outro: “Eu gosto de ser negro.” O outro diz: “Que legal. Eu gosto de ser branco.” No que o colega dispara: “Racista!” O mesmo diálogo se repete, agora com um deles afirmando gostar de ser gay, no que o outro acha legal e diz gostar de ser heterossexual, apenas para ser acusado de homofobia.

Steven Patrick Morrissey, o ex-líder da banda The Smiths, em entrevista ao site norte-americano de notícias Rookie, disse que, “se mais homens fossem homossexuais, não teríamos guerras”. O músico britânico, também conhecido por seu ativismo vegetariano, afirmou:

Os homens que amam outros homens jamais se matariam uns aos outros, mas os homens heterossexuais adoram matar outros homens. Eles até ganham medalhas por isso.

Será que nunca escutou falar de Alexandre, o Grande? Será que já ouviu algo sobre Hermann Goering? Dizem que até Hitler era meio “boiola”, digo, inclinado à homoafetividade. Mas, estupidez à parte, pergunto: heterofobia é permitido? Um peso, duas medidas.

A histeria politicamente correta em prol das minorias chegou tão longe que até a FIFA teve de se adaptar. Ao realizar a Copa das Confederações no Brasil, os ingressos tiveram de ser vendidos de acordo com um critério ridículo, que incluía categorias com desconto, entre as quais usuários de cadeiras de rodas, pessoas com mobilidade reduzida (?) ou obesas. Isso fora a carteira de estudante,

que corta pela metade o preço.

Terão os fiscais por acaso ficado com balanças nas portas dos estádios, para pesar cada torcedor mais cheinho? Terão desenvolvido alguma técnica politicamente correta capaz de verificar se o andar de um manco é legítimo ou um embuste? Pergunto-me: se o sujeito for um indiozinho, gay e aleijado, tem direito a colocar dez colegas de graça no estádio?

Ayn Rand dizia que a menor minoria de todas é o indivíduo, e só pode se considerar um defensor das minorias aquele que defende a liberdade individual. Essa, definitivamente, não é a praia coletivista da esquerda caviar. Igualdade perante as leis, com ampla liberdade individual, é uma bandeira liberal, chata, sem mascotes — sem oprimidos a serem salvos — para expor.

Para defender essa bandeira, é preciso reconhecer méritos e culpas individuais, julgar o caráter de cada um, como queria Martin Luther King Jr., e não usar somente a cor da pele, a preferência sexual ou o gênero como o único critério de valor.

Mas o que seria da esquerda caviar sem seus oprimidos? O importante é usar a cartada sexual ou racial nos debates, monopolizar as boas intenções, demandar mais poder e recursos concentrados no governo, sob a gestão da própria esquerda, e demonizar o homem branco heterossexual saudável, que precisa apenas pagar a conta, calado.

E, claro, o uso da cartada sexual ou racial é bem seletivo também. Se a mulher é uma conservadora como Margaret Thatcher, corajosa, que enfrentou as máfias sindicais e a junta militar argentina nas Ilhas Falklands, defensora dos valores tradicionais familiares e do livre mercado, é execrada e apelidada de “dama de ferro”.

Mas, se é Dilma Rousseff ou Cristina Kirchner, então é fantástico ter uma mulher no poder, *por ser mulher*, ainda que a outra tenha chegado lá bem antes, em um país bem mais relevante, e apresentado resultados infinitamente melhores. Talvez, pelas lentes da esquerda caviar, esse seja o pecado mortal de Thatcher.

Dilma virou, abusando da banca sexista, a nossa “presidenta”, e para tanto agride até a língua portuguesa. Talvez por não ter sido uma boa “estudanta”. Aliás, a forma mais rápida e fácil para identificar um subserviente ao governo está no emprego do termo “presidenta”. Só o utiliza quem quer puxar o saco da presidente (metaforicamente falando).

Outro exemplo que expõe a hipocrisia e a seletividade das feministas está na vinda da blogueira cubana Yoani Sánchez ao Brasil, no início de 2013. Após várias tentativas, finalmente conseguiu sair da “fazenda” particular dos Castro, como ela mesmo já descrevera a ilha. Quando chegou em Recife, havia uma claque de socialistas a agredindo, tentando intimidá-la, acusando-a de “agente da CIA”. Nenhuma feminista apareceria em sua defesa.

Como escreveu Francisco Razzo: “Se Yoani Sánchez tivesse invadido com as tetas de fora uma Igreja cheia de senhorinhas rezando, bom, aí sim ela estaria lutando pela liberdade, mas enfrentar Fidel faz dela só uma marionete da CIA e do capitalismo imperialista norte-americano.” As minorias só servem à esquerda caviar quando aceitam seu papel de vítimas e seguem a cartilha politicamente correta dos exploradores da miséria alheia.

Encerro esse capítulo com uma reflexão politicamente incorreta, claro. Imagine uma pessoa que representasse tantas minorias, mas tantas minorias na marcha dos “oprimidos” pelo homem branco, heterossexual, malvado do Ocidente, que não houvesse privilégios suficientes a lhe conceder. Como ela seria?

Cafuza (mistura de índio com negro), nordestina, lésbica (mas serve transexual também), muçulmana, analfabeta, viciada em drogas, ex-presidiária, anã, aleijada, pobre, gorda, feia (também, né?) e sem-teto. Esqueçam cotas raciais, reforma agrária, Bolsa-Família ou qualquer outro tipo de benesse estatal. Essa figura seria, por decreto, considerada merecedora de poderes absolutos. Teria de ser alçada imediatamente ao cargo de rainha absoluta da nação! Poderia, naturalmente, dar cem chibatadas por dia em qualquer homem branco heterossexual malvado de sua escolha. E, se quisesse, poderia até ser chamada de “presidenta”.

Juventude utópica

A esquerda caviar não poderia ignorar o jovem. É o futuro, a força revolucionária que criará o novo mundo. Os esquerdistas babam de tanta reverência à “sabedoria” da juventude. Depositam-lhe o poder de conceber esse futuro mais que promissor; fantástico mesmo! Mas o que caracteriza a juventude de fato, para além dessa idealização toda?

Costumam dizer que quem não é socialista na juventude não tem coração, e quem é socialista na idade adulta não possui cérebro. Exageros à parte — até porque teria de assumir minha falta de coração —, acredito que a frase captura bem uma regra, qual seja, a de que os mais jovens tendem a abraçar utopias, enquanto os mais velhos amadurecem e acabam mais céticos.

Paulo Francis, meio de brincadeira e meio a sério, dizia que “todo mundo tem o direito de se portar como um debiloide até os trinta anos”. Faz parte do amadurecimento. O que não fica muito legal é enaltecer essa fase da vida como o ápice da sabedoria. O jovem, de modo geral, não demonstra tanto apreço assim pela razão.

Existem várias possíveis explicações para esse fenômeno. Os mais jovens estão em uma fase de busca por identificação, separação dos pais, da autoridade, e precisam questionar tudo e todos sempre. São rebeldes por natureza. Não são conformistas. O Pink Floyd de Roger Waters, ícone da esquerda caviar, capturou bem a essência da coisa em seu hit clássico:

We don't need no education

We don't need no thought control

No dark sarcasm in the classroom

Teachers leave them kids alone

Hey! Teacher! Leave them kids alone!

Além disso, a visão de mundo dos jovens costuma ser mais simplista, e a crença em panaceias, em soluções “mágicas”, mais comum. O maniqueísmo impera na juventude, alimentado desde cedo por filmes que definem, claramente, vilão e mocinho. Com o passar do tempo — e com as diversas experiências —, a tendência é substituir essa fé mais ingênua por “soluções” imperfeitas.

O “furo” de um mundo imperfeito, entretanto, permanece. Não há explicação para tudo, tampouco um modelo único e simples de justiça ou sociedade, que trará o “paraíso perdido” à Terra. Os mais velhos normalmente ficam mais descrentes, mais desconfiados em relação às respostas prontas, simples. Passam a crer em *trade-offs*, sabendo que cada escolha pressupõe alguma possível perda de

outro lado. Em suma, começam a enxergar um mundo bem mais complexo do que aquele da visão infantil.

Quem conseguiu expressar com maestria essa característica foi o escritor Oscar Wilde, quando disse: “Não sou jovem o suficiente para saber tudo.” Bingo! Os mais jovens quase sempre acham que compreenderam o mundo, a sociedade, e que têm as respostas para as perguntas mais complicadas, aquelas que angustiaram os principais pensadores desde sempre, incluindo os mais sábios dos sábios.

A juventude não gosta de conviver com as faltas. Aliás, ninguém gosta. Mas, quanto mais jovem, maior a probabilidade de essa angústia levar ao desespero. O tempo acaba ajudando a que aceitemos certos buracos — ou seriam crateras? — em nossas vidas. O jovem não quer saber disso. Deseja respostas prontas. E já! Não reage muito bem às inseguranças da vida, como explica o psicanalista Philippe Julien em *Abandonarás teu pai e tua mãe*:

Se os jovens, rapazes ou moças, estão incertos quanto a seu futuro profissional, temem o desemprego, a solidão e o abandono, se todo projeto está fadado à desesperança, surge então a demanda premente para que um chefe se levante e fale alto e claro para ordenar o que se deve fazer. [...] Quando tudo vai mal, só um verdadeiro mestre pode salvar. Para chamá-lo, a única linguagem de que dispõe a juventude é a da violência voltada contra um mundo visto como “podre”: violência que é o sinal de um apelo à intervenção de uma autoridade incontestável, à imagem de um Pai ideal. Vê-se também como a droga ou o suicídio tornam-se os derradeiros “recursos”, os últimos sinais que restam a dar.

Claro que estou falando sempre em termos gerais, em uma possível regra que necessita de exceções para ser validada. Além disso, não se trata da idade apenas cronológica, pois todos estão cansados de conhecer adultos que mais parecem crianças crescidas. As rugas nem sempre trazem consigo a maturidade.

Também não pretendo falar desse ímpeto juvenil na busca pelas “verdades absolutas” em um tom totalmente negativo. Acredito que os questionamentos ousados, os desafios às tradições estabelecidas e até esse espírito revolucionário possuem suas vantagens. Diria mais: podem ser fundamentais para o contínuo progresso da civilização.

O movimento de Maio de 68, ícone da juventude por excelência (“não confie em ninguém com mais de trinta anos”), merece inúmeras críticas, e seu saldo é claramente negativo, origem de muitos problemas sociais existentes hoje, entre os quais o relativismo moral, o consumo desenfreado de drogas e o afrouxamento dos limites que educam e servem até para a “castração” do sujeito, crucial ao desenvolvimento de sua singularidade.

Creio, porém, que não podemos ignorar outro lado, o do grito rebelde contra certa hipocrisia, contra o excesso de hierarquia patriarcal, contra os podres do sistema. São os jovens que, com rebeldia e perguntas incômodas, não raro com um ponto de vista mais fresco, forçam novas reflexões sobre o mundo. Aplaudo essa postura, mas não posso ignorar seus riscos.

Essa ambiguidade é bem retratada quando analisamos o impacto do rock nas culturas. Roger Kimball, em *The Long March*, destaca a importância daquela modalidade musical na revolução cultural da nova esquerda desde os anos 1960, levando vários jovens às drogas, disseminando o

ideal libertino, hedonista, liderado por bandas como os Rolling Stones e os Beatles, entre outros.

Já Tom Stoppard mostra o outro lado em sua peça *Rock 'N' Roll*, dedicada a Václav Havel. Stoppard, concordando com Havel, argumenta que o rock foi um ato de rebeldia contra o regime comunista na Tchecoslováquia. Jovens que não aceitavam ser manipulados pelo regime encontraram na música uma válvula de escape. Ir a um show de rock já poderia ser visto como um ato rebelde.

No Brasil, o rock era visto como submissão “imperialista”, pois vinha dos Estados Unidos (pouco importa que o futebol tenha vindo da Inglaterra e se tornado a maior paixão popular). Até passeata contra a guitarra elétrica foi realizada pelos nacionalistas de esquerda, os engajados da MPB. Lobão, em *Manifesto do nada na terra do nunca*, reconhece o dilema:

Ser roqueiro e ser de esquerda chegou a ser um paradoxo, pelo menos nestas plagas, assim como em Cuba. Contudo, no primeiro mundo era uma conduta antiestablishment, antissistema, um comportamento pacifista de hippie e sandinista, de punk. Na verdade, na América, desde o movimento beatnik e a música folk de protesto, havia um sério engajamento de tendência socialista e antigoverno, principalmente depois do assassinato de John Kennedy, eclodindo em todo o seu esplendor na Guerra do Vietnã.

O rock pode ser protesto legítimo, ou pode ser convite às drogas. Um fato, contudo, é inegável: a rebeldia da juventude tem seu valor, mesmo que alimentada por letras e músicas que estimulem um comportamento irresponsável e imediatista. Dosar esse ímpeto rebelde, em busca de tantas certezas, com o equilíbrio da maturidade é uma arte complicada, não livre de inúmeros riscos.

E esses surgem justamente quando as utopias simplistas viram crenças fanáticas, quando os jovens acabam vítimas de oportunistas de plantão, que utilizam o romantismo típico da juventude como massa de manobra para seus objetivos perversos. A contracultura pariu inúmeros “gurus” que levaram a juventude ao caminho errado, que influenciaram negativamente toda uma geração. Os jovens são presas mais fáceis desses malucos ou oportunistas.

Tanto é assim que os demagogos são os primeiros a defender o direito de voto dos mais jovens, inimputáveis para certos crimes, mas “responsáveis” na hora de escolher o governante. Como resumiu François La Rochefoucauld: “A juventude é uma longa intoxicação: ela é a razão em estado febril.” Michael Oakeshott, em *Ser conservador*, apresenta excelentes argumentos de por que os jovens devem se manter afastados da política:

Os tempos de juventude de toda a gente são um sonho, uma loucura deliciosa, um doce solipsismo. Nesse tempo, nada tem uma forma fixa, um preço fixo; tudo é possível e vive-se numa felicidade a crédito. Nada há que se especifique de antemão; cada coisa é o que se pode fazer dela. O mundo é um espelho em que procuramos o reflexo dos nossos próprios desejos. A tentação das emoções violentas é irresistível. Quando somos jovens, não estamos dispostos a fazer concessões ao mundo; nunca sentimos o contrapeso de algo nas nossas mãos — a menos que seja um bastão de críquete.

Os demagogos da esquerda caviar, entretanto, ignoram esse alerta e enaltecem a participação do

jovem na política. A Argentina da populista Cristina Kirchner investiu nessa trajetória recentemente, com a suposta meta de “ampliar a democracia”. Kirchner estava em busca da “fonte da juventude”, e não digo isso por causa daquele botox todo; o que procurava era o voto das presas mais fáceis para seu sensacionalismo. O jovem costuma comprar com maior facilidade os dogmas da esquerda.

Ao depositar na juventude o poder e a sabedoria para a revolução, a esquerda caviar faz o jogo dos líderes autoritários. Nelson Rodrigues escreveu sobre o assunto em 1968, auge da idealização do jovem:

Afirma-se que a juventude invade a história e começa a fazer história. Mas em vão procuramos, em qualquer povo, o líder jovem, uma massa jovem e decisiva. Há a Guarda Vermelha. Mas essa tem, exatamente, a idade do seu chefe, Mao Tsé-Tung. É a juventude mais senil que já apareceu na Terra.

Mao, como sabemos, usou e abusou dos jovens em sua Revolução Cultural, transformando adolescentes em máquinas de violência e agressão, jogando-os inclusive contra seus próprios pais. Os comunistas sempre tiveram interesse em enfraquecer os laços familiares, pois o núcleo da família sempre foi um obstáculo ao totalitarismo. Em outro artigo no mesmo ano, Nelson Rodrigues voltaria ao tema:

Lavra por aí um outro tipo de obsessão. Sim, todo mundo quer ser “jovem”. Não importam os méritos, os feitos, as virtudes, os pecados de ninguém. Só importa ser ou não ser jovem. E os que, por indesculpável azar, envelheceram, procuram uma espécie de rejuvenescimento no convívio das novas gerações.

A esquerda caviar da época repetia o mantra: “Precisamos acreditar no jovem.” Qual jovem? Nelson Rodrigues continua: “Esse misterioso ‘jovem’, vago, difuso, impessoal, sem cara, sem caráter, só me convence como um monstro.” O jovem ideal, esse jamais existiu. Ao criar esse time mítico, no entanto, a esquerda caviar instalou no país um “jovem” acima do bem e do mal, um ser inimputável.

Vide o Estatuto da Criança e do Adolescente, que transformou marmanjos de dezessete anos em “vítimas indefesas da sociedade”, não importa que seus crimes sejam os mais hediondos. O “jovem” é puro e ingênuo quando assalta e mata, mas, milagrosamente, adquire responsabilidade no dia da eleição. A esquerda caviar consegue defender simultaneamente a sabedoria juvenil para votar e a inocência *rousseauniana* na hora de pagar por seus crimes. Eleitor aos dezesseis anos; maioridade penal, somente aos dezoito.

Outra bandeira da esquerda caviar consiste na tentativa de reduzir a idade em que é permitida a cirurgia de mudança de sexo pelo SUS. Chegará o dia em que um rapaz poderá virar moça, contar com auxílio estatal para conseguir emprego, votar para presidente, mas não poderá ser preso pelo assassinato de um inocente. Tudo pago pelos nossos impostos...

Assim a esquerda caviar segue com sua incoerência, e nunca aceita a desejável redução da maioria penal, vista como coisa de reacionário. Austrália e Áustria devem ser bem reacionárias, pois estabelecem os sete anos de idade como limite da inimputabilidade. A Nova Zelândia e a Grã-Bretanha também, pois a idade é dez anos. Canadá, Holanda, Israel e Espanha tampouco seriam “progressistas”: doze anos.

E nos países escandinavos, o vale das quimeras socializantes? Finlândia, Suécia e Dinamarca mandam para a cadeia, como se adultos fossem, criminosos a partir de quinze anos de idade. Já no Brasil, como sabemos, o ECA estabelece que a pena *máxima* para um cruel assassino de dezessete anos seja de três anos de internação. Como constatara Roberto Campos:

Com a nossa capacidade de fazer maluquices em nome de boas intenções, criamos uma legislação de menores que é um tremendo estímulo à perversão e ao crime, ao fazê-los inimputáveis até os dezoito anos.

A esquerda, que encara o marginal como “vítima da sociedade”, pensa que punição severa nada resolve, e que o caminho é pelo “social”. Prisão seria espécie de pós-graduação do crime, de modo que melhor será abraçar de uma vez a impunidade. A função do estado seria, portanto, a “ressocialização” dos bandidos. Afinal, só roubaram e mataram porque não tiveram oportunidades, certo? Pondé arrasou ao escrever na *Folha*:

Vou dizer uma blasfêmia, dirão alguns dos meus amigos da casta inteligentinha: se preocupar com direitos dos bandidos é apenas um modo chique de continuar se lixando para o “povo”, assim como os coronéis nordestinos sempre se lixaram, a diferença agora é que a indiferença para com o destino das pessoas comuns vem regada a vinho chileno e leituras de Foucault.

Quem fala que crime é fruto da pobreza e não da impunidade precisa explicar Brasília, para começo de conversa. Em seguida, precisa explicar por que países tão ou mais pobres que o Brasil apresentam índices de criminalidade inferiores aos nossos, especialmente aqueles que aplicam duras punições aos criminosos, como em casos islâmicos. Cito novamente Pondé, no mesmo artigo em que menciona um frentista honesto que só quer trabalhar em paz sem ser assaltado o tempo todo:

Dirão os inteligentinhos que a causa da criminalidade é social. Hoje em dia, “causa social” serve para tudo, como um dia foram os astros e noutro a vontade dos deuses. Não nego que existam componentes sociais de fome e sofrimento na causa do comportamento criminoso, mas ninguém mais leva em conta que a maioria vira bandido porque não quer trabalhar todo dia como esse frentista. Ser bandido é, antes de tudo, um problema de caráter.

Aqueles que apelam às tais “causas sociais” precisam explicar por que tantos criminosos barra-pesada vieram da classe média. Marcola, do PCC, citava até filósofos nas entrevistas! Ninguém negará que o ambiente de pobreza pode contribuir ao fomento do crime entre jovens, mas é preciso aceitar a realidade como é: o crime é uma escolha, e os incentivos para tanto precisam ser reduzidos. Isso só se faz com punição! Denis Rosenfield, em uma coluna na revista *Época*, resumiu a questão:

A sociedade está completamente desprotegida. Seus direitos não são minimamente assegurados. A integridade física e a proteção contra a morte violenta deveriam ser as primeiras obrigações do estado. A função primeira da prisão — e essa é uma premissa básica — não consiste em educar, mas em punir alguém que se tornou perigoso para a sociedade em seu conjunto. Retirar alguém, como castigo, do convívio social significa proteger a sociedade. Se isso não ocorrer, a impunidade será recompensada.

Portanto, mesmo os jovens precisam de um mecanismo de estímulos mais adequado, que puna os erros e premie os acertos. Quem foi o primeiro a considerar o jovem como puro e idealista? Ele é egoísta, e sabemos disso, pois o fomos um dia. E a esquerda populista explora esse lado com habilidade, valendo-se de promessas irreais, que atendem a anseios naturais à juventude.

A esquerda caviar não quer encarar a realidade. Como disse Contardo Calligaris em um artigo na *Folha*, muitos sofrem de “infantolatria”, ou seja, da “paixão narcisista que nos faz venerar crianças e jovens porque, graças a eles, esperamos continuar presentes no mundo depois de nossa morte”. O psicanalista explica o motivador dessa visão *rousseauniana*:

[...] queremos que as crianças nos apareçam como querubins felizes como nós nunca fomos e nunca seremos. Por isso, preferimos imaginar que os jovens sejam naturalmente bons. Quando eles forem maus, atribuímos a culpa à sociedade e a nós mesmos. Portanto, não podemos puni-los, mas devemos, isso sim, nos punir.

Atenção, românticos do Brasil: crianças não são boazinhas, purinhas, angelicais. Crianças e jovens precisam ser *civilizados*, justamente para que *não* lhes aflore essa natureza humana tantas vezes má, mentirosa, arrogante, possessiva, egoísta, ingrata. Passar a mão na cabeça de galaláus que não assumiram os valores e os limites civilizatórios, jogando a culpa de seus atos sobre a abstrata “sociedade”, é pedir para que a criminalidade aumente.

Jovens, porém, votam, e *isso* interessa à esquerda caviar. O simplismo costuma ser útil à retórica ideológica. Debates sérios, contudo, exigem mais humildade, item escasso quando se trata da juventude. H.L. Mencken colocou de forma precisa: “Para cada problema complexo, existe uma resposta que é clara, simples e errada.” Carl Jung fora na mesma linha: “Os maiores e mais importantes problemas na vida são, num certo sentido, insolúveis; eles nunca podem ser resolvidos,

mas apenas superados”.

Eis algo que os mais jovens não apreciam muito. Querem as soluções, e logo! Apesar de terem muito mais tempo à frente, são os mais afoitos, os mais apressados, os mais impacientes. Hölderlin sintetizou bem a coisa: “Como acredita o homem, em sua juventude, estar tão perto de seu objetivo! É a mais bela de todas as ilusões com a qual a natureza ampara a fraqueza de nosso ser.”

Como os erros cometidos em vida ainda não foram grandes o suficiente para impor alguma humildade, cautela e sabedoria, realmente acham que sabem tudo. Darwin constatara que “a ignorância traz muito mais certezas que o conhecimento”. O jovem, geralmente, possui-as em grande volume. Paulo Francis, sempre ácido e brilhante, foi direto ao ponto:

Não tenho paciência particularmente com a incapacidade de autocritica do jovem. Ele quer certezas. Isso é produto de uma profunda insegurança, perfeitamente compreensível na juventude, mas, quanto mais cedo o jovem se der conta disso, mais cedo atingirá a maturidade.

Muitos esquerdistas justificam as atrocidades dos movimentos juvenis alegando que os jovens, ao menos, têm uma paixão, um ideal. Roger Kimball, em *The Long March*, condena essa postura. Argumenta, junto com pensadores como T.S. Eliot, que não há nada belo nas fortes emoções em si, e que, se não forem bem calibradas e contidas por outros valores, tais como prudência e responsabilidade, tendem a abrir os portões do inferno. Kimball acerta na mosca ao dizer:

“Paixão”, como “idealismo”, é uma panaceia que a esquerda prescreve, a fim de aliviar-se do peso da responsabilidade moral.

Kimball lamenta o fato de que, desde a revolução cultural da década de 1960, não foram apenas os jovens que encontraram desculpas para ignorar leis e costumes, mas seus pais também. Houve uma infantilização da sociedade. Escreve:

A idealização da juventude resultou não só na disseminação de valores e paixões adolescentes: também levou ao eclipse de virtudes adultas como prudência, responsabilidade e moderação.

Dito isso, fica a questão: como conciliar as vantagens do idealismo juvenil com as da experiência e do ceticismo dos mais velhos? Ou, de outra maneira: como evitar que as desvantagens do simplismo romântico dos jovens estraguem suas qualidades essenciais? Essa é a pergunta do milhão. Não sei a resposta.

Voltaire dizia: “A coisa mais rara de se encontrar é o fato de existir quem alie a razão ao entusiasmo.” Isso demonstra que o filósofo francês também gostaria de saber a resposta. Ele foi realista o suficiente para reconhecer que é muito difícil um mesmo indivíduo articular a razão da

maturidade e o entusiasmo da juventude.

Volto a Nelson Rodrigues. Esse tema foi motivo de muitas colunas suas na década de 1960, por motivos óbvios. Escrevendo uma resposta ao Dr. Alceu Amoroso Lima, um dos ícones da esquerda caviar daquela época, o dramaturgo diz:

O jovem é, permita-me o mestre lembrar-lhe, o ser humano, com suas fragilidades, os seus méritos, as suas tentações e a inevitável, obrigatória dimensão do canalha. O moço tem os defeitos de qualquer um de nós e mais este: a imaturidade.

Em uma entrevista na TV, perguntado sobre qual seria seu conselho para o jovem, Nelson Rodrigues teve essa tirada impagável: “Cresça!” O mesmo poderia ser dito a muita gente da esquerda caviar, que nunca conseguiu sair da adolescência...

Os ícones

Políticos, gurus, legitimadores, hollywoodianos e outros boçais úteis

OBAMA

O maior ícone da esquerda caviar na atualidade chama-se Barack Obama. A idolatria é tão grande que podemos falar, sem medo de exagero, em uma “obamania”. O presidente americano defende e representa praticamente todas as bandeiras descritas no livro.

É parte de uma minoria vitimizada, que possui um discurso multiculturalista com forte viés antiamericano (no sentido de atacar os pilares fundadores da América); abusa do sensacionalismo politicamente correto; luta pela “justiça social”; combate o aquecimento global; identifica-se com a juventude; e não pretende simplesmente melhorar as coisas, mas mudar fundamentalmente o mundo. É a Nova Era!

Assim que Obama foi eleito pela primeira vez, a reação histórica da esquerda caviar apontava para um sintoma preocupante da modernidade. Milhares de pessoas chorando de emoção, indo às ruas celebrar essa nova etapa, em que um novo mundo seria, mais que possível, certo. Em antecipação de mérito sem precedentes, era já um governo histórico, ainda que antes de sequer trocar uma lâmpada da Casa Branca. Mas o que aquelas pessoas realmente sabiam sobre Obama? Não muito, ou quase nada. E isso é extremamente significativo do que seja a esquerda caviar.

Jason Mattered, em seu excelente livro *Obama's Zombies*, relata com precisão o fenômeno chocante e patético, que não deixou de fora nenhum estrato social ou etário. Claro que a juventude abraçou com mais paixão o deus laico, visto como um ídolo *popstar*. Mas adultos também caíram no canto da sereia, repetindo, feito zumbis, que a hora da mudança chegara, que tudo seria muito melhor a partir de então, que não haveria mais limitações para os sonhos coletivos. Ninguém saberia explicar exatamente a razão de tanta esperança...

Já nessa época, diagnosticara: a decepção será, uma vez mais, diretamente proporcional a essa tola e infantil esperança. Um dos primeiros artigos que escrevi para o jornal *O Globo* foi justamente “A era da esperança”, em que tentava fazer um alerta. Logo na epígrafe, a frase de Churchill: “Não há erro pior na liderança pública do que alimentar falsas esperanças que logo serão frustradas.” Reproduzo aqui o primeiro parágrafo:

A euforia que tomou conta do mundo durante a posse de Obama foi um espetáculo preocupante. O bordão “a esperança venceu o medo” resume a retórica do momento, abraçada por milhões de pessoas apavoradas com a crise econômica.

Elas depositam toda a sua esperança no presidente, visto como um “messias salvador”. O governo passou a ser o Deus moderno.

Como disse Baltasar Gracián: “A esperança é a grande falsária da verdade.” Os americanos, que viviam uma das maiores crises econômicas dos últimos tempos, preferiram fugir da verdade e abraçar fantasias. Obama era o cara certo na hora certa, perfeito a esse tipo de ilusão covarde. Seu discurso era vazio, vago, desprovido de substância. O rei dos clichês. Mas nada seria necessário para além desta palavra mágica: mudança!

Políticos demagogos repetem essa palavra com frequência e ignoram que mudança não é necessariamente para melhor. Muda-se para pior também. Ademais, mais relevante do que simplesmente “mudar” é explicar *o quê* mudar e, principalmente, *como* mudar. Esse tipo de “detalhe”, porém, não incomoda os oportunistas de plantão. Sim, nós podemos! E o povo, assustado e acovardado, vai ao delírio: *Yes, we can!*

O assunto retornaria ao meu espaço no jornal algumas vezes. Em outro artigo, aprofundi um pouco mais a questão do culto à Presidência, sinal dos tempos doentes em que vivemos. O livro de Gene Healy, *The Cult of Presidency*, do Cato Institute, servira de base a meus argumentos. Eis como começo o texto:

Um dos grandes paradoxos das democracias modernas é a tendência a reclamar do governo ao mesmo tempo em que mais responsabilidade é delegada ao poder político. As pessoas condenam as consequências do aumento de concentração de poder no governo, mas acabam confiando ao mesmo a solução para todos os males do mundo. Parece haver uma dissociação entre o governo idealizado e os políticos de carne e osso que ocupam os poderosos cargos. Como abstração, o governo surge como um deus moderno, sendo o presidente seu messias enviado para nos salvar. Já no cotidiano, os políticos são alvos de ataques constantes e profunda desconfiança por parte do povo. Alguma coisa está fora de lugar.

Mais à frente, lembraria desta obviedade ululante esquecida com frequência: o que está sendo negligenciado é a noção de que, ao ceder poder suficiente para o presidente realizar tantas maravilhas, também se oferece força equivalente para práticas despóticas. O estrago que um governo ruim pode causar tende ao infinito. E ninguém pregava tanto esse avanço estatal como Obama. Ele era o maior defensor do modelo concentrador de poder no Estado, e ainda assim foi eleito, e reeleito, e nos Estados Unidos. Calafrios?

Entendo que os socialistas — tanto os radicais quanto os da versão *light* — votem em Obama conscientemente. Mas desafio todos aqueles mais neutros e leigos em política, que ainda assim se encantaram com o presidente norte-americano, a desenvolver melhor suas razões para tanto. O que sabem de fato sobre ele? Será que basta *parecer* legal, simpático, carismático? Será que discursos

enlatados com palavras bonitas bastam?

*

Obama é, em boa parte, o fenômeno esmiuçado nessa obra. Tudo sobre aparências, sobre se sentir bem consigo mesmo, sobre abraçar bandeiras politicamente corretas pela *vibe* que produz. E nada sobre resultados concretos, sobre fatos e argumentos, sobre teorias embasadas.

A imensa maioria dos eleitores e simpatizantes de Obama nem sequer sabe de seu forte viés ideológico, ou alguma coisa de seu passado intelectual. Adoram Obama como adoram um mascote. O simples ato de adorar Obama, em suas cabeças, faz-lhes pessoas melhores, mais preocupadas com os pobres, com as minorias, com o planeta. “Vejam como sou um sujeito legal: eu defendo Obama!”

O presidente americano viveu isolado no Havaí, um dos locais mais esquerdistas do país, até os dezessete anos, quando foi estudar na capital. Até então, sua formação intelectual vinha de sua mãe, uma esquerdista roxa, e de seu pai queniano, um ativista antiamericano e muçulmano. Na faculdade, seus mentores eram os gurus do marxismo, que predominava naqueles anos de protesto contra a Guerra do Vietnã. Seu radicalismo era total.

Escrevi mais um artigo no jornal *O Globo* tentando resgatar um pouco dessa visão de mundo de Obama, para levá-la ao conhecimento dos brasileiros, que, se dependerem apenas da imprensa nacional, jamais terão acesso a tais dados. Começo com uma provocação sobre algo que fere a lógica:

Será que um marido em busca de uma “transformação fundamental” de sua esposa lhe tem amor sincero? Parece estranho alguém que ama tentar mudar a essência do ser amado. Mas esta tem sido justamente a promessa de Obama: “transformar fundamentalmente” a América.

Obama, segundo a mídia e seus acólitos, está acima da ideologia. É um pragmático. Mas os “progressistas” modernos, tal como seus precursores marxistas, apenas usam uma capa de cientificismo para ocultar a ideologia. Em cada discurso de Obama há a clara crença de que o estado é a locomotiva do progresso e da Justiça, e que o lucro representa um obstáculo a ser vencido.

Ele chegou a afirmar que defenderia impostos maiores sobre ganhos de capital, mesmo sabendo que isso não levaria a uma arrecadação maior. Era uma questão de “justiça”. Vale repetir aqui um longo trecho de meu artigo:

Obama é elogiado pela coragem de seus gastos bilionários para estimular a economia, além do resgate das montadoras. Não é fácil entender que coragem é essa em torrar o dinheiro dos pagadores de impostos ou salvar empresas

ineficientes, favorecendo os ricos de Wall Street e os sindicalistas, enquanto o déficit fiscal explode. O futuro foi hipotecado para não haver sofrimento hoje. Isso é um ato de coragem?

Com retórica de luta de classes, Obama expandiu o assistencialismo, e nunca houve tanto americano dependendo de esmolas estatais. A meritocracia cedeu espaço para o coletivismo. O sonho americano parece cada vez mais distante.

Outro grande troféu de Obama foi seu programa de saúde, o Obamacare. Trata-se de uma espécie de SUS americano. Ninguém quer debater sobre seus resultados práticos. Basta o monopólio dos fins nobres: só um insensível pode ser contra este programa. Será? Os esquerdistas nunca pensam nas consequências não-intencionais de suas medidas. Mas elas existem, e temos vários exemplos. O próprio SUS...

Quando se trata do clima, Obama novamente demonstra sua ideologia: abraçou com vontade o alarmismo. Antes, o ecoterrorismo era feito em nome do “aquecimento global”, e agora se fala em “mudanças climáticas”, termo mais vago. A seita verde busca uma capa científica, mas há vários furos nas previsões catastróficas de seus profetas.

Mas as contradições de Obama, seu passado obscuro ao lado de marxistas radicais, seus resultados medíocres na prática, nada disso é apontado pela mídia como seria no caso de um presidente republicano.

Por falar em marxistas radicais, uma relação que a imprensa jamais quis pesquisar a fundo é a de Obama com Bill Ayers. Trata-se de um terrorista do grupo Weatherman, que jamais se arrependeu de jogar bombas na polícia ou no Pentágono. Na verdade, lamenta não ter jogado *mais* bombas.

Ayers queria (ou quer) destruir o sistema “imperialista” americano e colocar em seu lugar o comunismo, por meio da força e da violência (“matem todas as pessoas ricas”). Esse camarada de Obama foi agraciado com uma cadeira na Universidade de Illinois, e pôde desde então envenenar a cabeça dos jovens com sua ideologia assassina. Pergunto: algum fã do presidente já ouvira falar nesse nome? Pois é...

Em sua autobiografia *Dreams From my Father*, Obama cita várias vezes uma espécie de mentor intelectual em sua formação. Trata-se de Frank. Não cita o nome completo, para não se comprometer (na versão em áudio, lançada em 2005, o nome foi totalmente retirado), mas sabemos de quem se trata: Frank Marshall Davis, um radical jornalista e ativista político, que viveu no Havaí de Obama com a missão de disseminar a agenda soviética e seu comunismo. Seu número do partido comunista era 47.544.

Paul Kengor escreveu um livro inteiro sobre a obscura figura: *The Communist: Frank Marshall Davis, The Untold Story of Barack Obama's Mentor*. Há relatos e fatos impressionantes ali. O fanatismo ideológico do sujeito era bastante evidente. Obama o cita com carinho e reconhece sua importante influência em sua vida. A grande imprensa, todavia, não considera importante apurar mais a história. Faz pior: acusa de radical e “macartista” aquele que prefere não ignorar o passado do presidente, principalmente porque o próprio não se arrepende desse passado!

Não custa lembrar que Obama, em sua autobiografia, alerta que é preciso cuidado na hora de escolher os amigos, para não se enganar com um traidor qualquer. Por isso andava apenas com os negros engajados na política, os alunos estrangeiros (“chicanos”), os professores marxistas, as

feministas e os “poetas” cantores de punk-rock. *Tutto bona gente*. Ficavam fumando e discutindo o “neocolonialismo”, ou seja, atacando os Estados Unidos. Mas radical é quem questiona as inclinações socialistas do presidente...

*

Seu carro-chefe, o Obamacare, logo na largada começou a apresentar os resultados negativos previstos pela oposição. Várias empresas passaram a contratar menos pessoal ou até demitiram funcionários por causa do programa. O custo de saúde subiu. A previsão de aumento do déficit público graças aos gastos extras disparou. Mas ninguém da grande imprensa bateu forte nessa tecla.

Até mesmo no começo de 2013, ante um dado de “crescimento” negativo do PIB americano, a imprensa não intensificou o ataque, preferindo justificar o problema com motivos pontuais. Fosse Bush e jamais o tratamento seria o mesmo, o que comprova o viés da imprensa.

Obama posa, como todo grande esquerdista caviar, como protetor das minorias, incluindo a maioria feminina. Sua retórica é toda voltada para o combate ao machismo, que supostamente reduz o salário das mulheres (falso, como já vimos). Curiosamente, quando Obama era senador, as suas funcionárias recebiam um salário médio de quase US\$ 45 mil por ano, contra mais de US\$ 57 mil da média masculina.

Para acrescentar insulto à injúria, o concorrente das primeiras eleições presidenciais de Obama, John McCain, pagava não só 24% de salário médio feminino a mais que Obama, como suas funcionárias recebiam mais que os homens da equipe. McCain, o republicano, fechara o *gap* e invertera a equação, tudo sem a necessidade de leis estatais como as defendidas por Obama.

Pergunte se a grande imprensa explorou esse abismo entre discurso e prática nas eleições. Claro que não! E Obama colhia os frutos de seu sensacionalismo em prol das “minorias”, recebendo uma quantidade desproporcional de votos dessas categorias de eleitores. O populismo vende bem.

O discurso coletivista de Obama é evidente. Ama a humanidade como poucos, e disse que o verdadeiro pilar americano não é a meritocracia, mas cada um ser o guardião de seu “irmão” (“brother keeper”). Novamente, porém, são os fatos os maiores inimigos de Obama. Por acaso, ele *tem* um irmão, do mesmo sangue, que vive em uma favela no Quênia, mas que não recebe um centavo do homem mais poderoso do mundo, que quer, no entanto, cuidar de *todos* os seus “irmãos” desconhecidos. A grande imprensa explorou essa chocante contradição?

E m *Obama's Zombies*, Jason Mattera expõe uma lista de “jornalistas” (prefere o termo prostitutas) que cobriram as eleições e logo depois foram trabalhar para Obama. Como acreditar em cobertura isenta e imparcial assim? Várias redes grandes, como MSNBC, ABC, CNN e tantas outras endossaram, de maneira escancarada, o apoio ao candidato democrata. E é a Fox News que acaba acusada de parcialidade, a *única* entre as maiores que não tomou o partido de Obama.

Quando Bush aprovou o Patriot Act foi um escândalo, a imprensa caiu em cima dele, várias celebridades se manifestaram alertando que viviam em um país com liberdade ameaçada; mas, quando Obama não só manteve como *expandiu* seus poderes arbitrários, tivemos um constrangedor silêncio.

O duplo padrão de julgamento é a marca registrada da esquerda caviar. Obama goza desse privilégio. Ele tem Hollywood, a academia e a imprensa ao seu lado. Toda a nata da elite esquerdista está com Obama, não pelo resultado de suas medidas ou pela solidez de suas ideias. Nada disso importa. Afinal, é “a” esquerda caviar em pessoa!

GANDHI (IN MEMORIAM)

O maior ícone dos pacifistas não era um típico esquerdista caviar, pois certamente Gandhi não pode ser acusado de hipocrisia. Ao contrário: parece ter acreditado em sua mensagem de forma fanática, intransigente e até violenta. Mas creio que mereça destaque no livro por aquilo que representa para a esquerda caviar, e pelo fato de que muitos querem citá-lo como exemplo moral, mas ninguém gostaria de segui-lo efetivamente.

Entre as boas intenções e os resultados concretos, a vida de Gandhi deixou um abismo, justamente devido à sua incrível ingenuidade e persistente ilusão. Seu grande “feito”, a independência da Índia, jamais seria uma conquista fosse o adversário um regime autoritário, e não a Inglaterra, como já vimos. Os britânicos já haviam concedido o princípio da independência, e a questão era mais sobre quando aconteceria.

Mas isso não é tudo. A vida de Gandhi e muitas de suas ideias jamais seriam vistas como desejáveis por muitos daqueles que idolatram o Bapu, o guia espiritual que só pode despertar pensamentos positivos para essas pessoas. Por trás da fama, havia uma mente bastante perturbada, como fica claro no decorrer da leitura de *Gandhi: ambição nua*, a biografia escrita por Jad Adams, membro da Royal Historical Society.

Ele idealizava a pobreza. Como conciliar sua obsessão pela vida simples na aldeia com o estilo das senhoras abastadas do Ocidente, que morrem de amores por Gandhi? Não importa: adoram-no, ignorando seu radical apego à miséria e sua mensagem de cunho socialista:

Se eu precisar de uma camisa para me cobrir, mas usar duas, serei culpado de roubar uma de outra pessoa, pois uma camisa que poderia ser usada por outra pessoa não me pertence. Se cinco bananas forem suficientes para satisfazer minha fome, ao comer a sexta, eu estarei cometendo uma espécie de roubo.

Em 1921, ao ajudar no boicote aos tecidos estrangeiros, ele mesmo chegara a atear fogo em pilhas deles. Algumas pessoas questionaram se não era melhor doá-los aos pobres, mas o líder espiritual alegaria que esses tecidos eram “pecaminosos”. Disse:

Devemos olhar para os tecidos estrangeiros como se olhássemos para sujeira. Assim como não queremos sujeira para nós, não devemos passar essa sujeira de tecidos estrangeiros para outros.

Portanto, as “dondocas” não pensem em doar aos pobres seus vestidos do Valentino ou Armani, tampouco seus sapatos da Prada. O correto, segundo Gandhi, é tacar-lhes fogo. Conhecendo essa visão, quantas ainda estariam dispostas a enaltecer as crenças de Gandhi e colocar em prática seus ensinamentos?

Os que tentam separar o homem excêntrico de sua grande mensagem pacifista deveriam lembrar que o próprio Gandhi não aceitava essa distinção. Para ele, sua vida era sua mensagem, e esta era indissociável de seus principais valores, entre os quais a castidade forçada e o vegetarianismo. Seu principal objetivo, segundo Adams, era nada menos do que a perfeição espiritual.

Para atingi-la, era capaz de atos absurdos. Tinha obsessão com o sexo, que teria de ser reprimido a todo custo. Mas, como era um mártir em busca da verdade, e o sofrimento, parte do processo de purificação, a tentação era fundamental para dar valor ao autocontrole. Por isso, dormia com mulheres nuas na cama (duas ao mesmo tempo em certas ocasiões), banhava-se com elas e era massageado. Tudo parte de seu crescimento espiritual, e, quando tinha orgasmos involuntários, isso realmente o aborrecia.

Sua visão do casamento era negativa, e sempre recomendava a castidade aos casais. Sexo, apenas para reprodução. Possivelmente isso se devia ao seu próprio casamento precoce, aos treze anos, que ele mesmo retratara como “um dos eventos mais amargos” que teve de suportar.

Talvez outro efeito colateral dessa experiência resultasse de sua própria visão da família. A humanidade tinha muito mais importância para ele do que seus próprios filhos, algo muito frequente na esquerda caviar. Em sua autobiografia, reconheceu que seus filhos tiveram motivos para se queixar de sua educação. E que queixas!

Seu filho Harilal, em uma carta de 1915, acusara o pai de nunca falar com amor, e sim com raiva: “Em movimento ou parado, dormindo ou sentado, você sempre nos atemorizou. Você tem um coração de pedra.” Quando descoberto o adultério de seu outro filho, Manilal, Gandhi fez jejum de sete dias, que o filho tentou copiar. O pai teria dito que esperava que Manilal suportasse, “mas, se morrer, ele não será motivo de remorso”.

O pacifista também era capaz de ser violento com a própria mulher. Escreveu que certa vez, ao perder a cabeça, pegou-a pelo braço, arrastou-a até o portão de casa e abriu-o pretendendo empurrá-la para fora. Kasturba, sua esposa, teria gritado com ele, e avisara que não tinha de aturar seus socos e chutes só porque era sua mulher. Os motivos das agressões podiam ser os mais banais: por exemplo, se ela se recusasse a limpar as próprias fezes e, pior, se recusasse a fazê-lo com prazer, tal como exigia.

Em 1908, preso, soube que Kasturba estava muito doente, mas se recusou a pagar a multa que lhe

permitiria sair da prisão. Em vez disso, mandou-lhe uma carta em que afirmava que a morte dela seria um outro grande sacrifício para a causa de *Satyagraha*, e pediu-lhe que não ficasse ofendida. Pelo visto, sua consciência pesaria depois, e ele chegou a escrever: “Eu estava tão cansado dela e queria que morresse. Fui uma cobra disfarçada.”

Refletindo sobre esse episódio, Gandhi chegaria a uma conclusão moral: “Não é possível dedicar-se a uma particular mulher e, ao mesmo tempo, dedicar-se à humanidade. Os dois não se harmonizam.” Confesso ter dificuldade em imaginar uma típica esquerdista caviar elogiando seu marido pela luta em prol da abstrata humanidade enquanto ela vive no frio abandono, como apenas mais uma miserável...

A postura alimentícia de Gandhi poderia aproximá-lo dos vegetarianos fanáticos de hoje. Uma vez, ao presenciar o sacrifício de um animal num templo de Kali, foi levado a refletir: “a vida de um cordeiro não deveria ser menos preciosa do que a de um ser humano”. Seus seguidores deveriam ter em mente que não são bons alunos pacifistas quando fazem ou simplesmente comem um churrasco.

Um lado mais obscuro e ignorado diz respeito à visão racial de Gandhi: tão purista quanto a dos racistas. Em setembro de 1903, escreveu: “Nós acreditamos tanto na pureza da raça quanto eles (os bôeres), só que nós acreditamos que eles serviriam melhor a seus interesses, o que é tão importante para nós quanto para eles, se advogassem a pureza de todas as raças, e não apenas de uma delas.” E ainda continuou: “Também acreditamos que a raça branca na África do Sul deva ser a raça predominante.”

Contra as castas indianas, tampouco foi um combatente. Em 1916, disse: “Dediquei muito tempo pensando sobre o sistema de castas e cheguei à conclusão de que a sociedade hindu não pode dispensá-lo, pois ela sobrevive devido à disciplina da casta.” Igualdade? Nem tanto...

Justiça seja feita, combateu o sistema de intocabilidade. Mas nem por isso tinha uma opinião elevada a respeito: “Alguns intocáveis são piores do que vacas para compreender. Quero dizer que eles não conseguem ser melhores do que as vacas para distinguir a diferença entre os relativos méritos do islão, do hinduísmo e do cristianismo.”

Gandhi idealizava a vida comunitária pré-industrial, autossuficiente, e com isso era um ferrenho inimigo do progresso de que vários de seus fãs desfrutam. Disse: “Sinto que, se a Índia descartasse a ‘civilização moderna’, ela somente se beneficiaria com isso.” E acrescentou:

Minha intenção não é destruir ferrovias ou hospitais, embora, certamente, eu apreciaria sua destruição natural. Nem as ferrovias, tampouco os hospitais são sinais de alta e pura civilização. Na melhor das hipóteses, eles são um mal necessário.

Suas principais influências, entretanto, eram todas ocidentais, como Tolstoi, Thoreau ou Ruskin. O

livro *Civilization: Its Cause and Cure*, do utópico socialista e homossexual Edward Carpenter, foi importante para a formação de seu pensamento. Carpenter era vegetariano e liderava sua própria pequena comunidade, como Gandhi.

Sobre o bolchevismo, o pacifista disse que “um ideal santificado por sacrifícios desses espíritos mestres como Lênin certamente deixaria a sua marca”. De fato, deixou: um rastro enorme de sangue inocente, de muita miséria e de escravidão!

Em seu *ashram*, Gandhi se cercava de bajuladores e promovia a seu círculo mais próximo pessoas por motivos insignificantes, como o maior comprometimento com suas pequenas regras de higiene e alimentação. A educação tampouco foi uma bandeira que prezou. Sumitra, uma menina inteligente e obstinada, precisou resistir à tentativa de convencê-la a abandonar os estudos. Gandhi perguntou: “Qual é a necessidade de uma educação maior? Fique comigo e seja minha secretária.” Ela respondeu:

Eu não quero ser uma de suas secretárias inferiores que lavam suas roupas e utensílios, organizam suas refeições, cuidam de seus compromissos, recebem e acompanham as pessoas no ashram e são cheias de autoimportância.

Se, porém, as feministas não têm muito a admirar em Gandhi, os nacionalistas têm. Na verdade, Mahatma foi um grande nacionalista. Tanto que até Hitler merecera uma ou outra palavra de tolerância, inclusive por ser também vegetariano e obcecado com a saúde:

Eu não desejo que os aliados sejam derrotados, mas não considero que Hitler seja tão ruim quanto dizem. Ele está demonstrando uma habilidade surpreendente e parece estar ganhando suas vitórias sem muito derramamento de sangue.

A benevolência no julgamento do Führer (que chegaria a chamar de “caro amigo” em uma carta) sem dúvida tinha ligação com os valores com que Gandhi realmente se importava: “Ele não tem vícios. Não se casou. Dizem que seu caráter é limpo.” Essa visão totalmente deturpada impediu que fizesse uma análise mais realista da guerra, e o amarrou a uma típica postura da esquerda caviar, o relativismo:

Eu não vejo diferença entre os poderes fascistas ou nazistas e os poderes dos aliados. Todos são exploradores, todos recorrem à crueldade.

Para Jad Adams: “A sugestão de Gandhi de uma equivalência moral entre as democracias e os poderes do Eixo demonstra a sua ignorância ou falta de interesse por saber em que consistia a verdadeira ditadura.” Ele sempre minimizou as atrocidades coletivas, pois não se encaixavam em sua visão romântica do ser humano, e porque assim era mais fácil demonizar o império britânico.

Seu fracasso em perceber a enormidade do holocausto tinha precedente no fato de que alegara “desconfiar” do caso armênio, após o genocídio de quase 1,25 milhão de armênios pelos turcos na Primeira Guerra.

Se Gandhi não notava tanta diferença assim entre o nazismo e a democracia inglesa, tratava como de extrema importância a proibição de bebida alcoólica, que descrevera como “provavelmente o maior movimento moral do século”. Seria bom se seus fãs pensassem antes de o elogiarem entre uma taça de vinho e outra...

Seu pacifismo se estenderia à Segunda Guerra. Em 1940, por ocasião da Batalha da Inglaterra, escreveu que os ingleses deveriam utilizar seu conceito de não violência, deixando que Hitler e Mussolini tomassem o que desejassem “de sua linda ilha com seus edifícios maravilhosos”.

Se quisessem ocupar-lhes casas, então que fossem entregues. Assim, os ingleses mostrariam que se recusavam à submissão, ainda que massacrados. Por sorte dos ingleses, o beligerante Churchill, detestado pela esquerda caviar, tinha uma visão bem diferente sobre guerra: achava que era importante vencê-la!

Aliás, Churchill referiu-se a Gandhi como um “maligno fanático subversivo”. Julgamento duro e provavelmente injusto, mas justificável se lembrarmos que o estadista inglês servira na Índia e “sabia que o país pululava de homens santos autoestilizados, usando vários tipos de trajes (nudez), mendigando às pessoas já pobres e oferecendo falsas panaceias”, como explica Jad Adams.

Esse pacifismo fanático de Gandhi também contribuiu para o agravamento da guerra civil dentro da Índia, entre hindus e muçulmanos. A criação do Paquistão não fora suficiente para arrefecer os ânimos, e Gandhi se mostraria inábil para conter a escalada da violência. Chegou a dizer: “Se a Índia quer um derramamento de sangue, que seja feita a sua vontade.”

O mais importante era manter a tática de não violência e de unidade nacional, não importando as consequências. Sua ideia de que a violência era culpa do império britânico mostrar-se-ia altamente enganosa quando indianos passaram a massacrar indianos depois da retirada dos ingleses.

Após a independência da Índia, o grande herdeiro intelectual e amigo de Gandhi, Jawaharlal Nehru, assumiu o poder. Nehru era um socialista que acreditava no planejamento central. O resultado, como não poderia deixar de ser, foi catastrófico. O setor público inchou absurdamente, a quantidade de empresas estatais disparou, e a economia entrou em crise.

A ineficiência era a regra, e a corrupção, gigantesca, agravada pelo excesso de burocracia. A Índia olhava apenas para dentro, seguindo a visão de autossuficiência pregada por Gandhi. O preço pago pelos indianos seria muito alto, mas Gandhi não estava mais lá para tomar conhecimento.

A imagem de Gandhi até hoje enfeitiça muita gente no Ocidente. Ele é visto como um santo, acima das paixões humanas, e seu legado pacifista, extremamente infantil e romântico, continua exercendo influência forte na esquerda caviar. Os “filhos” de Gandhi, não os verdadeiros, mas os “espirituais”, precisam fazer o luto dessa imagem idealizada do Bapu.

JOHN LENNON (IN MEMORIAM)

Ao lado de Bob Dylan, John Lennon foi o representante de uma época. Quando pensamos nos hippies pregando paz e amor nas décadas de 1960 e 70, automaticamente o nome do líder dos Beatles vem à mente. Pacifismo, feminismo, luta pela justiça social, anticapitalismo, essas foram as principais bandeiras daquela época — e também de Lennon (que, ironicamente, tinha Winston como nome do meio, em homenagem a Churchill).

Além disso, Lennon marca o despertar de uma tendência que teria crescimento exponencial: foi o primeiro *popstar* a ter uma reunião para discutir questões políticas e sociais com o líder de uma nação. Suas músicas, principalmente na fase solo, tinham a clara intenção de “mudar o mundo”, de criar um “mundo melhor”. Nesse e em outros aspectos, é um dos grandes ícones da esquerda caviar.

Lennon foi filho de pais ausentes — seu pai, um marinheiro, quase nunca esteve por perto, e sua mãe, que morava com um novo companheiro num cubículo, o que obrigava o menino a dormir na cama com o casal, acabaria aceitando que sua irmã Mimi cuidasse de John. Para piorar, sua mãe morreu atropelada quando ele tinha apenas dezessete anos. Infância conturbada e carente, juventude rebelde e excessivo consumo de álcool e drogas: essas seriam as balizas de sua trajetória inicial.

O estrelato e a riqueza precoces — aos 22 anos já era mundialmente famoso — fizeram com que Lennon sucumbisse a um estilo de vida desregrado, faltando-lhe ademais a âncora e a bússola de uma estrutura familiar. Ele precisava atacar todas as formas de autoridade vigentes e ainda testar seus limites.

Seu egocentrismo fora despertado também. Ficaria amplamente conhecida a entrevista em que afirmou que os Beatles eram mais famosos que Jesus, o que gerou forte reação negativa de muitos fãs. Em uma entrevista concedida em 1970, perguntaram se achava que era um gênio. Lennon respondeu: “Sim. Se isso existir, eu *sou* um gênio.” Em outra ocasião, comparou-se a Shakespeare e Goethe. Menos...

O grande objetivo de John Lennon, que perseguia difusa e desesperadamente, era encontrar um sentido para a própria vida. Mergulhou no New Age de cabeça, passou por centenas de viagens de LSD (ácido alucinógeno), adotou um yogi indiano como guru (que depois acusaria de charlatão), depositou esperanças na terapia primal, desenvolvida por Arthur Jenov e que consistia em se expressar com gritos, aderiu à meditação e finalmente conheceu Yoko Ono.

A artista iria lhe fornecer um novo propósito na vida, pois nenhuma religião trazia consolo, e as drogas não passavam de distração. Seu sentimento de alienação no topo da elite da sociedade, que tanto desdenhava, jogou-o na direção do “desprendimento”, e assim logo se sacramentaria o fim dos Beatles. Uma nova fase tinha início. O roqueiro rebelde virara um hippie “paz e amor”.

Foi a partir desse momento que o otimismo ingênuo tomou conta do músico, até então bastante cínico diante do mundo. Lennon declararia: “Assim, a batalha pela qual Jesus lutou incessantemente será vencida, finalmente. Haverá paz por toda a Terra.” Amém! O universo das boas intenções, típico da esquerda caviar, suplantaria o da realidade. E como chegaríamos a esse lindo ponto de chegada?

Lennon dava a resposta: “Dê uma chance à paz.” São dessa época músicas como “All You Need is Love” e “Give Peace a Chance”. No auge da insatisfação com a Guerra do Vietnã, tornar-se-ia o ídolo de toda uma geração desiludida. Contra canhões e metralhadoras, esses jovens reagiriam com rosas, drogas e sexo, muito sexo! Como resistir?

O mundo tem guerras desde que o homem é homem. Clãs nômades disputando território, nações em batalhas entre si, indivíduos que se digladiam, mas Lennon descobrira a fórmula da paz: o amor, pregado em suas músicas. Se ao menos cada um se convencesse disso... Sério: há algo mais infantil e ingênuo? Há algo mais esquerda caviar?

Como não poderia deixar de ser, John Lennon se aproximou então da esquerda radical, e foi mais um usado como o inocente útil. Tariq Ali e Robin Blackburn, editores de um periódico marxista, seriam os tutores de Lennon nessa época. Depois, o astro se arrependeria e depreciaria suas próprias atividades durante o período, expondo uma das principais origens do fenômeno esquerda caviar:

Aquele radicalismo era falso, realmente falso, porque surgiu com a culpa. Sempre me senti culpado por ter ganhado dinheiro, então precisava fazer doações ou perdê-lo.

Durante essa fase, ajudou a levantar fundos para grupos realmente radicais, e chegou a erguer um cartaz a favor do IRA, o grupo terrorista irlandês, contra o “imperialismo britânico”. Lennon conseguiria superar esse flerte, no entanto sem jamais abandonar o socialismo como meta:

O socialismo do qual eu falo é o socialismo britânico, não aquele vindo de um maluco russo. Aquele pode servir para eles. Nós, nós teríamos um bom socialismo aqui. Um socialismo britânico.

Socialismo britânico seria como o soviético, só que com sotaque inglês? Ou seria um socialismo de fachada, que permitisse ao cantor continuar enchendo o bolso de dinheiro? Como se vê, o Senhor Paz não estava isento de contradições gritantes. Aliás, toda a sua pregação por paz e amor servia, também, para segurar ou ocultar outro lado nada nobre. Ele próprio confessou:

Eu costumava ser cruel com minha mulher, fisicamente cruel com qualquer mulher. Eu batia. Não conseguia me expressar, e então batia. Brigava com homens e batia em mulheres. É por isso que sempre defendo a paz, entende? São as pessoas mais violentas que, em algum momento, passam a defender o amor e a paz...

Talvez por isso tenha dito certa vez que todos somos Jesus e todos somos Hitler. Conhecia bem o próprio lado sombrio, e, autocentrado como só muito raramente há, convencera-se de que todos poderiam domar esse pendor violento simplesmente com a “filosofia do amor”.

Em sua biografia sobre John Lennon, Gary Tillery descreve o *superstar* como um “idealista cínico”, que poderia ser considerado um ingênuo pelos céticos (como eu), mas que deixou uma perspectiva esperançosa ao mundo. O autor pergunta:

Quantas melhoras neste mundo foram alcançadas por indivíduos calculistas agindo em seu próprio interesse e quantas melhoras foram alcançadas por pessoas idealistas agindo para um bem maior?

Bem, para ser sincero, várias melhoras vieram de egoístas em busca de seus próprios interesses, e várias desgraças decorreram de idealistas à procura de um bem maior. Podemos pensar nas invenções tecnológicas, nos remédios dos laboratórios farmacêuticos, tudo em busca de lucro, em vários avanços obtidos graças ao individualismo de alguns seres egoístas.

Por outro lado, basta pensar nas revoluções sangrentas que ocorreram em nome do bem-geral para que tenhamos calafrios e rapidamente lembremos do velho ditado: o inferno está cheio de boas intenções! Entre egoístas empreendedores e idealistas coletivistas, prefiro ficar ao lado dos primeiros...

Foi seguramente com a melhor das perspectivas que Lennon criou a sua NUTOPIA, nada mais do que a velha utopia com nova embalagem. Sua “New Utopia” seria descrita em sua música mais famosa: “Imagine”. Canção marcante, bela melodia e letra extremamente romântica: essa era a solução para os males que assolavam o mundo.

Um mundo sem religião, sem fronteiras nacionais e sem capitalismo (propriedade privada): assim era o ideal sonhado por Lennon. O autor ignorava o fato de que o conceito de nação era relativamente novo e que nem por isso houvera paz no passado; muito pelo contrário.

Mas a parte mais absurda e hipócrita é a que menciona um mundo sem posses, o paraíso socialista. Diz: “Pergunto-me se você consegue” (*I wonder if you can*). Nós poderíamos devolver a pergunta: será que *você* conseguiria, John? Até mesmo Tillery, cuja biografia é extremamente favorável ao ídolo, não foi capaz de ignorar a incoerência, questionando:

Por falar nisso, será que Lennon poderia ter se imaginado mudando de sua propriedade em Tittenhurst, de 74 acres, para viver em um trailer em um fim de mundo qualquer, e nos doando tudo o que ele e Yoko possuíam?

Em uma entrevista pouco anterior à morte do marido, Yoko Ono revelou que o casal doava 10% de sua renda para pessoas carentes. Nada mau, nada mau. A mesma quantia que os evangélicos doam para suas igrejas, e muitos católicos também. O velho dízimo bíblico. Daí a abandonar *todos* os bens em nome da “irmandade dos homens”, dividindo tudo em comum, vai uma *enorme* distância! E ainda bem, pois essa receita, sem resolver coisa alguma, criaria apenas mais um casal pobre no mundo.

“Você pode dizer que sou um sonhador, mas eu não sou o único.” Concordo, e isso é o mais preocupante. Fosse um só a transformar utopias em belas canções, tudo bem. Quando, porém, uma

legião de seguidores passa a *acreditar* nesse caminho, entoando o hino em nome de uma causa política, aí é que mora o perigo. Ideias têm consequências. E ideias transmitidas por meio de músicas também.

Poucas horas antes de morrer, Lennon disse a um entrevistador: “Ainda acredito na paz e no amor; ainda acredito no pensamento positivo.” Ele foi mais um pacifista vítima da violência. Parece que o amor presente em suas letras não tocou o coração do assassino. Mas, sem dúvida, uma arma poderia tê-lo defendido e salvado. Paz e amor, *brother*. E que tal alguma precaução mais realista também?

NOAM CHOMSKY

Nenhum outro representante da academia encarna de forma tão perfeita o manual da esquerda caviar como o conhecido linguista. Ele abraça simplesmente *todas* as bandeiras da turma.

A começar pelo antiamericanismo virulento. Chomsky vive praticamente em um estado policial, sob um regime nazista. Ao menos é assim que enxerga os Estados Unidos. Para ele, o sistema eleitoral de seu país encadeia, de quatro em quatro anos, uma série de ditaduras.

Defende, portanto, a alternativa “fantástica” de inúmeros países sob verdadeiras ditaduras, onde sua punição por crítica similar seria a morte. Nos Estados Unidos, pode continuar com suas diatribes em paz, seguro, alegando que é um “dissidente político”. Nos países que defende, no entanto, os legítimos dissidentes acabam em *gulags* ou paredões de fuzilamento. Ser “dissidente” na América é um pouco mais fácil...

Apesar de uma produção literária e verborrágica profícua, a mensagem de Chomsky é bastante simples: você consegue ver o horror e a miséria no mundo? A culpa é do capitalismo e do complexo militar americano. Ponto final. Simples assim.

O Pentágono, segundo esse pensador, é “a instituição mais hedionda da Terra” e constitui uma “ameaça para a vida humana”. Isso em um mundo que tem terroristas islâmicos, ditaduras com bomba nuclear, teocracias que desejam varrer povos inteiros do mapa etc. Mas Chomsky foi encontrar no Pentágono a verdadeira ameaça à paz mundial.

Aqui, pois, começa a hipocrisia pesada do ícone da esquerda caviar. Não apenas ele ataca o “estado policial” dos Estados Unidos de uma posição fácil, confortável e segura, típica do estado democrático de direito, como lucra graças ao próprio Pentágono! Nos últimos quarenta anos essa “instituição hedionda” destinou milhões ao escritor socialista, por meio de projetos e financiamentos às suas pesquisas.

E a “instituição fascista” inclui a família toda nas benesses estatais. Sua esposa, Carol, também uma linguista, procurou o Pentágono para que financiasse um projeto chamado “Baseball”. Parece que o “fascismo” não tem tanta importância quando o agraciado se chama Chomsky.

Apesar de todo o discurso anticapitalista, o fato é que o sujeito gosta e muito de dinheiro, como todo socialista. Acumulou milhões de dólares ao longo de sua carreira e investe até no mercado de ações, em busca de um retorno melhor.

Defensor dos impostos pesados sobre heranças, criou ao menos um “trust” em paraíso fiscal — justamente para fugir dessas taxas. Quando confrontado com essa contradição, reagiu afirmando que não iria pedir desculpas por guardar dinheiro para seus filhos e netos. Sim, pode pensar no futuro de seus familiares. Mas, se um rico empresário faz o mesmo, é claro que se trata de um egoísta insensível.

Esse grande defensor da igualdade e dos pobres vive em uma casa avaliada em pelo menos US\$ 850 mil e ainda possui outra, para férias, em Wellfleet, Massachusetts, estimada em US\$ 1,2 milhão. Além disso, claro, tem um belo barco. Coisas típicas do cotidiano dos pobres do mundo todo, como sabemos.

Como todo campeão da esquerda caviar, Chomsky posa de defensor das minorias. Ocorre que quase todas as contratações que fez para os departamentos de linguística e de filosofia nos anos anteriores foram de homens brancos. As cotas parecem boas apenas para os outros.

A revolta de Chomsky contra massacres de inocentes é bastante seletiva. Durante a Guerra Fria, acusou o governo de Saigon, no Vietnã do Sul, de “autoritário e repressivo”, mas foi incapaz de emitir uma só palavra de condenação ao regime do norte, que massacrava milhares de inocentes. Os fatos já eram conhecidos na época.

Ao contrário, soltaria palavras elogiosas sobre a “reforma agrária” dos vietcongues, que nada mais era do que expropriação de terras privadas, depois distribuídas entre os membros do partido. Também elogiaria a “reforma” de Mao na China, algo “realmente muito admirável”. Nessa época, comprava sua propriedade em Wellfleet. Sorte dele que seus admirados regimes não cuidavam dos rumos de Massachusetts.

Chomsky negou o genocídio cometido pelo Khmer Vermelho no Camboja, chegando a desqualificar testemunhas oculares, e compararia o regime de Pol Pot com a Revolução Americana. O quão pérfido é preciso ser para afirmar algo assim?

Certa vez, quando cinco cubanos foram presos nos Estados Unidos, acusados de espionagem, Chomsky saiu-lhes em defesa, alegando que se tratava de “patriotas”. O linguista, entretanto, nunca teve palavras de apoio aos milhares de prisioneiros políticos da ditadura cubana. Para ele, Cuba, sob Fidel Castro, tornara-se um símbolo de resistência corajosa ao ataque americano.

Sempre em busca de um tirano para admirar, Chomsky encontrou no Islã fundamentalista um aliado, principalmente porque seu alvo é a destruição do “império” americano e do capitalismo. Tentou convencer os Estados Unidos de que o terrorismo islâmico não era realmente uma ameaça e que o verdadeiro culpado pelos ataques eram os próprios americanos.

Quando sua segurança esteve em jogo, porém, levou a ameaça bastante a sério. Para conseguir acesso a suas aulas, era preciso antes apresentar uma identificação com foto, então passar por um posto de segurança e ser revistado na porta. Em nome da proteção pessoal, ainda costuma usar policiais à paisana em suas palestras. Nessas horas, decerto que não é dos militares americanos que

tem medo...

Em maio de 2006, poucas semanas antes de o Hezbollah atacar Israel, Chomsky foi ao Líbano consumir seu romance de longa data com os terroristas. Em Beirute, visitou a sede do grupo e abraçou calorosamente seu secretário-geral, Hassan Nasrallah. Finalmente, tivera a oportunidade de demonstrar seu carinho àqueles responsáveis pela morte de 241 americanos no ataque de 1983.

Ecoando as palavras de Nasrallah, endossaria a acusação de que o então presidente Bush era o maior terrorista do mundo, e os Estados Unidos, um dos mais perigosos estados terroristas.

Na América Latina, Chomsky parece procurar um substituto a seu querido Fidel Castro. Sempre defendeu Hugo Chávez, o tiranete venezuelano responsável pelo “socialismo do século XXI”, aquele que muito se parece com o do século anterior, responsável por muita miséria e escravidão, além da morte de milhões de inocentes. Claro que o linguista prega esse modelo de longe, pois o intelectual refinado não suportaria viver em um país onde o papel higiênico virou bem de luxo, contrabandeado no mercado negro.

Até no Brasil Chomsky se meteria, quando achou que encontrara algo suficientemente radical com que flertar. Apoiou a candidatura de Heloísa Helena à presidência, aquela do PSOL, em 2006. Onde houver esquerda jurássica e carnívora, cedo ou tarde lá estará Chomsky, até seus últimos suspiros, para oferecer seu prestígio e fama em nome da causa socialista e contra o capitalismo.

O sensacionalismo desse senhor é tão grande que um de seus livros se chama *O lucro ou as pessoas?*, estampando já na capa a falsa dicotomia de quem pretende monopolizar as virtudes e condenar o lucro. Ora, sabemos que é justamente a busca pelo lucro que permite a produção de alimentos em um volume que salva vidas, especialmente dos mais pobres. Ninguém precisa escolher entre lucro e pessoas. Ao contrário: devemos escolher ambos.

Os regimes comunistas defendidos por Chomsky tentaram abolir o lucro, e o resultado foi a morte de milhões por inanição. A fome se instalou nesses países. Mas ele, como ícone perfeito da esquerda caviar, não se importa com todo esse sofrimento real, com os resultados práticos de suas ideias, com os fatos incômodos.

Para esse pensador, o importante é a imagem de nobre defensor dos pobres. Imagem essa reforçada quando ovacionado como verdadeiro *popstar* no Fórum Social Mundial, o palco mais famoso da esquerda caviar, um evento orçado em milhões de dólares. É lá que uma multidão de idiotas úteis pode massagear o ego do linguista mentiroso e hipócrita.

PAUL KRUGMAN

Em minha área específica, que é a economia, não existe ícone maior da esquerda caviar que Paul

Krugman. Ele é imbatível. Prêmio Nobel de Economia, tornou-se um empedernido guerreiro das causas esquerdistas. Seu keynesianismo alucinado faria corar de vergonha o próprio Keynes.

Se alguém se dispusesse a apontar cada absurdo que sai do teclado de Paul Krugman, não faria mais outra coisa. É tanta falácia, tanta mentira, que espanta o fato de esse senhor ainda gozar de enorme espaço na imprensa, inclusive a nossa, que adora traduzir suas colunas do *NYT*.

Krugman demandou abertamente uma bolha imobiliária para “curar” o *crash* de tecnologia no começo dos anos 2000 — o que serve de alerta para que tomemos cuidado com aquilo que desejamos. Veio a bolha imobiliária, estourou, e o que fez o sujeito? Apareceu publicamente para reconhecer o erro? Até parece! Se tivesse tal tipo de conduta, não estaria neste livro a representar, tão bem, a esquerda caviar.

O economista simplesmente se fez de desentendido, ignorou o passado, e hoje posa como detentor da “cura” para a nova crise. Naturalmente, a receita é mais uma bolha produzida artificialmente pela impressão desenfreada de papel-moeda para financiar gastos públicos. Para quem tem somente um martelo, tudo se parece com prego. Krugman, o alquimista, acredita que o governo pode transformar chumbo em ouro com sua vareta mágica.

Para ele, esse aumento de gasto estatal é tão fundamental que nem importa o destino. Declarou em uma entrevista, sob o olhar de espanto do colega Kenneth Rogoff, também entrevistado, que até mesmo um gasto para a prevenção de um hipotético ataque alienígena seria desejável como estímulo à economia. Recursos escassos jogados no lixo para produzir um pouco mais de crescimento do PIB no curto prazo: eis algo que apenas um Ph.D. com Prêmio Nobel teria a cara de pau de defender em público!

Em um artigo publicado na *Folha*, Krugman atacou os juízes da Suprema Corte americana que ousavam, vejam só!, preservar a Constituição do país. O governo americano não pode impor o consumo de algum produto, mas a administração de Obama não quer saber desses detalhes insignificantes, e seu Obamacare pretende impor a compra de um seguro de saúde a todos os cidadãos (ou súditos?) dos Estados Unidos.

Um dos juízes disse que, se hoje o governo pudesse fazer isso, amanhã poderia obrigar todos a comprar brócolis. Claro que forçava a barra para fazer seu ponto, que ficou claro: quando a ideia de que o indivíduo sabe o que é melhor para si próprio se perde, dando lugar à premissa de que cabe ao governo decidir por todos, então por que parar no seguro de saúde? O Estado poderia muito bem avançar e “proteger” ainda mais cada um, impondo, sim, uma dieta mais saudável.

Mas Krugman, como um bom esquerdista, não quer saber dessas coisas bobas. No artigo, diz que é má-fé comparar as duas coisas, e explica o motivo: “Quando as pessoas optam por não comprar brócolis, não tornam o produto indisponível para aqueles que o desejam. Mas, quando as pessoas não fazem um plano a não ser que adoeçam — que é o que ocorre se a compra não for obrigatória —, o agravamento do paiol de risco resultante dessa decisão torna os planos mais caros, e até

inacessíveis, para os demais.”

Em primeiro lugar, a demanda mais escassa costuma afetar qualquer produto, não apenas planos de saúde. Se ninguém mais quiser comer brócolis, a verdura ficará indisponível também, ou muito cara, pela perda de escala na produção, prejudicando aqueles que a consomem pensando na melhor saúde. Krugman, um Nobel de Economia, deveria saber que as leis de oferta e procura se aplicam a todos os bens e produtos.

Em segundo lugar, a premissa do economista é interessante, a de que ninguém faz plano de saúde saudável, apenas quando já doente. Atenção, pois essa é a parte mais importante: Krugman, como todo esquerdista, sempre trata os indivíduos consumidores como mentecaptos, incapazes de escolher algo bom para si. É exatamente isso que diz: que o povo, se puder escolher, não fará plano de saúde porque não valoriza tal seguro.

Afinal, ninguém faz seguro de carro, não é mesmo? Só quando bate com o carro! É o que o Nobel assume como fundamento para defender o avanço do governo sobre o indivíduo, rasgando a Carta Magna para tanto.

Esquerdistas paternalistas são sempre arrogantes e autoritários. Pensam ter uma visão holística da coisa e encaram indivíduos como peças de xadrez num tabuleiro que eles, como mestres clarividentes e altruístas, mexerão a seu bel-prazer e em nome do “bem geral”. Portanto, fique tranquilo: o papai Krugman sabe o que é melhor para você. E ainda que você discorde, isso não vem ao caso. Ele vai obrigá-lo a fazer aquilo que é “certo”.

MICHAEL MOORE

Imagine alguém narcisista ao extremo, com um ego maior que o planeta, que fala em nome do “homem comum” enquanto vive em um apartamento de US\$ 2 milhões em Nova York, e que faz “documentários” que distorcem os fatos para vender sua mensagem antiamericana mundo afora. Não precisa mais imaginar. Esse é Michael Moore.

É impossível falar das contradições da esquerda sem dedicar um espaço nobre ao cineasta de Michigan. Em inúmeros aspectos, Moore é emblemático para o tema aqui investigado. Ele é tão representativo da esquerda caviar que, no fundo, o livro poderia falar apenas dele, e a mensagem já ficaria clara.

Sua hipocrisia salta tanto aos olhos que várias pessoas passaram a dedicar tempo ao hobby de desmascará-lo. Sites como www.moorexposed.com foram criados, e livros como *Michael Moore is a Big Fat Stupid White Man* foram escritos. Nessas fontes, há farto material comprovando a malícia, a desonestidade e a hipocrisia desse querido ícone da esquerda antiamericana. Vamos ver apenas alguns casos, suficientes para desmascará-lo.

Moore fez fortuna com base em um estilo beligerante e crítico. Seu primeiro documentário, *Roger & Me*, foi um estrondoso sucesso. Nele, o cineasta atacou de forma virulenta o então CEO da General Motors, pois a montadora tivera de fechar uma fábrica em Flint devido à concorrência estrangeira. A exploração sensacionalista da tragédia alheia foi a grande descoberta de Moore para a rota de seu sucesso.

Esse primeiro “documentário” lhe renderia US\$ 3 milhões. Moore vive em uma grande cobertura em Nova York e possui uma casa de dez acres em Torch Lake, para poder dizer que ainda mora em Michigan (e pagar impostos estaduais menores). A National Geographic considera este lago um dos três mais belos do mundo.

Durante as turnês de promoção dos filmes, o cineasta costuma ficar em suítes presidenciais, que custam mais de US\$ 5 mil a diária, e conta com grande aparato de seguranças. Mas insiste que continua sendo da classe dos trabalhadores e que não alterou profundamente seus hábitos. É apenas um homem comum, do povo.

Quando alguns críticos resolveram levantar questões incômodas sobre *Roger & Me*, apontando falhas ou eventuais manipulações, a reação do cineasta foi estridente: o crítico acabava sempre rotulado de instrumento em alguma trama contra o cineasta. Os fatos em si não precisavam ser rebatidos, pois era mais fácil desqualificar o autor com base em teorias conspiratórias. Nada mais esquerda caviar que isso.

No “documentário”, Moore aparece como o corajoso defensor dos oprimidos contra o grande capital. Atribui às demissões uma sequência de desgraças que se abate sobre a cidade, como aumento da violência e coisas do tipo. Detalhe: alguns episódios mostrados no filme ocorreram *antes* do fechamento da fábrica, mas isso não incomodou o cineasta.

A partir de então, Michael Moore repetiria sua receita para o sucesso de bilheteria, acumulando uma grande fortuna no processo, mas sem perder o estilo de “homem simples”, com aquele boné de baseball e a fala mansa. Até hoje se vende como um cara de Flint, ainda que nascido em Davison, cidade vizinha e de classe mais alta, o local da gerência, como se dizia, de população predominantemente branca, e não dos trabalhadores do chão da fábrica aos quais se associa.

O pai de Moore possuía dois carros na garagem, era proprietário da casa onde moravam, colocara seus quatro filhos em escolas católicas particulares e mandaria três para a faculdade. Trabalhava na GM de seis da manhã às duas da tarde e em seguida jogava golfe em um clube privado. Não parece exatamente o estilo de vida de um típico operário. O cineasta, porém, aprecia a imagem da origem humilde, pois vende bem.

*

Com *Tiros em Columbine*, sua fama se estabeleceria. Uma vez mais, Moore explorava a tragédia em

benefício próprio, e não sem muita manipulação dos fatos. A tese central do filme é de que várias crianças correm perigo nas escolas porque há liberdade demais para comprar armas nos Estados Unidos. A imagem de que tais ataques ocorrem com frequência por lá e a ideia de que isso se deve à cultura armamentista americana repercutem até hoje em muitos lugares graças a Michael Moore.

Não importa que mais americanos morram todo ano por raios do que por tiros em escolas, nem que vários outros países, mais rigorosos com a compra de armas, enfrentem o mesmo tipo de problema. A Finlândia, um dos países mais ricos e civilizados do mundo, teve dois casos em pouco mais de um ano. A esquerda caviar não condenou sua cultura pela desgraça. Tampouco importa que países como a Suíça possuam ainda mais armas por habitante que os Estados Unidos e, no entanto, sejam locais pacíficos.

Confrontado por várias acusações de meias verdades no filme, Moore chegaria a questionar por que todo mundo estava tão excitado, uma vez que aquilo era apenas uma comédia. Resta avisar a todos aqueles que levaram seu “documentário” bastante a sério...

Com o livro *Stupid White Men*, ele levou ao auge sua mensagem populista para consolar os que ficaram para trás no sistema. Bastaria se identificar com ele e repetir que todos os outros, especialmente os mais ricos e poderosos, não passavam de idiotas. Fomentando o ressentimento das massas, nos Estados Unidos e no resto do mundo, conquistou uma legião de seguidores, muitas vezes fanáticos. O antiamericanismo vende bem.

Na Alemanha, por exemplo, o livro vendeu quase um milhão de exemplares, um terço do total mundo afora. Pelo visto, é agradável ver algum americano descascando seu próprio país, pintando um quadro de que a maioria da população é formada por idiotas e de que a culpa pelo terrorismo é dos próprios americanos.

Moore chega ao miserável ponto de comparar os Estados Unidos com a Alemanha nazista de Hitler, acusando o país de ser, na era Bush, um estado policial. O Patriot Act era o grande alvo, pois cedia mais poderes ao Estado para enfrentar o terrorismo, cuja ameaça Michael Moore rechaçava. Curiosamente, Obama não só manteve o Patriot Act como expandiu seus poderes arbitrários. De Moore e de toda a esquerda caviar, nada além de um sepulcral silêncio. Um mesmo peso, duas medidas diferentes.

Os brancos americanos são o alvo predileto do cineasta. Seus sermões costumam incitar a transformação em nível individual: se cada branco começar o processo de mudança, o racismo terá fim. Em *Do As I Say (Not As I Do)*, Peter Schweizer fez um levantamento e mostrou que quase todos os produtores e editores usados por Moore em seus filmes eram... Sim, acertou: brancos. De um total de 134 pessoas do alto escalão, somente três eram negras.

Entretanto, se alguém for branco e rico, então será alvo certo de Michael Moore, que é branco e rico. As corporações, os especuladores, os gananciosos em busca de mais lucro, esses são os inimigos da América. Em seu livro, há um capítulo chamado “Kill Whitey” (algo como “matem os branquelos”), em que — clara provocação a uma atitude atribuída ao “homem branco reacionário” — explica que sempre que vê um branco andando em sua direção fica tenso, seu coração dispara, e começa imediatamente a procurar uma rota de fuga (imagine alguém dizendo isso sobre os negros).

Moore alega que não tem qualquer ação de empresa, que não participa do mercado financeiro e que prefere manter seu dinheiro na conta corrente do banco. No entanto, sua fundação possui centenas de milhares de dólares em ações, incluindo gigantes do setor energético, o Satã segundo a esquerda caviar, e costuma doar o mínimo necessário à caridade apenas para não perder o status e as vantagens fiscais de instituição filantrópica.

Se os ricos devem pagar mais impostos, isso aparentemente não se aplica a ele. Várias cenas de seus filmes são rodadas no Canadá, em função de benefícios tributários. Quando lançou o “documentário” *Capitalism: a Love Story*, um ataque violento ao sistema que o fez milionário, solicitou e levou, do estado de Michigan, benefício fiscal de US\$ 1 milhão. Isso mesmo com o seu filme faturando quase US\$ 18 milhões. A ganância do socialista não tem limites.

De fato, o veterano gerente de Hollywood Douglas Urbanski, que trabalhara com Moore, declarou que o cineasta é mais obcecado por dinheiro do que qualquer pessoa que já conheceu. E olha que não faltam obcecos por dinheiro em Hollywood!

Os sindicatos são elogiados nos discursos populistas de Moore. Quando ele é o chefe, porém, a preferência é por trabalhadores não sindicalizados. Sua fama é de durão intransigente ou mesmo intragável. Façam o que digo, não o que faço.

Em *Sicko*, talvez tenha atingido o ápice da canalhice. Em defesa da universalização da saúde pública, defende o sistema cubano enquanto critica a medicina americana. O cineasta leva algumas vítimas de doenças, causadas pela fumaça do ataque de 11 de setembro, para a ilha, e lá então recebem um bom tratamento, e barato!

Tudo mentira. Tudo manipulado. Qualquer um sabe que o mito da saúde cubana não passa disto: um mito. Faltam remédios básicos para a população, as condições dos hospitais são precárias, e as famílias precisam levar até lençóis e comida aos doentes. Os dados sobre a medicina cubana são oferecidos pela ditadura, que não permite verificação externa. Mas nada disso é motivo suficiente para segurar Moore em sua cruzada antiamericana.

O governo petista pretendia “importar” 6 mil médicos cubanos para o Brasil, o que gerou enorme revolta entre os profissionais de saúde brasileiros. Alegaram que faltava conhecimento adequado aos cubanos, enquanto os petistas, assim como Michael Moore, insistiam no mito da boa medicina cubana (Chávez que o diga). Eis uma solução: os médicos cubanos atenderiam exclusivamente os petistas, que se comprometeriam a não frequentar mais o capitalista Sírio-Libanês. Será que topariam? Será que Moore topa só se tratar em Cuba?

Elian Gonzales, o menino cubano que sobreviveu aos tubarões, dois dias à deriva no mar, e que viu a mãe morrer na tentativa desesperada de tirá-lo do inferno socialista, não teve em Michael Moore e muitos outros de Hollywood o apoio esperado. Ao contrário, pressionaram pela volta do garoto a Cuba, transformando o caso em bandeira nacionalista e ideológica.

Moore chegou a ironizar que os únicos castigos que Elian teria no retorno à ilha seriam “saúde pública gratuita” e “boa educação”. Em suma, o inferno seria ficar nos Estados Unidos, onde o cineasta prefere continuar. Resta saber, aliás, se ele mandaria um filho para viver nesse lugar encantado.

A insensibilidade dessa gente com pessoas de carne e osso, mesmo crianças, nunca deixa de espantar. O cineasta é tão engajado que parece disposto a qualquer tipo de sensacionalismo barato. Defende, por exemplo, a ideia de que os canais de TV devem mostrar, em detalhes, os corpos de crianças vítimas de tiros, de preferência os mais destroçados, para finalmente ignorar a Segunda Emenda e proibir a venda de armas.

Michael Moore tenta passar a mensagem de que o slogan marxista — “a cada um de acordo com sua capacidade, para cada um de acordo com sua necessidade” — precisa ser incutido na cabeça dos americanos egoístas e insensíveis. Trocar o “eu” pelo “nós”, eis o que salvará a saúde dos americanos! O que não mostra é como tais modalidades de incentivo, essencialmente perversas, realmente afetaram a qualidade da saúde nos países que as adotaram.

Mesmo no Canadá há inúmeros problemas, como filas de espera, equipamentos obsoletos, corrupção e burocracia. Vários canadenses atravessam a fronteira em busca de melhor atendimento nos Estados Unidos. Isso, Moore jamais relatará em algum documentário.

São apenas fatos, e Michael Moore, como um destacado representante da esquerda caviar, não liga a mínima para fatos. O importante é vender antiamericanismo pelo mundo e atacar o capitalismo enquanto enche o bolso com o dinheiro dos otários. Mas estes podem relaxar em paz, pois afinal foram informados de que todos os americanos ricos e brancos não passam de idiotas, e de que eles, os otários, e Michael Moore são diferentes.

STING

O ex-vocalista do The Police é conhecido, principalmente, por sua bandeira ecológica. Sting é o defensor da Amazônia, dos índios, das árvores. Ele aponta o dedo para os homens comuns e cobra maior responsabilidade em relação ao meio ambiente.

O único problema, claro, é que o milionário casal Sting e Trudie Styler possui sete casas, utiliza jatos particulares para ir de uma a outra, e, em seu esquadrão de veículos, centenas de pessoas circulam pelo mundo para “salvar” Gaia.

Segundo Jason Mattered, em *Hollywood Hypocrites*, a pegada de carbono do casal é trinta vezes maior do que a de uma pessoa normal. Isso não importa. É preciso amar Sting e sua “princesa ecológica”, pois foram cofundadores da Rainforest Foundation, e isso é suficiente para constatarmos o quanto se preocupam com o planeta.

Quando a CNN perguntou-lhe se desejava um governo grande, o astro respondeu: “Claro que sim.” Afinal, o problema ambiental é enorme, e só o Estado pode solucioná-lo. O homem comum pode fazer sua pequena parte, mas o governo grande é que precisa tomar as importantes decisões, como parar o desmatamento.

O protetor das florestas, em resumo, acaba usando bem mais carbono para viver e ainda prega a concentração de poder no Estado, ameaçando a liberdade dos homens comuns. Era melhor focar nas ótimas músicas da banda, não?

Ele é o ídolo dos verdes, o político que abraçou como “a” causa a questão ambiental. Seu documentário se tornou fonte de todos os “melancias”, apesar das manipulações de dados e meias verdades, sem falar do ecoterrorismo infundado (alertou que *todas* as espécies de peixes no oceano estarão extintas em cinquenta anos se a situação atual não mudar). Foi agraciado com o Prêmio Nobel da Paz, e, antes, quase eleito presidente dos Estados Unidos. Seu nome é Al Gore, claro.

Sua verdadeira preocupação com o impacto climático é questionável, mas uma coisa não se pode negar: o clima é um negócio e tanto para Al Gore. O verde que mais parece atraí-lo é aquele dos dólares. Quando deixou a vice-presidência do país, seus ativos eram estimados em “apenas” dois milhões de dólares. O que ocorreria depois?

A escala de sua fortuna fica evidente quando sabemos que somente um de seus investimentos tinha, em 2012, o valor estimado de US\$ 35 milhões. Trata-se do Capricorn Investment Group. Mas Al Gore possui vários outros, muitos ligados a produtos e serviços voltados para a “energia limpa”, empresas que se beneficiam das medidas políticas de subsídios com o intuito de combater a “ameaça climática”.

Um estudo da Bloomberg estimou sua fortuna em US\$ 200 milhões, um avanço meteórico em poucos anos. O alarmismo climático pode ser muito lucrativo. Enquanto os inocentes úteis entram em pânico com o “aquecimento global” (que já parou há mais de uma década), Al Gore acumula riqueza similar àquela conquistada por décadas de trabalho de Mitt Romney, atacado na campanha presidencial por ser rico. Os ricos da esquerda é que são legais, pois adotam discurso sensacionalista e mentiroso...

Na prática, Al Gore não representa o melhor exemplo de comportamento para os ecochatos. De acordo com o Tennessee Center for Policy Research, sua mansão naquele estado consome cerca de 220 mil kWh de eletricidade anual, o que dá uma quantidade vinte vezes superior à média nacional. Isso sem falar da locomoção constante em jatos particulares.

O concerto de rock que organizou em julho de 2007, *Live Earth*, foi um sucesso de audiência, pois contou com o empurrãozinho de inúmeras celebridades em shows para a garotada. A meta era conscientizar a população para o “fato” de que os homens são os responsáveis pela ameaça climática. Participaram do espetáculo Madonna, Red Hot Chili Peppers, Bon Jovi, Leonardo DiCaprio, Cameron Diaz, Sting e outros aristas ecochatos.

Ironia pura, o *Daily Mail* londrino calculou em 31.500 toneladas de carbono a emissão do megaevento, sem contar o consumo de energia dos milhões de televisores ligados, que elevaria o montante a estimadas 74 mil toneladas. Caso o leitor esteja curioso com algum parâmetro, o consumo médio britânico é de 11 toneladas... Por ano!

Al Gore e sua turma de ecocelebridades emitiram quase 7 mil vezes mais carbono em um dia do que o londrino médio emite em um ano! E tudo isso, claro, em nome do combate à emissão de carbono. Os deuses e seus profetas podem, pois todos somos iguais, mas uns mais iguais que os outros.

Quantos cidadãos comuns que Al Gore diz defender seriam necessários para compensar a sua própria pegada de carbono? Quando você escutá-lo afirmando que seu estilo de vida precisa mudar para salvar o planeta, que deve ir de bicicleta para o trabalho e colocar lâmpadas brancas (e feias) em casa, seria o caso de lhe perguntar sobre quando pretende alterar seus próprios costumes.

Talvez a única forma de lidar com Al Gore seja na brincadeira mesmo, como fez a dupla irreverente do *South Park*. Em um episódio hilário, ele aparece como o ex-vice-presidente desesperado em busca de alguma atenção, carente, sem nenhum amigo. Faz alarde sobre a grande ameaça iminente do “ManBearPig”, um bicho que seria “metade homem, metade urso e metade porco”.

Um ensandecido Al Gore então arrasta crianças para sua caçada a esse monstro ameaçador, mas o fato é que ninguém lhe dá a mínima atenção. Nem mesmo as crianças. O alarmismo climático é exatamente como esse bicho de três partes, ou seja, inexistente na realidade. Para o azar de todos nós, contudo, a diferença é que o Al Gore de verdade conseguiu convencer muitos inocentes úteis com suas mentiras. E não eram crianças...

PETER SINGER

O professor de Princeton é um dos mais renomados utilitaristas da atualidade. Sua visão ética do mundo tem influenciado muitas pessoas. Peter Singer considera que o infanticídio e a eutanásia para incapacitados ou aleijados seriam justificáveis. Afinal, a noção de que a vida humana é sagrada somente porque é humana é “medieval”, diz o intelectual.

No mundo de Singer, pessoas com doenças degenerativas e incuráveis deixam de ser gente, pois perdem sua razão, memória e capacidade de reconhecer os outros. Uma velhinha com Alzheimer, portanto, deveria ser descartada, e uma injeção letal resolveria o “problema”.

Mas, ironia das ironias, a mãe de Peter Singer desenvolveu Alzheimer. O que será que ele fez? Será que abraçou até o final seu código moral? Na verdade, não. Peter Singer contratou um grupo de enfermeiros para cuidar de sua mãe doente. Atitude de um bom filho, sem dúvida. Sorte da velhinha que concebeu e criou um grande hipócrita!

JOHN KERRY

O secretário de Estado do governo Obama, John Kerry, é uma voz estridente entre os democratas

clamando por mais “justiça social”. O senador sempre lutou por um governo grande, por mais impostos em nome da igualdade.

Casado com a herdeira da Heinz, a empresa famosa pelo ketchup e que foi comprada recentemente por Warren Buffett e os brasileiros da AmBev, Kerry tem uma fortuna familiar estimada em pelo menos US\$ 700 milhões.

Não obstante tanto dinheiro e seu discurso igualitário, Kerry preferiu registrar seu iate *Isabel*, de 76 pés e avaliado em US\$ 7 milhões, em Rhode Island — para evitar meio milhão de dólares de impostos extras em Massachusetts.

Federalismo é isto mesmo: competição entre estados para atrair recursos. Tudo perfeito, até mesmo saudável, pois ninguém é obrigado a pagar mais impostos feliz da vida. Só não bate com a imagem que John Kerry tenta manter de si mesmo.

TED KENNEDY (IN MEMORIAM)

A família Kennedy é uma das maiores representantes da esquerda caviar americana, e Ted Kennedy talvez seja o esquerdista referencial dentro da família. Mesmo que já morto, acredito que convém expor algumas de suas contradições.

Para começar, os Kennedy sempre posaram como defensores dos mais pobres. O clã, porém, possui uma fortuna avaliada em US\$ 500 milhões. Mas não é só: poucas famílias têm sido tão eficientes em driblar os impostos por meios de esquemas tributários. Vários “trusts” foram criados. Um deles fica nas ilhas Fiji. Resta saber se os herdeiros conseguem apontar para a ilha do Pacífico no mapa.

Ted Kennedy foi um dos senadores que ocuparam a cadeira por mais tempo. Foram vários mandatos seguidos, sempre em prol do bem público. Suas bandeiras, claro, sempre se mantiveram “progressistas”. Energia limpa, por exemplo. O senador introduziu vários projetos de leis que incentivavam a energia solar, eólica ou qualquer alternativa ao petróleo e ao carvão.

Entretanto, quando um projeto de energia limpa, Cape Wind, aproximou-se de sua propriedade, a coisa mudou rapidamente, e um incomodado senador protestou contra o visual das turbinas tão perto de seu lago paradisíaco e fez de tudo para impedir a construção. Energia limpa, sim, mas não no meu quintal.

Ademais, o negócio de petróleo já rendeu muito dinheiro aos Kennedy. A família participa do setor desde 1950, quando Joe Kennedy comprou a Arctic Oil. No total, a receita familiar com petróleo e gás natural supera US\$ 1 milhão por ano.

O desarmamento fora uma das principais bandeiras de Ted Kennedy no Senado. Mas quando um de

seus seguranças, Chuck Stein, foi preso em 1986, foram apreendidas com ele uma pistola, duas metralhadoras semiautomáticas e farta munição.

O porta-voz do senador, ao explicar o arsenal, alegou que sua principal preocupação era sair da cidade com a devida proteção. Faz sentido. Por que, no entanto, lutar para que os outros, os reles mortais, sem o mesmo poder e dinheiro dos Kennedy, não tenham o direito de se proteger?

Mas o pior no currículo de Ted Kennedy sem dúvida é seu envolvimento no acidente em Chappaquiddick, no dia 18 de julho de 1969. Mary Jo, a acompanhante do senador, foi morta quando seu carro caiu de uma ponte. Kennedy, que sempre amara a humanidade, simplesmente fugiu da cena e nada reportou à polícia. Sua esposa estava grávida na época. Uma poderosa operação “abafa” tentou manter o caso longe da imprensa, e Kennedy se livrou da prisão, tendo apenas perdido a carteira de motorista por alguns meses.

Teorias conspiratórias surgiram após o incidente. Kennedy fora vítima de uma armação, diziam alguns, ou forjara o acidente para ocultar um crime anterior. O fato é que o episódio custou-lhe o projeto de se tornar presidente, pois Jimmy Carter, outro prestigiado esquerdista caviar, usaria o caso nas prévias e seria o candidato democrata escolhido. Kennedy teve de se contentar em ser senador pelo resto da vida, curiosamente adotando o hábito de remexer no passado de seus opositores sempre que possível.

BILL CLINTON

Bill e Hillary Clinton são o casal esquerda caviar da década. Ambos costumam atacar o egoísmo, a ganância, o mercado, que “sabe o preço de tudo, mas não o valor das coisas”. Os Clinton são, segundo eles mesmos, um casal de classe média, gente como a gente. Boa parte do seu sucesso político se explica por essa jogada de marketing.

Classe média? Já no primeiro ano de Bill Clinton como governador, o casal teve renda acima de US\$ 400 mil, colocando-os no topo dos 1% mais ricos da América. Mas a cara de pau de Clinton não serve apenas para cometer perjúrio sobre sexo oral ou dizer que fumou maconha sem tragar. Ele repete que sempre paga a taxa máxima de impostos e, pior!, assina o formulário sorrindo.

Um estudo, porém, revelou que, desde 1991, os Clinton pagaram sete pontos percentuais a *menos* para a Receita (IRS) do que outros no mesmo grupo de renda. Enquanto a média ficou em 27%, os Clinton pagaram 20%. O casal estabeleceu um “trust” para, entre outras coisas, reduzir consideravelmente os impostos de herança quando morrerem.

Sua filha, Chelsea, casada com um ex-banqueiro do Goldman Sachs (o Satã de Wall Street para a esquerda), comprou um apartamento avaliado em singelos US\$ 10 milhões! Fica localizado no Madison Square Park, um dos locais mais reservados e chiques de Nova York. Quantos apartamentos de classe média é possível comprar com essa fortuna?

Se o dinheiro é honesto, nada contra. O casal é livre para torrar como quiser. Essa, porém, é a típica bandeira liberal, oposta absolutamente ao esquerdismo combatido neste livro. Só não venham

então posar de família padrão classe média, por favor, que isso ofende a turma que efetivamente rala sonhando em subir na vida, a despeito dos impostos pesados defendidos pela esquerda caviar.

Como fica claro, o casal Clinton realmente acredita em maiores impostos para transferir riqueza dos ricos para os pobres; apenas não tem a *sua* riqueza em mente quando prega isso.

GEORGE SOROS

Um dos homens mais ricos do planeta, e ainda por cima com fortuna construída em cima de muita especulação financeira, George Soros é o queridinho da esquerda, ou ao menos sua carteira o é. O bilionário adora defender bandeiras “progressistas” e jogar muito dinheiro nessas causas.

Com impulsos um tanto messiânicos (chegou a afirmar que se imaginava uma espécie de deus), Soros é um prato cheio para a esquerda, pois pode posar de capitalista arrependido, que fez fortuna nos mercados, mas que agora ganhou consciência. Só há um buraco nessa narrativa, contudo: continua fazendo de tudo para expandir sua riqueza, mesmo que seja preciso apostar pesado contra governos de países pobres.

Em maio de 1998, por exemplo, a moeda russa, o rublo, sofreu forte ataque especulativo, que o *Wall Street Journal* atribuiria à liderança de Soros. Enquanto isso, o filantropo discursava sobre a importância dos capitalistas colocarem o bem comum acima de seus próprios interesses.

Ao menos ele próprio se reconhece como típico esquerdista limusine. É compreensível que a esquerda mendigue por seus valiosos dólares. Resta saber, entretanto, quem leva suas ideias realmente a sério.

HARRISON FORD

O “Hansolo” é um conhecido ativista ecológico. O “Indiana Jones” costuma viajar pelo mundo para divulgar sua luta em prol da preservação ambiental. Esteve inclusive no Brasil, no começo de 2013, visitando favelas e constatando a importância da construção de prédios ecologicamente corretos. Harrison Ford é um grande amigo das árvores. Ou não?

É verdade que pode ser visto na Califórnia a circular em seu Toyota Prius, o carro da moda verde. Isso garante alguns míseros pontos a menos em sua pegada de carbono e vários a mais em sua imagem de cidadão com consciência ecológica. Mas, se olharmos mais para cima, a história muda completamente.

Ford é um aviador apaixonado, e tem investido pesado em sua paixão desde os 52 anos. Ele é o orgulhoso proprietário de nada menos que sete aeronaves! Em uma entrevista para a revista inglesa *Live*, o ator ecologicamente correto afirmou que é tão aficionado por voar que com frequência o faz até a costa só para comer um cheeseburger.

Isso mesmo, prezado leitor. Quem pode, pode! Quem não pode, se sacode na cadeira com a imensa cara de pau dessa gente. Toyota Prius é para inglês ver; jatinho para comer um sanduíche é para inglês ler. Como muito mais gente olha em vez de ler, eis que sua fama de melhor amigo das árvores continua preservada, enquanto a prática é outra, bem diferente.

E isso não é exclusividade de Harrison Ford. Na verdade, Hollywood é a segunda cidade mais poluente de Los Angeles, com seus geradores a diesel para garantir a eletricidade dos estúdios, seus trailers gigantescos que atendem às demandas excêntricas das celebridades, os caminhões enormes que transportam todos os equipamentos de filmagem etc. Mas, enquanto Hollywood polui como poucas cidades, suas celebridades costumam posar como os melhores amigos do meio ambiente. Esquerda caviar é isso mesmo!

LEONARDO DiCAPRIO

Outro grande ícone do ecologicamente correto é o ator Leonardo DiCaprio. Assim como Harrison Ford, feliz proprietário de um Toyota Prius, também é dado a discursar sobre meio ambiente. Será que teoria e prática são coerentes em seu caso?

DiCaprio foi o personagem principal do filme *A praia*, de que inclusive gosto muito, até porque se trata de uma ácida crítica aos utópicos defensores de uma comunidade simples e perfeita. A praia igualitária e alegre não tolera o sofrimento, e, quando um colega é mordido por um tubarão, acaba deixado do lado de fora, abandonado no meio da mata, com seus gritos de dor penetrando a festa dos demais, impedidos de se confrontar com o real.

Além disso, fica claro que não é tão igualitária assim, pois há uma líder, que se mostra cada vez mais autoritária. Por fim, a hipocrisia é coroada com a revelação de que os “alegres” hippies tinham um acordo com traficantes que ocupavam o outro lado da ilha. Tudo isso, porém, foge um pouco do ponto aqui. E qual seria este?

O filme foi rodado nas ilhas Phi Phi, na Tailândia. Um lugar paradisíaco, sem dúvida. Só que era mais paradisíaco *antes* de Leonardo DiCaprio e sua trupe passarem por ali. É que os cidadãos locais alegam que o lugar restou devastado pela produção. A disputa pararia inclusive na Suprema Corte. Em 2006, veio o veredicto de que o filme de fato era culpado pela destruição de parte do meio ambiente local.

Quantas voltas em público DiCaprio precisa dar em seu Prius para compensar esse estrago que ajudou a causar em um dos recantos mais paradisíacos do planeta? Isso não importa, porém: o garoto do *Titanic* faz tudo para ajudar a salvar o planeta.

Ele chegou a “intimar” o então presidente Bush a ir ao evento Earth Summit, organizado pela ONU, para mostrar que se tratava de um líder que olha para o futuro. Detalhe: o próprio DiCaprio não compareceria. Quando apontaram o inconveniente, alegou “obrigações contratuais” nos Estados Unidos. Ao que parece, ganhar alguns milhões extras é mais importante do que “olhar para o futuro” do planeta.

Quem quer ficar com Mary? A torcida toda do Flamengo e do Corinthians. Mas, antes de mandar o currículo e tentar a sorte com Cameron Diaz, vale a pena verificar o que a linda atriz pensa sobre certas coisas e como age. Se o leitor não se incomodar com a gritante hipocrisia e achar que o lindo par de olhos compensa, então pode ir em frente. Deixo o alerta aqui, porém.

Em 2005, Diaz foi a apresentadora do documentário *Trippin'*, da MTV, sobre o meio ambiente. Com ela, participaram do programa outras celebridades, como Drew Barrymore, Jessica Alba, Eva Mendes e Justin Timberlake. Visitaram vários locais ecológicos em países do Terceiro Mundo. É tocante a preocupação dessa gente com a vida dos mais pobres.

Mas muito ajuda quem não atrapalha. E em boca fechada não entra sapo. Só que Diaz não tem o hábito de fechar a boca. Gosta de falar. E como isso pode ofender os que realmente vivem na miséria! No Nepal, por exemplo, referiu-se a uma vila com as paredes cobertas de esterco de vaca como “bela” e “inspiradora”. Não deve ser muito legal para um pobre morador local escutar isso de uma atriz que partirá de volta para sua confortável casa nos Estados Unidos, deve?

Não acabou. No Butão, Cameron Diaz afirmou que adorara o fato de a riqueza do país não ser medida em dólares, mas em “Felicidade Interna Bruta” (FIB). O ditador do Butão criou o FIB, em lugar do tradicional PIB (Produto Interno Bruto), justamente porque felicidade é algo subjetivo, que não se avalia e estima como a produção de bens e serviços de uma nação.

Ou seja, o FIB serve para mascarar a miséria toda que Diaz achou o máximo. Ela amou o Butão. Mas volta para a Califórnia, e os butaneses, não. Esses ficam lá, no “paraíso”, enquanto a atriz negocia de forma bem objetiva seu cachê no próximo filme, na casa dos US\$ 20 milhões.

Cameron Diaz sabe ser bem persuasiva. Certa vez disse que cada um de nós pode fazer a diferença, e que, se cada um reciclar as latas de alumínio que usar, então não será mais preciso ter novas latas de alumínio. Caso a garotada ainda não estivesse convencida, atalhou: “Então pare de ser a porra de um porco (“a fucking pig”) e recicle suas latas.” E isso, dito por uma das Panteras de Charlie, intimida qualquer um.

Enquanto o programa mostrava a vida selvagem nos países pobres como algo *cool*, a equipe de filmagem e os atores se locomoviam por meio de aviões, helicópteros, barcos e até mesmo uma SUV, que levou as celebridades até o aeroporto. Que delícia o sabor da santa hipocrisia, não? Milhões para atuar em um filme, mansões gigantescas com muito conforto, jatos e helicópteros, e a imagem de que se preocupa muito com o aquecimento global e a miséria do terceiro mundo.

E como conquista essa imagem? Enaltecendo o estilo de vida dos miseráveis que só podem sonhar a distância com um dia de celebridade em Hollywood. Isso já nem é mais hipocrisia apenas; é crueldade mesmo, insensibilidade total com o sofrimento daqueles que adorariam sair da miséria e

melhorar de vida um pouco.

Em entrevista para Jay Leno, Cameron Diaz confessou que segue o ditado: “If it’s yellow leave it mellow, if it’s brown, flush it down.” Traduzindo: se for xixi, deixa rolar para economizar água, e só puxa a descarga quando for o número dois. Agora o leitor já pode tomar sua decisão com maior embasamento. Arrisca-se a ter uma linda mulher ao lado, mas com muita hipocrisia, insensibilidade, e uma casa para lá de fedorenta!

ROBERT REDFORD

O galã Robert Redford é um grande admirador do tirano Fidel Castro, e foi pessoalmente babar o ovo do ditador. Entre uma palavra elogiosa ao regime cubano e outra, Redford encontrou tempo (e cara de pau) para atacar a “reduzida” liberdade de expressão... nos Estados Unidos!

Era a gestão Bush, claro, e Redford se colocou praticamente como um dissidente em risco por criticar seu governo. Não deve ter visto em Cuba como os verdadeiros dissidentes de uma ditadura são tratados.

Em seu filme *Sem proteção*, Redford tenta reescrever a história e assim pintar sob luzes favoráveis os terroristas do movimento Weather Underground, comunistas que ignoravam o processo democrático e desejavam instalar nos Estados Unidos uma ditadura do proletariado. O ator, em entrevista ao jornal *O Globo*, declarou:

A causa que o Weather Underground defendia era correta. Eles eram considerados terroristas, porque algumas de suas ações envolviam violência, mas não se viam como tal. E se autointitulavam representantes da Justiça. Caso precisassem lançar mão de violência para atingir seus objetivos, que assim fosse. Afinal, o governo americano estava atacando outro país para defender sua ideologia, e o povo não via isso. A mídia também alimentava a história do terrorismo. Isso ainda existe nos dias de hoje. Eu concordava com a rebeldia deles, mas o ego destruiu o movimento.

Em outras palavras, para o galã de Hollywood os atos terroristas dos marxistas liderados por Bill Ayers, o camarada de Obama, eram justificados pois, afinal, o governo americano, democraticamente eleito, lutava guerras mundo afora para impedir que países caíssem nas garras do comunismo, ideologia defendida pelo Weather Underground. Alguém ainda acha que talento artístico e beleza são garantias de inteligência e compromisso democrático?

Outra bandeira associada ao ator é a ecológica, como não poderia deixar de ser. A revista *Time* o considerou um dos “super-heróis” do meio ambiente. Nada disso foi impeditivo para que aceitasse fazer uma campanha para a United Airlines em 2008.

Isso mesmo: uma empresa aérea, a grande vilã do meio ambiente, não foi vista como inimiga na hora de pagar seu gordo cachê para a gravação de comerciais. Dinheiro antes, ecologia depois.

BRAD PITT

Muitos lembram da imagem de Brad Pitt durante a desgraça em New Orleans, ajudando na reconstrução do local. Os projetos de casas ecologicamente “sustentáveis” passaram a ser uma bandeira sua. Pitt é um dos queridinhos dos ambientalistas. Só um detalhe: costuma circular pelo globo em um jato particular. Quantas casas verdes precisa ajudar a construir para compensar sua pegada de carbono tão acima da média nacional?

O astro já pegou um avião para a Alsácia — região da França em que a confeitadeira Christine Ferber produz geleias artesanais — apenas para comprar o produto que ama. Segundo o tabloide britânico *The Mirror*, Brad teria ficado tão encantado com a geleia de Christine que não sossegou até descobrir o vilarejo onde a guloseima era fabricada.

Na aventura, o ator levou o filho mais velho, Maddox, de onze anos. Ainda de acordo com a publicação britânica, voltou para casa com um estoque de geleias orçado em R\$ 3,7 mil, que ficariam guardados nas propriedades de Los Angeles e Côte d’Azur da família Jolie-Pitt.

Nada contra gastar o próprio dinheiro com aquilo que dá prazer. Isso é uma bandeira bem liberal, diga-se de passagem. Mas fica meio estranho queimar tanta querosene de aviação só para comer geleias especiais e depois bancar o ecologicamente correto, não fica?

ANGELINA JOLIE

Quando lemos a biografia não autorizada de Andrew Morton sobre a mais sexy celebridade do mundo, o que emerge é a imagem de uma pessoa bastante perturbada, com várias questões pendentes, principalmente com o pai, que a levaram várias vezes a manifestar tendências suicidas.

Angelina Jolie é, em diversos aspectos, digna de pena. Foi abandonada no começo de sua vida, confinada em um quarto vazio e branco com a babá, pois seu pai fora viver com a amante, e a mãe não suportava sua semelhança com o ex-marido. São os mesmos olhos!

Tudo isso provocaria em Angie um distúrbio de ligação com outro ser humano. Ela não gosta de ser abraçada e considera lágrimas um desperdício de emoção. Teve ainda uma “pulsão de morte” bastante estimulada, experimentou todos os tipos de drogas e desenvolveu um gosto estranho por automutilação, chegando a cortar os pulsos.

A educação que sua mãe, a também atriz Marcheline, deu-lhe foi bem libertina. Por sugestão da própria, Angie trouxe o namorado para viver junto com elas em casa, isso quando a menina tinha somente catorze anos! Mais tarde, sua mãe, fã dos Rolling Stones, fez de tudo para aproximar a filha do cantor Mick Jagger, apaixonado por ela. Chegariam a ser amantes, mas nada além disso.

Bissexual assumida, Angie sempre gostou de chocar as pessoas. Certa vez, em uma cerimônia do Oscar, deu um beijo na boca de seu irmão e se declarou apaixonada por ele. Seu pai, o ator Jon Voight, tentou várias vezes se reaproximar da filha e convencê-la a procurar ajuda, mas o

rompimento entre ambos parece definitivo. Angie chegou a se esconder dele algumas vezes, evitando qualquer contato com o pai desesperado.

E por que isso tudo teria ligação com a esquerda caviar? Apenas pelo fato de que uma pessoa tão comprometida psicologicamente acabaria transformada em embaixadora da Boa Vontade pela ONU, assumindo oficialmente a posição de representante dos desprovidos. Não seria melhor procurar tratamento pessoal antes de tentar salvar o mundo?

Andrew Morton, ao relatar o dia em que Angelina fingira não ter visto seu pai, toca em um ponto-chave:

Essa é uma espécie de metáfora: a embaixadora da ONU rodando freneticamente pelo mundo, cheia de boa vontade com os desprovidos e esquecidos, mas sem nenhuma para com o seu próprio pai.

Angelina partiu em busca da “família arco-íris”, adotando vários filhos em países miseráveis diferentes. Seu primeiro filho, Maddox, foi adotado no Camboja pouco tempo depois de ela ter sido internada em decorrência da separação de Billy Bob. Nesses países, os astros são tratados como deuses e desfrutam de vários privilégios das autoridades.

Até que ponto é eticamente defensável celebridades perturbadas como Angelina e Madonna aplacarem suas angústias e carências com a adoção de meninos como animais de estimação comprados em uma loja? A colunista Tracy Dingmann, ela mesma uma criança adotada, observou:

Para mim, parece que Jolie está colecionando bonitinhas crianças mestiças, assim como ela coleciona tatuagens.

Angelina foi reconhecida como uma das cem pessoas mais influentes de 2008 pela revista *Time*. Atores ativistas se tornaram cada vez mais a regra em Hollywood, não a exceção. Sua visão política sequer é de esquerda, e está mais para uma postura independente mesmo. Mas isso não nos impede de refletir sobre até que ponto as estrelas de Hollywood, com suas vidas tresloucadas, devem posar como exemplos de bom comportamento mundo afora.

GEORGE CLOONEY

O galã de Hollywood gosta que todos saibam qual o seu veículo de transporte em Los Angeles: um Tango elétrico, provavelmente o carro mais feio já criado. Mas George Clooney é apenas mais um entre as celebridades que andam pelo mundo em jato particular. Uma viagem sua de Los Angeles a Tóquio consome sete mil galões de querosene de aviação. Haja quilometragem naquele carro ridículo para compensar um único voo do conquistador de Hollywood!

Ao lado de Brad Pitt e Matt Damon, Clooney é um dos fundadores do “Not On Our Watch”, uma ONG que pretende chamar atenção para as vítimas de locais distantes, como Darfur. Quando o Sudão precisou de uma exposição, ele ajudou, aproveitando para atacar o presidente Bush por inação. O problema é que Obama, um aliado próximo e querido da turma, nunca é alvo do mesmo tipo de pressão ou ataque.

Clooney, que fez fama como o médico de *E.R.*, parece ter compaixão bem seletiva. Quando o líder da National Rifle Association (NRA) ficou doente, o ator não perdeu tempo e fez piada da situação: “Charlton Heston anunciou novamente hoje que ele está sofrendo de Alzheimer.” Quando alguns reagiram negativamente à falta de sensibilidade, o ator insistiu em sua postura: “Eu não ligo. Charlton Heston é o chefe da NRA; ele merece tudo aquilo que as pessoas falam dele.”

Até a agenda politicamente correta das almas sensíveis abre exceções quando o inimigo é o alvo. Sobre Newt Gingrich, o republicano que disputou as primárias de seu partido, Clooney soltou esta pérola, aos risos: “Gingrich parece um dinossauro; o homem não tem braços...” Podemos apenas imaginar a reação da patrulha se fosse um ator republicano fazendo esse tipo de piada de um político democrata.

BARBRA STREISAND

Poucas celebridades são tão engajadas nas causas esquerdistas como a cantora e atriz Barbra Streisand. Ela destina quase 30% dos ativos de suas fundações para lutas “progressistas”, como o feminismo, o ambientalismo e os direitos civis das minorias. Sua reputação de ícone da esquerda atravessou fronteiras, e Hugo Chávez chegou a solicitar sua presença como aval de eleições honestas na Venezuela.

Mas Streisand, que ama a humanidade, coleciona várias histórias em Hollywood que pintam um quadro bem diferente. Sua fama de cruel ou indiferente com os trabalhadores se alastrou pela região toda. Os membros de sua equipe recebem instruções de não olhar diretamente nos olhos da celebridade. O mesmo recado fora dado aos funcionários do hotel MGM Grand em Las Vegas, quando Barbra foi realizar um concerto que lhe rendeu US\$ 10 milhões.

Até mesmo sua então admiradora e biógrafa Anne Edwards ficou estarrecida com tais atitudes. Constatara que as demandas autoritárias, impondo aos funcionários punições severas caso rompessem o silêncio obrigatório sobre sua vida, não pareciam adequadas aos valores esquerdistas tão caros a ela. Anne desabafou: “O duplo padrão aqui é tanto chocante como desapontador.”

Quando em Nova York, em 1993, para ouvir o discurso inaugural de Bill Clinton, Barbra quis saber se seu quarto era o maior do hotel. Ao descobrir que não, exigiu mudança imediata para o maior. Só havia um problema: no quarto estavam os pais de Hillary Clinton! Mesmo sabendo disso, a hiperegoica atriz não recuou e exigiu que o casal idoso fosse retirado. Exigência não atendida (nem a aristocracia hollywoodiana pode tudo), mudaria de hotel.

Certa vez foi flagrada procurando uma SUV na loja, um carro tipo Land Rover ou Jeep Grand

Cherokee. A morte para uma inveterada ambientalista. Barbra fez de tudo para impedir a divulgação das imagens. O fotógrafo fora visto por Streisand. Quando chegou em casa, já estava lá o xerife, com ordem de prisão por *stalking* (perseguição persistente e invasão de privacidade), com fiança inicial de US\$ 1 milhão!

Barbra possui várias empresas de produção cinematográfica, sendo a mais bem-sucedida a Barwood Films. Assim como Michael Moore, gosta de filmar e trabalhar na pós-produção no Canadá, não por alguma paixão por ursos, e sim porque paga menos impostos.

Após 27 anos distante dos palcos, houve muito interesse pelo primeiro concerto da turnê de retorno. Os lugares na frente, perto do palco, saíram por mil dólares cada um. Uma esquerdista bem popular e nada gananciosa!

As fundações de Barbra Streisand mantiveram por vários anos investimentos de milhares de dólares em empresas como Williams Companies, Schlumberger, Patterson Energy, Nabors Industries e British Petroleum. O que todas têm em comum? São ligadas ao negócio de exploração de petróleo, o inimigo número um dos ecoterroristas.

A campeã dos direitos das minorias, quando toca suas empresas parece pensar mais no lucro do que nas causas sociais. De 63 produtores e diretores contratados para vários projetos desde 1983, apenas um era negro. Era Whoopi Goldberg. Assim é Barbra Streisand. Assim é a esquerda caviar.

RICHARD GERE

O Dalai Lama de Hollywood é, sem dúvida, Richard Gere. A causa tibetana é automaticamente associada ao ator. E, como não poderia deixar de ser, a sua receita para combater o terrorismo não é serviço de inteligência, intimidação pela força, punição, nada disso. É o amor! A compaixão!

Os terroristas, segundo Gere, carregam um *karma* muito negativo, e por isso criam essa situação, esse futuro horrível. Eis a solução proposta: se pudermos enxergar esses terroristas como parentes que estão muito doentes, e que precisam de remédios, então esse remédio será amor e compaixão, pois não há algo melhor.

Se Obama tivesse escutado Richard Gere, os marines da operação que culminou na morte de Osama Bin Laden teriam entrado no esconderijo com rosas, não armas. E, claro, o mundo ficaria mais tranquilo, como no Tibete...

O próprio Dalai Lama não passa de um fanfarrão, de um traidor de seu povo, que encanta as senhoras entediadas do Ocidente, que só querem saber de discurso bonitinho e nada mais. O exército comunista chinês oprime e domina seu povo, e ele prefere repetir que o verdadeiro inimigo está “dentro de nós” (que fofo!). Depois, ainda vira para uma plateia de estudantes chineses e assume ser um... marxista!

Será que não sabe que o marxismo foi o responsável pela morte de milhões de pessoas e pela escravidão de seu próprio povo? Como satirizara meu amigo Alexandre Borges: o que exatamente um sujeito escolhido para um cargo vitalício na infância entende de mobilidade social e

meritocracia?

Ambos, Richard Gere e seu ídolo Dalai Lama, poderiam dar as mãos e rodar os países sob regimes tirânicos distribuindo beijos, rosas e perguntando: *Dança comigo?*

JAMES CAMERON

O produtor e diretor de *Avatar* — filme que despertou suspiros de muitos ecochatos ao retratar a vida maravilhosa de um povo azul em conexão com a Mãe Natureza — não gosta da ideia de viver de acordo com o que prega. Vida bucólica e simples em meio às árvores, para fugir dos predadores ambientais, as grandes corporações? Menos...

Cameron é dono de três casas somente em Malibu, que somam mais de 2.200 metros quadrados. Isso equivale a dez vezes o tamanho médio das residências americanas. Fora isso, o bilionário cineasta também possui um rancho de cem acres em Santa Bárbara, um helicóptero, três motocicletas Harley-Davidson, um Corvette, uma Ducati, um Ford GT, um iate, uma caminhonete Humvee e, para finalizar, uma frota de submarinos particulares!

Não obstante o complexo industrial (e até mesmo militar) por trás da produção desses brinquedos todos, resta aventarmos sobre quanto combustível precisa ser queimado para colocar essa frota a rodar. E cabe perguntar: quantas árvores precisam ser derrubadas para tanto, ou quanto carbono deve ser emitido?

Claro que são questões que somente um liberal chato faria. O importante é aquela cena linda, quando os seres azuis se ligam às árvores e sentem praticamente um orgasmo, pois a natureza virgem é uma deusa!

JOHN TRAVOLTA

Quando John Travolta não está ocupado ameaçando ex-funcionários que relataram seus supostos relacionamentos homossexuais, gosta de dar aulas sobre a importância de cada um fazer sua pequena parte em prol do ambiente. Claro, a parte que lhe cabe não é nada pequena, e tampouco vai na mesma direção do que prega.

Travolta possui nada menos que um Boeing 707 na garagem. É piloto, e gosta de viajar pelo mundo conduzindo seu gigantesco avião... Sozinho! O mesmo combustível queimado para transportar centenas de pessoas nos voos comerciais é consumido para dar satisfação ao ator.

Fora o Boeing, possui outros aviões e jatos. Sua mansão, vista de cima, é cinematográfica. Em vez de carros, como em casas normais, estacionados estão jatos, em hangares, ao lado da pista de decolagem. Jamais se esqueça, porém, de fazer a “sua pequena parte” pelo meio ambiente, indo para o trabalho de bicicleta e usando sacolas recicláveis, para que John Travolta possa continuar

pilotando seu Boeing como quem não quer nada...

BRUCE SPRINGSTEEN

O cantor, que se identifica com o operário simples, de colarinho azul, é um dos principais cabos eleitorais de Obama. Bruce Springsteen faz vários shows para levantar recursos para o Democrata e endossa sua luta por “justiça social”, leia-se: mais impostos sobre os “ricos”, que na verdade recaem sobre a classe média.

Tudo muito bem, não fosse sua constante preocupação em reduzir os *seus* impostos, ainda que se utilizando de brechas legais. O cantor, que ganha milhões enquanto posa como guardião das classes baixas, economiza milhares de dólares em impostos com mecanismos um tanto obscuros. Declara-se um fazendeiro dentro do limite estadual, o que lhe garante subsídios fiscais em toda a sua enorme propriedade. A ganância parece ruim apenas quando é dos outros.

Além disso, algo como 15% da venda total de seus discos se dá pelo canal de distribuição da Wal-Mart. A gigantesca rede de varejo, como sabemos, é vista como inimiga número um dos trabalhadores simples, pois não aderiu ao jogo de sindicalização que, no fundo, atende aos interesses apenas dos sindicalistas.

Para Bruce Springsteen e seus colegas de ideologia esquerdista, a Wal-Mart é uma exploradora do trabalho escravo (que me parece bastante voluntário) e viola as leis trabalhistas. Nada disso vem ao caso quando se trata de usá-la para engordar sua conta bancária. Que nobre!

OLIVER STONE

Oliver Stone é dos maiores ícones da esquerda caviar em Hollywood. Profundo admirador de Fidel Castro, que considera uma das pessoas mais sábias do mundo, o cineasta é das vozes mais virulentas contra a América e o que representa (ou representava) para o mundo.

Fosse por Stone, os Estados Unidos já seriam uma grande Cuba, com ele ao lado do ditador decidindo os rumos do povo inteiro, entre uma baforada e outra de charuto (ou de maconha, já que adora tanto a erva que saiu na capa de uma revista puxando um “baseado”).

Seus antiamericanismo e antisemitismo são tão patológicos que, em uma entrevista em 2010 para o *Sunday Times*, conseguiu minimizar até o Holocausto. Alegou que a fixação americana com a tragédia que aniquilou 6 milhões de judeus era meramente o resultado final de um “domínio judaico da mídia”.

Ainda na toada antisemita, encontrou-se com o então líder iraniano Ahmadinejad, aquele que pretende “varrer Israel do mapa”. Stone deu uma declaração que é marca registrada da esquerda caviar, ao tentar se sair como neutro quando já escolhera claramente um lado, o pior deles. Afirmou

que o Irã não é “necessariamente” o mocinho, mas que nós não sabemos da história toda!

Para Stone, o 11 de Setembro consistira numa “revolta” dos muçulmanos, um grito de “dane-se seu sistema”. A forma trivial com a qual tratou o atentado, responsável pela perda de milhares de vidas americanas inocentes, faria com que até o progressista Christopher Hitchens perdesse a calma. Hitchens chamou Stone de idiota, o que, convenhamos, é até um elogio.

Esse radical comunista deu apoio ao “moderado” Obama. Declarou que gostava do presidente e que, entre suas qualidades, estaria justamente a moderação, a tentativa de reformar o sistema. Isso vindo de alguém que considera Fidel Castro um grande líder! Melhor pensar duas vezes antes de defender Obama, caro leitor, pois suas companhias não serão das melhores.

Em 2009, Oliver Stone resolveu fazer um filme sobre Hugo Chávez. O socialista venezuelano, para o cineasta, era um líder “bravo”, que valorizava a liberdade de expressão. Isso dito enquanto o tiranete perseguia qualquer opositor de sua revolução bolivariana. Eis o compromisso com a verdade desses produtores de Hollywood engajados em suas ideologias retrógradadas.

Quando Chávez morreu (ou melhor, quando sua morte foi oficialmente divulgada), Stone veio a público lamentar a perda desse grande “herói”, que lutava pela paz mundial (mas sempre apoiando Ahmadinejad?). Acrescentou que Chávez era odiado apenas pelas classes altas entrincheiradas no poder, ignorando que o próprio estava no comando do país havia mais de década, espalhando muita riqueza entre seus familiares e camaradas da elite corrupta, todos andando de carrões e levando vidas nababescas.

Circulam várias fotos nas redes sociais desse luxo todo, adorado pelos herdeiros do socialista Chávez. Não esperem, porém, que essas imagens apareçam em algum filme ou documentário do cineasta.

Por outro lado, podem contar com mais uma patética tentativa de reescrever a história. Oliver Stone, na nova série “The Untold Story of the United States”, tenta recontar a história americana dos anos 1930 em diante. Trata-se de uma peça de propaganda soviética escancarada, afirmando que Stálin era praticamente um pacificador, que estava junto com Roosevelt para derrotar os fascistas, que venceram juntos a Segunda Guerra, mas que os “fascistas” (os conservadores americanos) fabricaram a Guerra Fria e os Estados Unidos perderam assim a chance histórica de ser um país mais justo, igualitário e socialista. É mole?

WHOOPI GOLDBERG

A atriz de *Ghost* é uma raivosa defensora dos “progressistas”. Quando participou de um debate na televisão, em que seu oponente atacou (com argumentos) o presidente Obama, Whoopi Goldberg perdeu a linha. Aquilo era demais da conta. Como alguém ousava criticar Obama?!

Sem ter meios de rebater as críticas, partiu para o que a esquerda caviar faz melhor: atacou as intenções do oponente e blindou seu guru de qualquer crítica, afirmando: “Quando você mostra esse desrespeito insano ao presidente de seu país, outros países pensam que somos idiotas.”

Curioso, já que a própria atriz fora uma das vozes mais desrespeitosas quando o presidente era George W. Bush! Um peso, duas medidas. Quando os “progressistas” amigos de Goldberg chamaram Bush de Hitler, ninguém viu a atriz surgir revoltada, alegando que esse tipo de desrespeito era prejudicial aos próprios americanos.

Pelo visto, ser um “dissidente” é patriótico apenas quando algum republicano está na Casa Branca; quando é um democrata, deve-se ter “respeito ao ofício” em homenagem aos valores democráticos e ao patriotismo.

Talvez a explicação esteja nos critérios ideológicos da atriz. Afinal, Whoopi já afirmou que não vê o comunismo como algo ruim, de forma alguma. Muito pelo contrário: citou sua própria experiência de vida, nos anos 1980, na Alemanha Oriental, como ponto positivo para o regime. Lembremos que o lado oriental era aquele com o muro que impedia a *saída* do próprio povo...

JACK NICHOLSON

O ator foi um dos que já visitaram Cuba *in loco*, e aparentemente gostou muito do que viu. Afinal, Jack Nicholson declarou que Fidel Castro era um “gênio”, e tão humanista quanto Bill Clinton. Quem considera Fidel um gênio é o quê? Um débil mental?

Alguém mais afeito a teorias conspiratórias, talvez como Oliver Stone, poderia pensar que o ator aprontara tanto em Cuba que o tirano caribenho lhe propusera uma chantagem, exigindo palavras elogiosas em troca da não divulgação de imagens comprometedoras.

Conspirações à parte, o fato é que Nicholson acabou preferindo regressar para os Estados Unidos e viver no conforto capitalista, em vez de permanecer no paraíso construído por esse incrível gênio. Mas isso é detalhe.

Um exemplo questionável de comportamento moral, Nicholson daria um conselho vital para seus fãs: só se deve mentir para duas pessoas na vida, a namorada e o policial. Faltou admitir que se pode mentir para milhões de idiotas úteis que acreditam em seus elogios ao cruel ditador cubano...

MATT DAMON

Matt Damon abraça causas politicamente corretas como poucos, inclusive o pacifismo. Criado por uma mãe hippie, foi incentivado a adotar a máxima de “paz e amor” em sua vida.

É por isso que afirmou que costuma sempre olhar o script antes de aceitar o papel, buscando personagens e filmes sem violência “gratuita”. Afinal, diz que realmente acredita na influência que os filmes exercem sobre o comportamento das pessoas. O orgulhoso ator alega que recusou trabalhos com base nesse critério.

Nem desejamos saber quais obras seriam essas, quando pensamos naquelas que ele *aceitou* fazer!

A trilogia *Bourne*, por exemplo. Excelentes filmes de ação, com muita perseguição e adrenalina. Mas, sem violência? Só para os critérios dos povos do Oriente Médio em guerra civil, ou do pacifista Damon.

Em apenas um deles o ator recebe quase US\$ 30 milhões. Ao que parece, todo o pacifismo herdado da mãe hippie foi deixado de lado na hora de assinar o contrato e colocar mais alguns milhões na conta bancária. Até os pacifistas precisam viver, não é mesmo?

Com a mãe professora, Damon é fervoroso defensor do ensino público. Para os outros. Na hora de escolher a escola de suas filhas, não teve jeito: o amor falou mais alto, e foram para uma escola particular.

O astro tentou se defender, alegou que não tivera opção, uma vez que a qualidade do ensino público não é mais a mesma. Falso. Ele teve escolha. Quem não têm escolha são os pobres, que precisam engolir o ensino que o governo oferece.

Se Damon quisesse estender sua capacidade de escolha aos mais pobres, seria defensor dos *vouchers*, mecanismo que permite o financiamento estatal para que os carentes possam pagar pelo ensino privado, de melhor nível. Mas aí teria de abandonar a retórica sensacionalista e focar nos resultados. Deixaria de ser da esquerda caviar...

GERARD DEPARDIEU

Quando não está fazendo xixi no meio do corredor do avião, ou atuando como Obelix, o ator Gerard Depardieu também faz contas. E, apesar de seu discurso tradicional de esquerda, esquerdismo tem limites!

Quando o presidente socialista francês Hollande resolveu subir os impostos sobre os mais ricos para 75% (lembrando que os escravos meeiros precisavam entregar “apenas” a metade do que ganhavam), foi a gota d’água para o famoso ator.

Depardieu comprou uma propriedade na Bélgica e avisou que estava se mandando do país, que não reconhecia a meritocracia como valor. Alegou que pagara quase US\$ 200 milhões em impostos durante sua longa vida de trabalho. Esquerdismo só é bonitinho na teoria. Quando colocam em prática, sai de baixo!

Meu colega de Instituto Millenium, Bruno Garschagen, resumiu bem a coisa: “Ser socialista é, acima de tudo, buscar ser privilegiado e preservado do ataque estatal ao próprio bolso.” Quando o socialismo não poupa as celebridades, então é hora de partir para um lugar mais capitalista.

BEN AFFLECK

Ben Affleck é tão engajado que chegou a ser cotado para concorrer ao Senado pelos democratas. Foi

premiado com o Oscar de melhor filme em 2013 por *Argo*, aquele *thriller* emocionante, que começa com tirinhas de desenho animado, em que fica claro que o aiatolá Kohmeini só chegou ao poder por culpa dos Estados Unidos.

O ator e diretor pensa que entende mais de Islã do que os demais americanos, e afirmou que aquela parte do mundo é pouco compreendida em seu país. Ele, o *expert* no assunto, alega que a percepção de que o Islã é mais violento do que o cristianismo é falsa. Podemos apenas esperar que jamais seja apontado secretário de Estado.

Ele lamentou o avanço da agenda de direita durante a gestão Bush, que ameaçaria as liberdades civis, citando a agressividade do Patriot Act como exemplo. Mas, quando Obama assumiu o poder, e não só manteve como aumentou o escopo arbitrário da prerrogativa, preferiu o constrangedor silêncio.

Affleck, como não poderia deixar de ser, prega a importância do voto, especialmente para a garotada. Em um desses eventos, disse que estava ali para demonstrar que não importa em quem você pretende votar, desde que vote. O importante é se envolver. No dia da eleição, abriu ao grande público o que todos já sabiam, que seu voto seria dos democratas (que surpresa!).

Só um pequeno detalhe: um levantamento mostrou que o ator só havia votado uma única vez nos últimos dez anos! Sair de casa e preencher as fichas dá muito trabalho, sabe como é... Faça o que digo, não o que faço.

SEAN PENN

O grande ator e ex-marido de Madonna talvez seja “o” ícone da esquerda caviar em Hollywood. Causa progressiva é com ele mesmo! Filmes que enaltecem a vida simples na natureza, os gays oprimidos, ou qualquer visão antiamericana, eis o currículo do astro que adora Fidel Castro.

Penn é um pacifista também (apesar das acusações de que batia em Madonna), e por isso detestava Bush e a Guerra do Iraque. Seu pacifismo, entretanto, nunca atravessou fronteiras. Ele não tem problema com a ditadura cubana; muito pelo contrário. Trata-se de uma luta justa contra os opressores. A América, claro!

Penn não gosta de armas. Exceto a sua própria. Quando seu carro foi roubado em um restaurante de Berkley, havia uma Smith & Wesson calibre 38 e uma Glock 9mm carregada em sua mala. Durante seu casamento com Madonna, um grupo de paparazzi sobrevoou a área, apenas para ser recebido por um noivo em fúria, que apontava uma arma para os fotógrafos abusados. Pacifismo assim só mesmo em Hollywood.

É um igualitário também, defensor da “justiça social” (aquela existente em Cuba e na Venezuela). Mas isso não o impede de agir como um verdadeiro aristocrata, comportamento comum às celebridades mimadas. Certa vez obrigou um de seus assistentes a nadar no poluído East River, em Nova York, apenas para lhe conseguir um maço de cigarros! É aquela coisa: todos iguais, mas uns mais que outros...

Quando a morte de Hugo Chávez foi finalmente divulgada, Sean Penn competiu com Oliver Stone para ver quem babava mais o ovo do defunto. Afirmou que o povo americano perdia um amigo (?) e que os pobres do mundo todo perdiam um “campeão”. Penn, em seguida, lamentaria a perda de um grande amigo pessoal e desejaria sucesso na continuação da revolução bolivariana. Com amigos assim, os pobres venezuelanos sem dúvida não precisam de inimigos.

O ator encontrou tempo em sua agitada agenda para voar até a Venezuela e prestar homenagem ao caudilho amigo em seu funeral. Já quando o ator brasileiro Ariel Goldenberg, com síndrome de Down, fez uma grande campanha para trazer a celebridade ao Brasil e conhecê-lo, seu sonho na vida (cada um com suas manias), o astro de Hollywood ignorou o pedido e preferiu seguir com sua luta pela “justiça social”, aquela existente em Cuba e na Venezuela.

O garoto acabou tendo de viajar a Los Angeles para conhecê-lo e foi recebido na *praia particular* do ator socialista. Assim é fácil defender Cuba, né? Talvez Sean Penn inveje o camarada Fidel, que tem *várias* praias particulares. Aliás, que será que pensaria da letra revolucionária do Ultraje a Rigor, aquela do “nós vamos invadir sua praia”? Acho que essa coisa de igualdade tem limites até para os igualitários...

Melhor assim: ganha o Brasil com a ausência do ator por aqui. Ninguém merece celebridades idiotas fazendo propaganda socialista. Guilherme Fiúza, um dos maiores combatentes dessa “marcha dos oprimidos”, escreveria um artigo no jornal *O Globo* pedindo: “Não vem, Sean Penn.” Afirma: “A esquerda festiva sempre foi ridícula em qualquer lugar, mas a de Hollywood é imbatível.” E acrescenta:

Assim são o chavismo e seus derivados: esconda-se atrás de um símbolo social (a mulher, o operário, a vítima da ditadura) e navegue à vontade no proselitismo. Pode mentir numa boa, pode afundar as empresas de energia para forjar uma conta de luz barata, pode ludibriar o contribuinte para adular o consumidor, pode maquiagem as contas públicas para esconder a ganância eleitoreira, pode vampirizar a Petrobras e depois usá-la para soltar panfletos de “capacitação da mulher”, pode tudo isso que enche os olhos dos astros abobalhados de Hollywood.

Diante disso, só nos resta fazer coro ao colunista: não vem, Sean Penn! Fique em sua praia particular, longe do povão, curtindo sua fortuna. Mas, por favor: deixe os humildes trabalhadores dos países mais pobres em paz. Eles não precisam de amigos como você...

Bono

Paul David Hewson é seu nome, mas pode chamá-lo de Bono (o bom). Ele merece! Afinal, quando pensamos nas pobres crianças africanas, automaticamente vem à mente sua imagem descolada, com óculos escuros da Prada, lutando por mais justiça na região. Bono, o salvador dos africanos!

O líder do U2 é um dos mais ativos defensores da tese de que os governos ricos ocidentais devem ajudar a combater a miséria africana. O único problema disso, como já vimos, é que tal “ajuda”

acaba perpetuando a situação nesses locais, criando dependência ou ajudando a financiar as elites organizadas no poder, não raro ditaduras corruptas e violentas. Intenções valem mais do que resultados?

A estratégia usada por Bono é aquela conhecida da esquerda caviar: incutir culpa nas pessoas (ele mesmo diz reconhecer a sua). Seu discurso faz qualquer um com uma vida minimamente decente se sentir responsável pela pobreza africana.

Com essa tática, conseguiu convencer autoridades a perdoar dívidas desses países miseráveis, inclusive autoridades de países pobres como o Brasil. A presidente Dilma, tal como Lula fizera, perdoou quase um bilhão de dólares de dívidas africanas, beneficiando ditadores nababos e mostrando como fazer caridade com o chapéu alheio é fácil (e o Brasil nem precisa de recursos, pois, como sabemos, não tem pobreza). Resta explicar ao cantor e à presidente Dilma que, agindo assim, as nações mais ricas perdem o interesse em emprestar mais dinheiro a esses países pobres.

Em 2002, ele contou à revista *People* uma fábula sobre a diferença entre americanos e irlandeses. O americano, quando viu uma mansão, disse que um dia viveria em uma casa daquelas. Já o irlandês disse que um dia pegaria o bastardo que morava naquele lugar. Talvez isso explique a postura do astro: mesmo com mais riqueza acumulada que o Tio Patinhas, insiste em tomar o dinheiro dos pagadores de impostos americanos de classe média para fazer caridade. O lance é distribuir o bem, mas com recursos dos outros.

Bono fez questão de se encontrar com Lula ao chegar no Brasil e disparou elogios ao então mandatário brasileiro. Ao mostrar uma foto do ex-presidente no show, foi alvo de vaias. Seria melhor se procurasse se informar mais antes de pregar suas causas politicamente corretas. Talvez tivesse sabido do “mensalão”, do escândalo dos dólares na cueca, do lamaçal em que o PT se atolou e das medidas autoritárias que Lula tentou passar no Congresso.

Tivesse Bono estudado mais a fundo o caso brasileiro, saberia que Lula representa o oposto de tudo aquilo que possibilitou a reviravolta de seu país. A Irlanda só conseguiria reduzir bem a miséria ao abraçar reformas liberais. Os impostos corporativos foram reduzidos para 12,5%, um dos mais baixos da Europa. A Irlanda se tornou um enorme ímã de investimentos de americanos e ingleses, que são também os maiores parceiros comerciais do país.

Mas nada disso impediu que Bono ignorasse esse abismo existente entre os discursos populistas do nosso ex-presidente e a realidade dos fatos. Estivesse o cantor mais bem informado e mais livre das amarras do politicamente correto, poderia ter dado um recado muito melhor ao mundo. Poderia ter condenado a demagogia de Lula, assim como suas ideias antiliberais.

Bono é uma voz importante na luta pela “justiça social” planetária, costuma discursar em Davos, quer maior transferência de recursos dos ricos para os pobres, mas não quando chega a seu bolso. O quase bilionário cantor mantém a sede de seu conglomerado financeiro em paraísos fiscais, para pagar menos impostos. É um grande especulador e investidor em *hedge funds*, e seu grupo chegou a

ter 40% da revista *Forbes*, uma fatia avaliada em quase US\$ 300 milhões.

Quando a Irlanda cortou algumas molezas para artistas, Bono não pensou duas vezes e mudou sua organização para a Holanda. Os milhões todos que lucrou com as ações do Facebook não serão transferidos para os africanos. Acha, porém, que o John e o Jack devem pagar mais impostos nos Estados Unidos para salvar os miseráveis da África...

Além disso, quando é uma empresa americana como a Apple que apela para o planejamento tributário, para fugir legalmente dos pesados impostos corporativos, é execrada publicamente, e os políticos de esquerda clamam por menores brechas. Mas quando é o Bono quem utiliza a mesma tática, isso não tem problema, pois é legal e defende os oprimidos.

Aliás, na biografia de Steve Jobs escrita por Walter Isaacson consta o relato das negociações entre a Apple e o U2. Fica claro que Bono não jogava de forma leve. Era ganancioso. Queria um modelo em que as vendas de seu novo disco disparassem, evitando os downloads ilegais (ou seja, dinheiro escorrendo pelo ralo). Steve Jobs chegaria a desabafar sobre a iminente parceria: “Não acho que isso vai acontecer. Eles não percebem quanto estamos dando a eles, a coisa vai mal. Vamos pensar em outro anúncio para fazer.”

Justiça seja feita, Bono realmente repassa parte de sua fortuna para a caridade. Segundo um relatório do *New York Post*, as doações de sua fundação chegaram a quase US\$ 15 milhões em 2008, ano mais recente com dados disponíveis. Desse montante, segundo a Receita (IRS), somente US\$ 185 mil foram distribuídos entre três projetos de caridade. E mais de US\$ 8 milhões, usados para pagar salários dos funcionários e executivos! Pelo visto, Bono ajuda mais os seus companheiros do que os africanos...

William Easterly, que trabalhou no Banco Mundial e escreveu importantes livros sobre os efeitos nefastos da ajuda internacional aos países africanos, tocou no ponto nevrálgico em um artigo no *Los Angeles Times* chamado “What Bono Doesn’t Say about Africa”: “Poderia a África estar salvando mais as carreiras das celebridades do que as celebridades salvando a África?” Com a palavra, o leitor.

Easterly começa seu livro *The White Man’s Burden* lembrando que o Ocidente já gastou, nas últimas cinco décadas, US\$ 2,3 trilhões em ajuda internacional e ainda não conseguiu que as crianças tomassem remédios de doze centavos para prevenção contra a malária ou tivessem camas de US\$ 4 para dormir, ou não precisassem mais carregar armas em vez de ir à escola. O autor desabafa: “É uma tragédia que tanta compaixão bem-intencionada não tenha trazido esses resultados para as pessoas necessitadas.”

Mas eis que Bono, liderando quase toda a esquerda caviar, pensa que a saída seja ainda mais ajuda financeira dos países ricos. Isso retrata com perfeição o fenômeno da esquerda caviar: tudo para se sentir bem consigo mesmo, e nada de se preocupar com os resultados efetivos das ações.

Apesar disso, conseguiria me surpreender com um lapso de bom senso. Na verdade, ele próprio

ficaria surpreso. Em um discurso na Goergetown University, Bono simplesmente defendeu o *capitalismo* como melhor forma para redução da miséria. Disse, após simular espanto por um roqueiro dizer tais coisas: “A ajuda é apenas um tapa-buraco. O comércio e o capitalismo empresarial tiram muito mais pessoas da pobreza do que as ajudas, é claro, já sabemos disso.”

Sabemos mesmo? Bom, eu sei, assim como boa parte dos leitores deste livro. Mas o público-alvo do cantor não sabe, e, como vimos, nem ele mesmo sabia. Seria fantástico se Bono usasse sua fama para divulgar os valores de livre comércio em vez de perdão das dívidas africanas. Eu até poderia tirá-lo da lista de ícones da esquerda caviar.

Contudo, foi apenas um “escorregão” mesmo. Logo depois, o megapopstar voltaria a seu normal, ou seja, um típico membro da elite culpada em busca de aplausos fáceis e da imagem de bom moço. Juntou-se ao chefe do chefe do mensalão, o ex-presidente Lula, considerado por ele um “tesouro internacional”, para propor esmolas assistencialistas planetárias.

Bono quer criar o Bolsa-Família mundial, pois reformas locais são coisas chatas de liberais. Disse ainda que Lula, após Nelson Mandela, transformara-se “no grande interlocutor mundial dos pobres”. Algumas pessoas nas redes sociais, revoltadas com a comparação a Mandela, fizeram troça, afirmando que Lula poderia começar a imitação ficando 27 anos na cadeia. Que maldade!

Resta saber o de sempre: Bono vai pagar a conta? Não! A fortuna dele, como vimos, está muito bem guardada em países com menos impostos. E Lula, o “pai dos pobres”, anda cobrando milhares de dólares por cada palestra “abnegada” mundo afora. A esquerda caviar não se emenda mesmo.

OPRAH WINFREY

A lei das consequências não intencionais deveria ser ensinada a toda celebridade. Oprah precisava saber disso. Sua “escola para garotas”, criada na África, transformou-se em uma casa de horrores, com vários testemunhos de alunas — inclusive perante a corte, na África do Sul — vítimas de abusos sexuais por parte das supervisoras. A realidade, esta ingrata!

Oprah é a rainha do politicamente correto, e fez verdadeira fortuna valendo-se disso (seu patrimônio é estimado em mais de US\$ 2 bilhões). Seu programa, quase sempre voltado à vitimização, angariou enorme audiência, o que lhe concederia o título de uma das mulheres mais poderosas do mundo. A força de Oprah vem da exploração da fraqueza alheia. É um paradoxo que uma mulher tão poderosa seja identificada com a fragilidade feminina.

O sofrimento dos “oprimidos”, das “minorias”, das mulheres, quanto mais gente estiver disposta a chorar em público, a se lamuriar em busca de comisseração, mais força e mais dinheiro terá a apresentadora. Às vezes até uma celebridade como Tom Cruise encontra ali o palco perfeito para mostrar afetação patética, saltitando no sofá e declarando seu amor por Kate Holmes para desviar boatos de uma suposta homossexualidade. Oprah, que alguém mais duro poderia chamar de uma espécie de abutre do sofrimento alheio, sabe como poucos que o sensacionalismo barato vende, e muito caro!

A biografia não autorizada da celebridade, escrita por Kitty Kelley, expõe várias das contradições e mentiras de Oprah. Ela adora exagerar sobre sua infância pobre, por exemplo, chegando a dizer que tinha duas baratas como bichos de estimação! A fantasia é negada por parentes, como sua meia-irmã e sua prima, que entregam diversas outras farsas da apresentadora, incluindo a confissão de que teria sido estuprada na adolescência.

Em agosto de 2013, ganharia as páginas dos principais jornais do mundo ao afirmar ter sido vítima de racismo em uma loja chique na Suíça. A dona do estabelecimento negou a acusação, alegando se tratar de um problema de comunicação. Que vendedora deixaria de negociar uma bolsa de milhares de dólares? Após o estrago causado por sua vitimização, Oprah se desculpou pela proporção que tomou o suposto tratamento preconceituoso. O pedido de desculpas não teve, nem de perto, a mesma repercussão na imprensa.

Para uma “progressista” moderna, até que se mostra bem careta de vez em quando. Ela sempre fez de tudo para esconder que tinha um irmão homossexual, que viria a morrer de AIDS. Segredos fazem parte do cotidiano de Oprah, e todos que trabalham para ela precisam assinar um termo de confidencialidade. Tem paranoia com o controle de tudo, principalmente das informações sobre sua vida e seu passado.

A origem do fenômeno esquerda caviar ligada ao desejo enorme de ser querida por todos encontra em Oprah o ícone perfeito também. Ela mesma já declarou que precisa ser amada por todos, inclusive por aqueles de que não gosta. Carência afetiva? Provavelmente. Mas isso a levou a vestir sempre uma capa sensacionalista e dramática para conquistar a simpatia da multidão. Como Kitty Kelley bem resumiu, as ambições de Oprah são gigantescas, e seu desejo por reconhecimento quase insaciável.

Confrontada pela “tia” Katharine certa vez sobre o motivo de tantas mentiras, teria respondido que é isso que as pessoas desejam ouvir. A verdade é entediante, e o povo não quer tédio, e sim drama. Seria bom, entretanto, que nos lembrássemos deste pendor de Oprah pela ficção quando nos vier vender as maravilhas de um candidato político. Afinal, as donas de casa entediadas também votam!

Uma vez, comparando-se a Phil Donahue, Oprah afirmou que era menos intelectual que ele, e que apelava mais ao coração do público. Achava pretensioso tratar com profundidade um assunto em um programa de apenas uma hora. Faz algum sentido. Só não nos esqueçamos de que não há algo mais esquerda caviar que isso: pura emoção, nada de razão!

BENÍCIO DEL TORO

Um dos mais famosos atores latino-americanos no circuito hollywoodiano é aquele que interpretou ninguém menos do que Che Guevara. Benício Del Toro incorporou o ídolo e teve a oportunidade dos sonhos de muito idiota útil: ser Che por um tempo, ainda que apenas no cinema.

Quando, porém, partiu para as sessões de entrevistas de promoção do filme, que obviamente retrata uma imagem bem positiva do guerrilheiro, não sabia que seria confrontado com aquilo que a esquerda caviar mais detesta no mundo: os fatos!

A bela jornalista Marlen Gonzalez tinha um “defeito” inaceitável, que passara despercebido pela assessoria de imprensa do ator: origem cubana. Em outras palavras, *sabia* o que Che fizera a seu povo, com seus familiares e amigos, e não repetia as baboseiras ditas pelos proselitistas mentirosos.

Ela começa a entrevista colocando o ator na berlinda, ao perguntar por que ir a Miami, onde viviam tantas vítimas da ditadura cubana, lançar um filme que enaltecia o algoz Che. Seria uma provocação? Benício, parecendo meio drogado (talvez seja seu estado natural), negou, alegando que se tratava apenas de uma visão sobre o personagem.

Em seguida, a jornalista faz uma analogia com alguém que lançasse um filme falando bem de Hitler para vários judeus. Benício, após gaguejar um pouco, diz não crer que tenham existido campos de concentração em Cuba (precisa se informar melhor). Depois, afirma que defende a pena de morte. Pena de morte? É assim que a esquerda caviar classifica fuzilamentos sem julgamento de pessoas cujo único “crime” fora discordar da revolução?

A humilhação do ator, sem respostas para dar aos questionamentos, consistiu num raro momento em que um ícone da esquerda caviar foi confrontado abertamente com os fatos, deixando transparecer seu duplo padrão, sua hipocrisia, sua agenda política. Como seria bom se todo entrevistador fosse assim, e não ficasse apenas levantando bola para canalhas divulgarem sua ideologia assassina por meio de filmes engajados...

OSCAR NIEMEYER (IN MEMORIAM)

Provavelmente o maior ícone da esquerda caviar que o Brasil já teve. O arquiteto de fama internacional era conhecido por sua postura política radical em defesa do comunismo, e isso nunca o impediu de morar bem, viver bem, ganhar bem e inclusive explorar muito bem sua marca no mercado capitalista, com diversos produtos ligados a seu nome.

Escrevi para *O Globo* um artigo que gerou bastante celeuma após sua morte. Houve, como era previsível, forte reação da patota comunista. Por outro lado, choveram mensagens de apoio, demonstrando que muita gente está realmente cansada de tanta hipocrisia. Segue a íntegra do artigo, que resume a essência do que se deve dizer sobre esse gigante da arquitetura e do esquerdismo caviar.

Oscar Niemeyer era quase uma unanimidade. A reação à sua morte comprova isso. Mas será que tanta reverência se deve somente às suas qualidades artísticas? Muitos consideram que Niemeyer foi um gênio. Não sou da área, não me

cabe julgar. Ainda assim, não creio que tanta idolatria seja fruto apenas de suas curvas.

Tenho dificuldade de entender por que o responsável pelo caríssimo projeto da construção de Brasília, o oásis dos políticos corruptos afastados do escrutínio popular, mereceria um prêmio em vez de um castigo. Por acaso as pirâmides do faraó eram boas para o povo? Mas divago.

Eis a questão: por que Niemeyer foi praticamente canonizado? Minha tese é que ele representava o ícone perfeito da CHEC (Comunistas Hipócritas da Esquerda Caviar). No Brasil, você pode ser podre de rico, viver no maior conforto de frente para o mar, mamar nas tetas do governo, desde que adote a retórica socialista.

Falar em “justiça social” enquanto enche o bolso de dinheiro público, isso merece aplausos por aqui. Já o empresário que defende o capitalismo, produz bens demandados pelo povo e não depende do governo é visto como o vilão. Os discursos sensacionalistas valem mais do que as ações concretas. Imagem é tudo!

As curvas traçadas pelo “poeta do concreto”, que considerava o dinheiro algo “sórdido”, custavam caro. Quase sempre eram pagas pelos nossos impostos. Foram dezenas de milhões de reais só do governo federal. Muito adequado o velório ter sido no Palácio do Planalto, o maior cliente do arquiteto. Licitação e concorrência? Isso é coisa de liberal chato.

Niemeyer virou um ícone contra o excesso de razão nas construções, mas acabou com extrema escassez de razão em suas ideias políticas. Sempre esteve do lado errado, alimentado por um antiamericanismo patológico. Defendeu os terroristas das Farc, os invasores do MST e o execrável regime comunista, mesmo depois de cem milhões de vidas inocentes sacrificadas no altar dessa ideologia.

Ele admirava os tiranos assassinos Fidel Castro e Stalin, e chegou a justificar seus fuzilamentos. Até o final de sua longa vida, usou sua fama para disseminar essa utopia perversa, envenenando a cabeça de jovens enquanto desfrutava do conforto capitalista.

No meu *Aurélio*, há uma palavra boa para definir pessoas assim, que curiosamente vem antes de “craque” e depois de “crânio”. Talvez Niemeyer fosse as três coisas ao mesmo tempo.

Roberto Campos certa vez disse: “No meu dicionário, ‘socialista’ é o cara que alardeia intenções e dispensa resultados, adora ser generoso com o dinheiro alheio, e prega igualdade social, mas se considera mais igual que os outros.” Bingo!

Para quem ainda não está convencido de que toda essa comoção tem ligação com sua pregação política, pergunto: seria a mesma coisa se ele defendesse com tanta paixão Pinochet em vez de Fidel Castro? A tolerância seria a mesma se, em vez de Stalin, fosse Hitler o seu guru?

E não me venham dizer que são coisas diferentes! Stalin e Hitler eram ambos monstros, da mesma forma que o comunismo e o nacional-socialismo são igualmente nefastos. Que grande humanista foi esse homem que defendeu até seu último suspiro algo tão desumano assim?

Acho compreensível todo o respeito pela obra de Niemeyer, ainda que gosto seja algo subjetivo e que a simbiose com o governo mereça críticas. Entendo o complexo de vira-lata que faz o povo babar com os poucos brasileiros famosos mundialmente. Mas acho inaceitável misturarem as coisas e o colocarem como um ícone do humanismo. Não faz o menor sentido.

Seu brilhantismo como artista não lhe dá um salvo-conduto para a defesa de atrocidades. É preciso saber separar as coisas, o gênio artístico do homem e suas ideias. E tenho certeza de que não é apenas sua arquitetura que gera essa idolatria toda. Basta ver a reação quando questionamos a pessoa, não o arquiteto.

Sua neta Ana Lúcia deixou clara a confusão: “As ideias que ele tentou passar de humanismo, justiça social, isso é tão importante quanto as obras dele. Acho que a gente tem que preservar e difundir o pensamento dele.” Como assim?

Aproveito para avisar que sou sensível ao sofrimento das vítimas do comunismo, mas sou imune à patrulha ideológica da CHEC. A afetação seletiva da turma “humanista” não me sensibiliza. É até cômico ser rotulado de radical por stalinistas.

Por fim, espero que Niemeyer chame logo seu camarada Fidel Castro para um bate-papo onde ele estiver, e que lá seja tão “paradisiaco” como Cuba é para os cubanos humildes. Talvez isso o faça finalmente mudar de ideologia...

Um dos que reagiram publicamente ao artigo foi Zuenir Ventura, também membro da esquerda caviar. Ele sapecou, no final de uma coluna sobre outro assunto, o seguinte alerta: “Algumas críticas ideológicas a Oscar Niemeyer depois de morto revelam, de tão iradas, que no Brasil foi fácil acabar com o comunismo. O difícil é acabar com o anticomunismo.”

Como é? Não só o comunismo *não* acabou no Brasil, tendo apenas mudado de embalagem, como resta perguntar: por que exatamente o anticomunismo deveria acabar? É errado condenar uma ideologia responsável pela morte de pelo menos 100 milhões de pessoas inocentes, fora toda a miséria e escravidão que trouxe? Difícil, ao que parece, é acabar com a cara de pau da esquerda caviar.

Mas eis que, a partir de agora, as dondocas poderão desfilarem com joias de milhares de reais inspiradas no arquiteto. É que a H. Stern criou uma coleção inspirada no comunista defensor de Stalin e Fidel Castro. Deveria ao menos ter muitos rubis, com o tom avermelhado em homenagem ao sangue dos milhões de vítimas que o comunismo fez.

Nada mais justo, quando lembramos que Che Guevara virou uma valiosa marca capitalista, rendendo milhões a empresários de ramos diferentes. Convém, aliás, perguntar: para quem vai o direito de imagem mesmo? Comunista adora dinheiro. Eles costumam ser os mais gananciosos na hora de aumentar os lucros. Negociar com os herdeiros do arquiteto comunista não deve ter sido moleza. Mas a esquerda caviar agradece...

CHICO BUARQUE

Com a morte de Oscar Niemeyer, o trono de rei da esquerda caviar brasileira foi para Chico Buarque. Se há alguém que seja “unanimidade” neste país, esse é Chico. Tímido, com seus olhos verdes que encantam as mulheres, com sua compreensão do feminino em sua obra, o autor de “A banda” se tornaria o bastião da “justiça social”, o grande compositor e escritor que dá voz aos desvalidos e oprimidos.

Se o falecimento de Niemeyer gerou tanta comoção, nem quero imaginar o dia em que Chico Buarque não estiver mais entre nós. Como disse Paulo Francis: “Para os célebres, é bom morrer no Brasil. O morto deixa de ser humano, com defeitos e qualidades, e é canonizado.” E ainda completou: “Somos um povo imaturo, em busca de *Führers*, ainda que se limitem a tocar violão.”

Filho do respeitado historiador Sérgio Buarque de Holanda, autor de *Raízes do Brasil*, Chico cresceu em uma família de classe alta. Queria ser arquiteto, mas largou a faculdade e virou músico. Disputava com Geraldo Vandré não apenas o prêmio dos festivais de música, mas também o posto de mais famoso ícone da *résistance* ao regime militar. Desde então, virou celebridade não só como músico e compositor (o que me parece merecido), mas como pensador político (um absurdo).

Não fosse pelo avanço da internet e das redes sociais, Chico Buarque jamais saberia que *não* é uma unanimidade. A julgar pela grande imprensa apenas, o grau de reverência beira o patético. É idolatrado. E pior: não só pelo seu talento artístico, mas também pela visão política. É somente por isso que merece destaque neste livro. Não estou interessado no Chico músico, e sim no defensor de nefastos regimes comunistas, no que ajuda a preservar no poder o partido mais corrupto e autoritário do Brasil, o PT de seu coração.

No livro *Chico Buarque do Brasil*, organizado por Rinaldo de Fernandes em homenagem aos

sessenta anos do ídolo, a reverência de alguns textos chega a ser constrangedora. Chico César, por exemplo, alega que o Buarque é o “aniquilamento de nossas vaidades e veleidades intelectuais e morais”, de nosso “ego”, pois a comparação é “desigual e dolorosa”. O homem é praticamente um Deus!

A rasgação de seda é tão escancarada que confesso ter desconfiado de que se tratava de uma ironia. Mas não. Os elogios parecem sinceros. Chico está lá longe, no alto, bem acima de todos nós, reles mortais. Eis o que escreve Chico César:

Não que Chico Buarque demonstre esforço para ficar lá, olímpico e majestoso em sua bondade e retidão, seu rigor estético e sua verve generosa. Nós é que não somos. E nosso esforço patético em perseguir suas qualidades parece mostrar mais ainda, desnudar de vez nossa fraqueza. Somos uns escrotos, gente ruim e sem beleza. Sem caráter, sem firmeza na defesa das ideias, das mulheres, das gentes necessitadas.

Epa! Fale apenas por si, Chico César! É ou não constrangedor? Parece que estamos lendo um relato sobre um santo abnegado, um semideus que nos deu a graça de sua vinda para que pudéssemos apreciá-lo, tocá-lo. Realmente chocante...

Os demais convidados do livro mostram o viés político da obra e da figura de Chico Buarque. Tem o “frei” Betto, aquele que nunca desistiu de transformar o Brasil em uma enorme Cuba. Tem o Chico Alencar, deputado do PSOL, o partido que consegue ser mais esquerdista que o PT. Alencar também babou bem o ovo do xará ao dizer: “Seguimos encantados ao lado dele. Chico Buarque é para todos, é para sempre.”

E tem Leonardo Boff, o guru da Teologia da Libertação, uma tosca mistura entre marxismo e cristianismo. Boff retrata Chico como um grande cristão humanista, imensamente preocupado com os mais pobres. No fundo, a Teologia da Libertação parece adorar a pobreza, e não os pobres (até porque, a depender de suas receitas, seremos todos pobres).

Boff conta que Chico esteve “doente” quando mais jovem, pois flertara com a Tradição, Família e Propriedade (TFP), que seria “medieval”, “conservadora” e “fascista” (como se fosse tudo praticamente sinônimo). Mas felizmente foi “curado” daquele ilusório encantamento, tornando-se um humanista engajado nas causas sociais de esquerda. Boff explica que Chico se situou ao lado da “gente humilde”, e faz a seguinte comparação:

Chico viveu a mesma experiência de seu patrono Francisco de Assis. Essa experiência o converteu de filho de um comerciante a um amigo e companheiro dos pobres. Ele falava de sua “gente poverella”, da gente humilde da Toscana. De burguês e membro da “jeunesse dorée” que era, largou tudo e fez-se pobrezinho como eles.

Ele deixou passar despercebido um “pequeno” detalhe: Chico não se desfez de bem algum! Ao contrário: na prática, é fã da propriedade privada e das maravilhas que só o dinheiro — muito dinheiro — pode comprar. Exemplo? Chico é proprietário de um grande terreno no Recreio dos

Bandeirantes apenas para jogar suas “peladas”. Ele adora futebol, como boa parte da população brasileira, mas quantos “pobrezinhos” podem se dar ao luxo de ter um terreno desses para dar caneladas nos amigos?

Além disso, mora em uma bela cobertura, avaliada em milhões de reais, no bairro mais valorizado do país, aquele amado pela esquerda caviar: Leblon. Como sei que é bela? Simples: o compositor abriu as portas de seu enorme e luxuoso apartamento para a revista *Alfa*, esfregando a contradição entre seu discurso socialista e seu estilo de vida na cara de quem tivesse olhos para enxergar e não fosse lobotomizado pela propaganda esquerdista. Convenhamos: ser socialista assim é fácil, não? Quero ver ser socialista em Cuba...

Em diversos aspectos Chico se enquadra no fenômeno esquerda caviar. Não só veio de família relativamente abastada, sob a sombra do sucesso do pai, como ele mesmo ficou muito rico. Certa vez, confessou sua vaidade precoce: “Eu me lembro de, lá pelos dezoito anos, ir para a Faculdade de Arquitetura com esses livros em francês, o que era uma atitude um pouquinho esnobe.” Berço de ouro, bem distante da realidade da média nacional.

Mas isso não impede que seu discurso o coloque como um dos grandes defensores dos pobres. É identificado com todo tipo de minorias, e suas letras deixam isso claro. O pedreiro, o pivete, os sem-terra, a prostituta, esses são os heróis de suas canções. Chico Buarque, rico e famoso, é visto como o representante dos pobres e oprimidos. Totalmente esquerda caviar.

Apesar do reconhecimento por ter desafiado nosso regime militar, seria descabido afirmar que seja um defensor incondicional da democracia. Sua aversão a ditaduras sempre foi bastante seletiva. Nunca ouvimos uma palavra sua condenando, por exemplo, a mais longa e cruel tirania do continente, de seu camarada Fidel Castro. Chico, que já esteve em Cuba, parece não ter se sensibilizado com toda aquela desgraça, miséria e escravidão. Eis o que disse uma vez sobre a Ilha Presídio, na época do regime militar:

Lá todos pensam da mesma maneira, pois todo o povo está integrado ao processo revolucionário. O Brasil, para atingir o socialismo, deveria passar por um processo revolucionário idêntico ao cubano. O mundo todo caminha para o socialismo. Inevitavelmente, mais cedo ou mais tarde, todos os países serão socialistas.

Note-se que trata como algo positivo a ideia — felizmente falsa — de que em Cuba “todos pensam da mesma maneira”. Uma compreensão totalitária do mundo, que marginaliza o dissenso.

A ilha caribenha, velha paixão de Chico (a distância), faria com que tivesse, inclusive, diferenças com o amigo Betinho. O sociólogo Herbert de Souza, ele mesmo um comunista, era também aidético. E isso falou mais alto quando um grupo da esquerda caviar fez o primeiro voo do “Solidariedade a Cuba”. Chico Buarque não pôde ir, e Betinho não quis. Em vez disso, mandaria com a delegação uma

carta criticando o modo como o regime de Castro tratava os portadores de HIV.

No livro *Estreitos nós*, uma coletânea de artigos em homenagem a Betinho, o “semeador de utopias”, Chico Buarque fala sobre o episódio da seguinte forma: “Na época fiquei chateado, porque achei que havia uma certa desinformação do Betinho...” Acusa Betinho de desinformação, embora seja incontroverso que o regime cubano perseguia e ainda persegue aidéticos. No fundo, era o próprio Chico quem tinha total interesse em desinformar.

Em abril de 2013, escolheria mais uma causa típica da esquerda caviar para abraçar: a salvação do macaco muriqui. O cantor virou conselheiro da Ecoatlântica, ONG que luta pela preservação do primata. Ancelmo Gois divulgou em sua coluna uma foto em que Chico imitava um macaco, algo um tanto constrangedor, que provavelmente envergonharia seu pai Sérgio. Mas, para ajudar os cubanos vítimas do “cumpanheiro” Fidel, nada! Esquerda caviar é isso: prioriza os primatas e ignora o povo oprimido pelo socialismo. Como diriam nas redes sociais: “*poser total*”!

O poeta Carlos Drummond de Andrade, em entrevista de 1987, confidenciou a Luiz Fernando Emediato que fora procurado uma noite, quase de madrugada, por Chico Buarque. O cantor apareceu com o embaixador da Nicarágua no Brasil, e a intenção era criticar Drummond por um artigo sobre o regime ditatorial sandinista na Nicarágua. Em outras palavras, Chico atuou como intermediário para ajudar a propagar mentiras sobre uma ditadura infinitamente pior que a nossa, mas que era de esquerda, alinhada a Cuba. Isso pode.

Quando nosso regime militar apertou o cerco contra os comunistas, em boa parte devido aos abusos cometidos pelos próprios comunistas, Chico Buarque foi para o exílio. Mas não escolheu Cuba ou a União Soviética como destino. Nada disso! Foi para a Itália e fez uma série de shows com Toquinho. Pouco mais de um ano depois, estava de volta. Um “exílio” desses até eu quero! Mas o combatente do regime militar ganhou uns pontos extras e pôde acrescentar no currículo o termo “exilado”, o que aumenta o charme da sua resistência.

Outra característica que marca sua liderança no ranking da esquerda caviar é a proximidade com o poder. Chico tem as portas do Planalto sempre abertas, e sua adesão a campanhas eleitorais vale ouro. Sua irmã Ana chegou a ser ministra da Cultura do governo Dilma, mas, após uma curta passagem, apagada e medíocre, foi substituída por Marta Suplicy, outra grande representante da esquerda caviar nacional.

Chico Buarque, que estava à toa na vida, ouviu um chamado de seu amor: a causa socialista. Tudo retórica, claro. Na prática, leva vida de burguês bem abastado, próximo ao poder, desfrutando daquilo que só o capitalismo pode oferecer. O Oscar de melhor ator da esquerda caviar vai para ele,

sempre abraçando as bandeiras populistas e demagógicas que tanta miséria espalham pelo país. Mas, apesar de você, amanhã há de ser outro dia...

LUIS FERNANDO VERISSIMO

Concorrendo com Chico Buarque para assumir a liderança da esquerda caviar brasileira temos o simpático cronista Luis Fernando Verissimo. Também filho de alguém bastante renomado, Verissimo cresceu em família de classe alta, à sombra do sucesso do pai. Com inegável capacidade para retratar a comédia da vida privada, tem outra faceta também, a que nos interessa aqui: é um incorrigível defensor do socialismo.

E pior: como tem inteligência e humor, coisa rara na esquerda, consegue vender seu peixe podre de forma suave, muitas vezes nas entrelinhas do artigo, passando sua mensagem, no fundo, odienta. Para quem já leu o romance *A nascente*, de Ayn Rand, é uma espécie de Elsworth Toohey tupiniquim (para quem não conhece, recomendo).

Como tenho um lado masoquista, confesso que sempre leio seus artigos, que são publicados em *O Globo*, *Estadão* e *Zero Hora*. Criei um hábito que demanda muita paciência: escrevo textos refutando as besteiras que Verissimo diz sobre política e economia. Seria melhor se falasse apenas de futebol ou de situações hilárias do cotidiano. Mas o homem não consegue ficar uma semana sem destilar ideologia retrógrada em suas linhas.

Em “O enigma”, por exemplo, tenta culpar o anacronismo russo pela desgraça soviética, livrando assim a cara do comunismo/socialismo:

A própria experiência comunista só enfatizou o enigma. Grande parte da armação teórica da revolução partiu da “intelligentsia” russa, mas não havia lugar mais improvável para uma revolução proletária do que a Rússia, com sua tradição de servos hereditários e submissos e seu feudalismo medieval. O próprio Marx levou um susto. Um dos problemas do Ocidente na sua relação com a União Soviética durante a Guerra Fria era nunca saber se estava tratando com o comunismo soviético ou com o anacronismo russo, passional e imprevisível.

Perceberam a malandragem? A experiência comunista não veio dos proletários (em lugar nenhum viria), e a Rússia era inapropriada para tal revolução. *Por isso* é que dera errado, ora bolas! Não vem ao caso lembrar que o comunismo deu errado em Cuba, na Coreia do Norte, na China, na Iugoslávia, na Polônia, e onde mais tenha sido imposto pela *intelligentsia* (da qual, por sinal, o próprio é um ícone perfeito).

Também não vem ao caso que, segundo Verissimo, o próprio Marx tivesse levado um susto com o experimento russo, sendo que Lênin tomou o poder pela força em 1917, enquanto Marx morrera em 1883. Como exatamente Marx fez para se assustar com um evento ocorrido 34 anos após sua morte permanece um mistério. Talvez *esse* seja o enigma do texto!

Mas não é tudo. Verissimo, depois, tenta ridicularizar Reagan, como fazia a *intelligentsia* mundial

na época, por chamar a coisa pelo seu nome, com os devidos pingos nos is. Escreveu: “O ‘Império do Mal’, nas palavras do Ronald Reagan, seria do mal mesmo sem o comunismo. De tais simplificações era feita a política externa americana.”

Viram só? Reagan era “simplista” por chamar um “Império do Mal”, que escravizou o povo todo, matou milhões, ameaçou a paz mundial, exportou o caos e levou todos à miséria, de “Império do Mal”. E, novamente, Verissimo tenta jogar a culpa da desgraça soviética nos russos, e não no modelo que defende. Seria o mal “mesmo sem o comunismo”.

Se Reagan era alvo de chacota, Thatcher também mereceria duros ataques do nosso ilustre “intelectual”. Quando a grande estadista inglesa faleceu, ele acrescentou uma nota em um artigo sobre outro assunto, em que afirmava:

Sua vitória sobre os mineiros arrasou com os sindicatos e lhe deu forças para arrasar com o sistema de bem-estar social da Inglaterra, e sua vitória sobre os generais de opereta da Argentina lhe rendeu glória e votos. No seu prontuário, além dos mortos para conservar um cisco do império no Atlântico Sul, estão presos irlandeses em greve de fome, que ela deixou morrer, e todas as vítimas do neoliberalismo triunfante.

É tanto absurdo que fica difícil saber por onde começar! Thatcher, como sabemos, teve coragem para enfrentar uma perigosa máfia sindical, que “argumentava” na base de greves violentas e mantinha o povo refém. Essa vitória colocou a Inglaterra, antes presa à estagflação, novamente na rota do crescimento, gerando mais empregos e prosperidade.

A Argentina iniciou um ataque em Falklands, e a Inglaterra, sob o comando de Thatcher, prontamente defendeu seu povo, até hoje muito agradecido. Plebiscito recente mostrou que praticamente *todos* os habitantes querem continuar sob o comando da Coroa inglesa. Nem as ovelhas, se pudessem votar, escolheriam abandonar a nacionalidade britânica. Também, pudera: quem em sã consciência preferiria ser argentino sob o controle da Madame Botox? Nem Verissimo, claro!

Depois, consegue chamar os terroristas do IRA pelo lindo eufemismo de “presos irlandeses em greve de fome”. Esquerdistas como Verissimo jamais emitem julgamentos enfáticos quando se trata de tiranos ou terroristas que jogam bombas em nome da causa socialista. Mas Thatcher, eleita três vezes seguidas, tendo governado por onze anos em uma das democracias mais sólidas do mundo e com excelente legado, essa merece o ódio da caneta do simpático cronista.

Por fim, acrescenta na lista de maldades a crise de 2008, jogada erroneamente no colo do neoliberalismo. Ignora que as impressões digitais dos governos estão em *todas* as cenas do crime nessa crise, a começar pela pressão da Casa Branca, desde Clinton, pelo empréstimo barato para que classes mais baixas comprassem suas moradias (algo como o programa Minha Casa, Minha Vida de Dilma); e a manutenção da taxa de juros pelo FED, o Banco Central americano, em patamares artificialmente reduzidos por tempo demais, fomentando a bolha imobiliária.

Verissimo é tão dissimulado que, mesmo quando finge estar criticando Lula, está na verdade bajulando-o. Em um artigo desses, escreveu, referindo-se à aliança espúria entre Lula e Maluf por ocasião da campanha que elegeria Fernando Haddad prefeito de São Paulo, em 2012: “No acordo com Maluf trocou-se uma história e uma coerência por um minuto e pouco a mais de espaço para o candidato do PT na TV. Ó Lula!”

Como assim uma história e uma coerência? Qual história? A do líder sindicalista sempre disposto a tudo pelo poder? Qual coerência? A de nunca ter princípios quando se trata de subir e ficar no poder? Por que Verissimo não se lembra do Sarney, do Jader Barbalho, do Collor? Isso não havia manchado já a história de Lula?

E a amizade com o mais velho e cruel ditador da América Latina, Fidel Castro, até hoje reverenciado pelo ex-metalúrgico? Isso não tem problema? A adulação aos ditadores africanos, a Ahmadinejad, isso tudo faz parte dessa “linda” história?

Não custa lembrar que Maluf e Marta Suplicy já tinham firmado acordo no passado. Logo, a grande novidade não foi essa aliança, mas sim a foto que estampou o aperto de mão entre Lula e Maluf. A imagem que vale mais que mil palavras! A própria Luiza Erundina condenaria a foto, não a parceria em si. Que grande coerência ética a da esquerda!

Em seu artigo “Não é mais pecado”, o cronista resgata o Inferno de Dante, lembrando que os usurários iam direto ao encontro do capeta na era medieval, quando a Igreja detinha mais poder. O que o veneno de Verissimo pretende desta vez, sem muito disfarce, é atingir os bancos hoje, condenando a prática de cobrar juros.

Segundo o autor, que entende um pouco mais de vida privada do que de economia, os bancos modernos são capazes de destruir países inteiros por conta da desregulação. Seu artigo, leve e engraçadinho como de praxe, não passa de mais um ataque ao capitalismo.

Será que Verissimo não sabe que o setor bancário é um dos mais regulados do mundo? Será que não sabe que os bancos centrais é que estimulam a criação de bolhas? Será que não sabe que a ganância do governo é que ameaça as economias desenvolvidas hoje? Será que não sabe que o juro é apenas o preço do capital no tempo, ou seja, como ter algo hoje vale mais do que tê-lo amanhã, devemos pagar para pegar emprestada a poupança alheia?

Em seu artigo “Maluquices”, usou a revolta popular contra o pastor Marco Feliciano para disseminar um ataque generalizado a todas as religiões. Notem que pensa falar em nome da razão, e ignora apenas um detalhe: que a *sua* “religião”, o socialismo, é a mais irracional de todas! Escreveu:

Ninguém me perguntou, mas apoio qualquer movimento e assino qualquer manifesto contra o obscurantismo e o sono da razão, desde que a maluquice condenada seja a de todas as religiões, e de todos os seus deuses e demônios.

No artigo “Parker 51”, conta uma rápida história de como tinha um símbolo todo especial a caneta que pegava emprestada com o pai para fazer sua prova final. Reconhece que não era pela maior eficiência que a pedia, mas pelo simbolismo que tinha. A história, que parece meio sem sentido no começo, mostra no final a intenção do autor, ao afirmar que é “esse significado maior, que não é

mensurável, que não se julga nem tecnicamente nem pelo resultado da prova, que nunca entra na equação dos privatistas”.

Verissimo está condenando aqueles que defendem a privatização da Petrobras pelo argumento da eficiência, que parece ao menos reconhecer ser maior na gestão privada. Assim como a caneta Parker que seu pai lhe emprestava, acredita que a empresa tem um valor simbólico, e por isso deve permanecer uma estatal, ainda que seja menos eficiente assim. Os “ultraliberais” seriam insensíveis a esse sentimento tão nobre e superior.

Há uma “pequena” diferença, que o ilustre colunista parece não perceber. No caso da canetinha, sua propriedade era bem definida. Era do pai de Verissimo, Erico, que tinha o direito de emprestá-la a quem quisesse, pelo motivo que fosse. Mas a Petrobras, não. A Petrobras utiliza recursos públicos, é propriedade estatal, e por isso pertence, ao menos na teoria, a cada pagador de imposto. Não é de Verissimo apenas.

Portanto, não tem o direito de torrar o dinheiro alheio, via maior ineficiência, em troca da busca desse lindo sentimento de “simbolismo”. Talvez a explicação para que não tenha notado tão gritante distinção entre os casos de sua analogia esteja no seu próprio artigo, quando assume que sempre foi “um péssimo aluno, da tribo dos que passavam raspando”. Talvez, se tivesse estudado um pouco mais...

No artigo “O verniz”, o cronista solta, como quem nada quisesse, a seguinte pérola: “Os presos sem direitos em Guantánamo são um embaraço permanente para os americanos e tornam hipócrita a condenação dos presos políticos em Cuba.” Como é? Quer dizer então que é análogo manter terroristas confinados ou prender qualquer um que simplesmente discorde da ditadura comunista? Terrorismo e dissidência ideológica se tornaram “crimes” equivalentes agora?

Outro alvo de Verissimo é o uso de expressões em inglês, traço comum da esquerda nacionalista, que sofre do complexo de vira-lata. Eles babam de raiva com o uso de termos provenientes da língua de Shakespeare, levemente metamorfoseada pelos “estadunidenses”. Diz o humorista:

A invasão de americanismos no nosso cotidiano hoje é epidêmica, e chegou a uma espécie de ápice do ridículo quando “entrega” virou “delivery”. Perdemos o último resquício de escrúpulo nacional quando a nossa pizza, em vez de entregue, passou a ser “delivered” na porta.

Quer dizer que quando viajamos mundo afora e vemos em tudo que é loja a placa de *sale*, tais países perderam suas identidades nacionais? Quer dizer que quando falamos *fast food*, venderam-se ao poderio do império norte-americano? O que Verissimo ignora é que o inglês, tal como o latim no passado, serve para facilitar a comunicação entre povos diferentes, para universalizar certos termos e tornar a compreensão mais simples.

Se você fala inglês, pode ler livros de alemães, franceses, italianos, chineses, árabes, todos traduzidos nessa língua “universal”. Talvez o problema seja de quem é a língua, não o fato de todos a usarem. Se fosse o esperanto, tenho certeza de que a reação seria outra, e o papo de “colonialismo cultural”, rejeitado como baboseira de gente senil. Que colonialismo é esse que *aproxima* tantas culturas diferentes?

Saving the best for the last, o que mais chama a atenção em Verissimo é seu duplo padrão, marca registrada da esquerda caviar. O criador da Velhinha de Taubaté, personagem famosa por ser a última pessoa no Brasil que ainda acreditava no governo, acabou decidindo matar a criação na época do mensalão petista. Verissimo preferiu dar sumiço na personagem para não ter de usá-la de forma sarcástica contra o PT, como fazia antes em outros governos. Que coisa feia!

Verissimo esteve internado recentemente. Felizmente, superou a fase difícil. Ele se tratou no melhor hospital privado de Porto Alegre que, movido pelo lucro, consegue manter os melhores equipamentos e profissionais. Bom para o paciente, que não depende do SUS. Como já disse antes, é bem mais fácil ser socialista assim...

WAGNER MOURA

Um ótimo ator brasileiro. Não posso, porém, deixá-lo de fora do livro por isso, pois, como alertei logo no começo: uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Wagner Moura é, afinal de contas, esquerda caviar desde as profundezas da alma.

Capitão Nascimento para os “íntimos”, deu uma entrevista à revista *Caros Amigos*, aquela que faz proselitismo de esquerda com patrocínio estatal e ainda deixa de pagar todos os direitos dos funcionários. Durante a conversa, afirmou que não fala com a revista *Veja* porque sua linha editorial é de “extrema direita”.

Disse ainda que não poderia falar a uma revista que publica textos de Diogo Mainardi (publicava). Wagner Moura é apenas mais um “intelectual” brasileiro; um personagem famoso que, por isso, julga-se culto e preparado para tratar de política e economia. O pior é que tem audiência, não apenas para os filmes, mas para suas “ideias”.

Em outra entrevista, agora à *Folha*, o ator de *Tropa de elite* veio com esta, quando o repórter perguntou se continuava a favor de Lula:

Pô, cara, vou te falar, acho que Lula... [pausa] Eu tenho uma admiração grande pelo cara. Ele tem feito muita coisa legal. E eu ainda acredito na esquerda, não na boba, utópica, mas em um Estado intervencionista. Acho o liberalismo uma coisa perigosa. Deixar as coisas andarem nas mãos da iniciativa privada é perigoso. O Estado tem que ter poder. Se o Estado não cuidar da gente, não vai ser a IBM que vai cuidar.

Viram que profundo? Wagner Moura não gosta mais da esquerda utópica, mas sim daquele Estado

intervencionista, clarividente e honesto, que vai “cuidar” de todos nós. O liberalismo é muito perigoso, afinal de contas. Onde já se viu empresas competindo para atender melhor a nossa demanda?

IBM, Dell, Microsoft e Apple, cada uma delas tentando produzir coisas mais baratas e melhores, sob a ótica do consumidor. Isso é muito perigoso! Precisamos da proteção do Estado intervencionista, sem utopias. Somos crianças indefesas em busca de uma babá, e nada melhor que políticos poderosos para tanto. Quem precisa da IBM quando se tem Lula e Sarney?

Mas Wagner Moura, no fundo, gosta do capitalismo e das empresas capitalistas, incluindo multinacionais. Ao menos na hora de fechar contrato para comerciais muito bem pagos. Foi, por exemplo, garoto-propaganda da TIM, a empresa de telefonia italiana. E foi o escolhido para uma grande campanha da Totvs, empresa de tecnologia em busca do legítimo lucro condenado pela esquerda caviar.

A mensagem da propaganda, com a enorme foto do ator estampada, dizia: “Versátil, inovador e de uma nova geração. Qualquer semelhança com nossas soluções não é mera coincidência.” Não sei quanto o ator ganhou por essa peça publicitária, mas uma coisa eu sei: as ideias políticas do “Capitão Nascimento” nada têm de novo; ao contrário: fedem a naftalina!

Quando vejo esta verborragia de atores, cineastas, arquitetos ou cronistas simpáticos, sempre penso em como a natureza costuma ser seletiva na distribuição de talentos. “Deus não dá asas a cobra”, diz o ditado. Wagner Moura é, sem dúvida, um grande ator. Mas como pensador político... É cabo eleitoral do PSOL!

Foi, de fato, um dos maiores defensores da candidatura de Marcelo Freixo à prefeitura do Rio de Janeiro em 2012. Freixo, para quem não sabe, é o deputado estadual que desafiou as milícias e foi retratado no filme *Tropa de elite 2*. A esquerda caviar ficou em polvorosa com o candidato herói, o homem da “ética”.

Ignoraram que tinha um discurso ultrapassado em pelo menos meio século, e que seu partido, de ético, nada tem. A menos que alguém considere éticas a ditadura cubana, as invasões de terra e as práticas terroristas em nome do comunismo.

O PSOL de Freixo, defendido por Moura, é o mesmo que defendeu com unhas e dentes o assassino, julgado e condenado na Itália democrática, Cesare Battisti. O caso gerou tensão diplomática, e boa parte do PT, ao lado de quase todo o PSOL, colocou-se a favor do criminoso. A ética deles é aquela velha máxima comunista: os fins “nobres” justificam quaisquer meios. Até mesmo assalto comum e latrocínio.

Após o sucesso em manter o criminoso no Brasil, a turma apoiada por Wagner Moura ainda deu um jeito de premiá-lo. O terrorista italiano, cujo advogado foi o onipresente petista Luiz Eduardo Greenhalgh, foi indicado para assessor internacional da CUT. Segundo o senador Eduardo Suplicy, grande ícone da esquerda caviar, Battisti assumiu o cargo por falar inglês, espanhol, português,

francês e italiano, e “ter vasto conhecimento” sobre temas de interesse da CUT.

Condenado à prisão perpétua na Itália por quatro assassinatos, Battisti traduzirá conversas e documentos para aquela central sindical. Segundo a coluna de Cláudio Humberto, Suplicy negou ser fiador do apartamento de Battisti, no luxuoso bairro de Jardins em São Paulo, e disse que também não o ajudaria nas contas do aluguel. Segundo o senador, sua única participação no aluguel do imóvel fora contar à proprietária sobre a vida dele: “Sei que não cometeu aqueles crimes.”

O PSOL é também o partido que lançou Plínio Arruda Sampaio como candidato a presidente em 2010. Plínio, com todo aquele discurso jurássico em defesa do comunismo, tem um patrimônio declarado acima de 1 milhão, incluindo investimentos em fundos especulativos de multimercado. Quem liga para a coerência quando quer só ficar bonito na foto?

Esse é o partido que tem encantado Wagner Moura depois do PT. O ator baiano, com aquele jeito meio descolado, cabelo despenteado e fala mansa (ao contrário da postura de homem de negócios nas propagandas bem-pagas), gosta de abraçar várias causas políticas de esquerda. A bandeira ambiental parece ter se tornado sua seara preferida nos últimos tempos, como ficou claro no ataque ao Código Florestal.

Em agosto de 2013, soltaria uma novidade: dirigirá pela primeira vez um filme. Tema? Marighella, o guerrilheiro comunista. Moura disse que pretendia “humanizar” o terrorista, tarefa impossível, e garantiu isenção: nem a esquerda será reduzida à imagem de boazinha, nem os militares a monstros malvados. Quanta isenção! O filho de Marighella a reconhece: afirmou ver a produção como uma chance de levar o sonho do pai às massas, que finalmente o reconhecerão como um herói nacional.

O público não merece a cabecinha oca de Wagner Moura quando se trata de política. Ele é tão bom ator que quase convence como um sujeito preparado para falar do assunto. Mas, quando analisamos melhor o conteúdo, sai de baixo! Melhor ficar só com o Capitão Nascimento mesmo. Não gostou? Então pede para sair!

EDUARDO MATARAZZO SUP LICY

Acabamos de ver que Eduardo Suplicy saiu em defesa do terrorista italiano. Na verdade, a defesa de bandidos e o modo de tratá-los como se fossem as verdadeiras vítimas são constantes na vida do senador petista. Parece um *hobby*, uma vocação.

Eduardo Matarazzo Suplicy, como o nome do meio já diz, vem de família abastada. Isso não o impediu de se identificar com os pobres, os “fracos e oprimidos”. Observá-lo em ação é quase sempre motivo de vergonha alheia. Ver e ouvir seus discursos, suas cantorias em plenário, ou observá-lo vestindo uma cueca vermelha por cima do terno, tudo isso é sempre uma experiência constrangedora. Em um artigo na *Folha*, escreveu:

No sábado, vindo de Ribeirão Preto, fui direto à praça Júlio Prestes para assistir aos shows de Daniela Mercury e Gal Costa. Fui em direção ao palco em que Daniela cantava. Foi difícil atravessar a multidão. A cada passo, eu era parado para tirar fotos, abraçado e beijado. Até recebi um pedido de casamento de uma bonita moça, mas eu disse que já estava comprometido.

O que leva alguém, um senador da República, a isso? Carência afetiva? Insegurança? Necessidade de autoafirmação? Independentemente do fator psicológico que o fez se prestar a um papelão desses, o fato é que, por trás dessa aparência de ingenuidade, jaz uma ideologia nefasta, que precisa ser atacada. Não é porque Suplicy parece inofensivo que devemos considerá-lo assim. Pouco depois, no mesmo artigo, vemos onde mora o perigo:

O prefeito me disse que, se já tivesse implantado a renda básica de cidadania, muito provavelmente não teriam levado a carteira e o celular. Sim, tenho a convicção de que quando todos tiverem o direito a uma renda suficiente para suprir suas necessidades vitais será muito menor a incidência de delitos dessa natureza.

Bingo! Suplicy, como toda a “esquerda caviar” que tão bem representa, vende a ideia de que o crime é resultado da pobreza, e que os marmanjos que realizaram diversos assaltos durante o espetáculo a que compareceu, inclusive furtando sua própria carteira e seu celular, são as verdadeiras vítimas.

Se esses bandidos recebessem uma esmola estatal (e como saber se já não recebem?), então não precisariam roubar, e abraçariam Suplicy para ver Mano Brown e os Racionais. Todos poderiam fazer uma feliz roda regada aos encantos da erva proibida e talvez até cantassem juntos, felizes para sempre.

Ao retirar a responsabilidade do indivíduo, ao ignorar que a impunidade é o maior convite ao crime, Suplicy e companhia ajudam a disseminar a criminalidade, eximindo os criminosos de culpa por seus atos, jogando-a para os ombros da “sociedade”. Os bandidos agradecem.

Suplicy pode dar todos os indícios de ser alguém que não se deve levar a sério. Mas sua mensagem precisa, sim, ser considerada. Afinal, é o retrato perfeito dessa mentalidade esquerdista que há décadas contribui para a escalada da criminalidade e do inchaço do estado paternalista.

Não vamos esquecer que o homem é senador, ou seja, representa uma parcela da população. Pode parecer bonachão, mas é um bonachão perigoso. De bobo nada tem. Bobos somos nós, que pagamos por suas mordomias enquanto sai por aí defendendo bandidos.

CHICO ALENCAR

O PSOL não poderia ficar sem algum representante direto neste livro. Afinal, o partido, que ainda defende abertamente o socialismo, é adorado por artistas e intelectuais que vivem no Leblon e adjacências. Por isso decidi incluir Chico Alencar. Na verdade, pretendo comentar uma carta que o

deputado mandou para *O Globo* em resposta ao meu artigo cujo título era, justamente, “Esquerda caviar”.

Ele afirma, na missiva, que eu agredira cineastas, músicos e artistas em geral, além de ecologistas e representantes políticos. Não! Apenas aponte a hipocrisia de muitos desses que defendem as “maravilhas” do socialismo mas gostam mesmo é das coisas que só o capitalismo pode oferecer. O que foi apontado no meu artigo é a esquizofrenia dos admiradores de Fidel Castro, que, no fundo, querem mesmo é acumular muita riqueza e se lançar ao consumismo burguês sem censura.

Depois, Chico Alencar diz que ofendi a cidadania ao indagar: “O que se pode esperar de um povo que elegeu Saturnino Braga em vez de Roberto Campos para o Senado?” Como assim? Quer dizer que afirmar que os cariocas possuem um histórico de péssimos votos é “ofender a cidadania” agora? Que doideira. Não posso nem mesmo lamentar as péssimas escolhas de meus conterrâneos? Será que Chico Alencar estaria ofendendo a cidadania ao reclamar dos votos que levaram Collor ao poder?

Mas continua. Fala que, para mim, servir ou combater a ditadura não são critérios respeitáveis para o voto. O quê? O problema é outro, deputado. Muitos da esquerda da qual o senhor faz parte combateram os militares sim, mas que tal contar a história toda? Por qual causa lutavam? A liberdade democrática, por acaso? Nem aqui, nem na China!

A turma que Chico Alencar defende queria implantar uma ditadura do proletário no Brasil, nos moldes cubanos. Tanto que o ídolo dessa rapaziada era Fidel Castro, simplesmente o mais sanguinário e duradouro ditador da América Latina! Aproveito para perguntar ao deputado: o que o senhor pensa de Castro *hoje*? O que o senhor acha do regime cubano? Satisfeito com a liberdade do socialismo? Poderia apontar *um único* caso de sucesso do socialismo?

Chico Alencar ainda diz que falseei a posição de Marcelo Freixo sobre as escolas de samba, pois eu afirmava que seu partido pretendia dominar o conteúdo das escolas. Vi a entrevista do candidato no RJTV. Ele foi bem claro: para ter verba municipal, tem de haver contrapartida cultural. E quem decide isso? Os burocratas apontados pelo governo. Logo, é exatamente como disse: o PSOL quer controlar até mesmo o conteúdo de samba! Onde está a mentira?

Ainda foi dito pelo deputado que eu preciso me informar melhor sobre a questão de Israel, pois acusava um membro de seu partido de tendências antissemitas. Ora, li o texto do deputado Babá “justificando” seu ato de queimar a bandeira de Israel em praça pública. Portanto, não estou desinformado. E repito o que disse no artigo: foi, sim, uma demonstração de intolerância e desrespeito ao povo judeu queimar a bandeira de Israel dessa forma. Queria ver se um burguês queimasse a bandeira de Cuba em praça pública...

Para Alencar, ataquei todos os que defendem o meio ambiente ao falar de “seita ambientalista”. Não! Ataquei os ecoterroristas, os alarmistas oportunistas com uma agenda política por trás do movimento ambiental, usado somente como desculpa para mais concentração de poder no Estado. Por isso, inclusive, recomendei o livro *Os melancias*, de James Delingpole. O deputado deveria lê-lo...

Por fim, apela ao sensacionalismo e tenta monopolizar as virtudes, alegando que liberdade não é apenas a dos donos do capital. E quando foi que eu disse isso? Justamente, a liberdade é muito mais que isso; é, por exemplo, não ter de entregar metade do que ganha para um governo perdulário e

corrupto; não ser tratado como um súdito pelos burocratas “iluminados”; enfim, tudo aquilo contrário ao socialismo que Chico Alencar defende, aplaudido pela esquerda caviar.

LUCIANO HUCK

O Mr. Simpatia da TV Globo, o garoto bom, ícone da turma “politicamente correta”, é sem dúvida Luciano Huck. Ele exala bondade, correção, altruísmo, e isso tem elevadíssimo valor de mercado na hora das campanhas publicitárias. Que, em seu caso, são muitas.

Huck, claro, não começou sua carreira artística com essa imaculada imagem de bom moço. Tinha o “Programa H”, na TV Bandeirantes, antes de receber o convite da Globo que mudaria sua vida. Nesse programa, transmitido à tarde, mulheres como Tiazinha e Feiticeira viraram celebridade. O sensualismo foi uma tática certa de Huck para ascender na carreira.

Na Globo, a construção da imagem de bom garoto teve início. Para tanto, Huck acabou se tornando uma referência de várias bandeiras da esquerda caviar, tratadas neste livro. O “Caldeirão do Huck” virou o ápice do sensacionalismo, voltado para as classes A e B, que choram de emoção com tanta bondade do “toque de Midas” do bom samaritano — que recebe um salário milionário para tanto, é verdade.

Ocorre que, por vezes, o tiro sai pela culatra, e a coisa toma ares de um maquiavelismo às avessas: para ajudar um, sacrificam-se cem. Foi o caso de um programa em que o MST fora enaltecido do começo ao fim, usando-se a imagem de uma pobre senhora trabalhadora de um assentamento como representante de todo o movimento. A vitimização estava presente, naturalmente. Foram mostrados crimes contra líderes do movimento, e ficou claro que somente latifúndios improdutivos eram usados para a reforma agrária.

Esqueça invasores violentos, baderneiros que quebram laboratórios científicos, revolucionários marxistas como João Pedro Stédile e criminosos como José Rainha, as favelas rurais que os assentamentos se tornaram na prática. Nada disso fora citado no programa. Aquela boa senhora, que sonhava com uma oportunidade para investir em seu pequeno agronegócio de alimentos orgânicos, incorporou a essência do MST e da reforma agrária no Brasil.

Ela ganhou muito mais do que poderia sonhar. Trator, micro-ônibus, uma Kombi, máquinas, e, a cada novo presente, gritava de tanta emoção, abraçando Luciano Huck, que, por sua vez, anunciava as marcas dos “presentes”, ou seja, os patrocinadores do programa. Tudo muito bonito, tocante. Não tem como não ficar feliz pela pobre senhora realizada. Porém, para mudar da água para o vinho a vida *dessa* pessoa, milhões de brasileiros saíram prejudicados pela desinformação acerca do MST e da reforma agrária.

O programa ainda aproveitou para fazer uma defesa apaixonada e ideológica dos orgânicos, contando com a presença do fazendeiro e ator Marcos Palmeira. O uso de agrotóxicos foi retratado como algo da era medieval, um crime praticamente, embora seja sabido que, para a produção em larga escala, capaz de alimentar bilhões de bocas do planeta, esse método é o mais eficiente. Nem

todos podem pagar mais caro pelo processo artesanal orgânico. Nem todos recebem milhões para pregar isso.

*

Huck, que é casado com a também apresentadora Angélica, não consegue se manter como o bom rapaz o tempo todo, e de vez em quando é pego em alguma confusão que pode manchar sua valiosa imagem. Um dos exemplos negativos pode ser sua mansão em Angra dos Reis, acusada de irregularidades ambientais. Logo ele, tão ecologicamente correto!

Para piorar a situação, o escritório de advocacia que o defendeu nessa ação civil foi o da esposa do governador Sérgio Cabral, que editou o Decreto 41.921, que alterava a legislação da Área de Proteção Ambiental (APA) de Tamoios, na baía de Ilha Grande. A medida, cuja constitucionalidade seria questionada no Supremo Tribunal Federal (STF) pela Procuradoria Geral da República, beneficiava proprietários de residências consideradas irregulares na região, por coincidência o caso de Huck e sua casa na ilha das Palmeiras.

O casal Huck e Angélica é associado também ao movimento de desarmamento, bandeira politicamente correta da esquerda caviar. Deve ser um pouco mais fácil levantar essa bandeira quando se anda para cima e para baixo repleto de seguranças particulares, todos devidamente armados. Queria ver se tivessem de proteger seus lindos filhos em um local menos seguro, onde a polícia não oferecesse segurança decente...

Outra mancha em seu impecável currículo ocorreu quando, parado em uma blitz da Lei Seca, recusou-se a fazer o teste do bafômetro. Teve a carteira apreendida e pagou a multa. Pode acontecer com qualquer um, pois a Lei Seca tem tolerância zero, não permite sequer uma taça de vinho, o que sem dúvida é absurdo. Mas a preocupação com a boa imagem fez com que Huck se justificasse publicamente: “Deveria ter seguido o exemplo da minha esposa e ter ido de táxi”, disse, lembrando da canção mais famosa de Angélica.

Ele também destacou a cordialidade dos agentes da operação e sugeriu outras operações como “Jogar lixo no chão” e “Parar sobre a faixa”. Deve ser muito cansativo ser o Mr. Bom Exemplo o tempo todo! Como já vimos, porém, essa é exatamente uma das características que marcam a esquerda caviar moderna.

Qualquer escândalo precisa ser imediatamente abafado para não desvalorizar a “marca” Huck, presente em inúmeros comerciais. O *beautiful people* zela por sua fotografia como ninguém, e tudo tem de ser como na capa da revista *Caras*, uma felicidade perfeita, de causar inveja no menos invejoso dos seres. Lembremos, afinal, do tema recorrente neste livro: imagem é tudo para a esquerda caviar!

EPÍLOGO

Há luz no fim do túnel

Chegamos ao fim desta obra. Espero ter fornecido base suficiente para que o leitor consiga identificar um típico membro da esquerda caviar e compreender melhor seus reais motivadores. As ideias que essas pessoas disseminam fazem muito mal ao nosso mundo.

Mas não queria terminar o livro com um tom pessimista. No começo, reconheci que vários ícones da esquerda caviar são casos perdidos. As razões que os levaram a esse lugar hipócrita podem ser fortes demais. Só que há saída para muitos. Quando a ignorância é o principal catalisador do fenômeno, então o conhecimento pode ser a solução.

É preciso coragem para reconhecer os erros do passado, claro. E nem todos conseguem. Acredito, porém, que um caso concreto possa manter as chamas da esperança acesas. Falo do poeta Ferreira Gullar, um comunista histórico.

Não é nada trivial admitir, para si mesmo e para os outros, que defendeu por tanto tempo coisas muito erradas. Isso significa, de alguma forma, sucatear algo do próprio passado, jogar na lata de lixo algum esforço, alguns sonhos que demandaram tanta energia por tanto tempo. Respeito, portanto, a coragem de Gullar para mudar, para assumir que seu sonho era, na verdade, um pesadelo. Que seu caso sirva de exemplo a outros.

Em uma entrevista à revista *Dicta&Contradicta*, em 2010, ele disse:

Um professor meu de economia política marxista lá em Moscou me disse o seguinte: “Você sabe quanto tempo levou para que em Paris houvesse, todo dia, às 8 da manhã, croissant para todo mundo, leite para todo mundo, pão para todo mundo, café para todo mundo, e tudo saindo na hora? Alguns séculos.” A revolução desmonta uma coisa que os séculos criaram. Agora, o Partido resolve, e não vai ter café, não vai ter pão, leite, nada. Resultado? Trinta anos de fome na União Soviética. Você desmonta a vida! E havia outra porção de erros: afirmavam que quem faz a riqueza é o trabalhador. Mentira! O trabalhador também faz isso, mas, se não existe um Henry Ford, não existe a fábrica de automóvel e não vai ter emprego para você. Nem todo mundo pode ser Bill Gates, nem todo mundo pode inventar uma coisa.

Em um artigo na *Folha* chamado “Conversa fiada”, em agosto de 2012, Gullar tece loas ao capitalismo e ao empreendedorismo. Comete alguns equívocos, mantendo uma esperança ainda ingênua na capacidade do Estado como regulador muito eficiente dos exageros do mercado (ignorando os riscos enormes dos excessos do governo). Mas, em linhas gerais, trata-se de um

avanço incrível. Ele escreve coisas assim:

Sabe a razão pela qual a empresa estatal dificilmente alcança alto rendimento? Porque o dono dela — que é o povo — está ausente, não manda nela, não decide nada. Claro que não pode dar certo. Já a empresa privada, não. Quem manda nela é o dono, quem decide o que deve ser feito — quais salários pagar, que preço dar pela matéria-prima, por quanto vender o que produz —, tudo é decidido pelo dono. E mais que isso: é a grana dele que está investida ali. Se a empresa der lucro, ele ganha, fica mais rico e a amplia; se der prejuízo, ele perde, pode até ir à falência [...]

Não obstante, o PT sempre foi contra a privatização de empresas estatais, “et pour cause”. Lembra-se da privatização da telefonia? Os petistas foram para a rua denunciar o crime que o governo praticava contra o patrimônio público. Naquela época, telefone era um bem tão precioso que se declarava no Imposto de Renda. Hoje, graças àquele “crime”, todo mundo tem telefone, e a preço de banana. Mas o preconceito ideológico se mantém. Os governos petistas nada fizeram para resolver os graves problemas estruturais que comprometem a competitividade do produto brasileiro e impedem o crescimento econômico, já que teriam de recorrer à privatização de rodovias e ferrovias.

Ferreira Gullar não tem poupado críticas ao PT, principalmente no que tange à corrupção. Ao contrário de vários intelectuais de esquerda, que fazem um ensurdecido e constrangedor silêncio sobre o assunto, Gullar mantém sua imparcialidade e julga os atos, não seus autores. Essa postura é muito cara aos liberais, defensores do império das leis, ao contrário de boa parte da esquerda caviar, que age como patota, como máfia, que tem fidelidade aos seus membros, não a valores e princípios.

Gullar não quer saber da *omertà* mafiosa, desse código de silêncio abjeto que tomou conta da *intelligentsia* nacional desde que o PT chegou ao poder e os escândalos começaram a pipocar. Em agosto de 2012, em seu artigo “Só o chefe não sabia”, publicado na *Folha*, escreveu, sem poupar o ex-metalúrgico e ex-presidente Lula:

É evidente que Lula não podia ignorar o mensalão porque não se tratava de uma questão secundária de seu governo. Longe disso, o mensalão foi o procedimento encontrado para, com dinheiro público, às vezes, e com o uso da máquina pública, noutras vezes, comprar o apoio de partidos e os votos de seus representantes no Congresso. Não se tratava, portanto, de uma iniciativa secundária, tomada por figuras subalternas, sem o conhecimento do chefe do governo. Nada disso. Tratava-se, pelo contrário, de um procedimento de importância decisiva para a aprovação, pelo Congresso, de medidas vitais ao funcionamento do governo. Portanto, Lula não apenas sabia do mensalão como contava com o apoio dos mensaleiros para governar.

Algumas semanas depois, recarregou as armas e atirou novamente, escrevendo na *Folha*, em seu artigo “Piada de salão”:

Não por acaso, Lula — que reside num apartamento duplex de cobertura e veste ternos Armani — voltou a usar o mesmo vocabulário dos velhos tempos: “A burguesia não pode voltar ao poder.” Sim, não pode, porque agora quem nos governa é a classe operária, aquela que já chegou ao paraíso. Não tenho nenhum prazer em assistir a esse espetáculo degradante, quando políticos de prestígio popular, que durante algum tempo encarnaram a defesa da democracia e da justiça social em nosso país, são condenados por graves atentados à ética e aos interesses da nação. As condenações ocorreram porque não havia como o STF furtar-se às evidências: dinheiro público foi entregue ao PT, mediante empréstimos fictícios, que tornaram possível a compra de deputados para votarem com o governo. Tudo conforme a ética petista, antiburguesa.

Por fim, a entrevista concedida às páginas amarelas da revista *Veja*, em setembro de 2012, que alcançou enorme repercussão. Nela, Gullar coloca o dedo na ferida dos ícones da esquerda caviar dissecados neste livro. Seguem alguns trechos:

O socialismo fracassou. Quando o Muro de Berlim caiu, minha visão já era bastante crítica. A derrocada do socialismo não se deu ao cabo de alguma grande guerra. O fracasso do sistema foi interno. [...]

O empresário é um intelectual que, em vez de escrever poesias, monta empresas. É um criador, um indivíduo que faz coisas novas. A visão de que só um lado produz riqueza e o outro só explora é radical, sectária, primária. A partir dessa miopia, tudo o mais deu errado para o campo socialista. [...]

Eu, de direita? Era só o que faltava. A questão é muito clara. Quando ser de esquerda dava cadeia, ninguém era. Agora que dá prêmio, todo mundo é. Pensar isso a meu respeito não é honesto. Porque o que estou dizendo é que o socialismo acabou, estabeleceu ditaduras, não criou democracia em lugar algum e matou gente em quantidade. Isso tudo é verdade. Não estou inventando. [...]

Não posso defender um regime [o cubano] sob o qual eu não gostaria de viver. Não posso admirar um país do qual eu não possa sair na hora que quiser. Não dá para defender um regime em que não se possa publicar um livro sem pedir permissão ao governo. Apesar disso, há uma porção de intelectuais brasileiros que defendem Cuba, mas, obviamente, não querem viver lá de jeito nenhum. É difícil para as pessoas reconhecer que estavam erradas, que passaram a vida toda pregando uma coisa que nunca deu certo.

Concordemos com o poeta. É mesmo muito difícil. Mas não é impossível, como seu próprio exemplo comprova. Há luz no fim do túnel escuro da esquerda caviar, e não necessariamente é um trem vindo em nossa direção. Com alguma honestidade intelectual e com doses razoáveis de coragem, vários que estão hoje aprisionados nessas correntes ideológicas, por covardia, por medo, por vontade de agradar os incautos, por alienação ou por pura ignorância, conseguirão obter a própria liberdade e deixar o esquerdismo para trás.

Esse mal tem remédio. E espero ter feito minha parte com este livro, para ajudar no processo de desintoxicação. Venha você também para o lado mais saudável, mais verdadeiro, mais sincero, mais endireitado e menos sinistro. Diga adeus à esquerda caviar!

APÊNDICE

Islamofobia

Hoje, quase todos os atentados terroristas são praticados por muçulmanos. Isso, nem era preciso repetir, não quer dizer que todos os muçulmanos sejam terroristas ou defendam o terrorismo. Significa, porém, que há algo em sua cultura, alimentada pelo fanatismo, que cria um clima mais propício ao terror como instrumento político ou religioso.

Basta ver a lista dos principais atentados terroristas das últimas décadas. Respire fundo:

Em 1979, oitenta iranianos invadiram a embaixada americana em Teerã e fizeram 52 reféns, durante 444 dias; em 1980, seis terroristas islâmicos tomaram a embaixada do Irã em Londres e mataram duas pessoas; em 1983, integrantes do Hesbollah, com apoio de Líbia e Irã, explodiram, com bombas suicidas, a embaixada americana de Beirute, matando 63 pessoas; no mesmo ano, o grupo jogou um caminhão com explosivos na embaixada americana, agora do Kuwait; em 1984, um ataque com bombas à embaixada americana no Líbano matou 24 pessoas; em 1985, terroristas que trabalhavam para o governo da Líbia bombardearam os aeroportos de Viena e Roma, matando vinte pessoas; em 1988, uma bomba explodiu num voo da Pan Am e matou 270 pessoas na Escócia; em 1992, o Hesbollah bombardeou a embaixada israelense em Buenos Aires; em 1993, um carro-bomba explodiu no World Trade Center, matando sete e ferindo centenas; em 1994, um atentado explodiu o prédio da AMIA na Argentina, deixando 85 mortos e trezentos feridos no maior ataque terrorista da América Latina; em 1998, um carro-bomba explodiu na embaixada americana do Quênia, e, poucas horas depois, outra explosão, desta vez na embaixada da Tanzânia, deixou um total de 224 civis mortos, e mais de 5 mil feridos; em 2001, o World Trade Center foi destruído por dois aviões, com mais de 3 mil mortos; em 2002, um atentado terrorista em Bali deixou mais de 180 mortos e trezentos feridos; em 2004, uma explosão num trem matou mais de duzentos e feriu mais de 2 mil em Madri; em 2005, Londres foi vítima de uma série de explosões de bombas que atingiram o sistema de transporte público, deixando mais de cinquenta mortos e setecentos feridos; em 2013, duas bombas explodiram na maratona de Boston, matando três pessoas e ferindo 170.

A lista, que enxuguei, poderia ser muito maior, mas o leitor deve estar sem fôlego. Os casos selecionados servem para mostrar que terroristas islâmicos são atuantes há décadas, de forma sistemática, e em diversos países ocidentais ou em suas embaixadas mundo afora. Culpa do Bush? Culpa do Tio Sam? Ou será que estamos diante de um inimigo que deseja nada menos do que o extermínio de um estilo de vida, que é, por acaso, o ocidental, com sua liberdade individual arrasadora para aqueles que vivem sob o domínio do Islã?

Se você, contudo, levanta tais fatos, sofre de “islamofobia”, segundo a esquerda caviar. Como disse Walter Laqueur em *After the Fall*, a “islamofobia” é basicamente um termo propagandístico criado com o intuito de suprimir qualquer crítica ou oposição às demandas e reclamações de imigrantes islâmicos que recusam a se adaptar ao ambiente cultural que os acolheu.

A esquerda caviar não sofre desse “preconceito”. Seus membros são mais abertos, mais tolerantes, mais dispostos ao diálogo entre as culturas. Claro, isso não os impede de praticar a “cristofobia”, como diz Reinaldo Azevedo. Ou seja, detonar sempre que possível o cristianismo. Meter o pau na principal religião ocidental, tudo bem; é até desejável para os inteligentes da esquerda caviar.

Movimentos gays costumam encenar a crucificação de Cristo, só que o retratando como um homossexual. Nesses atos, colocam Cristo beijando outro homem na boca. Na Marcha das Vadias, em 2013, que ocorreu durante a visita do papa Francisco ao Brasil, manifestantes se masturbaram em público usando uma cruz. Ofensa gratuita aos cristãos. Isso pode? Por que não vemos a “marcha das minorias tolerantes” protestando contra isso? O duplo padrão da esquerda caviar é evidente. No fundo, mostra-se intolerante, preconceituosa e, acima de tudo, muito hipócrita.

Muitos apontam para as atrocidades praticadas pela Igreja para suspender o julgamento acerca das barbaridades islâmicas. Só um detalhe: voltam mais de cinco séculos no tempo para fazer tal comparação. Torquemada, o terror da Inquisição espanhola, é o ícone que absolve os terroristas e fundamentalistas muçulmanos do século XXI!

Claro que escapa à esquerda caviar o óbvio: podem praticar a tolerância ao Islã e o ódio ao cristianismo do conforto ocidental, enquanto, fosse o contrário, ou seja, se criticassem os seguidores de Alá e tolerassem os de Cristo nos países islâmicos, o resultado seria certamente a morte. Reinaldo Azevedo argumenta que o cristianismo é, hoje, a religião mais perseguida do mundo:

A quase totalidade de mortes em razão de perseguição religiosa se dá contra cristãos: na Nigéria, no Sudão, na Indonésia, em quase todos os países árabes, sejam eles aliados do Ocidente ou não. Há quase dois milhões de filipinos católicos trabalhando na Arábia Saudita, fazendo o serviço que os nativos se negam a fazer. Estão proibidos de cultuar sua religião. A transgressão é considerada um crime grave. Na Nigéria, no Sudão ou na Indonésia, não se queimam exemplares da Bíblia, não; queimam-se pessoas mesmo!

Alguém já viu a esquerda caviar, laica, tolerante, mostrar indignação contra *esses* absurdos? Enaltecer *O código Da Vinci* de Dan Brown, mesmo com suas inverdades de livro de ficção, isso é possível no Ocidente. Atacar o papa com os termos mais chulos, também. Mas elogiar *Os versos satânicos* de Salman Rushdie nos países islâmicos é assinar sentença de morte, assim como desenhar charges irônicas do profeta Maomé. Isso seria “ofensivo” aos muçulmanos. Mas eles podem usar a última moda: camisetas com as torres gêmeas de Nova York em chamas. Isso é liberdade de

expressão.

A esquerda caviar ataca os “intolerantes”, não do Islã, mas do Ocidente, que ousam escrever tais livros ou desenhar tais charges! Fez um desenho de Maomé com uma bomba no turbante? Ora, não reclame se for morto, pois quem mandou ofender os pobres crentes? Derrubou o World Trade Center? Então vamos construir uma mesquita no local, para mostrar como somos legais. A postura covarde do Ocidente, que escolhe a vida calma imediata, é um convite à escalada terrorista islâmica.

Reconhecer a superioridade da cultura ocidental é etnocentrismo e preconceito para a esquerda caviar. Os moderninhos estão acima dessa disputa infantil, desse Fla x Flu. Eles são o futuro, abertos a todos, sem distinção entre Suíça e Paquistão, Austrália e Arábia Saudita, Nova Zelândia e Irã. São “apenas diferentes”; ninguém é melhor que ninguém.

A italiana Oriana Fallaci, em desabafo após o atentado de 11 de setembro e a reação covarde de boa parte do Ocidente, escreveu *The Rage and the Pride*, livro em que denunciou uma “cruzada reversa” para destruir tudo o que nossa civilização construiu. Ela reconhecia aquilo que Samuel Huntington apontou em seu clássico livro: um choque de civilizações em curso.

Uma parte da raiva da autora é dedicada aos que tentam analisar tudo pelo prisma de “diferenças culturais” apenas. Fallaci refresca a memória dos leitores a respeito do atraso e da barbárie que tal “civilização” representa. Questiona qual a grande contribuição ao mundo que veio de lá, citando Copérnico, Galileu, Newton, Darwin, Pasteur e Einstein do “lado de cá”, nenhum deles seguidor do “profeta”.

O motor, o telégrafo, a luz elétrica, a fotografia, o telefone, o rádio, a televisão, o computador, nada foi inventado por um aiatolá da vida, mas pelos ocidentais. O trem, o automóvel, o avião, o helicóptero e as espaçonaves, tudo criação ocidental. Os transplantes de coração e pulmão, as curas para alguns tipos de câncer, a decodificação do genoma, tudo que é avanço medicinal, nada fruto dos seguidores de Alá.

É verdade que, nos remotos tempos medievais, o Islã foi capaz de produzir alguns filósofos importantes, que beberam da fonte grega ocidental. Eram os casos de al-Farabi e Avicena, influenciados por Platão e Sócrates. Estamos falando, entretanto, dos séculos X e XI, muitos distantes no tempo.

Muito se fala da “era de ouro” do Islã, mas há muitos mitos nisso. Rose Wilder Lane, em *The Discovery of Freedom*, chega a incluir os sarracenos nas importantes tentativas de luta contra a autoridade arbitrária. Houve, de fato, um período de relativa paz sob o Islã. Uma “paz” passageira, porém, que não deixou de tratar cristãos e judeus como cidadãos de segunda e terceira classes. Sem falar de vários massacres de judeus ocorridos nessa mesma época “dourada”.

Em 1453, a cidade de Constantinopla, símbolo do cristianismo em Bizâncio, foi tomada pelos otomanos. Uma Europa dividida entre si, sem condições para formar uma coalizão contra o inimigo comum, acabaria derrotada. O exército conquistador partiu então para a pilhagem irrestrita, e matou

todos que lhe cruzaram o caminho, incluindo mulheres e crianças, escravizando o restante.

A cultura bizantina, que durante mais de um milênio existira no Bósforo, tinha Constantinopla como uma cidade na qual o intelecto era admirado e o pensamento clássico, estudado e preservado. Tudo isso acabara com a vitória dos turcos otomanos. A nova classe dominante desencorajava o estudo entre seus súditos cristãos. O Islã acabou optando por se fechar, por rejeitar a liberdade e a independência dos pensadores e dos cientistas. O abismo entre o progresso ocidental e o atraso islâmico, desde então, salta aos olhos de todos.

Mas eis que o Ocidente é a fonte de todos os males. Isso lembra até aquela cena do filme *A vida de Brian*, do Monty Python, em que um grupo revolucionário planeja um atentado contra os romanos. Quando o líder tenta insuflar seus seguidores com o ódio e pergunta o que receberam do império romano, cada membro começa a citar um exemplo. No final, já exasperado, diz:

Tudo bem, tudo bem, mas, fora o saneamento, a medicina, a educação, o vinho, a ordem pública, a irrigação, as estradas, o sistema de água e a saúde pública, o que os romanos fizeram por nós?

E para o desespero total do líder, alguém ainda lembra: “Trouxeram a paz!” Só lhe resta mandar que todos se calem..

Quais as conquistas da outra cultura, da cultura dos barbudos com turbantes que maltratam as mulheres? Nenhuma vitória nos campos da ciência, tecnologia ou bem-estar social. A duplicidade, a ambiguidade e a hipocrisia de muitos “pensadores” ocidentais colocam em risco a própria sobrevivência do Ocidente, a própria liberdade de expressão que hoje usam contra si mesmos. Manter os olhos fechados para a realidade não é uma opção aceitável. Quando resolverem abri-los, poderá ser tarde demais. Ayaan Hirsi Ali vai direto ao ponto:

Analistas irritantemente idiotas — sobretudo gente que se dizia arabista, embora parecesse nada conhecer da realidade do mundo islâmico — escreveram resmas de comentários. Seus artigos falavam do Islã que salvara Aristóteles e descobrira o zero, o que os estudiosos medievais tinham feito mais de oitocentos anos antes; falavam no islamismo como religião da paz e da tolerância, sem um pingão de violência. Aquilo não passava de balela, não tinha nada a ver com o mundo real que eu conhecia.

Mas a esquerda caviar não quer saber disso. O pós-moderno rejeita rótulos e hierarquia de valores. Tudo é pura questão de gosto. Claro, eles mesmos preferem viver no Ocidente, mas apenas porque se acostumaram a isso. E quando um deles vai visitar um país muçulmano, especialmente dos mais radicais, conta com forte aparato de segurança, pois no fundo *sabe* onde mora o perigo. Só não pode dizer isso abertamente, pois não pega bem com a turma. Melhor continuar demonizando Israel e os Estados Unidos e elogiando os países islâmicos...

Indicações bibliográficas

A crise no Islã — Bernard Lewis
A elegância do ouriço — Muriel Barbery
A Força das ideias — Isaiah Berlin
A Infelicidade do século — Alain Besançon
A obsessão antiamericana — Jean-François Revel
A rebelião das massas — José Ortega y Gasset
A revolta de Atlas — Ayn Rand
A revolução dos bichos — George Orwell
A revolução gramscista no Ocidente — Sérgio Augusto de Avellar Coutinho
A sociedade que não quer crescer — Sérgio Sinay
A verdade das mentiras — Mario Vargas Llosa
A volta do idiota — Plinio Apuleyo Mendoza, Carlos Alberto Montaner e Alvaro Vargas Llosa
Abandonarás teu pai e tua mãe — Philippe Julien
Aforismos — Karl Kraus
After the Fall — Walter Laqueur
Angelina — Andrew Morton
Antes que anoiteça — Reinaldo Arenas
As boas intenções — Max Aub
Barbarians Inside the Gates — Thomas Sowell
Bias — Bernard Goldberg
Bullies: How the Left's Culture of Fear and Intimidation Silences Americans — Ben Shapiro
Chico Buarque do Brasil — Org. de Rinaldo de Fernandes
Choque de civilizações — Samuel Huntington
Coming Apart: The State of White America — Charles Murray
Contra toda a esperança — Armando Valladares
Contra um mundo melhor — Luiz Felipe Pondé
Cool It — Bjorn Lomborg
Democracia & liderança — Irving Babbitt
Demonic: How the Liberal Mob is Endangering America — Ann Coulter
Diário da corte — Paulo Francis
Do As I Say (Not As I Do) — Peter Schweizer
Easy Riders, Raging Bulls — Peter Biskind
Elogio da corrupção — Marie-Laure Susini
Em defesa da globalização — Jagdish Bhagwati
Em defesa de Israel — Alan Dershowitz
Encontros: Maio de 68 — Org. de Sergio Cohn e Heyk Pimenta
Enterrem as correntes — Adam Hochschild
Entre dívidas e culpas: sacrifícios — Marta Gerez-Ambertin
Envy: a Theory of Social Behaviour — Helmut Schoeck
Fidel: o tirano mais amado do mundo — Humberto Fontova
Filho do Hamas — Mosab Hassan Yousef
Fuga do campo 14 — Blaine Harden
Gandhi: ambição nua — Jad Adams
Heaven on Earth — Joshua Muravchik

História da Guerra Fria — John Lewis Gaddis
História das ideias e movimentos anarquistas — George Woodcock
Hollywood Hypocrites — Jason Mattera
Hollywood, Interrupted — Andrew Breitbart e Mark Ebner
I Can't Believe You Said All That — Fred Gielow
Imposturas intelectuais — Alan Sokal
In Praise of prejudice — Theodore Dalrymple
Infiel — Ayaan Hirsi Ali
Intellectuals and Society — Thomas Sowell
John Lennon: o ídolo que transformou gerações — Gary Tillery
Juventude — J.M. Coetzee
Life At The Bottom — Theodore Dalrymple
Manifesto do nada na terra do nunca — Lobão
Manual do perfeito idiota latino-americano — Plinio Apuleyo Mendoza, Carlos Alberto Montaner e Alvaro Vargas Llosa
Mente cativa — Czeslaw Milosz
Michael Moore is a Big Fat Stupid White Man — David T. Hardy e Jason Clarke
1984 — George Orwell
O ambientalista cético — Bjorn Lomborg
O cemitério de Praga — Umberto Eco
O Estado babá — David Harsanyi
O homem medíocre — Jose Ingenieros
O intelectual e o mercado — George Stigler
O livro negro do comunismo — vários autores
O mito do contexto — Karl Popper
O mito do contexto — Karl Popper
O óbvio ululante — Nelson Rodrigues
O país dos Petralhas II — Reinaldo Azevedo
O profeta Maomé — Barnaby Rogerson
O reacionário — Nelson Rodrigues
O riso — Henri Bergson
O verdadeiro Che Guevara — Humberto Fontova
Oprah: A Biography — Kitty Kelley
Os assassinos — Bernard Lewis
Os melancias — James Delingpole
Paris: a festa continuou — Alan Riding
Poemas — Millôr Fernandes
Political Pilgrims — Paul Hollander
Por que o Ocidente venceu — Victor Davis Hanson
Pureza fatal — Ruth Scurr
Race and Economics — Walter Williams
Reflexões sobre a revolução em França — Edmund Burke
Ronald Reagan — Dinesh D'Souza
Scapegoat: A History of Blaming Other People — Charlie Campbell
Ser Conservador — Michael Oakeshott
Stálin: a corte do Czar Vermelho — Simon Sebag Montefiore
Sucateando o planeta — Dixy Lee Ray
Tabula rasa — Steven Pinker
Tales From the Left Coast — James Hirsen
Teoria da personalidade — G. J. Ballone
The Constitution of Liberty — Friedrich Hayek
The Crowd: A Study of the Popular Mind — Gustave Le Bon
The Ethics of Redistribution — Bertrand de Jouvenel
The Forgotten Man — Amity Shlaes
The Improving State of the World — Dr. Indur Goklany
The Liberal Mind — Lyle H. Rossiter Jr.

The Long March — Roger Kimball
The Morals of Markets — Harry B. Acton
The Opium of the Intellectuals — Raymond Aron
The Oslo Syndrome: Delusions of a People under Siege — Kenneth Levin
The Rage and the Pride — Oriana Fallaci
The True Believer — Eric Hoffer
The Tyranny of Clichés — Jonah Goldberg
The Victims' Revolution — Bruce Bawer
The White Man's Burden — William Easterly
The Wisdom of Crowds — James Surowiecki
Thinking Fast and Slow — Daniel Kahneman
Tower of Babble — Dore Gold
Unholy Alliance: Radical Islam And the American Left — David Horowitz
United in Hate — Jamie Glazov
Why the West is Best: A Muslim Apostate's Defense of Liberal Democracy — Ibn Warraq

Esquerda Caviar

Artigo do autor

<http://rodrigoconstantino.blogspot.com.br/2012/09/a-esquerda-caviar.html>

Skoob do autor

<http://www.skoob.com.br/livro/346266-esquerda-caviar>

Wikipédia do termo Esquerdo Caviar

http://pt.wikipedia.org/wiki/Esquerda_caviar

Coluna do autor na Veja

<http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/>

Blog do autor

<http://rodrigoconstantino.blogspot.com.br/>

Wikipédia do autor

http://pt.wikipedia.org/wiki/Rodrigo_Constantino